



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**MERCEDES DANTAS E OS DISCURSOS SOBRE A VIAGEM**  
**PEDAGÓGICA AOS ESTADOS DO NORTE/**  
**BRASIL (1930)**

**ROSEMEIRE DOS SANTOS AMARAL**

SÃO CRISTÓVÃO – (SE)

2019

Imagem: Professora Mercedes Dantas



Fonte: CORREIO DA MANHÃ. Rio de Janeiro. N. 9.874, 27/03/1927, p. 13.

“Quisera ver todo o Brasil incorporado, entusiasticamente, sinceramente, a esse movimento para que a obra de Fernando de Azevedo não se restringisse apenas, ao Rio de Janeiro, e fosse o sopro renovador que passasse triunfante pela Patria toda”.  
(DANTAS, Revista de Ensino, Anno IV, n. 20, mar./abr., p. 12, AL, 1930).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE – UFS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED**  
**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**MERCEDES DANTAS E OS DISCURSOS SOBRE A VIAGEM**  
**PEDAGÓGICA AOS ESTADOS DO NORTE/**  
**BRASIL (1930)**

**ROSEMEIRE DOS SANTOS AMARAL**

Texto apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, referente à linha de pesquisa História, Sociedade e Pensamento Educacional, como exigência final para a certificação do Curso de Doutorado, sob a orientação da professora doutora Maria Neide Sobral.

SÃO CRISTÓVÃO – (SE)

2019

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

A485m Amaral, Rosemeire dos Santos  
Mercedes Dantas e os discursos sobre a viagem pedagógica aos estados do Norte/Brasil (1930) / Rosemeire dos Santos Amaral ; orientadora Maria Neide Sobral. – São Cristóvão, SE, 2019.  
185 f. : il.

Tese (doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2019.

1. Educação – História – Brasil, Norte. 2. Educadores. 3. Reforma do ensino. 4. Viagens – Brasil, Norte. 5. Discursos, elocuições, etc.. I. Coelho, Mercedes Dantas de Itapicurú, (1900-1982). II. Sobral, Maria Neide, orient. III. Título.

CDU 37.011.3-51(811)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO



ROSEMEIRE DOS SANTOS AMARAL

“MERCEDES DANTAS E OS DISCURSOS SOBRE A VIAGEM PEDAGÓGICA AOS  
ESTADOS DO NORTE/BRASIL (1930)”

Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Educação da Universidade  
Federal de Sergipe e aprovada pela Banca  
Examinadora.

Aprovada em 30.09.2019

Prof.ª Dr.ª Maria Neide Sobral (Orientadora)  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Silvana Aparecida Bretas  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Verônica dos Reis Mariano Souza  
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.ª Dr.ª Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas  
Universidade Federal de Sergipe/UFS

Prof. Dr. Romero Junior Venâncio Silva  
Universidade Federal de Sergipe/UFS

Prof.ª Dr.ª Carlota Boto  
Universidade de São Paulo/USP

SÃO CRISTÓVÃO (SE)  
2019

Não as palavras, mas os discursos-ações que mais ensinaram.  
Nada melhor que o exemplo para eu aprender.  
Assim, os meus esforços se dedicaram:  
Sempre, sempre à minha família, razão de meu viver;  
Em especial, à memória dos que “viajaram”,  
À professora Mercedes Dantas, um admirável ser.

## **AGRADECER... UM PRIVILÉGIO**

À existência...

Ao criador, por conceder-me o direito à vida e fortalecer-me ante cada obstáculo.

Ao meu tesouro maior nesta Terra, minha família, símbolo de fé e esperança, por todo o auxílio e cumplicidade durante meu afastamento e no isolamento para estudo e escrita dentro de nosso lar. À pequenina Giovanna, minha querida sobrinha, tão doce e fugaz, que muito tem nos ensinado nos seus primeiros aninhos de vida.

Aos passos e laços do passado, presente contínuo...

Ao ex-orientador e amigo, o professor doutor Claudinei de Camargo Sant'Ana e sua esposa Irani Santana, por caminharem ao meu lado, mesmo a distância, em apoio aos meus projetos pessoais; gratidão por todos os momentos de aprendizagem, como as atividades do e no Grupo de Estudos em Educação Matemática (GEEM), publicações e o estágio tirocínio.

Aos amigos-irmãos do GEEM, desde 2012, estabelecendo trocas simultâneas entre pesquisa, conhecimento e vivência.

À professora Nilma Margarida Castro Crusoé, pela iniciativa em apontar-me a possibilidade de um doutoramento em Sergipe e oportunizar-me um estágio docente em uma de suas turmas de graduação na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

À querida amiga Rosemary Santos e suas filhas Ruth e Raquel, minhas primeiras anfitriãs sergipanas. Em sua residência, dedicaram-me tempo e acolhida, sem medir esforços.

Aos amigos e colegas dos cursos de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), turmas 2016.1.

Aos irmãos de orientação, João Rogério (um riso de menino) e Sônia Azevedo (uma alma de menina), pela cumplicidade, alegrias e apreensões compartilhadas.

Em particular, a Elaine Soeira e Taílla Caroline, companheiras de habitação, grandes parceiras nos momentos de angústia e solidão, mas, sobretudo nos pequenos instantes de felicidade, conquistas, superação – amizade para toda uma vida; a Priscila Fernandes, uma relação de sinceridade, carinho e confiança; a Anabela Maurício de Santana, pelo cuidado e presença nos dias próximos à cerimônia de defesa.

À coordenação, professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS, pela atenção a mim dispensada; em especial, a minha estimada

orientadora, a professora doutora Maria Neide Sobral, pelos múltiplos desafios, cuidados e encorajamento.

À professora Zélia Chéquer Freire de Souza, pelo trabalho minucioso de revisão de linguagem.

Aos “tesouros” que interceptaram os árduos caminhos da pesquisa no Rio de Janeiro...

À professora Ana Chrystina Mignot, que me sugeriu leituras e suas produções sobre as viagens pedagógicas.

À professora Heloisa Helena Meirelles, por sua digna conduta, acessibilidade e afetividade com que me recebeu. Preciosas foram as suas indicações e recomendações.

Aos atendentes do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ) - Centro de Memória da Educação Brasileira (CMEB), Júlio Calasans Maia e Vera Regina Barbosa Dias Monteiro, por externarem amor e dedicação ao trabalho e respeito para com o pesquisador e as fontes históricas.

Aos queridos Maria Thereza Dantas Costa e Marcelo Otávio Dantas, por partilharem a História e a Memória de família.

Ao senhor Pedro Tortima, do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, que, com paciência e sabedoria extraordinárias, instruiu-me para que eu obtivesse sucesso nas buscas naquela instituição e almejasse outros caminhos.

À gentil Raquel da Silva Gomes, da Associação Brasileira de Educação (ABE), que se preocupou com a localização do material de pesquisa e com o meu bem-estar durante todo o tempo em que estive por lá.

Às bancas nos exames de qualificação e defesa de doutoramento, sob a composição dos professores doutores Maria Neide Sobral (Presidente), Verônica dos Reis Mariano Souza, Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas, Romero Junior Venâncio Silva, Carlota Boto e Silvana Aparecida Bretas, que, com inestimáveis apreciações, por certo fizeram-me refletir e ampliar minhas expectativas e abordagens no campo da pesquisa e escrita acadêmicas.

À unidade de fomento à pesquisa...

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela concessão da bolsa de pesquisa.

Enfim...

Ao viver e experienciar a ambiência da pesquisa acadêmica junto a pessoas ilustres e instituições renomadas, resta-me agradecer o privilégio.

## RESUMO

A presente tese insere-se na linha de pesquisa História, Sociedade e Pensamento Educacional, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pauta-se nas discussões a respeito das viagens pedagógicas realizadas por intelectuais e profissionais da educação, tanto em âmbito internacional (Europa e Estados Unidos), quanto nacional, dentro de um circuito da História Intelectual da Educação. O foco é a professora Mercedes Dantas de Itapicurú Coelho (1900-1982) e os discursos sobre a viagem pedagógica realizada por ela aos estados do Norte do Brasil em 1930. O objetivo geral foi compreender quem foi a professora Mercedes Dantas e analisar os discursos produzidos na imprensa sobre a viagem pedagógica. Estabeleceu-se como objetivos específicos: elaborar um perfil biobibliográfico de Mercedes Dantas, destacando os lugares institucionais e sociais que ocupou; elencar os discursos produzidos na imprensa sobre a viagem em cada estado; e problematizar os enunciados discursivos da viagem e da Reforma de Fernando de Azevedo e sua possível difusão nos estados visitados. Os dados foram obtidos das informações contidas nos excertos dos jornais impressos da década de 1920 e 1930 – A manhã (RJ), A Noite (RJ), A Província (PE), Correio da Manhã (RJ), Diário da Manhã (ES), Jornal do Brasil (RJ), Jornal do Comércio (RJ - AM), O Globo (RJ), O Paiz (RJ), Pequeno Jornal, Jornal Pequeno (PE), entre outros – acessados por meio da Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), de assinaturas digitais e de uma fonte histórica em particular uma coletânea de recortes de jornais e revistas, elaborada e organizada cronologicamente (1911-1947), o “Caderno de Lembrança” de Mercedes Dantas. O material foi investigado à luz das teorizações que constituem a Análise do Discurso (AD), seguindo a linha francesa, com base nos postulados do filósofo e historiador Michel Foucault (1926-1985). A professora Mercedes, uma mulher, solteira, jovem, patriciã, professora, escritora, jornalista, política e intelectual erudita, que, nos anos de 1930, conseguiu transgredir padrões sociais e culturais, adentrar espaços e setores, muitas vezes, exclusivos aos “homens de letras”, personagens ilustres e governantes. Fez-se viajante e, no papel de embaixadora, foi propagadora das aspirações da Escola Nova, participou do embate entre a Associação Brasileira de Educação e a Federação Nacional das Sociedades de Educação, uma importante dissidência, propagou pelos estados do Norte do Brasil os princípios da Reforma Educacional de Fernando de Azevedo, assegurou o agrupamento das sociedades de educação dos estados. Esta mulher, sem dúvida, merece estar incluída na Historiografia Brasileira e na História Intelectual da Educação. A viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil constituiu-se um acontecimento de reconhecimento nacional e de suma importância para a renovação educacional do país. Alicerçou-se na Reforma da Instrução Pública de Fernando de Azevedo, particularmente do ensino primário, e na criação das sociedades de professores dos respectivos locais, como consta do “Caderno de Lembrança”, onde se encontram as condições de produção e de emergência e o processo de internalização e aceitabilidade e o momento de ruptura dos discursos ligados a práticas institucionais e relações de poder. A Tese concluiu que a investigação a respeito da vida pessoal, produção intelectual e profissional da professora Mercedes Dantas – pela ausência de pesquisas sobre sua personagem ou por representar uma personalidade de destaque no campo educacional do Brasil, mas que se manteve “atrás das cortinas” ou ao menos “esquecida” pela historiografia brasileira, – é um contributo valioso para a produção do conhecimento no campo de História da Educação e na formação e atuação de professores e intelectuais nas décadas de 1920 e 1930.

**Palavras-chaves:** Discursos. Mercedes Dantas. Renovação do Ensino. Viagem pedagógica.

## ABSTRACT

The present Thesis is inserted in the research line of History, Society and Educational Thought, along with the Graduate Program in Education (PPGED) of the Federal University of Sergipe (UFS) and it is based on the discussions about the pedagogical trips taken by intellectuals and professionals in education, both internationally (Europe and the United States) and nationally, within a circuit of the Intellectual History of Education. The focus is the Professor Mercedes Dantas de Itapicurú Coelho (1900-1982) and the speeches on the pedagogical trip to the Northern States of Brazil in 1930. The general objective was to understand who was Professor Mercedes Dantas and the speeches produced by the press about her pedagogical trip to the Northern States, Brazil, in 1930. As specific objectives: to elaborate a biobibliographical profile of Mercedes Dantas, highlighting the institutional and social positions she has occupied; to list the speeches produced by the press about the trip taken in each state and, finally, to problematize the referred discursive statements of the trip and the Fernando de Azevedo Reform and its possible diffusion in the visited states. The data obtained from excerpts' information of the printed newspapers from the 1920 and 1930s - *A manhã* (RJ), *A Noite* (RJ), *A Província* (PE), *Correio da Manhã* (RJ), *Diário da Manhã* (ES), *Jornal do Brasil* (RJ), *Jornal do Comércio* (RJ - AM), *O Globo* (RJ), *O Paiz* (RJ), *Pequeno Jornal*, *Jornal Pequeno* (PE), among others - accessed through the National Digital Library (BNDigital), from digital signatures and from a particular historical source, a collection of newspaper and magazine clippings prepared and organized chronologically (1911-1947), Mercedes Dantas's "Notebook of Remembrance" - were investigated through the theorizations that constitute the Discourse Analysis (AD), following the French line, based on the postulates of the philosopher and historian Michel Foucault (1926-1985). The Mercedes teacher, a woman, single, young, patrician, teacher, writer, journalist, politician and scholarly intellectual, who, in the 1930s, managed to transgress social and cultural standards, entering spaces and sectors, often exclusive to "men of letters", illustrious and ruling characters. She became a traveler and, in the role of ambassador, propagated the aspirations of the New School, participated in the clash between the Brazilian Association of Education and the National Federation of Education Societies, an important dissidence, propagated the principles of the Educational Reform of Fernando de Azevedo throughout the states of Northern Brazil, and ensured the grouping of the educational societies of the states. This woman, undoubtedly, deserves to be included in the Brazilian Historiography and in the Intellectual History of Education. The pedagogical trip to Northern Brazil states, based on the speeches extracted from the printouts, in turn, was configured as a case/event of national recognition and of great importance for the educational renewal of the country. Based on the Fernando de Azevedo Public Instruction Reform, in particular, of the primary education and the establishment/affiliation of teachers' societies from the respective places, as presented in the "Notebook of Remembrance", where were highlighted the production and emergency conditions and the process of internalization and acceptability or not, as well as the moment of rupture of the speeches related to institutional practices and power relations. The Thesis pointed out that the research on the intellectual production, personal and professional life of Professor Mercedes Dantas - for the lack of researches that look into her character or for representing a prominent personality in the Brazilian educational field, although she remained "behind of the curtains" or at least "forgotten" by Brazilian historiography - is a valuable

contribution to the knowledge production in the field of History of Education and the formation / performance of teachers and intellectuals in the 1920s and 1930s.

**Keywords:** Speeches. Mercedes Dantas. Renewal of Education. Pedagogical trip.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES: IMAGENS E QUADROS

### LISTA DE IMAGENS

Imagem n. 1: "Caderno de Lembrança" - Prof. Mercedes Dantas (Vol. I, II e III) .....	50
Imagem n. 2: "Caderno de Lembrança" (Vol. I, II e III).....	57
Imagem n. 3: Desenho à lápis por Mercedes Dantas (1920).....	62
Imagem n. 4: Traçado por Mercedes Dantas, aos dez anos de idade - Tolstói.....	63
Imagem n. 5: Convite de Formatura das Normalistas do Rio de Janeiro, turma de 1916 .....	65
Imagem n. 6: Recibo de pagamento: Inserção de Mercedes Dantas na Associação Brasileira de Imprensa (1918) .....	67
Imagem n. 7: "Nús" - Contos - Mercedes Dantas - 1925.....	70
Imagem n. 8: Mercedes Dantas (abril de 1927).....	74
Imagem n. 9: Mercedes Dantas - Nús (1925) e Adão e Eva (1928).....	75
Imagem n. 10: Capa da Revista Renovação, Aracajú - SE, Ano I, nº 15, 15 de agosto de 1931.....	77
Imagem n. 11: Professora Mercedes Dantas - 1927.....	78
Imagem n. 12: Colaboradores efetivos da Revista de Educação - Manaus (1933) .....	80
Imagem n. 13: Mercedes Dantas (1941).....	83
Imagem n. 14: Correspondência do gabinete Getúlio Vargas - Agradecimento pelo envio do livro "O Nacionalismo de Castro Alves" - 1941.....	83
Imagem n. 15: Professora Mercedes Dantas na inauguração do Diretório das Professoras Primárias (1933).....	86
Imagem n. 16: Panfleto - Propaganda da candidatura da Professora Mercedes Dantas ao cargo de vereadora do Rio de Janeiro .....	87
Imagem n. 17: Cartão de apresentação DPP.....	88
Imagem n. 18: Mercedes Dantas, Artur Bernardes e novos integrantes do Partido Republicano .....	89
Imagem n. 19: Anúncio do I Congresso de Brasilidade (1941) .....	90
Imagem n. 20: I Congresso de Brasilidade - 1941 .....	91
Imagem n. 21: Acervo Mercedes Dantas: livros.....	93
Imagem n. 22 : Títulos inéditos de Mercedes Dantas .....	94
Imagem n. 23: Os irmãos Mercedes Dantas e Olavo Dantas na Capital da República .....	95
Imagem n. 24: Evento de entrega de medalhas aos atletas no Atlântico Club - 1931 .....	96

Imagem n. 25: Programa "Hora de Arte" - Atlântico Club, 11/06/1931 .....	97
Imagem n. 26: Delegadas do II Congresso Internacional Feminista - Automóvel Club do Brasil (RJ)	98
Imagem n. 27: 1ª Festa de Arte organizada por Mercedes Dantas no Automóvel Club.....	98
Imagem n. 28: Cerimônia de Designação de Mercedes Dantas para o cargo de professora de Prática de Ensino da Escola de Educação do Instituto de Educação - Rio de Janeiro, 1942 .....	102
Imagem n. 29: Capa da caderneta – prof. <sup>a</sup> . Mercedes Dantas – 1º ano - Escola Afrânio Peixoto, 1927 .....	103
Imagem n. 30: Construção da Escola Alberto Barth (1907) .....	104
Imagem n. 31: Comemoração do 40º aniversário do Instituto Ferreira Vianna .....	106
Imagem n. 32: Mercedes Dantas e Maria Amélia Nunes da Fonseca - diretoras do Instituto Mercedes Dantas .....	107
Imagem n. 33: Fachada do Instituto Mercedes Dantas .....	108
Imagem n. 34: Emblema e cursos oferecidos pelo Instituto Mercedes Dantas .....	109
Imagem n. 35: Mercedes Dantas (Década de 1980) .....	113
Imagem n. 36: Academia Brasileira - Inauguração do busto de Francisco Alves – 10º aniversário de seu falecimento 9 de julho de 1927 .....	126
Imagem n. 37: Os Estados do Norte do Brasil (1930) .....	136
Imagem n. 38: Cartão de agradecimento à visita da professora Mercedes Dantas ao Instituto Lauro Sodré, Pará (1930).....	152
Imagem n. 39: Convite dos professores do Grupo Escolar Barão do Rio Branco a Mercedes Dantas - Manaus, 6/07/1930.....	153

## LISTA DE QUADROS

Quadro n. 1: Mercedes Dantas - Citações nos jornais impressos entre 1929 e 1939 .....	38
Quadro n. 2: Mercedes Dantas - Citações nos jornais impressos entre 1929 e 1939 em diferentes estados.....	39
Quadro n. 3: Palavras-chaves e suas ocorrências no Jornal do Brasil (RJ), 1920-1939.....	41
Quadro n. 4: Catalogação dos assuntos dispostos no “Caderno de Lembrança” (Vol. I, II e III).....	58
Quadro n. 5: Mercedes Dantas - Histórico do Curso Normal no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1913-1916) .....	64
Quadro n. 6: Mercedes Dantas - Ocupações e designações (1921-1928).....	65
Quadro n. 8: Escolas Primárias nos estados do Norte e no Rio de Janeiro (1911).....	99
Quadro n. 9: Estatística escolar - analfabetismo - Brasil - 1923 .....	100
Quadro n. 7: Mercedes Dantas - Concessões, designações e premiações (1951-1964).....	111

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- ABE – Associação Brasileira de Educação
- ABI – Associação Brasileira de Imprensa
- ABL – Associação Baiana de Letras
- AD – Análise do Discurso
- AGCRJ – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro
- BNDigital – Biblioteca Nacional Digital
- CMEB – Centro de Memória da Educação Brasileira
- CPDOC – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil
- DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
- DPP – Diretório Político das Professoras Primárias
- FBPF – Federação Brasileira pelo Progresso Feminino
- FNSE – Federação Nacional das Sociedades de Educação
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- IHGSE – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe
- INEP – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
- ISERJ – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro
- NPGED – Núcleo do Programa de Pós-Graduação em Educação
- P. R. E. 3 – Rádio Transmissora do Rio de Janeiro
- PR – Partido Republicano
- PSD – Partido Social Democrata
- RBG – Revista Brasileira de Geografia
- TCC – Trabalho de Conclusão de Curso
- U.E.B. – União dos Escoteiros do Brasil
- UECIRJ – União dos Educadores da Cidade do Rio de Janeiro
- UFS – Universidade Federal de Sergipe

## A ESCRITA E A VIAGEM

Não sei se o que imprimo nessas folhas alvas te agrada...  
Tão pouco a mim. Tenho anseio em rasgar-me tudo.  
E recomeçar... Por que pesar a consciência,  
Quando Foucault, tampouco Mercedes Dantas não se regozijaram de seus escritos?

São gerações, tempos, espaços, situações, identidades,  
Uma formação literária e literalmente específica,  
Questões de agora, do tempo presente, tão ontem examinadas...  
Renovar... transgredir... A palavra de (des)ordem.

Eis o que nos faz pensar nos discursos,  
Sejam eles políticos, pedagógicos, jornalísticos.  
O que importa? São as tramas, as sujeições, a autoria.  
Ou melhor, autores travestidos de ideais institucionais ou, talvez não!

Uma violência ao sujeito, ao acontecimento, uma imposição  
Consciente ou não, se torna uma tipificação espontânea,  
Uma defesa ideológica, séries de séries, uma regularidade.  
Fatos noticiosos, quadros replicados em jornais impressos e mapas mentais.

Em meio a tantos rumores, o raro, o dito e o não-dito se estremecem na superfície.  
Sigo a tendência de intelectuais, ciente de que deles “nem me aproximo”.  
Após tantas noites em claro, leituras infundas,  
Os enunciados produzem empiricamente dados de uma pesquisa, uma viagem.

Nesse instante, sou viajante tal qual os personagens que a narrativa encerra,  
No intuito de assumir uma postura digna, susceptível de análise.  
Enveredo nos manuscritos, documentos originais, impressos monumentos.  
A viagem pedagógica de Mercedes Dantas enlaça muito mais do que discursos...

É uma experiência de si para si e, de si para os outros...  
Outros que pensaram a educação antes e depois de 1930: um corte.  
Manifestantes, pioneiros ou não, simples seres transeuntes.  
Ouviu-se uma voz: a da Escola Nova.

No entanto, esse eco retumbava há muito em terras estrangeiras  
Chegara ao Brasil, mesmo anterior a viagem de Mercedes.  
Porém, foi por meio dessa mulher que ressoou pelos Estados do Norte do Brasil  
Em nome de uma reforma educacional e de um nome: Fernando de Azevedo.

Por que estudá-la? Por que intentar entendê-la, se ao passado ficou?  
Simples resposta: Nada mais atual do que a escola ativa  
Em tempos difíceis, em que o alunado tornou-se ponto de chegada e de partida,  
E os métodos educativos se pretendem tão modernos, quanto atrasados se apresentam.

São reflexões sobre a escola, o sujeito, o Estado, o tempo, a vida.  
Mercedes Dantas aparenta estar entre os nossos dias, atualizada,  
A dizer que modernizar é preciso, mas preparar-se para isso, imprescindível.  
Não há descrições verdadeiras ou fidedignas, quando as imagens capturadas são  
turbas...

É preciso descortinar a superfície dos atos, fatos, discursos (Foucault)  
Afinal, tudo é tão tipicamente histórico.  
Assim como uma viagem, uma palestra, uma aula inaugural, uma tese.  
São palavras dispostas, cheias de enunciados, práticas sociais, rituais corriqueiros.

Pessoas comuns, o cotidiano, uma regra, um cerceamento,  
Uma História, um impresso, uma nota, coluna, informação, opinião.  
Uma engrenagem que dá conta do caro e, do raro.  
Porém não tão muito, mas nem tão pouco: os des(contínuos) fluxos do homem.

Rosemeire Amaral,  
A bordo, proa noturna,  
Quase madrugueira,  
Lanterna ao mastro,

2017-12-29.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES: VIAGENS, OBJETOS E FONTES .....</b>	<b>29</b>
1.1 PROBLEMATIZANDO AS FONTES .....	36
1.1.1 Uma Arqueologia do “Caderno de Lembrança” de Mercedes Dantas (1911-1947)	54
<b>2. UM PERFIL BIOBIBLIOGRÁFICO DE MERCEDES DANTAS: ACONTECIMENTOS, TEMPOS E LUGARES .....</b>	<b>60</b>
<b>3. MERCEDES DANTAS, “EMBAIXADORA DA ESCOLA NOVA”: VIAGEM AOS ESTADOS DO NORTE .....</b>	<b>114</b>
3.1 DESLOCAMENTO ESPAÇO-GEOGRÁFICO DA VIAGEM DE MERCEDES DANTAS .....	133
<b>4. OS DISCURSOS SOBRE A VIAGEM PEDAGÓGICA DE MERCEDES DANTAS AOS ESTADOS DO NORTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE .....</b>	<b>146</b>
<b>APROXIMAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>165</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>172</b>

## INTRODUÇÃO

Um projeto, uma pesquisa ou um interesse de investigação acadêmica não “nasce” de uma ideia ou pensamento estritamente original, se é que é possível pensar em uma origem histórica do sujeito (autor) ou dos próprios discursos, após “conhecer” os escritos, ditos e não-ditos em Michel Foucault (2006). Há sempre na fluidez pontos de irrupção e de ligação entre cortes, continuidades e descontinuidades, onde a autonomia e a autoria não são elementos natos ao ser humano, como organismo social, menos ainda as relações, pensamentos, ações, discursos.

A escolha do objeto de pesquisa não resultou de uma discussão rápida e prática, pré-estabelecida, imposta. Após alguns diálogos orientadora-orientanda, a mim foi concedida a liberdade de expor expectativas em relação ao que investigar, às afinidades e aos anseios. Com uma diversidade de possibilidades, definimos conjuntamente.

A ilustre professora Mercedes Dantas de Itapicurú Coelho (1900-1982) – natural de Vila Rica do Bom Jesus (Crisópolis – Bahia), que ainda na infância foi morar junto a sua família na capital brasileira (Rio de Janeiro), onde experienciou a maior parte de sua vida e, por isso, foi naturalizada carioca –, me foi “apresentada” pela professora Dr<sup>a</sup>. Maria Neide Sobral, vinculada ao Curso de Doutorado do Núcleo do Programa de Pós-Graduação em Educação (NPGED), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), que, nas atividades de pesquisa e ensino, direcionou um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação (SANTOS, 2011), onde abordou alguns elementos biográficos da professora Mercedes Dantas em um capítulo e-book (SOBRAL, 2016).

A vontade de aprimorar o leque de informações e o campo de análises, em uma perspectiva arqueológica foucaultiana, em que Mercedes Dantas (um perfil biobibliográfico) e os discursos produzidos sobre sua viagem pedagógica aos estados do Norte do Brasil (o que não corresponde à divisão regional atual, mas parte das regiões norte-nordeste, um total de onze estados: Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Espírito Santo), em 1930, figurassem como objeto e objetivos de estudo, fizera-me aceitar o desafio. Ainda no processo exploratório sobre a temática, publicamos um texto em que procurava fazer uma aproximação com o objeto de pesquisa, empregando teorizações foucaultianas (AMARAL; SOBRAL, 2017).

Ao esquadrinhar leituras referenciais sobre viagens pedagógicas, encontramos a obra organizada por Mignot e Gondra (2007), na qual apresentaram um número significativo de pesquisas sobre a temática, o que endossou minhas pretensões. A ausência ou escassez de publicações a respeito da professora Mercedes, sua missão pelos estados do Norte do Brasil e o aparente desconhecimento da sua vida pessoal, por onde passávamos em busca de vestígios e fontes históricas documentais, foram fatores bastante relevantes para endossar a decisão. A catalogação de pesquisas acadêmico-científicas colaborou para a identificação de quatro trabalhos, até o momento, em que a professora Mercedes Dantas consta como objeto de estudo.

Bezerra (2001, p. 167), almejando dar visibilidade à produção literária feminina brasileira a partir do século XIX, inseriu sua pesquisa em “um projeto de resgate que tem se empenhado em recuperar e colocar em circulação essas vozes femininas”. É nesse contexto que volta sua atenção para Mercedes Dantas, analisando os contos de autoria da professora, em especial o “Nús” (1925), e traçando paralelos com outras obras e pensamentos.

Santos (2011) dedicou-se a pesquisar os discursos pedagógicos difundidos sobre a educação em Sergipe, utilizando, como instrumentos de análise, os jornais “Correio de Aracaju” e “Sergipe Jornal”, ambos de 1930. Partindo também das viagens pedagógicas do período, que tinham por objetivo a divulgação de inovações pedagógicas, esses jornais divulgaram as visitas de Mercedes Dantas, do Rio de Janeiro, e Carlos da Silveira, de São Paulo, àquele estado.

Sobral (2016) apresentou o primeiro trabalho acadêmico que tem por foco o itinerário realizado pela professora Mercedes Dantas em sua viagem pedagógica aos estados do Norte do Brasil, divulgada pelos jornais impressos do período. Seu objetivo não foi uma análise de discursos, seja pedagógico, seja jornalístico, mas situar Mercedes Dantas “no cenário da intelectualidade brasileira na primeira metade do século XX, para, em seguida, acompanhar e analisar os seus esforços para vulgarizar o modelo educativo implementado no Rio de Janeiro”.

Amaral e Sobral (2017), de posse da Revista de Ensino do Departamento Geral da Instrução Pública e da Sociedade Alagoana de Educação de 1930, se dedicaram a analisar os discursos pedagógicos sobre aspectos da Escola Ativa, difundidos pela viagem pedagógica de Mercedes Dantas no estado de Alagoas, com base em dois registros: o primeiro, da professora Mercedes Dantas, diretora do Instituto Ferreira Vianna, no Distrito Federal, Rio de Janeiro; o segundo, de José Bernardes Júnior, da Academia de Ciências Comerciais de Alagoas. Ambos

são explorados em uma perspectiva foucaultiana, somando-se às discussões de intelectuais da História da Educação, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho, inspirados pelas concepções educacionais do norte-americano John Dewey.

A pesquisa realizada teve por temática a professora Mercedes Dantas e os discursos sobre a viagem pedagógica aos estados do Norte do Brasil em 1930. Para tal feito, elenquei como problema central: Quem foi Mercedes Dantas e quais foram os discursos produzidos sobre sua viagem pedagógica aos estados do Norte do Brasil, em 1930? E as seguintes questões correlatas: Qual o perfil biobibliográfico da professora Mercedes Dantas? Que lugares sociais e institucionais ocupou? Quais os discursos produzidos pela imprensa local (de cada estado) e nacional sobre a viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte? Que condições de emergência esses discursos assinalavam para difusão da Reforma de Fernando de Azevedo e estruturação de uma nova associação docente nos estados visitados?

Estabeleci como objetivo geral compreender quem foi a professora Mercedes e os discursos produzidos na imprensa sobre sua viagem pedagógica aos estados do Norte, Brasil, em 1930 e, como objetivos específicos: elaborar um perfil biobibliográfico de Mercedes Dantas; destacar os lugares sociais e institucionais que ocupou; elencar os discursos produzidos na imprensa sobre a viagem em cada estado e, por fim, problematizar os enunciados discursivos da viagem na difusão da Reforma de Fernando de Azevedo e na estruturação de uma associação de docentes nos estados visitados.

Optei em trabalhar com a Análise do Discurso (AD) em Michel Foucault (1926-1985), tendo por instrumentos os impressos (jornais e revistas). Foucault (1996, p. 69-70) compreendeu a AD como um exercício composto de dois tipos de descrição, a crítica e a genealógica:

A parte crítica da análise liga-se aos sistemas de recobrimento do discurso; procura detectar, destacar esses princípios de ordenamento, de exclusão, de rarefação do discurso. [...] A parte genealógica da análise se detém, em contrapartida, nas séries da formação efetiva do discurso: procura apreendê-lo em seu poder de afirmação, e por aí entendo não um poder que se oporia ao poder de negar, mas o poder de constituir domínios de objetos, a propósito dos quais se poderia afirmar ou negar proposições verdadeiras ou falsas.

“Ler Foucault”, em seus originais, traduções e comentários, não foi absolutamente fácil. A cada livro, agregavam-se novas investidas, viabilidades, apreensões e o desejo de descomprimir os passos. Mas, tudo parecia iniciar e terminar, como um ciclo, porém, em meio a ele, retroagir, retomar, mudar os rumos e os conceitos antes definidos, como um exercício

em que o autor se reinventava e a seus objetos de pesquisa o tempo todo em um ininterrupto processo. Era só o início: assumir uma postura foucaultiana de se fazer pesquisa e, por conseguinte, história. Trabalhar com discursos nos jornais impressos e com plataformas *on line* também foi uma vivência ímpar e instigante.

As publicações de Michel Foucault foram divididas de acordo com a produção, desenvolvida em três períodos, ou o que poderia ser intitulado “os três Foucaults”: o arqueólogo, o genealógico e o ético. Explicitou Veiga-Neto (2016, p. 35-36 – Grifos do autor):

Trata-se de uma sistematização que combina os critérios metodológico e cronológico. À primeira fase - arqueológica -, correspondem as obras que vão de *História da loucura (1961)* até *A arqueologia do saber (1969)*, passando por *O nascimento da clínica* e *As palavras e as coisas*. A segunda fase - genealógica - começa com *A ordem do discurso (1971)* e vai até o primeiro volume de *História da Sexualidade - a vontade de saber (1976)*, passando por *Vigiar e punir*. À terceira fase - ética -, pertencem os volumes 2 e 3 de *História da sexualidade, O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, publicados pouco mais de um mês antes da morte de Foucault, em 1984.

Essas fases levam em consideração o estágio de desenvolvimento de suas pesquisas, cujo ponto central estabeleceu-se entre o discurso, o poder e a subjetivação, distribuídos em três domínios: o “ser-saber”, o “ser-poder” e o “ser-consigo” (MOREY, 2014; VEIGA-NETO, 2016) ou correspondem aos questionamentos erigidos, como: “Que posso saber?”, “Que posso fazer?” e “Quem sou eu?” (DELEUZE, 2006). Veiga-Neto (2016, p. 38) enfatizou que, mesmo com essa periodização ou fases, o que o induziu a pensar em um encerramento cíclico teórico e metodológico do autor a cada etapa, “ao invés de separação entre elas, o que se observa claramente é uma sucessiva incorporação de uma pela outra, num alargamento de problematizações e respectivas maneiras de trabalhá-las”.

O que pretendi com a pesquisa foi a apropriação do “primeiro Foucault”, com associações à arqueologia foucaultiana, pois “se trata de um procedimento de escavar verticalmente as camadas descontínuas de discursos já pronunciados, muitas vezes de discursos do passado, a fim de trazer à luz fragmentos de ideias, conceitos, discursos talvez já esquecidos” (VEIGA-NETO, 2016, p. 46), apagados. Neste caso, sobre um período bastante enfático na História e Historiografia da Educação brasileira – as reformas educacionais das décadas de 1920 e 1930, problematizando as viagens pedagógicas, o trânsito de intelectuais, os modelos pedagógicos e os discursos nos impressos.

Concernente à originalidade e às perspectivas, “Foucault constantemente remodela sua posição, e seu pensamento muda e evolui. Na verdade, ele estava sempre reformulando o que

via como seu próprio objeto” (PETERS; BESLEY, 2008, p. 16). Consequentemente, o fez com as teorizações e o conceito de discurso. Em suas obras, inúmeras foram as definições que atribuiu ao discurso como conceito e prática social. Todavia, não são díspares, nem ao menos se excluem. Muitas vezes, se completam, realçam aspectos específicos, convidam à reflexão. Diante desse quadro, Fischer (2012, p. 28) se decidiu: “Não isolo um primeiro, um segundo e um terceiro Foucault. Prefiro replicá-lo, a ele e à sua obra, multiplicando-o, embaralhando seus ditos e escritos e tornando-o sempre outro, para fazê-lo visitar leituras de hoje, pesquisas em educação no Brasil”.

Não descartei a eventualidade de acompanhar esse movimento, de transpor do estado analítico arqueológico ao genealógico foucaultiano, ao eleger os textos “A Arqueologia do saber” (2008), “As palavras e as coisas” (2007), “A Ordem do discurso” (1996) e “Quem é o autor” (2006) como primordiais para o desenrolar da pesquisa, que não se esgota nestas linhas, mas se constitui um parêntese, com um “ar” inacabado de reticências.

Com as leituras, o que deparei dos escritos de Michel Foucault me levou a crer que ao pesquisador não existe a obrigatoriedade de deter-se em um único método, teoria, campo de observação e análise, enclausurando-se em uma linha fixa de raciocínio, com definições austeras, cerceando oportunidades e possibilidades múltiplas de apreensão do objeto investigado.

Essa é a “liberdade” que muitos que se enveredam na pesquisa acadêmica temem, acusando-o de desregramento ou falta de rigor científico. Todavia, como Veiga-Neto (2016, p. 17) expôs: “ele nunca quis ser modelo, nem fundador de uma escola, mas quis, sim, que suas contribuições fossem tomadas como ferramentas”, utilizadas “como um instrumento, uma tática, um coquetel molotov, fogos de artifício a serem carbonizados depois do uso” (FOUCAULT, 1985, p. 4).

Não obstante, incendi em um ligeiro e ostensivo conflito quanto ao objeto de pesquisa, quando, no entrelaçamento, destaquei, ora a viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas, ora a reforma de Fernando de Azevedo, ora os discursos ou, até mesmo, as questões teórico-metodológicas foucaultianas, não por um ausente rigor, por descuido ou despercebimento, mas pelo efeito interdiscursivo que a AD permite, em perspectivas múltiplas de problematizações.

Para Peters e Besley (2008, p. 21), “os estudos de Foucault sobre a educação oferecem ferramentas de análise que inspiram abordagens históricas, sociológicas e filosóficas que cobrem uma vasta gama de tópicos”, cujo maior perigo é o fato de que

Foucault é como se fosse um “Senhor elástico”, o pensador original *portemanteau*.<sup>1</sup> Podemos escolher aspectos de seu pensamento ou influências presentes no seu pensamento para demonstrar uma proposição, elucidar um ponto, examinar um argumento ou enfeitar nossas próprias intuições teóricas. Foucault quase estimula essa apropriação fragmentária, não sistemática e poética de sua obra.

Ao revestir-me dos critérios foucaultianos de maturação observante, me foi viabilizada uma técnica singular de descrição. A Foucault, importa destrinchar o que está dito ou escrito, ou, ainda, o não-dito, sem escalas de interpretação, por parte do leitor ou analista, das intencionalidades, dos porquês, dos julgamentos de verdade ou falsidade, das estratégias e de interesses outros. Decantar o contexto, a historicidade, detalhar, pôr em vias de análise arqueológica o discurso foi o propósito, e isso requereu estabelecer critérios, abordagens, recortes, continuidades e descontinuidades, conexões e desconexões, enfim, regras que exigiram a escolha de métodos e instrumentos, assim como a construção de estratégias de pesquisa e de escrita.

Escrever não é tarefa fácil, principalmente quando as escavações sobre o objeto de pesquisa são parte de um trabalho em desenvolvimento, mas com pretensões de contornar um ciclo, um recorte para um texto em especial (uma Tese), o que despontou a apreciação de situações em que o vazio predominou, o desconhecido cedeu espaço às variedades (leituras, concepções, abordagens do objeto de pesquisa, coleta de informações e dados, agrupamento de resultados, análise, perspectivas futuras), e, ao percorrer os campos teórico-metodológicos, defrontei-me com verdadeiros vales de incertezas. Por isso, entre os caminhos de pesquisa, recorri à produção francesa no tocante à Historiografia, à História Intelectual da Educação.

De acordo com Burke (1997, p. 11), “da produção intelectual, no campo da historiografia, no século XX, uma importante parcela do que existe de mais inovador, notável e significativo origina-se da França”. Dessa herança, apostei na apropriação de dois elementos para a investigação a respeito da viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas – que tinha como metas primordiais a difusão do modelo pedagógico da reforma de Fernando de Azevedo e a (re)organização de associações de docentes pelos estados do Norte – as teorizações de Michel Foucault – mesmo compreendendo que, “apesar da multiplicidade de campo de trabalho abordado por Foucault, a educação, porém, não foi uma das áreas às quais ele tenha dedicado seu tempo e seu pensamento” (GALLO; VEIGA-NETO, 2007, p. 3) – e a Análise dos Discursos (AD), na vertente, também, foucaultiana.

---

<sup>1</sup> Uma espécie de maleta, cheia de ferramentas ou, ainda, um cabide, por muitas possibilidades de uso.

A partir das décadas de 1920 e 1930, a História apresentou-se com uma modificação de postura dos historiadores em relação às novas metodologias e fontes de pesquisa, alcançando grande êxito pelos anos de 60 e 70 do século XX,<sup>2</sup> com a inserção de ramificações. Assim como as abordagens históricas, “os níveis de análises se multiplicaram: cada um tem suas rupturas específicas, cada um permite um corte que só a ele pertence; e, à medida que se desce para bases mais profundas, as escansões se tornam cada vez maiores” (FOUCAULT, 2008, p. 3). Outro fator destacado por Foucault (2008, p. 7-8) é a relevância direcionada ao documento:

a história mudou sua posição acerca do documento: ela considera como sua tarefa primordial não interpretá-lo, não determinar se diz a verdade nem qual é seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta, distribui, ordena e reparte em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, identifica elementos, define unidades, descreve relações.

Pesavento (2013) advertiu que, assim como Foucault não teve a intenção de estudar, pesquisar ou escrever sobre a educação em si, ao que tudo indica, também não fez com a História. Porém, como sugere Veiga-Neto (2016), os escritos e as análises foucaultianos se encaixam, muitas vezes, nas discussões dessas linhas de pesquisa. Suas explicações têm um alcance extraordinário, ao mesmo tempo em que incidem sobre cada situação em específico.

Nessa direção, considere os seguintes elementos para a AD, seguindo quatro tópicos elencados por Fischer (2001, p. 202) em relação ao tratamento dos enunciados idealizado por Foucault:

1. “A referência a algo que identificamos” (FISCHER, 2001, p. 202). Elenquei os discursos publicados nos impressos ao longo da viagem de Mercedes Dantas aos estados do Norte, evidenciando os cenários de sua presença nesses estados e suas impressões a respeito da realidade educacional dos locais visitados.

2. “O fato de ter um sujeito, alguém que pode efetivamente afirmar aquilo” (FISCHER, 2001, p. 202). Foucault (1996, p. 37) discutiu a posição ocupada pelo sujeito nos diferentes lugares e em relação ao aspecto de sujeição e preparação em que cada um é inserido. Assim, definiu que “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas

---

<sup>2</sup> Pesavento (2013, p. 99-100) destacou nomes como Lucien Febvre (1878-1956), Marc Bloch (1886-1944), Braudel (1902-1985), Georges Duby (1919- 1996), Jacques Le Goff (1924-2014), Paul Veyne (1930), Roger Chartier (1945), François Hartog (1946), Serge Gruzinski (1949), Arlete Farge (1941), Anne-Marie Thiesse (?), Frédérique Langue (?), enfatizando ainda que “a esses nomes se acrescentariam os daqueles que, sem ser historiadores, foram interlocutores ou forneceram base de reflexão teórica para o surgimento da História Cultural, como Michael Foucault, Paul Ricoeur ou Pierre Bourdieu”.

exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”. Procurei responder a alguns questionamentos sobre os lugares e o que, como e por quem os discursos eram publicados nos impressos, o que era possível problematizar e o que era possível reconhecer nesses discursos a respeito da “missão pedagógica” de Mercedes Dantas, na organização dos professores e na difusão da reforma empreendida por Fernando de Azevedo. Respeitei “a ordem do discurso”, que “define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção” (FOUCAULT, 1996, p. 39).

3. “O fato de o enunciado não existir isolado, mas sempre em associação e correlação com outros enunciados, do mesmo discurso” (FISCHER, 2001, p. 202). Foi possível traçar associações e correlações entre os diferentes campos de saber da época (Política, Educação, Economia, Jornalismo, Ciência), confrontando, nos enunciados, elementos que estão em campos adjacentes à reforma da Instrução Pública, uma pauta nacional moldada na Escola Nova em diferentes estados, inclusive naqueles visitados por Mercedes Dantas, considerando que esses recortes, para Foucault (2008, p. 27):

são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis.

4. Por fim, “a materialidade do enunciado” (FISCHER, 2001, p. 202). Os discursos circulavam nos impressos locais, no Brasil, especialmente os que a professora Mercedes Dantas preservou em seu arquivo pessoal, o “Caderno de Lembrança” I, II e III, uma coletânea de recortes de jornais e revistas, enunciados selecionados e cronologicamente organizados (1911-1947). Um agrupamento de publicações que registraram acontecimentos que marcaram a vida pessoal e profissional de Mercedes Dantas e a História da Educação do Brasil no período, em especial no Rio de Janeiro, conformando o pensamento de Fischer (2001, p. 202) de que “descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar”.

O texto desta Tese encontra-se, assim, estruturado:

Na “Introdução”, esbocei o objeto de pesquisa e o caminho que me levou até ele (a professora Mercedes Dantas): uma continuidade investigativa acadêmica. Patenteei as minhas primeiras produções, apontei a escassez de produções a respeito da temática e as leituras que

me aproximaram de seu entorno (a viagem pedagógica). Delineei o objeto, com o problema, objetivos e, também, apresentei o aporte teórico-metodológico utilizado.

Em “Primeiras aproximações: viagens, objetos e fontes”, elaborei uma discreta descrição, no campo das viagens de modo geral, em uma retrospectiva histórica, caracterizando as viagens pedagógicas como atividade estritamente masculina, mas que, com o passar do tempo, inovações tecnológicas, especialmente no campo da comunicação e informação, mudanças de ordem econômica, política e cultural, entre elas a emancipação gradual da mulher, permitiram à professora Mercedes Dantas projetar, em 1930, estes “empreendimentos”: ser professora, literata, intelectual e realizar uma longa viagem aos estados do Norte do país para divulgar os preceitos da pedagogia moderna.

Com base nas referências às viagens pedagógicas, destaquei a carência, no âmbito acadêmico, de pesquisas e historiografia da educação brasileira sobre as viagens pedagógicas – com exceção dos trabalhos dirigidos por Mignot (2017), Mignot e Gondra (2007) e colaboradores. Apresentei, contextualizando, o cenário da Reforma de Instrução Pública de Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro, conectando os estados do Norte e personalidades, como a professora Mercedes Dantas.

No intuito de inventariar o caminho para construção e análise do texto, em “Problematizando as fontes”, incorporei a interligação entre o objeto, o objetivo de pesquisa (Mercedes Dantas e a viagem pedagógica), as questões teórico-metodológicas (abordagens científicas e produções acadêmicas), os instrumentos de investigação (impressos – jornais e revistas), as fontes históricas documentais (enunciados), a produção de dados (catalogação, transcrição e seleção de enunciados), as dificuldades e as assertivas quanto à Análise do Discurso, as categorias de análise (historicidade, acontecimento, série, regularidade, condição de possibilidade, inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade) e a expectativa por correspondências e “falas” entre Mercedes Dantas e Fernando de Azevedo.

Apresentei um adendo – “Uma Arqueologia do ‘Caderno de Lembrança’ de Mercedes Dantas (1911-1947)”, uma coletânea de recortes de jornais e revistas, enunciados selecionados e cronologicamente organizados (1911-1947). Um agrupamento de publicações que registraram acontecimentos que marcaram a vida pessoal e profissional de Mercedes Dantas e a História da Educação do Brasil no período, em especial no Rio de Janeiro –, que se constituiu em um exercício arqueológico, descrição e classificação dos enunciados publicados nos jornais e revistas, entre os anos de 1911 e 1947, alocados no “Caderno de Lembrança”, uma valiosa fonte histórica que desvela e revela o que foi apropriado, selecionado e

preservado pela própria professora, sobretudo as memórias da viagem, como legado desse acontecimento deixado para o futuro.

Em “Um perfil biobibliográfico de Mercedes Dantas: acontecimentos, tempos e lugares”, como o próprio título anuncia, destaquei, especialmente com base no “Caderno de Lembrança”, aspectos da vida pessoal (dados correspondentes ao período de infância até a data de falecimento), produção intelectual e profissional da professora Mercedes Dantas. Esbocei experiências, passagens e permanências, um jogo de saber e poder, momentos decisivos em sua formação e atuação profissional, alguns recortes cronológicos que delimitaram sua vida, tais como: acontecimentos, tempos e lugares que ocupou na sociedade à época, que a permitiram empenho e êxito em relação à promoção e difusão do modelo pedagógico da reforma de Fernando de Azevedo.

Em “Mercedes Dantas, “Embaixadora da Escola Nova”: viagem aos Estados do Norte”, centrei a discussão na Escola Nova no Brasil e na viagem pedagógica, discorrendo sobre a implantação do modelo de Escola Nova no país, rapidamente sobre a chegada e assunção de Fernando de Azevedo ao Secretariado de Instrução Pública do Rio de Janeiro, seu plano de ação de Reforma educacional, as intencionalidades da Associação Brasileira de Educação (ABE) e da Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE) e sobre o esforço de inculcar o modelo de reforma de Fernando de Azevedo. Delineei o papel de “embaixadora”, que foi se estabelecendo em torno do nome de Mercedes Dantas, ao tempo em que problematizei a ausência dela na produção histórica literária e documental do próprio Fernando de Azevedo.

Compreendi a regionalização do território brasileiro, em “Deslocamento espaço-geográfico da viagem de Mercedes Dantas”. Identifiquei o que foi considerado como “Estados do Norte” do Brasil em 1930 e destaquei a situação em que cada estado se encontrava. Inserindo Mercedes Dantas nesse contexto, tracei o itinerário da viagem. Apresentei um dos desdobramentos da viagem: a Reunião Educacional.

Por último, “Os discursos sobre a viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos Estados do Norte do Brasil: uma análise”. A princípio, articulei alguns conceitos foucaultianos; em seguida, as designações da viagem; o cenário de recepção a Mercedes Dantas nos estados do Norte; os enunciados discursivos que possibilitaram a “autoria” e a “autonomia” de Mercedes Dantas como sujeito “autorizado” a propagar a reforma de Fernando de Azevedo, os princípios da Escola Ativa, a dissidência entre ABE e FNSE. Enfim, nesse capítulo, delineei

os discursos sobre a viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil na perspectiva de análise dos discursos em uma vertente foucaultiana.

## 1. PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES: VIAGENS, OBJETOS E FONTES

Neste capítulo descrevo, do ponto de vista histórico, algumas pesquisas em torno das viagens e suas variações pedagógicas. Trato do objeto pesquisado, particularmente em relação às questões teórico-metodológicas, os instrumentos de investigação, as fontes históricas documentais, a produção de dados e as categorias de análise. Apresento as dificuldades, mas, também, os múltiplos caminhos para uma realização da AD, particularmente em relação aos discursos referentes à viagem pedagógica aos estados do Norte, realizada pela professora Mercedes Dantas, publicados nos impressos jornalísticos, muitos produzidos e preservados pela professora em seu “Caderno de Lembrança”.

Viajar. Uma atividade de locomoção geográfica realizada pelo ser humano desde os tempos mais remotos. Processo de migração temporária ou permanente em busca de melhores condições de vida ou, mesmo, de sobrevivência.

Em diferenciados espaços temporais, territoriais e marítimos, o homem vem investindo cada vez mais nessas “aventuras”, que sofreram modificações nos objetivos, interesses e nos meios de transporte e comunicação utilizados, com a inserção de inovações tecnológicas, máquinas e equipamentos.

Tempos modernos. O sopro dos ventos e a combustão dos motores alavancaram conquistas, o vapor nos mares e a fumaça dos trens nos ares encurtaram distâncias entre pessoas e suas experiências, fontes de conhecimento, práticas culturais e sociais. Para Franciscato (2005, p. 59), “a energia a vapor foi um dos grandes fatores que aceleraram o modo de vida e o sentido de tempo no século XIX. Além dos barcos e locomotivas movidos pela queima de carvão, outras máquinas a vapor proliferaram-se pela sociedade”. Os jornais também se tornaram poderosos veículos de circulação e divulgação de ideias. Todavia, “a expansão da imprensa dependeu do crescimento econômico dos países e de sua capacidade em desenvolver novas rotas e sistemas de transportes” (FRANCISCATO, 2005, p. 41).

Anterior a isso, as “grandes navegações” do século XV e o processo de colonização empreendidos pelos europeus coadjuvaram para ressignificações de culturas, provocadas por viagens e, conseqüentemente, por imposições aos povos subjugados, entre elas, as dos sistemas de ensino, sustentados por uma natureza religiosa. Segundo Boto (2003, p. 379), “desde o século XVII, a marca estrutural dos colégios religiosos (tanto em países protestantes quanto nos países católicos) impusera um padrão educativo pretensamente constituído com o

propósito de atuar como referência civilizatória”. Não obstante, a educação escolar passou a ser pauta de discussões e, conseqüentemente, exposta a transformações estruturais. A partir do século XIX, surgiram, na educação, novos enfoques, posto que os intelectuais detiveram e atuaram nesse debate quando as viagens de educadores foram intensificadas na década de 20 do século XX, cujo objetivo maior era o de renovar a escola (SOBRAL, 2016).

As viagens, ao longo da história das sociedades, de modo geral, com exceção das coletivas, organizadas por grupos (bandos e hordas) e comunidades, foram reservadas ao gênero masculino, por supor condições de risco – a mulher deveria ser protegida por ser do “sexo frágil”; afastamento do seio familiar – seu lugar seria em meio aos afazeres domésticos; aquisição de novos conhecimentos – dispensáveis ao seu viver e deveres formais.

Frutos da revolução industrial (séculos XVIII e XIX), o mercado e as relações de trabalho se ampliaram exigindo de cada sociedade em particular uma nova roupagem. No início do século XX, como compilou Carvalho (2003, p. 10):

entre os intelectuais que se aplicavam a pensar o Brasil e a avaliar a República instituída, a crença de que na educação residia a solução dos problemas que identificavam. Este entusiasmo pela educação condensava expectativas diversas de controle e modernização social, cuja formulação mais acabada se deu no âmbito do nacionalismo que contamina a produção intelectual do período.

A década de 1930 é marcada por um processo revolucionário em diversos âmbitos entre os quais o político. Houve a deposição do presidente Washington Luís e a posse do Governo Provisório na figura de Getúlio Dorneles Vargas. De acordo Moura (2000, p. 119):

Getúlio Vargas prometeu zelar pela educação nacional e, pelo decreto nº 19.402 de 14 de novembro de 1930, criou o Ministério de Negócios da Educação e Saúde Pública, cujo primeiro titular foi Francisco Luís da Silva Campos, graças a quem havia sido implantada uma reforma de educação em Minas, na década de 1920.

Em meio a esse emaranhado de transformações, à mulher coube uma ascensão gradual em relação à participação social. O cargo de professora, por diversas razões, entre as quais, por um lado, a saída do homem do setor do ensino para outros ramos, como o comércio, e, por outro, o instinto maternal para a lida com as crianças, constituiu-se em um dos elementos dessa mudança, embora a passos lentos. Azevedo (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 145, 18/06/1930, p. 23 – Grifos meus), em conferência a convite da ABE, em 1930, afirmou:

A educação, - apanágio quasi exclusivo da família, - na primeira idade tende certamente a deslocar-se do lar para a escola já pela industrialização crescente, já pelas condições econômicas que obrigam a mulher a

“collaborar na manutenção da família”, já pela tendência do Estado a tomar a seu cargo a educação da criança. **A mulher**, por um lado, já não fica presa ao lar, cuidando dos filhos. Isolada, na antiguidade, em que na solidão dos gyneceus se dedicava somente aos labores domésticos, **passou a partilhar com os homens** dos prazeres da **vida social**, para entrar **a concorrer com eles, no exercício de quasi todas as profissões** e na disputa de funções remuneradas.<sup>3</sup>

Com uma relevância social estabelecida, “uma concorrida partilha”, a mulher passou a desempenhar não somente as funções de educadora no lar, mas tornou-se responsável, na escola, pela formação da criança, do cidadão, do futuro da nação. Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA II, 1936) destacou em artigo intitulado “Gloriosa Tarefa”:

O trabalho e a maternidade foram as únicas funções da mulher, outrora. E de sua condição de serva obediente até a de hoje, colaboradora consciente do homem, a vida tem sido uma trajetória de obscuros sacrifícios.

Eu devera dizer, ascensão, lenta, firme e árdua, onde tudo se exige: o aperfeiçoamento integral a adaptações, a renúncia, a coragem e a tenacidade. Compete à brasileira, no lar, principalmente no lar, na escola, no trabalho, onde quer que esteja... conquistar o brasileiro para o Brasil, o cidadão para o regime.

[...] O trabalho domestico forçado dantanho derivou para o dever da formação de caráter nacional.

E agindo, digo-o eu, ajudar a salvar o Brasil!

E não pode haver mais gloriosa tarefa.

As alterações sociais sinalizavam transmutações também no âmbito do sistema escolar, na infraestrutura dos prédios, no desígnio por incorporação dos métodos de ensino, na formação de profissionais da área, gerando o movimento que ficou conhecido como “entusiasmo pela educação” e “otimismo pedagógico”. Nagle (2001, p. 140) explicitou que:

a consequência deste Estado de espírito foi o aparecimento de amplas discussões e frequentes reformas da escolarização. O que distingue a última década da primeira República das que a antecederam, foi justamente isso: a preocupação bastante vigorosa em pensar e modificar os padrões de ensino e cultura das instituições escolares, nas diferentes modalidades e nos diferentes níveis.

Em nome das propostas de renovação dos sistemas de ensino e, particularmente, das escolas, as denominadas “viagens pedagógicas” foram se realizando com mais frequência, porém inauguradas por homens, geralmente políticos e representantes da Instrução Pública, que intuía renovar a escola, assumir cargos administrativos, visitar e estudar o que estava sendo feito em outros lugares para implantar ou adaptar aos seus estados de origem

---

<sup>3</sup> Em toda a escrita da Tese, em respeito para com as fontes históricas documentais, transcrevi as citações e informações na íntegra, com a escrita do período, observando as regras ortográficas e de gramática.

(SOBRAL, 2016). Sem embargo, muitas mulheres transgrediram parâmetros culturais e se lançaram em experiências audazes, alcançando destaque como profissionais e intelectuais, sobretudo por meio de viagens.

As viagens pedagógicas, aquelas “de caráter oficial ou particular realizadas por educadores com a intenção de se aproximar de políticas educacionais e práticas pedagógicas inovadoras” (MIGNOT; GONDRA, 2007, p. 9), se tornaram um fenômeno da História da Educação de ampla divulgação, tanto no Brasil, como em outros países, e repercutiram mudanças significativas nos mais variados contextos. Com o passar do tempo, começou a ocorrer a presença de mulheres intelectuais na realização de missões de estudos, atividades diplomáticas, congressos, feiras e eventos culturais de diferentes naturezas. Isso trouxe impulso aos estudos comparados em educação, como analisou Sobral (2012, p. 34), pois, na “Europa Ocidental, na América do Norte e na América Latina, evidenciava-se, desde a Renascença, a comparação a partir das navegações e seus viajantes que recontavam e reinterpretavam os modelos pedagógicos aonde iam e os difundiam nos seus países”.

Em parceria, Mignot e Gondra (2007, p. 7), com a colaboração de pesquisadores, como Antônio Viñao, Clarice Nunes, Joaquim Pintassilgo, Jussara Pimenta e outros, organizaram uma coletânea que abrangeu textos com foco nos modelos pedagógicos que foram divulgados, adotados ou adaptados em âmbito nacional e internacional, objetivando:

saber como os modelos viajaram. Que estratégias foram adotadas? Quem participou desse jogo de empréstimos e desvios? Em que termos esse diálogo transnacional pode ser percebido? Que tipo de efeito produziu e vem produzindo na definição de um modelo de educação escolar no Brasil?

Declararam, entretanto, que esta era uma questão “ainda pouco estudada na historiografia da educação brasileira” (MIGNOT; GONDRA, 2007, p. 9), o que significou um alerta quanto à importância de uma investigação sobre a professora Mercedes Dantas e sua viagem pedagógica de 1930, em razão das raras abordagens no meio acadêmico.

Em continuidade aos trabalhos, Mignot (2017) coordenou um dossiê sobre as viagens e narrativas (auto)biográficas, com o agrupamento de treze textos. Destes, dez, em algum momento, discutiram sobre viagens, que tinham, como ponto de partida, cartas, diários, cadernos de alunos, escritas e narrativas. O texto de Mignot descreveu “a viagem da educadora católica Laura Jacobina Lacombe, em 1925, quando partiu do Rio de Janeiro para estudar no Institut Jean-Jacques Rousseau, em Genebra, que à época era o principal centro de produção da Escola Nova” (MIGNOT, 2017a, p. 330).

Geralmente, os intelectuais se sentiam honrados e até envaidecidos em anunciar, em jornais e revistas, a viagem e seus detalhes. Mignot (2017a, p. 334) fez questão de chamar a atenção ao fato de que não foi assim com Laura Jacobina Lacombe, cuja exclusiva escrituração foi a confecção de um álbum de viagem e no mais, “não deixou documentos que permitam interpretar suas inquietações, medos e expectativas, enquanto se distanciava do Rio de Janeiro ou se aproximava do porto de destino. Uma única fotografia registra a viagem a bordo do navio Alba, que a levou à Europa para estudar”.

Pimenta (2017, p. 343) tomou como objeto de pesquisa os “diários de bordo” em uma apreciação dos traços autobiográficos contidos nas crônicas escritas por Cecília Meireles durante a primeira viagem a Portugal, entre outubro e dezembro de 1934, intencionando “compreender parte do universo de quem escreve, de quem questiona o seu lugar e também o panorama cultural, político e educacional brasileiro do período”. Pimenta (2015, p. 56) utilizou-se dessas narrativas publicadas no jornal A Nação, porém salientou que estava à procura de

sinais que fossem suficientes para entender onde e em qual momento o diário deixa de ser apenas um relato dos fatos ocorridos durante a viagem e que serão transmitidos aos leitores do jornal A Nação para se tornar autobiográfico ou autorreferencial, tecendo os sentidos, as impressões e as expectativas da travessia num claro entrelaçamento da vida profissional com a esfera íntima da educadora.

Cardoso (2017, p. 359) se dedicou a “analisar a história e os fatores que levaram Anísio Teixeira, enquanto Diretor Geral da Instrução Pública, no antigo Distrito Federal, e a Associação Brasileira de Educação (ABE) a investir em viagens de professores brasileiros aos Estados Unidos”. A autora fundamentou sua pesquisa nos relatórios de viagens e entrevistas, mediante o manuseio de cartas, fichas cadastrais, decretos, revistas educacionais e jornais. Indicou nomes de professores viajantes e os motivos por quais foram aos Estados Unidos, destacando a boa relação do Brasil para com esse país, o que permitiu uma formação docente em outros campos do saber.

Já Amorim (2017, p. 378) trabalhou com a possibilidade de “explorar os sentidos da escrita de si nas narrativas de um educador viajante”, quando, comissionado pelo governo do Rio Grande do Norte, em 1923, Nestor dos Santos Lima foi encarregado de viajar para conhecer o ensino e seu desenvolvimento no Brasil, Uruguai e Argentina. Utilizando-se do relatório “Da Organização do Ensino Normal, Profissional e Primário no Sul do Brasil e no

Rio do Prata (1923)”, Amorim problematizou a escrita de si, dos relatos e das impressões do educador.

No concernente às viagens pedagógicas no território brasileiro, algumas “excursões” foram realizadas e houve empréstimos de intelectuais ou de conhecimentos no âmbito da educação de um estado a outros. Eram acontecimentos sociais de grande relevância a ponto de atrair a imprensa local, responsável por divulgar as notícias sobre os viajantes, que passavam a ser replicadas em jornais de diferentes estados (SOBRAL, 2016). Essas viagens tinham características variadas, classificando-se em comissionadas pelos poderes públicos, solicitação de interesses particulares, ou por conta do próprio viajante.

O Brasil nos anos de 1930, por ausência de uma cartografia oficial, estava dividido basicamente em dois polos: o Norte e o Sul. O Norte, composto pelo conjunto dos estados do Amazonas até o Espírito Santo, foi trajeto e cenário de uma dessas viagens, um movimento em prol da difusão e modernização dos métodos e técnicas do ensino, pelo viés da Escola Nova, um período de propagação, por meio da mídia impressa, principalmente dos jornais, veículos de grande circulação de notícias e informações regionais, nacionais e internacionais, dos discursos de ilustres personalidades e seus atos, como os proferidos pela professora Mercedes Dantas em uma viagem comissionada pela FNSE.

Surpreendeu-me o fato de uma mulher, no início do século XX, viajou em companhia da mãe, conseguir adentrar espaços sociais e políticos com menções honrosas. Oriunda de uma tradicional família baiana, a professora passou a ser reconhecida – culminando no recebimento de certificado de naturalização e cidadã carioca – e ter a presença requisitada em diversos eventos por todo o país, representando os ideais da educação no Rio de Janeiro que, à época, tinha implementado uma reforma na Instrução Pública realizada por Fernando de Azevedo.

Fernando de Azevedo, um mineiro que atuou na educação do estado de São Paulo e, indicado por Antônio Prado Junior (1880-1995), o prefeito do Rio de Janeiro na ocasião, assumiu a Instrução Pública em 17 de janeiro de 1927. Seu projeto de reforma educacional pode ser considerado uma continuidade dos trabalhos já realizados em São Paulo desde 1924 e daqueles iniciados por idealizadores que o antecederam na sociedade fluminense, a exemplo de Carneiro Leão (1887-1966). Porém, a implantação da escola ativa no Rio de Janeiro com Azevedo apresentou uma nova perspectiva, com sua insígnia (SOBRAL, 2016). Azevedo (1929, p. 11) afirmou:

se se considera, por um momento, a profunda amizade que me liga a Renato Jardim<sup>4</sup> e a nossa estreita afinidade de idéas, em questões de ensino, compreende-se desde logo que a administração conduzida com mão de mestre pelo meu antecessor e tão justamente prestigiada por vós, não sofrerá, com os meus esforços, o menor abalo ou mais ligeira quebra de continuidade.

Após alguns serviços prestados à Instrução Pública por nomes como Antônio Carneiro Leão (Diretor Geral da Instrução Pública, 1922-1926), José Getúlio da Frota Pessoa (Secretário Geral da Instrução Pública em 1916 e Subdiretor da Instrução Pública na Diretoria da Instrução Pública, convidado por Fernando de Azevedo), a reforma azevediana, entre 1927 e 1930, não só alavancou a situação do Distrito Federal, mas foi um impulso para dinamizar as reformas nos outros estados.

A viagem pedagógica de Mercedes Dantas coadunou esforços para mapear o que havia sido realizado nas localidades em específico e em que situação se apresentavam os sistemas de ensino. Também fundou associações de educadores, que se filiaram a FNSE, pois havia a proposta de uma “Reunião Educacional”, um evento nacional envolvendo os representantes dos estados convidados, com a exposição e difusão de inovações, adoções ou adaptações referentes à modernidade pedagógica.

Assim, nos anos de 1930, a professora Mercedes Dantas empreendeu, com apoio e financiamento do governo do Rio de Janeiro, a “Viagem aos Estados do Norte”, que teve por intuito a difusão da proposta de renovação pedagógica, pautada nas inspirações de Fernando de Azevedo em um período compreendido por mudanças que marcaram o cenário educacional em todo o país, encetadas pelo escolanovismo, a exemplo do estado da Bahia, que contava com um ilustre intelectual, desenvolvendo, paralelamente, projetos de reforma para a Instrução Pública, Anísio Teixeira.

Anísio Spínola Teixeira (1900-1971), natural de Caetité - Bahia, contemporâneo de Mercedes Dantas (1900-1982) e de Fernando de Azevedo (1894-1974), foi nomeado para cargos importantes na Instrução Pública no Ceará (1922-1923), na Bahia (1924) e no Rio de Janeiro (1931-1935), sucessor de Fernando de Azevedo.

Com a ditadura de Vargas, demitiu-se do cargo em 1936 e regressou à Bahia, reassumindo a pasta da Educação em 1947. Um exímio viajante, trafegou pela Espanha, Bélgica, Itália e França, em 1925. Aos Estados Unidos, fez duas viagens entre 1927 e 1929.

---

<sup>4</sup> Renato Jardim (1867-1951), intelectual que participou ativamente nos eventos que marcaram o cenário político e a vida das instituições de ensino no Brasil nas primeiras décadas do século XX, em especial nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro (CUNHA; SILVA, 2013, p. 78).

Tornou-se o primeiro tradutor brasileiro das obras do norte-americano John Dewey (1859-1952). Segundo Pinazza (2007, p. 64),

Os pressupostos de Dewey, impressos em diversos periódicos especializados da área de educação, marcam a chegada do ideário escolanovista à pedagogia brasileira, por volta do final da década de 1920 e início da década de 1930 junto a outros expoentes desse movimento, como Adolphe Ferrière, Pierre Bovet, Édouard Claparède, Ovide Decroly e Maria Montessori.

John Dewey foi, sem dúvida, um grande colaborador para se pensar a educação em diversos países, não se excetuando o Brasil. Sua produção intelectual é, mesmo após alguns anos, recomendada para a compreensão da História da Educação nacional e internacional, como “Experiência e Educação” (1938), livro traduzido por Anísio Teixeira pela Companhia Editora Nacional, em 1971. No entanto, como especifica Nunes (2000, p. 14), conduziu o exemplo à moda brasileira, visto que:

Anísio Teixeira não assimilou Dewey incondicionalmente. Ao contrário dele, que acreditava no pleno êxito das reformas educativas em países pouco desenvolvidos pela ausência de tradições culturais aí arraigadas, Anísio Teixeira conhecia e denunciou criticamente a força dessas tradições na sociedade brasileira.

Como as referências teórico-documentais são aportes determinantes de alguns caminhos para a pesquisa, a produção dos dados é um processo que se constitui em uma problematização das fontes, sendo estas os depositórios dos discursos, “um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva” (Foucault, 1986, p. 135): a viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil, em 1930.

## 1.1 PROBLEMATIZANDO AS FONTES

Para Foucault, de acordo Fischer (2001, p. 198-199), “há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento. Analisar o discurso seria dar conta exatamente disso: de relações históricas, de práticas muito concretas, que estão ‘vivas’ nos discursos”. Em historiadores como Foucault, o documento assume um papel de monumento e, para uma Análise do Discurso, torna-se imprescindível

operar sobre os documentos, desde seu interior, ordenando e identificando elementos, construindo unidades arquitetônicas, fazendo-os verdadeiros “monumentos”. É perguntar: por que isso é dito aqui, deste modo, nesta

situação, e não em outro tempo e lugar, de forma diferente? É investigar sobre as posições necessárias do falante, para que ele efetivamente possa ser sujeito daquele enunciado (FISCHER, 2001, p. 205).

Tomados por instrumento de análise discursiva, os impressos são considerados, por historiadores da educação, como fontes documentais com grandes possibilidades de acesso, manuseio e produção científico-acadêmica e de dados, por imprimirem não exclusivamente informações noticiosas, mas um amplo movimento de construção e desconstrução, de cunho histórico, filosófico, político, econômico, social e cultural. Constituem um âmbito de comunicação, em que se inserem enunciados, discursos, tramas, práticas discursivas, séries, séries de séries, por fim, quadros que denunciam regularidades, tanto jornalísticas, quanto históricas.

A imprensa brasileira tornou-se múltipla, e múltiplos foram os veículos de informação e opinião que, introduzidos em meio a atos de censura, configuraram-se e se mantiveram durante anos. Alguns jornais “centenários continuam a circular, mas não são mais do que sombras do que foram. Esse quadro novo, sob muitos aspectos desolador, decorreu, sem dúvida, do fato de que um grande jornal, hoje, é uma empresa capitalista de grandes proporções” (SODRÉ, 1996, p. XI), porém não na mesma perspectiva de outrora, não se extinguíram, mas atuam, de forma medida e de acordo com as remodelações e demandas sociais.

A viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas foi reportada como uma narrativa em periódicos impressos (jornais e revistas pedagógicas e culturais), conduzida pela concessão de entrevistas ou de publicações outras, provenientes, tanto de autoridades dos setores educacionais dos diferentes estados em que fizera passagem, como de artigos de opinião da própria intelectual ou de pessoas não ligadas diretamente à administração pública, indivíduos que se posicionaram em relação à reforma da educação e à viagem realizada, motivados pelos aspectos noticiosos.

Em um processo diário, a reprodução das notícias a respeito da professora Mercedes Dantas e sua viagem pedagógica tornou-se uma constante, contando com detalhes acrescidos a cada publicação nos jornais, uma pretensa atualização. Por isso, os impressos são instrumentos de análise, na medida em que, como afirmou Barbosa (2009, p. 21),

os jornais instauram momentos particulares de uma formação histórica específica, mapeados em termos de “início incipiente”, desenvolvimento “particular”, construções de um novo tempo governado pela lógica da tecnicidade, implantação de uma imprensa de massa e assim por diante, numa sucessão de tempos infinitos e peculiares.

A estratégia inicial para elaboração de um banco de dados para a pesquisa foi a busca por jornais impressos do período investigado, porém em versões digitalizadas, disponibilizadas em bibliotecas virtuais, como a Biblioteca Nacional Digital (BNDigital), e a assinatura de acervos de empresas jornalísticas, como O Globo.

Aparentemente, um serviço de catalogação bastante simples: acessar o site “<http://memoria.bn.br>” e pesquisar exemplares dos periódicos que fizessem referência à professora Mercedes Dantas e à reforma de Fernando de Azevedo. Embora as notícias, os discursos e os atos publicados sobre a Instrução Pública, mesmo não sendo “notícia de capa” para ocupar a primeira página das edições, talvez por não serem assuntos de destaque e interesse principal do governo pelo caráter periférico, quase sempre estavam situados à página 6 dos exemplares consultados. Outros, em páginas mais distantes. Porém, nada estava posto. Com a proximidade do evento, a “Reunião Educacional”, prevista para setembro de 1930, um dos focos da viagem de Mercedes Dantas, estava propensa a ocupar as páginas iniciais ou, até mesmo, a página de abertura das edições.

A pesquisa intuiu-se por natureza qualitativa que, como na maioria de outros trabalhos científicos acadêmicos, não descartou a composição ou compilação de dados quantitativos, e vice-versa. Foram adicionadas doze palavras-chaves e gerada a informação da quantidade de vezes que cada uma delas em separado havia sido mencionada, para início da produção de um acervo de informações. O primeiro termo especificado foi “Mercedes Dantas”, considerando os anos entre 1920-1929 e 1930-1939. O Quadro n. 01 demonstra os dez periódicos que mais publicaram sobre a professora nesses intervalos de tempo:

Quadro n. 1: Mercedes Dantas - Citações nos jornais impressos entre 1929 e 1939

PERIÓDICO IMPRESSO 1920-1929			PERIÓDICO IMPRESSO 1930-1939		
01	A Manhã (RJ)	147	01	Jornal do Brasil (RJ)	410
02	Jornal do Brasil (RJ)	113	02	A Manhã (RJ)	147
03	Correio da Manhã (RJ)	72	03	Correio da Manhã (RJ)	72
04	O Jornal (RJ)	63	04	Jornal do Commercio (RJ)	61
05	Gazeta de Notícias (RJ)	60	05	O Malho (RJ)	58
06	O Malho (RJ)	58	06	Beira-Mar: Copacabana, Ipanema, Leme (RJ)	50
07	O Paiz (RJ)	57	07	Diário de Notícias (RJ)	50
08	Jornal do Commercio (RJ)	51	08	A Noite (RJ)	50
09	Beira-Mar: Copacabana, Ipanema, Leme (RJ)	50	09	Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiante (RJ)	48
10	Fon Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiante (RJ)	48	10	Diário Carioca (RJ)	40
	TOTAL	719		TOTAL	986

Fonte: Elaborado por Rosemeire Amaral, com base no repositório da BNDigital (2017).

Como podemos observar, os jornais que mais publicaram enunciados sobre Mercedes Dantas foram os estabelecidos no Rio de Janeiro (Quadro n. 1). Entretanto, isso não significa que, necessariamente, seriam todos esses os periódicos utilizados para a análise de discursos pretendida, pois, a depender do caráter publicitário, do enfoque das notícias e dos enunciados, eles não se detinham em questões políticas, muito menos educacionais. Todavia, os jornais com um menor número de notas referentes a Mercedes Dantas, principalmente os sediados em outros estados, não foram excluídos da observação. Alguns foram pontuais no fornecimento de elementos que favoreceriam os critérios da análise.

A viajante percorreu diversos estados, o que resultou em uma ação mais que natural: a procura por publicações de jornais dos respectivos lugares. Sendo o instrumento maior de pesquisa a BNDigital, verifiquei que nem todos os jornais locais tinham no acervo exemplares que retratassem esse acontecimento, como observamos no Quadro n.2:

Quadro n. 2: Mercedes Dantas - Citações nos jornais impressos entre 1929 e 1939 em diferentes estados

LOCALIDADE	PERIÓDICO	PERÍODO	CITAÇÕES
Alagoas	Revista de Ensino	1927-1931	12
Amazonas	Jornal do Commercio	1930-1958	6
Bahia	-	-	-
Ceará	A Razão: Independente, Político e Noticioso	1930	3
Espírito Santo	Diário da Manhã	1930	12
	Vida Capixaba	1930	2
Maranhão	O imparcial	1927- 1930	10
	Pacotilha	1927-1934	6
	O combate	1930	2
Pará	Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros	1930	1
	Mensagens do Governador do Pará à Assembleia	1930	1
Paraíba	-	-	-
Pernambuco	Pequeno Jornal: Jornal Pequeno	1927-1949	6
	A província	1930	5
	Jornal do Recife	1930	4
	Diário de Pernambuco	1926	1
Rio Grande do Norte	Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros	1930	1
	Mensagens do Governador do Rio Grande do Norte para a Assembleia	1930	1
Sergipe	-	-	-
<b>TOTAL</b>	-	-	<b>73</b>

Fonte: Elaborado por Rosemeire Amaral, com base no repositório da BNDigital (2017).

A Bahia, bastante enaltecida por Mercedes Dantas, não apresenta, no repositório da BNDigital, qualquer periódico que informe sua passagem por esse estado. Isso aconteceu também com a Paraíba e Sergipe. Esse fato levou-me à busca de outras bibliotecas. Desloquei-me até o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), onde constatei que

os únicos editoriais sergipanos disponíveis e que faziam menção ao objeto de estudo em questão foram os mesmos utilizados por Santos (2011), “Correio de Aracaju” e “Sergipe Jornal” e, restritamente ao mês de agosto de 1930, período referente à estada de Mercedes na capital sergipana.

Isso implicou pensar aspectos relativos às seguintes questões: quais os jornais que divulgaram a viagem pedagógica em questão? Qual espaço social em que estavam inseridos, ou seja, qual a relação entre autonomia e concessão para que publicassem notícias relativas à viagem? Mais uma postura foucaultiana de análise entre saber e poder para com as empresas jornalistas e os discursos. Essa constatação fez-me apurar todos e quaisquer enunciados envolvendo a professora Mercedes Dantas, ainda que uma publicação aleatória, transpondo a simplicidade da pesquisa para uma minuciosa investigação, o que demandaria mais tempo, um olhar mais apurado.

Entre os jornais impressos, o Jornal do Brasil foi o que mais correspondeu aos critérios de seleção das fontes históricas (Quadro n. 1). A história do Jornal do Brasil remeteu-me aos anos finais do século XIX, mais precisamente a 1891. Dirigido por Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas (1854-1901), seu primeiro diretor, foi conduzido por intelectuais monarquistas, seguindo a carruagem do sistema capitalista – como destacou Sodré (1996) –, consagrou-se logo como uma empresa e com inovações importantes, como a distribuição em carroças pela cidade e a existência de correspondentes estrangeiros, entre eles Joaquim Nabuco (1849-1910).<sup>5</sup>

Como empreendedor de comunicação de circulação nacional, abarcou notícias de todo o país e do exterior, repercutindo também pelos séculos XX e XXI. Em 2010, modificou a formatação de suas edições, deixando “de ser impresso, mantendo apenas a versão *on line*” (SITE OFICIAL BNDigital).<sup>6</sup>

O Jornal do Brasil resguardou a memória de seu trabalho, da sociedade fluminense e, conseqüentemente, da brasileira, digitalizando as edições anteriores, entre 1890 e 2009, em uma versão *on line*, o que permitiu um acesso aos impressos publicados nas décadas de 1920 e 1930. Esses impressos estão disponíveis por intermédio do site da BNDigital, cuja missão é

---

<sup>5</sup> Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo, nascido em Pernambuco em 1849, iniciou seu curso na Academia de São Paulo, concluindo-o na escola do Recife em 1870. Entrou para a carreira diplomática, representando os interesses do Brasil junto do rei da Itália, quando foi submetida à arbitragem a questão de limites com a Guiana Inglesa. Grande abolicionista, pugnou pela aprovação do projeto de lei que deu liberdade aos escravos em 13-5-1888. Com a proclamação da República colocou-se ao lado da monarquia derrubada, afastando-se da política nacional (ARRUDA, 1998, p. 146).

<sup>6</sup> Para saber mais, acesse: <http://bndigital.bn.gov.br>.

“preservar a memória cultural e proporcionar o amplo acesso às informações contidas em seu acervo”, objetivando “preservar os documentos originais evitando o manuseio desnecessário” (SITE OFICIAL BNDigital) e inadequado de seus arquivos.

No quadro que segue, partindo das palavras-chaves estabelecidas, acondicionei as ocorrências no Jornal do Brasil entre as décadas de 1920 e 1930:

Quadro n. 3: Palavras-chaves e suas ocorrências no Jornal do Brasil (RJ), 1920-1939

PALAVRA-CHAVE	1920-1929	1930-1939
Mercedes Dantas	113	410
Mercedes Dantas de Itapicurú Coelho	14	23
Fernando de Azevedo	763	550
Instrução Publica	3775	1639
Instrução Primaria	670	162
Escola Activa	125	47
Escola Nova	107	315
Associação Brasileira de Educação (ABE)	489	1094
Ensino Primário	1168	1588
Reforma de Instrução	80	23
Chronica do Ensino	55	0
Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE)	15	101
TOTAL	7.374	5.952

Fonte: Elaboração de Rosemeire Amaral (2017).

Observando o Quadro n. 3, encontramos 7.374 ocorrências entre 1920 e 1929 e 5.952, entre 1930 e 1939, somando-se 13.326 visitas ao site. Essa imensa quantidade – o que não garantia acesso ao acervo ou às informações para a pesquisa – tornou-se um dos primeiros impasses. Não obstante, ao debruçar-me por vários dias sobre a análise das publicações, percebi que muitas outras ocorrências não haviam sido contabilizadas pelo sistema de pesquisa automático. Isso me levou a inserir diversificações entre as denominações “Mercedes Dantas” e “Mercedes Dantas de Itapicurú Coelho”, visto que havia outras Mercedes Dantas, com divergentes assinaturas, não a que me interessava, o que não ocorria ao diferir “Fernando Azevedo” e “Fernando de Azevedo”.

Naquele contexto, “primeiras décadas do século XX, emergiram jornais de diversas facetas e orientações políticas: republicanos, socialistas, operários. Os jornais eram, a princípio, dirigidos para todas as classes, modificando-se a relação destes com o público” (SOBRAL, 2012, p. 53). Uma coluna jornalística chamou-me a atenção – “Chronica do Ensino”. Parte das publicações exclusivamente da década de 1920 e assinada por um professor de nome José Junior, um espaço em que se debatia, de maneira incisiva, a questão do ensino, as evidências e os projetos para a reforma de Fernando de Azevedo e que, muitas

vezes, continha mensagens relevantes e, até mesmo, os termos utilizados no critério de buscas, contudo não estava incluída no sistema automático.

Voltando ainda ao Quadro n. 3, certifiquei-me, mesmo levando em conta a margem de “erro”, que Fernando de Azevedo e, provavelmente, sua reforma, pautaram debates no cenário social, mais frequentemente entre 1920-1929, com 763 citações, do que entre 1930-1939, talvez como consequência da implantação de seu plano de ação ou novas mudanças no âmbito escolar, como a sua saída do cargo ainda em 1930. Nessa mesma linha de entendimento, encaixaram-se as discussões com foco na Instrução Pública, Instrução Primária, Escola ativa, enfim, Reforma de Instrução.

Dois órgãos foram criados e estabeleceram-se como centro de decisões no setor educacional na época, com um índice crescente de citações e divulgações de seus trabalhos nos jornais, culminando em 1.699 intercorrências:

a) A Associação Brasileira de Educação (ABE), criada em 1924. O próprio Fernando de Azevedo (1940, p. 383) destacou que:

essa sociedade de educadores, - a primeira que se instituiu no Brasil, com caráter nacional - , foi, sem dúvida, um dos instrumentos mais eficazes de difusão do pensamento pedagógico europeu e norte-americano, e um dos mais importantes, senão o maior centro de coordenação e de debates para o estudo e solução dos problemas educacionais, ventilados por tôdas as formas, em inquéritos, em comunicados à imprensa, em cursos de férias e nos congressos que promoveu nas capitais dos Estados.

A ABE tinha como um dos principais estímulos a adoção ou adaptação dos modelos pedagógicos europeu e norte-americano no cenário educacional brasileiro, somando experiências por todos os estados, empregando, testando e divulgando métodos modernos de ensino escolar.

b) A Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE), órgão criado no ano de 1929 e vinculado à ABE, com o “objetivo de coordenar os esforços de todas as sociedades federadas, em prol da educação nacional” (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 182, 31/07/1929, p. 14). A viagem da professora Mercedes objetivou também a criação de associações ou sociedades de educação nos estados do Norte em que ainda não houvesse uma organização do setor educativo.

Embora a ABE tenha institucionalizado a FNSE, com o processo de produção dos dados e levantamento de informações, fontes históricas, em especial enunciadas nos impressos jornalísticos, foi levada à suspeição de uma dissidência entre esses órgãos. Mercedes Dantas foi incumbida de aglomerar um plausível número de adeptos às novas

direções em que a Instrução Pública seguia e, ao mesmo tempo, criar associações de docentes nortistas, que, em muitos casos, a solicitaram para representá-los na “Reunião Educacional”, o que discutirei com mais detalhes no Capítulo 3.

Esquadrinhado esse extenso quadro numérico, era preciso filtrar alguns dados. O que fazer? Decidi-me, então, pensar na ideia de que os anos entre 1920 e 1926 não seriam de grande valia, naquele momento, para a investigação a respeito da reforma educacional de Fernando de Azevedo, visto que sua transferência do estado de São Paulo para o Rio de Janeiro se dera em 1927. Estava aí um dos caminhos a trilhar: compilar os dados dos jornais publicados no ano de 1927 e subsequentes, exclusivamente para a análise sobre a vida e atos de Fernando de Azevedo, no tocante ao estado carioca e à Instrução Pública.

Para aquele ano, havia 312 edições do *Jornal do Brasil*, com 258 registros referentes à pessoa de Fernando de Azevedo. Desses, cerca de 90 publicações foram transcritas para arquivos no *software Word*, em função da abordagem da pesquisa, adequação aos critérios de historicidade, exterioridade, segundo a vertente foucaultiana de análise de discursos.

Conquanto não as tenha utilizado em sua totalidade, elas foram essenciais para que tomássemos conhecimento de eventos ocorridos na área da educação brasileira daquele período: a transferência de Fernando de Azevedo para o estado do Rio de Janeiro, a recepção por parte dos fluminenses, o reconhecimento das condições em que se encontrava a Instrução Pública no Distrito Federal, as conquistas no enfrentamento das questões da educação, dos representantes, a elevação do prestígio social, enfim, os meandros do projeto da reforma e sua implementação. Não localizamos em nenhuma publicação o momento do encontro entre Mercedes Dantas e Fernando de Azevedo. Esperava que, em algum trecho da documentação jornalística, esse evento fosse abordado. Porém, esse fato foi silenciado.

Quanto à professora Mercedes Dantas, as publicações da década de 1920 como um todo foram postas à observação. Todo o percurso de Mercedes seria de essencial interesse para compor um perfil biobibliográfico, o que pressupus ser instrumento para a compreensão de seu engajamento em setores sociais, como a comunicação, a política e a educação, lugares institucionais que, provavelmente, a levaram até a opção de apoiar e divulgar, após ser convidada para tal, o projeto de reforma de Fernando de Azevedo. Conformando esse cenário, resolvi realizar a assinatura do jornal *O Globo*, cujas “páginas digitalizadas estão organizadas por edição e podem ser acessadas de duas formas: pela data exata, usando a ferramenta de

busca por edição; ou na pesquisa por termos e palavras-chaves” (SITE OFICIAL O GLOBO).<sup>7</sup>

Apliquei ao jornal O Globo o mesmo procedimento adotado para com o Jornal do Brasil. Porém, diferente deste último, o processo de pesquisa no acervo de O Globo é muito mais complexo pelo fato de que não são destacadas as ocorrências das palavras-chaves por edição/página do jornal e, sim, por citação em cada página, o que dificulta a localização no impresso. Mesmo indicando o termo da pesquisa entre aspas, o site desconsiderou a restrição, lançando, ao número final, páginas que continham apenas parte dos itens pesquisados, ou seja, às vezes, destoante do tema solicitado, podendo haver ainda homônimos.

Mercedes Dantas foi jornalista, escritora e editora dos mais variados impressos. Tornou-se colaboradora do jornal O Globo (N. 65, 01/10/1925, p. 2), evidenciado neste excerto de 1925:

Mercedes Dantas não é, porém, um pseudonymo. A chronica “Minha vez”, com que inicia hoje a sua preciosa collaboraçã, já revela as tendências de um espírito preocupado pelo desejo de elevaçã, pela necessidade de ver augmentada a cultura moral e intellectual e corrigidas as falhas que resultam da ignorância e do erro. E estamos seguros que lhe será fácil obter as sympathias dos leitores pela claridade, firmeza e alto idealismo dos seus escriptos.

Em 1927, Mercedes reconheceu a importância da passagem do segundo aniversário do jornal para a sociedade carioca: “Tem sido o GLOBO, na imprensa carioca, um raro e esplendido exemplo como órgão de doutrina e combate, inflexível dentro do programma que se traçou, leal e franco na luta e nos princípios que defende” (DANTAS, O Globo, 01/08/1927, p. 2). Declarou, com apreço: “iniciei minhas primeiras lidas jornalísticas em suas columnas. Acompanhando-lhe de perto e entusiasticamente todos os seus nobres triumphos” (DANTAS, O Globo, 01/08/1927, p. 2).

Quanto ao jornal A Manhã (RJ), de acordo com Silva (2016, p. 13), “tem sido utilizado em estudos tanto por historiadores, como por cientistas políticos e teóricos literários, uma vez que o jornal é fonte importante de análise da propaganda do Estado Novo e da trajetória de intelectuais que com ele colaboraram”.

Entre as edições do jornal A Manhã (RJ), disponibilizadas *on line*, não há noticiário sobre as viagens pedagógicas, pois não constam registros entre os anos de 1930 e 1934 no site BNDigital. Hermes Fontes (A MANHÃ (RJ), N. 88, 10/04/1926, p. 3) fez referência a

---

<sup>7</sup> Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com>.

Mercedes Dantas, em 1926, quando exclamou que, com um “talento ousado, de uma encantadora ousadia sem desrespeito, a nova escriptora exprime-se sem torcicolos e observa a feira-livre da vida, sem perder de vista a hygiene e a elegância e sem afrontar os riscos do exagero e do ridículo”.

O jornal O Paiz (RJ) também é considerado como uma plausível fonte para a pesquisa, estando entre os dez destacados. Por ser um dos mais clássicos do Brasil,

foi um jornal diário de grande circulação lançado em 1º de outubro de 1884, no Rio de Janeiro (RJ), por João José dos Reis Junior, o conde de São Salvador de Matozinhos. Conservador e de grande expressão, considerado o mais robusto órgão governista da República Velha, foi um dos maiores formadores de opinião na política e na sociedade brasileiras entre o fim do século XIX e o começo do século XX. Durou até 18 de novembro de 1934, quando foi fechado pela Revolução de 1930.<sup>8</sup>

Entre outros agravantes para o andamento da pesquisa, estavam:

a) as condições de fornecimento de energia elétrica, o status e funcionamento das redes de internet e a performance do site que, muitas vezes, “travava”, retornava à página inicial sem ser solicitado pelo usuário ou mantinha a página inerte por determinado tempo;

b) a aparência dos jornais impressos que, em razão do ano de publicação, tinham sofrido desgastes, como cortes, rasuras, manchas. O tipo de material empregado (tinta, papel) e a técnica utilizada influenciaram na conservação e apresentação do registro, comprometendo a legibilidade do documento;

c) a necessidade de aumento da escala de tamanho das imagens, a fim de favorecer melhor visualização e melhor possibilidade de leitura.

Entre outros, estes agravantes demandaram um tempo maior para execução do levantamento de dados.

Uma segunda investida no processo investigativo sobre a professora Mercedes Dantas foi me tornar uma viajante. Agendei visitas aos estabelecimentos responsáveis pela guarda de arquivos ou acervos históricos no Rio de Janeiro, por cerca de duas semanas:

a) À ABE, onde pensei que haveria uma farta documentação relativa à reforma educacional empreendida por Fernando de Azevedo e, por conseguinte, à professora Mercedes Dantas, que, provavelmente, estaria citada ou engendrando algumas produções. Seu nome soou estranho aos atendentes. Nunca se ouvira falar dela. Tive acesso às obras de Fernando de Azevedo, como “A Reforma do ensino do Distrito Federal” (1929), “Novos

---

<sup>8</sup> Para saber mais, acesse: <https://bndigital.bn.gov.br/artigos/o-paiz/>

caminhos, novos fins” (1931), “As universidades no mundo de amanhã” (1947); os Boletins de Educação de 1925, 1926, 1927 e 1930; as Correspondências enviadas (1930-1932); as Correspondências recebidas (1925-1930); os dossiês de Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo (com um número reduzido de material). Nem ao menos uma nota de rodapé sobre Mercedes Dantas.

b) Ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), a Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas. O único indício do período foi uma carta crítica a respeito da reforma de Fernando de Azevedo, escrita pelo professor José Marques de Abreu, em 13 de outubro de 1931, além de um “nada consta” no acervo.

c) À Câmara Municipal do Rio de Janeiro, onde foi vereadora pelo Partido Republicano, entre 1947-1950. Achei que, por certo, disponibilizariam o mínimo de documentação sobre a sua estada naquela casa. Enganei-me, mais uma vez. O acervo “organizado” se refere a arquivos a partir do ano de 1970, conforme me informaram.

d) À Biblioteca Nacional, em uma reforma que se manteria por mais alguns meses. Lá pude ter acesso somente à sessão de livros, na qual estavam alocadas as obras “O nacionalismo de Castro Alves” e “A força nacionalizadora do Estado Novo”. Pela pesquisa geral, no sistema *on line*, aglomerando todas as outras sessões, o nome Mercedes Dantas quase não apresentou registros: um artigo intitulado “Educação” na Revista Brasil Feminino, volume 1, de fevereiro de 1932 – texto disponível no BNDigital – e alguns registros fotográficos ou desenhados.

e) Ao Arquivo Nacional, relacionando termos de busca, ainda que, nos arquivos confidenciais, outrora não expostos ao público pesquisador, algumas citações do nome da professora, como a participação no Primeiro Congresso de Brasilidade (1941).

f) Ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro. Como integrante dessa instituição, seria provável que fossem resguardados vestígios de sua passagem pela instituição. Nenhum resultado. Uma aquisição gratificante foi a localização, no “Dicionário das Famílias Brasileiras” de Barata e Bueno (1999), da origem do sobrenome Dantas e do coronel José Dantas de Itapicuru (1798-1862), o Barão do Rio Real (Bahia), provavelmente o avô da professora Mercedes Dantas.

g) À Associação Brasileira de Imprensa (ABI), visto que Mercedes Dantas foi a primeira mulher a assumir um cargo de direção e um dos vinte e um primeiros sócios-membros da instituição. Ao ser recepcionada, o mesmo estranhamento fora-me apresentado.

Recebi um pedido de que aguardasse, já que alguém iria retornar-me por *e-mail* para conferir-me documentos sobre a professora. Após uns quatro dias, na correspondência eletrônica, mais uma vez, “nada consta”. Questionei sobre os documentos de inauguração da ABI, da cerimônia de abertura dos trabalhos, da sessão de posse dos diretores. Não obtive resposta.

h) Ao Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro (AGCRJ), que me inspirou grande esperança. Elaborei uma lista com o nome completo de Mercedes Dantas e todos os elementos que pudessem estar relacionados à sua viagem aos estados do Norte do Brasil: Fernando de Azevedo, Instrução Pública, viagem pedagógica, estados do Norte, reforma educacional, entre outros. Passados alguns dias, uma ligação telefônica entusiasmada: “Encontramos vários documentos”. Chegando ao Arquivo, o nome da professora estava isolado, pois não havia rastros, muito menos fontes históricas a seu respeito. No entanto, uma lista com códigos internos, sem títulos, informações que só os funcionários do local sabiam decifrar. De posse de duas pastas, não visualizei objetos ou informativos que colaborassem com a pesquisa.

i) Ao Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ) - Centro de Memória da Educação Brasileira (CMEB). Sem dúvida, o que se adequou aos meus anseios. Obras originais da professora Mercedes Dantas, “Adão e Eva” (1928), “As grandes diretrizes Nacionais da Escola Primária” (1942); Boletins de Educação Pública abril-junho (1930) e julho-dezembro (1932); o histórico do Curso Normal de Mercedes Dantas (1913-1916) e a ficha cadastral da profissão docente no Instituto de Educação; algumas designações de cargos ocupados; um discurso na posse do diretor do Instituto de Educação, em 1960.

j) À Escola Alberto Barth. Bem atendida por telefone, fui informada de que a instituição não possuía documentação desse período, já que um incêndio ocorrido nos anos de 1930 destruiu todos os arquivos da escola.

A pesquisa em História da Educação no Brasil conta com um depoimento em comum, em diferentes estados, em se tratando da década de 1930, quanto à manutenção do acervo ou das fontes históricas: a documentação de algumas instituições, entre elas, as escolas, fora destruída ou sofrera incidentes, como incêndios. Estes povoam o senso comum de críticos e pesquisadores por seu explícito caráter “acidental”. Teriam ocorrido situações como essas simultaneamente em regiões periféricas (interior) e centrais (capitais) brasileiras por mero acaso e, em especial, entre 1930 e 1970?

Na maioria dos arquivos visitados no Rio de Janeiro, fui informada sobre a existência de documentos de tempos bem mais remotos ou a partir de 1970. Esta pode ser uma explicação para a ausência de fontes de pesquisa sobre a professora Mercedes Dantas em

órgãos dos quais participou ou assumiu papéis relevantes, como a ABI, a ABE, a Câmara de vereadores, o IHGB.

Não posso deixar de registrar uma observação sobre fatos que vivenciei e o consequente sentimento que me tomou: há, a cada dia, uma crescente série de obstáculos para o pesquisador em História da Educação, o que lhe causa uma sensação de impotência e indignação:

a) Os arquivos – com a justificativa da preservação do acervo, o que não é de todo ruim, pois nem todo “curioso” manuseia os documentos ou se equipa como deveria – não ficam mais à disposição do investigador. Na maioria das instituições, senão em todas elas, um agendamento é exigido para que haja um intervalo de tempo para que os funcionários selecionem o que “pode” ser visto. Essa formalidade, acredito, subtrai da pesquisa o olhar aguçado e o “faro” do investigador. Prova disso foi a disponibilização de material que não condizia com o que solicitara, conformando uma “perda de tempo e trabalho” para todos os envolvidos no processo.

b) A importância que as pessoas destinam à pesquisa histórica ou, até mesmo, aos seus postos de trabalho. Resumindo, enquanto, em algumas instituições, há um visível interesse e respeito pelo pesquisador visitante, em outras, há uma explícita ausência de “boa vontade”, uma estamparia como que dissesse, quase implorando: “Você tem certeza que quer me fazer mexer naquela quinquilharia?”. Melhor descartar logo e informar – sem nem se mover, ao menos, um dedo, – que “nada consta”.

c) A inabilitação do funcionalismo público quanto à pesquisa (o que não é regra). Não se é obrigado a conhecer o que o visitante estuda. Porém, interessa ao atendente, no mínimo, dominar os recursos dos quais dispõe para melhor qualificar os resultados do seu trabalho. Ocorreram situações em que “descobri” por minhas próprias força e criatividade ou auxiliiei alguém a manusear seu equipamento a fim de encontrar o que eu mais precisava, fator que representou mais uma dificuldade para o sucesso de busca.

d) Os registros históricos, sejam institucionais, sejam pessoais, estão cada vez mais escassos. Não temos o hábito de guardar quaisquer papéis (inclusive, refiro-me à minha pessoa), desprezíveis para o presente (creio que seja o que definimos), porém de grande valia histórica e memorialística. Fico pensando nas páginas amareladas e disformes dos jornais: Quem as guardaria, se a internet, a informação instantânea está acessível, notícias “frescas” e de todo o lado, seja nos computadores, seja nos celulares? Para que “juntar” papel velho –

cheio de ácaro, mofo e insetos, além de informações e conhecimentos ultrapassados –, se existem arquivos “zipados” e leves a qualquer tempo e a um clique?

Um terceiro caminho para o levantamento de dados foi a tentativa de localização de parentes da professora Mercedes Dantas. Como seu último endereço foi o Rio de Janeiro, especificamente Copacabana (O GLOBO (RJ), N. 65, MATUTINA, GERAL, 01/10/1925, p. 2), ao realizar a viagem ao Rio de Janeiro, almejei um contato com a filha de Mercedes Dantas, Maria Thereza. A dificuldade maior foi não saber o seu sobrenome. Ainda contava com a probabilidade de ter se casado e, como de costume, aderir ao sobrenome do esposo. Quase impossível identificar uma mulher por seu nome inicial “naquele lugar”.

Ocorreu-me a ideia de realizar convites para todas as senhoras com aquela denominação no Rio de Janeiro, por meio de uma rede social, o Messenger<sup>9</sup> do Facebook. Após alguns dias, recebi uma mensagem e, para minha surpresa, era de Maria Thereza, a filha da professora Mercedes Dantas.

Marcado um encontro de apresentação, fui presenteada com a permissão para consultar três volumes de uma produção denominada “Caderno de Lembrança”, uma coletânea de recortes de jornais, agrupados pela própria Mercedes Dantas, em tempo real. À medida que os jornais impressos publicavam suas “aparições” na sociedade carioca e nos estados que visitara, ela destacava a sua participação e anexava aos álbuns, encadernados pelo Instituto Lauro Sodré, Pará, que tinha por diretor o professor Santino Ribeiro.

Manuseando os três volumes do “Caderno de Lembrança”, uma média de mais de 900 fotografias foram realizadas e, algumas delas foram utilizadas nesta Tese em caráter ilustrativo. Isso implica dizer que cada um dos exemplares do caderno mede mais ou menos 20 X 25 cm, com 5 a 6 cm de espessura e tem cerca de 250 a 300 páginas ou mais, não numeradas. Estruturados em brochura (costurado e colado), capa dura, material em couro, de cor vermelho e letras impressas em dourado (estão grafados: no rodapé superior – Profa. Mercedes Dantas; ao centro, com direção inclinada – Lembrança; e, no rodapé inferior, – Instituto Lauro Sodré – Pará). Embora desgastados pela ação do tempo, não exalavam odor forte e estavam, na medida do possível, bem higienizados.

Entre as incertezas, uma delas foi a condição de abarcar, coletar, selecionar o maior número de informações sobre Mercedes Dantas. Um comprometimento nessa atividade: muitos “anúncios” não informam a fonte histórica, a identificação da empresa publicitária ou,

---

<sup>9</sup> O Messenger é um serviço de mensagens instantâneas e gratuitas oferecido pela rede social Facebook.

quando existem, apresentam-se incompletas, o que me levou a identificá-las com as informações contidas no acervo, acrescidas do local de origem. Exemplos: a) Quando o jornal estava identificado, mas as informações incertas, faltando páginas etc.: ESTADO DO AMAZONAS, 01/07/1930 – Caderno de Lembrança II. b) Quando o recorte de jornal não apresentava referências da fonte: CADERNO DE LEMBRANÇA II.

Imagem n. 1: “Caderno de Lembrança” - Prof. Mercedes Dantas (Vol. I, II e III)



Fonte: Registro Fotográfico Rosemeire Amaral (Rio de Janeiro, dez. 2017).

Com tantos recortes de jornais, seria sensato afirmar que a professora colecionou toda e qualquer notícia que reportasse seu nome? Não haveria de ocultar os anúncios menos favoráveis ou desagradáveis a si? Talvez sim, talvez, não.

Apesar de todo esse aglomerado de edições de jornais a serem analisadas, a pesquisa incorporou a utilização de outras fontes bibliográficas e documentais, a exemplo, as revistas voltadas para o ensino, veículos de transmissão e repercussão de ideias e ações que, junto aos jornais, assumiam uma posição de publicação oficial, em especial, quanto à viagem pedagógica da professora Mercedes, conseqüentemente, à repercussão da reforma de Fernando de Azevedo.

Deslindada a questão das fontes nos impressos, organização e tratamento, o passo seguinte foi definir como analisar os enunciados discursivos. Voltei-me ao princípio da AD nos moldes foucaultianos em um rastreio inicial por um de seus elementos primordiais: a historicidade. A teorização foucaultiana “coloca a historicidade como marca fundamental e elege, como objeto de estudo, o discurso, entendido como práxis humana, construção histórica, mediação das relações dos homens, com a natureza e entre si” (CAVALCANTE,

1999, p. 179). Neste enfoque, compete a AD um exercício de inversão. Amaral (2007, p. 29 – Grifo da autora) detalhou:

o processo de análise inicia-se nos textos tomados como dado empírico, que aparecem como um todo concreto e acabado, que se põe para o sujeito como o ponto de partida da investigação. Mas esse é um todo complexo cuja totalidade deverá ser apreendida a partir da identificação do **processo sócio-histórico** que o constitui como um objeto discursivo. Pode-se, então, nesse processo de abstração, identificar o discurso que esse texto representa; a sua memória histórica (interdiscurso), a formação discursiva que representa; a formação ideológica que essa formação discursiva representa, a formação social que constitui o complexo histórico social determinante do funcionamento do discurso. Tem-se, então, o caminho de volta, o processo de exposição da análise que se constitui em um novo concreto pensado.

Intentei nos discursos uma análise, atribuindo-lhes “conceitos”, como inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade. Para Foucault, há um equívoco na proposição de que a noção do discurso tem sua origem na “fala” de um indivíduo, pois acredita “reconhecer a fonte dos discursos, o princípio de sua expansão e de sua continuidade, nessas figuras que parecem desempenhar um papel positivo como a do autor, da disciplina, da vontade de verdade” (FOUCAULT, 1996, p. 51-52). Não é a personalidade, com base em preceitos, formação e vivência, que exprime o discurso, o autêntico autor do que se expõe; é todo um complexo de outras formações discursivas das quais participou direta ou indiretamente, que incute no indivíduo todos os artifícios e argumentos para o enunciado.

Mercedes Dantas foi a “porta-voz” responsável pelo pronunciamento dos discursos que, até certo ponto, não são próprios de si, mas compostos de variadas tramas, relações sociais e históricas, “que se põe para o sujeito como o ponto de partida da investigação” (AMARAL, 2007, p. 29).

Uma segunda categoria advertida por Foucault é a da descontinuidade. Assim como o trajeto histórico e as relações humanas são considerados dispositivos contraditórios em sua genealogia, “os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem” (FOUCAULT, 1996, p. 52-53). Uma vez compreendidos como recorrentes, os discursos apresentam uma fragmentação, um corte, e isso quase sempre foi visto como negativo, diz respeito ao fenômeno da rarefação do discurso. A identificação dessa irrupção foi meta analítica.

A especificidade é o terceiro aspecto destacado pelo filósofo, quando o discurso não deve ser transformado em um jogo de significações prévias, ao contrário, “deve-se conceber o discurso como uma violência que fazemos às coisas, como uma prática que lhes impomos em

todo o caso; e é nesta prática que os acontecimentos do discurso encontram o princípio de sua regularidade” (FOUCAULT, 1996, p. 53). O discurso pode assumir uma postura de imposição aos ouvintes, seja pelo tom que encerra, seja pela possibilidade de repetição das publicações, em um mesmo editorial, muitas vezes de alcance nacional ou distribuído por várias empresas jornalísticas em edições locais.

Por fim, a quarta regra compreende a exterioridade, exercício no qual não se deve, de acordo com Foucault (1996, p. 53):

passar do discurso para o seu núcleo interior e escondido, para o âmago de um pensamento ou de uma significação que se manifestariam nele; mas, a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixa suas fronteiras.

Não há margem para as interpretações de um discurso delegando-lhe uma possível significação. Há, porém, condições de sua insurgência, a exemplo, as relações em que o sujeito se estabelece, os veículos de sua propagação etc.

A produção do discurso apresenta uma função social e aplicável à análise do campo educacional, seguindo a compreensão de Foucault (1996, p. 8-9) na medida em que “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.

Se a produção do discurso acontece sobre uma regulação, a sua análise não escaparia a essa esfera, pois, como sugere Foucault (1996, p. 54):

quatro noções devem servir, portanto, de princípio regulador para a análise: a noção de acontecimento, a de série, a de regularidade, a de condição de possibilidade. Vemos que se opõem termo a termo: o acontecimento à criação, a série à unidade, a regularidade à originalidade e a condição de possibilidade à significação.

Foram esses discursos que me permitiram analisar as relações de saber/poder na sociedade brasileira da década de 30 do século XX, partindo da publicidade desta produção por parte de intelectuais, como a professora Mercedes, que se fizeram presentes no processo de modernidade pedagógica. Nesse entendimento, Foucault (1996, p. 45) avalia que “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”, permitindo, no dizer de Amaral (2007, p. 29), “exposição da análise que se constitui em um novo concreto pensado”.

Se a proposta da pesquisa foi o uso da AD, nada mais evidente que lançar-me na investigação da trilha que ultimou o entrecruzamento dos caminhos e, conseqüentemente, o encontro de Mercedes Dantas e Fernando de Azevedo, pois, como afirma Pizzi (2006, p. 13), “entende-se que a AD não se restringe à análise de textos ou documentos, como é comumente utilizada. Uma das características importantes é a AD tomar os discursos ou falas na interação entre dois ou mais sujeitos”.

Muito há em comum na vida particular, nos traços biográficos de Fernando de Azevedo (1894-1974) e Mercedes Dantas (1900-1982), afinal, foram contemporâneos e oriundos de outro estado, que não o Rio de Janeiro. Ambos educadores, intelectuais, jornalistas e aspiravam a modernidade pedagógica, representam o que Miceli (2001, p. 54) denominou de “polígrafo” ou “anatoliano”, na medida em que:

prefiguram um novo tipo de intelectual profissional, assalariado ou pequeno produtor independente, vivendo dos rendimentos que lhes propiciam as diversas modalidades de sua produção, desde a assessoria jurídica, as conferências, passando pela colaboração na imprensa, até a participação nos acontecimentos mundanos e nas campanhas de mobilização em favor do serviço militar, da alfabetização, do ensino primário etc.

Um aspecto intrigante da pesquisa foi uma possível desmistificação, ao tomar conhecimento de que não há notícias sobre o encontro entre Mercedes Dantas e Fernando de Azevedo, particularmente sobre a indicação dela para propagandear pelos estados do Norte a reforma aclamada no Rio de Janeiro (SOBRAL, 2016). Para Pizzi (2006, p. 14):

uma marca importante da AD é o fato de assumir a interação humana, mediada pelo discurso, de maneira dinâmica. Fala e ação sempre estão conectadas. Não existem relações humanas estáticas e a AD procura captar essa dinâmica. O que as pessoas dizem ou escrevem umas às outras está relacionado também às circunstâncias determinadas e contextos específicos que interessam sobremaneira à AD.

Documentos, como correspondências enviadas e recebidas, de Fernando de Azevedo ou de Mercedes Dantas, talvez respingassem alguns indícios desse enigma. Onde encontrá-las? Era outro desafio. Não obstante, o comportamento e as declarações ou decisões de Mercedes Dantas patentearam uma factível aproximação.

Mas, quem foi Mercedes Dantas, que lugares institucionais ocupou na sociedade fluminense e qual o seu papel no cenário educacional brasileiro? São questionamentos que busquei compilar na seção 3, compondo um perfil biobibliográfico de Mercedes Dantas (Momentos decisivos), privilegiando acontecimentos, tempos e lugares. Porém, antes, um adendo, “um recorte no recorte”, que denominei Uma Arqueologia do “Caderno de

Lembrança” de Mercedes Dantas (1911-1947), que merece uma atenção especial no tópico a seguir.

### **1.1.1 UMA ARQUEOLOGIA DO “CADERNO DE LEMBRANÇA” DE MERCEDES DANTAS (1911-1947)**

As informações e os enunciados sobre a viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil em 1930, objeto da nossa pesquisa acadêmica, foram, em sua maioria, alocados à investigação pelo assenhoreamento do “Caderno de Lembrança”, uma valiosa fonte histórica que desvela e revela o que foi apropriado, selecionado e preservado pela própria professora, sobretudo as memórias da viagem, como legado desse acontecimento a ser deixado para o futuro.

Assim, esta seção configura-se uma proposta arqueológica, um exercício de descrição dos enunciados publicados nos jornais e revistas, entre os anos de 1911 e 1947, dada a importância desse documento/monumento (LE GOFF, 1996), artefato imprescindível para a execução do projeto e para a compreensão do contexto e da exterioridade (FOUCAULT, 1996) social, econômica, política, cultural e educacional dos discursos que circundaram a viagem, constituindo-se uma memória.

De acordo com Lins (2000, p. 9), “a memória é o resultado do trabalho de reapropriação e de negociação que toda pessoa faz em relação ao passado fundador de sua identidade, ou de sua ilusão identitária”. Concomitantemente, “a memória é também uma espécie de antecâmara da alteridade onde cada um constrói sua própria história e se confronta com a história dos outros membros da família, amigos, amantes, inimigos, etc.” (LINS, 2000, p. 9), enfim, a construção das relações humanas e dos setores sociais em que o indivíduo esteve inserido. Isso se tornou evidente no “Caderno de Lembrança” da professora Mercedes Dantas.

No caso desta análise, o “Caderno de Lembrança” apresenta uma “reapropriação e uma negociação do passado” (LINS, 2000) de Mercedes Dantas, tendo como partida a seleção de informações que ela desejou que se fizesse visível, uma memória por ela pensada e elaborada. Entretanto, "o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de

vestígios, mas também a releitura desses vestígios" (CHANGEUX, 1972, apud Le Goff, 1996, p. 424), compondo uma materialidade, um suporte para a análise dos discursos preservados.

Como esse empreendimento de releitura não foi realizado por Mercedes Dantas em razão do seu falecimento, sob um olhar histórico e arqueológico, inaugura-se uma nova memória, ou melhor, memórias, visto que os enunciados se entrelaçaram, assim como os acontecimentos e as pessoas (intelectuais da educação ou não), que participaram das tramas sociais e seus respectivos discursos, indeterminaram um autor fundador, a partir do momento em que a função autor “não remete pura e simplesmente a um indivíduo real, ela pode dar lugar simultaneamente a vários egos, a várias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem vir a ocupar” (FOUCAULT, 2001, p. 279 - 280).

Desde a infância Mercedes Dantas se destacou pelo interesse por literatura e artes plásticas, desenvolvendo um perfil crítico e autêntico, o que culminou em participações sociais em diferentes setores, como na educação, e na produção de gêneros literários e artísticos – contos, biografias, artigos para jornais e revistas, pinturas em telas, desenhos a carvão, esculturas, ilustrações de histórias, de colunas jornalísticas, etc.; no âmbito político – com fundação de agremiações, associações, diretórios; na Assistência Social – com a participação em entidades filantrópicas e estatais.

Mercedes Dantas não era uma pessoa leiga, desprovida de “visão”, perspectiva ou “conhecimento”, menos ainda ao que diz respeito à Instrução Pública dos estados brasileiros, particularmente, do Norte, e dos europeus e norte-americanos. Em seu “Caderno de Lembrança”, legitimou um conjunto plausível de enunciados com estatísticas, informes oficiais, anotações pessoais que demonstram um cuidadoso acompanhamento de tudo o que se tornou passível de ser publicado nos impressos (jornais e revistas).

O zelo para com informações que condizem com seu percurso e um panorama do que estava acontecendo no Brasil e, particularmente, no Rio de Janeiro, ao que me parece, foi a motivação maior para a construção de “Caderno de lembrança”. A princípio, a localização de um caderno com literais “pedaços” de jornais, recortes de vidas e de personalidades, história, catalogados e datados dos anos iniciais do século XX, por si, despertou-me uma ação arqueológica, visto que se tratava de memórias intermediadas por documentos e monumentos que, de acordo como Le Goff (1996, p. 535):

podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador. [...]  
O monumento tem como características o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória

coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos. [...]

O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX, será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. A sua objetividade parece opor-se à intencionalidade do monumento. Além do mais, afirma-se essencialmente como um testemunho escrito.

“O Caderno de Lembrança” é um testemunho escrito, materializado em um álbum confeccionado pela professora Mercedes Dantas, composto por uma coleção de recortes jornalísticos referentes ao período entre os anos de 1911 e 1947, com o intuito de elaborar uma memória pessoal e coletiva, publicitada e circulada por diversos estados brasileiros nas páginas dos jornais e revistas locais, nacionais e de alcance internacional.

São esses documentos e monumentos um objeto para a análise, um artefato arqueológico, por vias da materialidade dos enunciados, seguindo os postulados da Análise do Discurso, quando “de qualquer maneira, esses recortes, quer se trate dos que admitimos ou dos que são contemporâneos dos discursos estudados são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados” (FOUCAULT, 2008, p. 25).

Em seu bojo, o “Caderno de Lembrança” apresenta datas e acontecimentos de um tempo bem anterior ao da viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil, em 1930, e uma variedade de enunciados que, ao serem descritos, instituíram, para esta análise, formações discursivas. Foucault (1987, p. 43) definiu uma ação dessa especificidade:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

Um emaranhado de enunciados compõe o “Caderno de Lembrança”. A descrição arqueológica pode visibilizar sua organização e disposição dos enunciados:

- Volume I, provavelmente o que deu início ou continuidade à catalogação, faltam-lhe páginas iniciais e capa (registrando a ausência de numeração de páginas), contém um anexo, uma folha com a estatística das escolas nos estados do Brasil de 1911. Compreende as publicações jornalísticas entre os anos de 1922 e 1924, intervalo anterior ao lançamento de seu primeiro livro, “Nús” (1925), e estendeu-se de 1926 a 1929.

- Volume II agregou em grande parte matérias sobre a década de 1930, mas não conseguiu abarcá-la por inteiro. Nele se encontram notícias sobre a viagem pedagógica de Mercedes Dantas e informações a respeito do sistema de ensino em alguns estados brasileiros.
- Volume III, constando sequência dos anos de 1930, contemplou publicações até o ano de 1947. Ao que tudo indica, foi o ano em que a professora encerrou a atividade de arquivar os recortes jornalísticos. Todo o acervo obedeceu a uma ordem cronológica, porém, nos volumes II e III, alguns recortes encontram-se repetidos, talvez pelo processo de retorquir entre as empresas de comunicação, isto é, os jornais maiores publicavam, e os jornais locais republicavam os noticiários.

Imagem n. 2: "Caderno de Lembrança" (Vol. I, II e III)



Fonte: Acervo Mercedes Dantas - Registro Fotográfico por Rosemeire Amaral (Rio de Janeiro, dez. 2017).

Mas, o que descrever? Qual o perfil biobibliográfico da professora Mercedes Dantas? Que lugares sociais e institucionais ocupou (de onde, como, para que e a quem “falava” a intelectual docente)? Sobral (2010, p. 25-26) compreendeu que “na relação entre memória individual e coletiva, há sempre uma intersecção, pois a primeira remete a um possível ponto de vista sobre a segunda, conforme os lugares e as posições que o indivíduo ocupa em uma sociedade”.

Que preocupações contemplam suas propostas no “Caderno de Lembrança” para demarcar sua existência e suas memórias particular e coletiva (assumindo uma participação em diferenciados grupos e espaços sociais entre 1911 e 1947)?

Alguns assuntos levantados por Dantas no “Caderno de Lembrança” estão relacionados no Quadro n. 4:

Quadro n. 4: Catalogação dos assuntos dispostos no “Caderno de Lembrança” (Vol. I, II e III)

ASSUNTO/CADERNO	LEMBRANÇA I	LEMBRANÇA II	LEMBRANÇA III
Adão e Eva (1925)	x	X	
A força Nacionalizadora do Estado Novo			x
Atlântico Club	x	X	x
Diretório Político das Professoras Primárias/Ordem dos Professores/ União Nacional de Educadores	x	X	x
Escola Barth		X	
Federação Nacional de Defesa Contra a Lepra e Assistência aos Lázarus		X	
Instituto Ferreira Vianna	x		
Instituto Mercedes Dantas			x
Instrução Pública (1922-1925)	x		
Liga dos Amigos da Infância	x		
Machado de Assis por Mercedes Dantas			x
O Automóvel Club do Brasil		X	
O Nacionalismo de Castro Alves (1928)	x		x
Política			x
Associação de Defesa e Cultura Nacionalista			x
Primeiro e Segundo Congresso de Brasilidade			x
Tribunal de Menores/Theatro para Menores	x	x	

Fonte: Elaboração de Rosemeire Amaral, com base no “Caderno de Lembrança” – Acervo Mercedes Dantas (Rio de Janeiro, dez. 2017).

Dispostos em tópicos, os enunciados foram listados por ordem alfabética, mas foi possível inicialmente reorganizá-los por temáticas, pois “[...] diferentes em sua forma, dispersos no tempo, formam um conjunto quando se referem a um único e mesmo objeto” (FOUCAULT, 1987, p. 36). É oportuno na atividade arqueológica, considerando o período entre 1911 e 1947, “reagrupar os enunciados, descrever seu encadeamento e explicar as formas unitárias sob as quais eles se apresentam: a identidade e a persistência dos temas” (FOUCAULT, 1987, p. 40). Assim, elenquei:

I – Lembranças da área de comunicação social, jornalismo e imprensa: a integração ao corpo dirigente da ABI.

II – Lembranças preservadas indicativas do âmbito político: Diretório Político das Professoras Primárias/Ordem dos Professores/União Nacional dos Educadores; Associação de Defesa e Cultura Nacionalista; Primeiro e Segundo Congresso de Brasilidade.

III – Lembranças concomitantes à Assistência Social: Liga dos Amigos da Infância, Tribunal de Menores/Theatro para Menores/Federação Nacional de Defesa contra a Lepra e Assistência aos Lázarus.

IV – Lembranças referentes à produção literária: Adão e Eva, A força Nacionalizadora do Estado Novo, Machado de Assis por Mercedes Dantas, O Nacionalismo de Castro Alves.

V – Lembranças que dizem respeito aos lugares sociais por quais passou, organizou eventos, como celebrações de datas históricas, bailes, chás, formaturas.

VI – Lembranças no âmbito educacional: a Instrução Pública; algumas das escolas pelas quais Mercedes Dantas transitou: Escola Afrânio Peixoto, Escola Barth, Escola Manoel Cícero, Instituto Ferreira Vianna, Instituto Mercedes Dantas.

Após essa visão panorâmica do “Caderno de Lembrança”, passei a destrinchar a estrutura, procurando localizar os diferentes movimentos, acontecimentos, tempos e lugares institucionais vividos por Mercedes Dantas. São memórias preservadas de sua história de vida pessoal e profissional, do que ou de quem gostaria deixar de legado sobre si mesma, um perfil biobibliográfico, foco do Capítulo 2.

## **2. UM PERFIL BIOBIBLIOGRÁFICO DE MERCEDES DANTAS: ACONTECIMENTOS, TEMPOS E LUGARES**

A investigação a respeito da vida pessoal, realização intelectual e profissional da professora Mercedes Dantas – quer pela ausência de pesquisas sobre sua pessoa, quer pelo destaque no campo educacional do Brasil, mas que se manteve “atrás das cortinas” ou ao menos “esquecida” pela Historiografia brasileira – é um contributo valioso para a produção de conhecimento no campo da História da Educação e formação ou atuação de professores e intelectuais nas décadas de 1920 e 1930.

Na intenção de traçar, ao menos parcialmente, a trajetória de vida da professora Mercedes Dantas, estabeleci um esboço de lugares e espaços por quais esteve, experiências, passagens e permanências, um jogo de saber e poder, que demarcou sua formação e atuação profissional, alguns recortes cronológicos que delimitaram sua vida, o que nomeei como “perfil biobibliográfico”. Freitas (2006, p. 145) considerou que “a partir de diferentes instrumentos e vestígios”, é viável estabelecer um “registro da trajetória de educadores e intelectuais que ocuparam a cena educacional” em determinada época, o que “permite a percepção profunda dos processos formativos aproximados de uma geração, ou categoria profissional” (FREITAS, 2006, p. 148).

Foi imprescindível ter conhecimento a respeito dos lugares que ocupou na sociedade à época, que a permitiram empenho e êxito em relação à promoção e difusão do modelo pedagógico da reforma de Fernando de Azevedo. Tal qual importante foi trilhar os acontecimentos referentes aos anos anteriores e posteriores à viagem pedagógica – o corte tido como ponto máximo desta Tese –, elementos construtores de um conjunto entre continuidades e discontinuidades, que atravessaram seu viver, o que conceituei como “momentos decisivos”, dos quais, a sua maior representatividade esteve assentada no “Caderno de Lembrança”.

A professora Mercedes Dantas nasceu em Vila Rica do Bom Jesus, onde hoje se localiza o município de Crisópolis (BA), a 20 de julho de 1900. Era filha de José Dantas Itapicurú Coelho, chefe político e fazendeiro, e da professora Maria Dantas Itapicurú Coelho (MENEZES, 1969). José Dantas, “antigo negociante e capitalista” (O PAIZ (RJ), N. 10.886, 28/07/1914, p. 5), vivia do comércio de um curtume, com processamento de peles de animais que eram exportadas para a Alemanha. Sua família era composta por oito filhos: Moacir,

Milton, Nelson, Elísio, José, Olavo, Maria (conhecida como Marieta) e Mercedes. Todos registrados com o sobrenome Dantas de Itapicurú Coelho.

Marieta faleceu após dar à luz uma menina em 1937, Maria Thereza Dantas Itapicurú Costa, que foi adotada oficialmente mais tarde por Mercedes Dantas, pois, de acordo com a legislação em vigor, por ser solteira, haveria de esperar a maioridade dos 40 anos para lavrar a adoção.

Quando Mercedes estava entre os 10 e 12 anos de idade, sua família decidiu transferir-se da Bahia para o Rio de Janeiro, onde passou a morar em uma das ruas mais nobres, a Paissandu.<sup>10</sup>

O seu pai, José Dantas, no Rio de Janeiro, como um caçador e comerciante de peles de animais não conseguiu, por muito tempo, manter um padrão de vida elevado. Em entrevista concedida ao jornalista Ademar Tavares, do Pequeno Jornal: Jornal Pequeno (N. 125, 3/06/1927, p. 1), o pai de Mercedes Dantas evidenciou uma grande estima e admiração pela filha: “Essa menina ia ser pintora... Que pendor tinha para os desenhos, para as caricaturas, para os retratos!... Eu mesmo a destinava á Escola de Bellas Artes, mais quiz ser professora e não a contrariei. Levei-a para a Escola Normal”.

A casa da família era genuinamente adornada com artes criadas por Mercedes Dantas, em pinturas e esculturas. Colecionava suas produções em um livro. Eram tantas as habilidades que vivia em constante mudança e não conseguia optar ou aprofundar em um estilo ou modalidade, como declarou seu genitor:

Alvoraçada, indecisa, pousando aqui, pousando alli, e sem firmar a vontade n’um determinado ramo de arte; como uma borboleta, a esvoaçar, o sr. não sabe?... Ora, a pintura (Veja esses quadros de nossa sala, d’après nature, - São todos della. Dos seus quatorze annos); ora a música; ora a esculptura... um espírito curioso de tudo, por tudo...: (COELHO, PEQUENO JORNAL: JORNAL PEQUENO (PE), N. 125, 3/06/1927, p. 1).

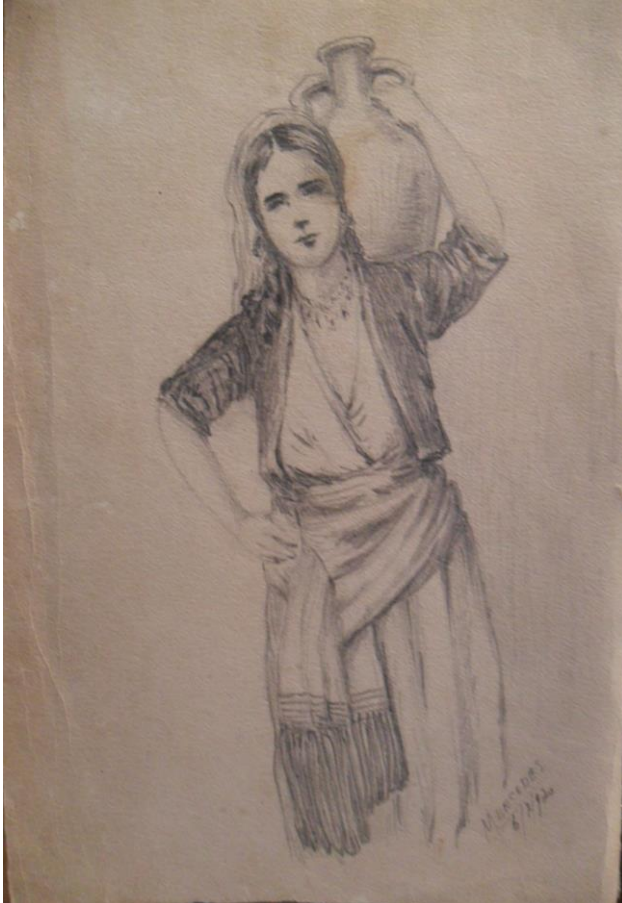
Tavares (PEQUENO JORNAL: JORNAL PEQUENO (PE), N. 125, 3/06/1927, p. 1) se espantou pelo esplendor das figuras esboçadas pela jovem e um possível abandono ou adormecimento do desenho a lápis pelo uso da pena para a literatura e outras construções

---

<sup>10</sup> A rua Paissandu é um logradouro dos bairros Flamengo e Laranjeiras, na cidade do Rio de Janeiro. Foi aberta por volta de 1864 e ligava a residência da princesa Isabel, no Palácio Guanabara (bairro Laranjeiras) à praia do Flamengo. A rua é ladeada por palmeiras imperiais, plantadas em 1865 a pedido do imperador Pedro II, a fim de criar uma entrada monumental para o palácio que havia presenteado à filha recém-casada. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Rua\\_Paissandu](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rua_Paissandu)>. E, “de acordo com as placas indicativas de logradouro, o nome Paissandu foi dado à rua em memória à tomada da cidade de Paissandu, nas margens do rio Uruguai, pelas tropas brasileiras, em 1865”. Disponível em: <http://asruasdorrio.blogspot.com/2009/06/paissandu-e-as-suas-palmeiras.html>.

textuais, tão qual admiráveis: “[...] livro da desenhista de dez annos: - figuras, cabeças, episódios, recordações... Quanta cousa maravilhosamente feita!... A gente quasi censura a penna que fez esquecer o lápis, se a penna não fora a admirável de Mercedes Dantas”.

Imagem n. 3: Desenho à lápis por Mercedes Dantas (1920)



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA I).

A jovem Mercedes Dantas parecia aprender com facilidade e surpreendia, às vezes, superando as expectativas de seus mestres ou até mesmo dos ensinamentos recebidos, aguçados pela curiosidade e criatividade, como afirmou seu pai (COELHO, PEQUENO JORNAL: JORNAL PEQUENO (PE), N. 125, 3/06/1927, p. 1): “E não aprendeu com mestres a pintar, a desenhar... Tudo é espontâneo nella. Si eu lhe disser que lhe tomei professor de piano, e três meses depois, já ella tocava mais que o seu mestre! Mas não prosseguiu a estudar, a menina”.

Seus apreços de intelectual embasavam-se nas leituras de uma “cultura clássica”, não comum para sua geração, muito menos para o gênero feminino. Mercedes Dantas

(PEQUENO JORNAL, JORNAL PEQUENO (PE), N. 125, 3/06/1927, p. 1) citou alguns escritores, como Vieira, Hugo, Herculano, Euclides da Cunha, Dostoiéwsky, Bourget, Anatole, Vargas Vila, Ruy Barbosa, Eça de Queiroz e Monteiro Lobato e justificou suas escolhas:

Dahi o meu utópico desejo de guardar uma linha, intransponível de idealidade, de convicções pessoais contrastando com a rotina banalisadora...Voltei-me para os temas sociais atraída somente pela observação incessante do meio, quiz o pensamento a serviço da utilidade. A cultura clássica, systematisada, a convivência continua com os meus autores predilectos, deram-me o impulso de que eu necessitava. Tornei-me escriptora quase como uma resultante de minha atracção a esses phenomenos e temas.

Imagem n. 4: Traçado por Mercedes Dantas, aos dez anos de idade - Tolstói



Fonte: Pequeno Jornal: Jornal Pequeno (N. 125, 3/06/1927, p. 1).

Tolstói (Imagem n. 4)<sup>11</sup>, “o naturista-mystico, monge solitario do sofrimento, de Inanais-Poliana” (TAVARES, Pequeno Jornal: Jornal Pequeno, (PE), N. 125, 3/06/1927, p.1), era um dos personagens de seus traçados e, por representar uma figura de grande mobilidade, um agente de influência na construção de aspectos morais, “contribuiu para recomendar a ideia de uma educação baseada na valorização das qualidades primordiais das crianças; a pedagogia não pode ter por objeto a educação, pois esta não tem objeto, consideradas as qualidades intrínsecas das crianças, mas a cultura” (BORDERIE, 2005, p. 71).

Em 1913, Mercedes Dantas foi matriculada no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, julgada em “bôas condições de saúde pela junta médica municipal”.<sup>12</sup> Frequentou o Curso Normal, diurno/noturno, concluindo-o em 1916. Não foi uma aluna de desempenho considerado excelente em todas as matérias escolares, mas já externava habilidades com atividades relacionadas à música, caligrafia, literatura e, obviamente, desenho, conforme o Quadro n. 5:

Quadro n. 5: Mercedes Dantas - Histórico do Curso Normal no Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1913-1916)

PERÍODO	CURSO	MATÉRIAS/DESEMPENHO
1913	1º Diurno	Approvada com simplesmente 5 em trabalhos de agulha, plenamente 6 em geographia, plenamente 7 em francez, arithmetica, plenamente 8 em gymnastica, plenamente 6 em portuguez, distinção em música e plenamente 7 em trabalhos manuais, gráo oito em Calligraphia.
1914	2º Diurno	Approvada com distincção em Portuguez, Historia Geral e da Civilização e Música, plenamente gráo nove em Dezenho, digo, Desenho Linear, plenamente gráo oito em Geometria, plenamente gráo sete em Algebra, simplesmente gráo cinco em Francez e simplesmente gráo quatro em Trabalhos de agulha. Não prestou Geographia por ter sido extincta a cadeira. Terminou o segundo anno.
1915	3º Nocturno	Approvada com distincção em Portuguez, Literatura, História do Brasil e Phisica-Chimica e obteve média oito em Desenho de ... Terminou o terceiro anno.
1916	4º -----	Approvada com distincção em História Natural, Psychologia, Pedagogia e Hygiene Escolar e obteve média sete em Desenho e oito em Prática Escolar. Terminou o curso.

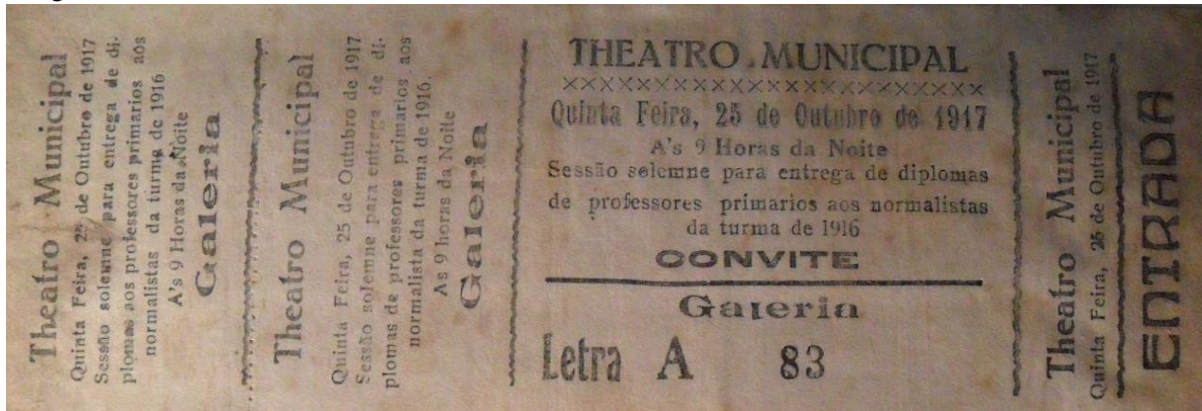
Fonte: Centro de Memória da Educação Brasileira (CEMEB), transcrito por Rosemeire Amaral (Rio de Janeiro, dez. 2017).

<sup>11</sup> Leon Tolstói (1828-1910) foi um escritor russo, autor da obra-prima que o tornou célebre: “Guerra e Paz”. Bartlett (2013, introdução), ao elaborar “A Biografia” de Tolstói, evidenciou que “entre os contemporâneos de Tolstói, era bastante comum a sensação de não seres capazes de acompanhá-lo, uma vez que ele deixava pegadas gigantes em todas as áreas de sua vida... veio a tornar-se o líder moral da nação, e um dos homens mais famosos e influente do mundo”.

<sup>12</sup> Histórico Escolar de Mercedes Dantas de Itapicuru Coelho. Acervo CMEB/Rio de Janeiro.

A cerimônia de entrega do certificado ou diploma de normalista da qual Mercedes Dantas participou realizou-se no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 25 de outubro de 1917, conforme convite exposto na Imagem n. 5:

Imagem n. 5: Convite de Formatura das Normalistas do Rio de Janeiro, turma de 1916



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA III).

Transcrição do texto:

<p><b>Theatro Municipal</b>          Quinta Feira, 25 de Outubro de 1917.          Sessão solene para entrega de diploma          aos professores primários aos          normalistas da turma de 1916          A's 9 Horas da Noite  <b>Galeria</b></p>	<p><b>Theatro Municipal</b>          Quinta Feira, 25 de Outubro de 1917.          Sessão solene para entrega de diploma          aos professores primários aos          normalistas da turma de 1916          A's 9 Horas da Noite  <b>Galeria</b></p>	<p><b>THEATRO MUNICIPAL</b>          XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX          Quinta Feira, 25 de Outubro de 1917.          A's 9 Horas da Noite          Sessão solene para entrega de diplomas          de professores primários aos normalistas          da turma de 1916  <b>CONVITE</b></p>	<p><b>Theatro Municipal</b>          Quinta Feira, 25 de Outubro de 1917.  <b>Entrada</b></p>
---	---	---	---

Mercedes Dantas tinha trânsito em diversos setores da sociedade fluminense, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro n. 6: Mercedes Dantas - Ocupações e designações (1921-1928)

DATA	OCUPAÇÃO/DESIGNAÇÃO	FONTE
1924	Professora cathedratica da 3ª escola mista – Escola Benjamim Constant	Jornal do Brasil (RJ), N. 74, 26/03/1924, p. 13.
1926	Transferida da 2ª classe para a 9ª mixta do 1º Districto	Jornal do Brasil (RJ), N. 59, 10/03/1926, p. 14.
1926	Transferida para a 5ª mixta do 1º districto	Jornal do Brasil (RJ), N. 98, 24/04/1926, p. 13.
1926	Diretora da Associação Protectora dos Menores Jornalheiros	Jornal do Brasil (RJ), N. 179, 29/07/1926, p. 6.

1926	1ª Secretária da Associação Protectora dos Menores Jornaleiros	Jornal do Brasil (RJ), N. 180, 30/07/1926, p. 6.
1927	Transferida para a 6ª mixta do 10º districto	Jornal do Brasil (RJ), N. 7, 8/01/1927, p. 18.
1928	2ª bibliotecária da Associação Brasileira de Imprensa	Jornal do Brasil (RJ), N. 116, 13/05/1928, p. 29.
1928	Sub-diretora do Instituto Ferreira Vianna	Jornal do Brasil (RJ), N. 209, 30/08/1928, p. 8.
1928	Participação na rádio - Sociedade Radio Educadora do Brasil – Trecho literário	Jornal do Brasil (RJ), N. 278, 30/11/1928, p. 12.

Fonte: Elaborado por Rosemeire Amaral, com base no Jornal do Brasil – 1924-1928 (RJ, dez. 2017).

O desempenho da professora Mercedes Dantas quanto aos resultados obtidos nas instituições de ensino em que passou pode indicar um dos motivos para que seu nome fosse cotado para a viagem pedagógica de 1930 aos estados do Norte. Portanto, por ser considerada uma irrupção, uma fragmentação em sua vida, a descontinuidade e, como tal, reservo-me a escolha em detalhá-la especificamente no Capítulo 3.

Particularmente, alguns acontecimentos, tempos e lugares delinearam a vida de Mercedes Dantas, momentos decisivos que, publicitados por jornais e revistas, conformaram aspectos para sua visibilidade e reconhecimento em variados âmbitos, como o social, o político, o educacional, o intelectual, em todo o território nacional.

Mas, quais os lugares institucionais e sociais em que estivera e que a habilitaram a ser escolhida, mesmo sendo jovem, mulher e solteira para uma viagem pedagógica?

Mercedes Dantas possuía uma forte ligação com a publicidade – jornalista, escritora e editora dos mais variados impressos. Ao visitar a ABI, fiquei por demais surpresa, pois não me foi disponibilizado documento algum sobre sua passagem por lá, nem ao menos registros de abertura da entidade ou da cerimônia de posse, como destaquei no Capítulo 1. No acervo da professora, um recibo de pagamento da “Joia”, referente à aquisição de participação como associada e que remonta ao ano de 1918 (Imagem n. 6).

Imagem n. 6: Recibo de pagamento: Inserção de Mercedes Dantas na Associação Brasileira de Imprensa (1918)



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA I).

Transcrição do texto:

<p><b>ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA</b> <b>RIO DE JANEIRO</b></p> <p style="text-align: right;">N. 143</p> <p style="text-align: center;"><b>Rs. 15\$000</b></p> <p>Recebi do associado <u>Mercedes Dantas Itapicurú Coelho</u> a quantia de quinze mil réis, relativa a sua joia de entrada para esta Associação.</p> <p style="text-align: right;">Rio de Janeiro, <u>19 de Dezembro</u> de <u>1918</u>.</p> <p style="text-align: right;">O tesoureiro</p> <p style="text-align: center;">_____</p>
--

Antes mesmo do ano de 1918, Mercedes Dantas já estava participando de associações e programas com essas referências. A “Liga dos Amigos da Infância”, fundada em 26 de outubro de 1919, é outro exemplo. Em ofício solicitando que pessoas e empresas se tornassem sócios da Liga, com doações em dinheiro, livros ou outros quaisquer objetos que favorecessem a manutenção da Biblioteca do Rio de Janeiro, o presidente Nicolau Cortat Fressard, a diretora Mercedes Dantas e demais componentes da administração (CADERNO DE LEMBRANÇA I - Grifo meu) justificavam seus esforços:

Julgando a sã leitura elemento essencial na formação do caracter, e o livro o lapidário, por excellencia, dos espíritos, resolveram algumas professoras, no intuito de levantar, por meio da leitura o nível moral e intellectual das gerações que surgem, fundar, **á imitação do que fazem os educadores dos Estados-Unidos, Suissa, Belgica e outros paizes, a Liga dos Amigos da Infancia para dar á cidade do Rio de Janeiro uma Bibliotheca Infantil.** Pretendem com auxilio della, cultivar nas creanças o gosto pelas boas leituras, afim de que, mais tarde, nem lhes falem elementos para continuar a educação própria, nem lhes envenenem maus livros, vícios e más companhias, as horas de descanso que lhes permitir o trabalho quotidiano.

A Liga dos Amigos da Infância adveio da observação e imitação de como as crianças e o seu futuro eram concebidos e idealizados por meio da leitura em outros países, almejando que “do espelho dos modelos pedagógicos europeus e norte-americanos, os princípios modernizadores das práticas escolares de leitura e escrita fossem refletidos na escola primária republicana brasileira” (AMARAL; SOBRAL, 2016, p. 11) e estendida a outras crianças não escolarizadas, atribuindo à leitura um substrato de autonomia e iniciativa do aprendiz, princípios da Escola Nova.

Na Sociedade de Assistência aos Lázaros e Defesa contra a Lepra, em 1929, “foi aceita, com geral agrado, a indicação feita pela Secretaria Geral, da distinta escriptora srta. Mercedes Dantas, para diretora da Comissão de Publicidade” (A MANHÃ (RJ), N. 1061, 21/05/1929, p. 11). Porém, por razões pessoais, ela efetuou o pedido de demissão poucos meses depois (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 207, 29/08/1929, p. 8).

O Departamento de Educação do Rio de Janeiro, sob a direção do Dr. Costa Sena, criou o “Theatro para Menores”, tendo à frente dos trabalhos a professora Maria Rosa Moreira Ribeiro, atendendo menores de 7 a 18 anos, de ambos os sexos. Aos alunos matriculados, foram “ministrados conhecimentos de Caligrafia,<sup>13</sup> Cultura Physica, Canto coral, individual e orfeônico e Representação” (O IMPARCIAL (RJ), N.1316, 5/9/1939, p. 14). Essa publicação consta também no “Caderno de Lembrança”, volume II. Ao salvaguardar o recorte de jornal, Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA II) fez uma anotação: “Reiniciei, nesta data, a minha colaboração. 25-3-937. Convite a pedido do Diretor Geral”, referindo-se ao editorial do jornal O Imparcial.

O “Theatro para Menores” no Rio de Janeiro foi uma adaptação do modelo implantado em Buenos Aires, conforme o noticiário. Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA II) frisou a relevância da iniciativa e sua relação com a educação e com o futuro das crianças:

O Theatro para menores, entre nós, pelo menos, vai nuclear as vocações desabrochantes, os pequeninos artistas do futuro. Pretende revelar e nortear para a Escola Dramática todos aqueles que, um dia, serão valores na arte de representar, valores não improvisados, não fracassados por culpa da educação.

Timotheo (1928) destacou uma característica bastante marcante na personalidade de Mercedes Dantas: a caridade. Durante sua jornada, vários episódios foram registrados, como a criação de instituições para acolher crianças menos favorecidas econômica e socialmente.

---

<sup>13</sup> Arte de falar com boa dicção e pronunciar bem as palavras. (BUENO, 1957).

Uma dessas atitudes foi a criação da Associação de Proteção aos Pequenos Jornaleiros. Em 1926, Mendonça (JORNAL DO BRASIL (RJ), N.127, 29/05/1926, p. 10) expôs a difícil situação em que se encontravam os menores vendedores de jornais e as discussões que pautaram os impressos:

Muito se tem dito sobre os sofrimentos a que estão expostos os pequenos jornaleiros que, na sua faina diária, procuram na venda dos jornaes o sustento de suas famílias. São elles o único esteio de uma viúva sobrecarregada de filhos, ou de um pae paralytico que, impossibilitado de ir á officina, ou muitas vezes pela ganancia do dinheiro, desfrutar os miseráveis tostões que o filho depois de expor sua vida, pulando no balaústro deste ou daquele bonde, sujeito a ser atropelado por algum automóvel no momento de saltar, chega em casa ás primeiras horas da manhã com o estomago dilatado pela falta de alimentação.

Silveira (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 218, 12/09/1926, p. 6) reforçou a importância das pessoas que se sensibilizaram com os pequenos jornaleiros: “Bem hajam, pois, aquellas que, salvando os pequenos vendedores de jornaes das horas amargas de agora e dos dias sombrios de amanhã, praticam a verdadeira e boa caridade, prestando ainda relevante serviço ao Brasil”. Ações como essa estavam presentes nos relatos e enunciados dos jornais impressos nos anos de 1920, e a camada social mais envolvida com o amparo aos pequenos jornaleiros era, por vezes, a dos intelectuais.

Ao debruçar-me sobre o “Caderno de Lembrança”, notei que os enunciados resguardados em seu bojo evidenciavam a forte personalidade da professora Mercedes Dantas e a inclinação como intelectual. Schueler e Pinto (2013, p. 22) enfatizaram:

o que define o enquadramento de um indivíduo como intelectual é a função ou o lugar social exercido em diversos níveis, constituindo-se, então, uma categoria social distinta, que tem modos de formação e apropriação específicos. Intelectual é aquele indivíduo que se deu a conhecer publicamente mediante seus escritos e ações, responsáveis pela construção de sua representação social na época em que viveu.

Mercedes Dantas pode ser considerada uma intelectual de destaque, uma “polígrafa” ou “anatoliana” na concepção de Miceli (2001); o intelectual-literato era comum no período, embora não tanto entre as mulheres. Mercedes Dantas, desde a infância, se identificou com a escrita, particularmente, os contos.

A produção literária foi o estopim de engrenagem de suas publicações nos impressos e, muitas vezes, com personagens e cenas ilustradas com desenhos de seu próprio punho, perfazendo grande parte do corpus do “Caderno de Lembrança”. Suas características de

escritora foram bem reconhecidas quando, em 1925, lançou um livro de contos intitulado “Nús”.

Imagem n. 7: "Nús" - Contos - Mercedes Dantas - 1925



Fonte: Acervo Mercedes Dantas – Registro fotográfico por Rosemeire Amaral (Rio de Janeiro, dezembro, 2017).

“Nús” é um livro composto por nove contos literários, a saber: 1) “Potranca” – adjetivo de uma de suas personagens, a Josephina (Fifi); 2) “O maître Renard” – Clovis – um rapaz solteiro, com boas condições financeiras, mas que não pensa em se casar; 3) “O sábio equilíbrio” – denominação para uma situação de divórcio matrimonial; 4) “Os noivos” – um relacionamento desfeito por conta das discrepâncias socioeconômicas das partes; 5) “Neo-homem” – a transformação e independência de um homem por meio de leituras, aquisição de conhecimento; 6) “Dois Maganões” – Eurico e Cyrullo, dois jovens que encontraram um precursor que os ajudou a formarem-se intelectuais e admiradores das sociedades anglo-saxônica e americana e seus ídolos; 7) “Madame” – um estereótipo de senhora casada, bem sucedida, mas que rompe os padrões sociais, mantendo uma relacionamento afetivo extraconjugal que, por fim se desfaz em função do amante conquistar a sua própria filha; 8) “Uma viúva” – uma história que revela as dificuldades para uma mulher manter uma família com seis filhos fora da escola e o tratamento de saúde do esposo que vem a óbito, depois de dois meses de luta pela vida. Compara os cerimoniais de sepulto dos corpos e a reações das viúvas pobres e ricas; 9) “Amigas” – a questão de amizades que por um fato corriqueiro, quase “uma instituição social”, interferirem no relacionamento de outrem e até “confiscando o noivo”, causando o divórcio para aproximar-se do marido da outra, etc.

De maneira geral, Mercedes Dantas discute a sociedade da época: o pensamento das moças que vislumbravam a modernidade; as condições sociais dos trabalhadores, em especial,

os funcionários públicos; as dificuldades para manter o vestuário; as festas dançantes e o carnaval como oportunidades para percepção de quem e como são as pessoas; a condição social da mulher e seu destino certo: o casamento; faz uma comparação das relações de gênero e o casamento, como um aspecto de ascensão moral ou uma alternativa para deixar de ser custeada pela família; as funções e papéis do homem e da mulher na sociedade e no matrimônio.

Os episódios estão dispostos em 182 páginas, nas quais, em muitas passagens, a autora Mercedes Dantas dialoga com o leitor: “... e eil-a na grande feira da Vida, fixada por minha objectiva, tal qual lá no princípio eu te mostrei, leitor amigo” (DANTAS, 1925, p. 18) ou até evoca a participação imaginária na história: “Que impressionantes instantâneos, se quizessemos, eu e tu, leitor, sair batendo chapas escolhidas, anotadinhas, identificadas... Hein?” (DANTAS, 1925, p. 18). Este é um dos destaques e magnitude da obra.

Bezerra (2001, p. 68 – Grifos meus) descreveu a obra “Nús”, apontando as estratégias utilizadas pela autora:

a constante referência ao uso de uma câmera fotográfica, com a qual a narradora procura tirar fotos de pessoas com quem se depara no seu dia-a-dia, comprova seu intento de **tentar captar um mundo interior que está normalmente oculto**, no caso, para construir a sensação do descortinar fotográfico, prepondera nos contos **uma linguagem descritiva que vai se caracterizar por um minucioso detalhamento, primeiro do aspecto exterior das personagens, para depois se voltar para o desnudamento do mundo interior** de tipos como as Fifis e os Clovis que são os alvos de sua lente.

Para Monteiro (2012, p. 10), “as imagens acompanham o processo de hominização e de socialização do homem desde a pré-história, elas perpassam a vida e a organização social, ordenando a relação entre os homens e desses com o visível e o invisível”. Mercedes Dantas, por intermédio de uma câmera fotográfica, no ano de 1924 ou 25, registrou “tipos e práticas comuns” e os descreveu de formar singular, em detalhes, tanto no que se refere aos aspectos externos, de aparência das pessoas, como numa análise de impressões sobre as suas condições internas, sensações e sentimentos.

Muitos foram os comentários, avaliações, críticas, homenagens e felicitações externados nas páginas dos mais diversos jornais e revistas. Estrada (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 294, 09/12/1925, p. 8 – Grifos meus) afirmou:

Duas palavras acerca da Autora e do livro, e terei registrado mais **uma auspiciosa atreia literária de escritor do sexo feminino na nossa terra...** obra de estréia e que não tem ainda o cunho de um escritor já feito e com

estilo próprio e forma definitiva; mas que deixa o lastro de **um verdadeiro talento, promissor de fructos que serão ainda muito mais optimos** do que estes, **quando chegar a época da maturidade e da razão de espirito**, ainda em pleno desabrochar da primavera.

O primeiro livro de Mercedes Dantas, como revelou Duque-Estrada <sup>14</sup>, foi a apresentação de uma escritora que, embora iniciante, muito jovem, tinha talento e um futuro promissor.

Ainda no ano de 1927, a obra “Nús” repercutiu nos impressos jornalísticos, e a Academia Brasileira de Letras proferiu “uma justa homenagem á talentosa escriptora Srta. Mercedes Dantas”, conferindo-lhe menção honrosa, quando “os eminentes representantes da cultura nacional, que constituem a Academia ratificaram um julgamento merecido e premiaram uma obra digna de encômios, pela sua clareza, sinceridade e elevado senso de observação e critica moralizadora” (JORNAL DO BRASIL, (RJ), N. 96, 22/04/1927, p. 7).

Em busca de prefaciadores de seus livros, deparei-me com a seguinte manifestação: “O seu livro não tem prefacio. Ou, por outra, ella se prefacia a si mesma em duas penadas, a buril pyrographico” (FONTES, A Manhã (RJ), N.88, 10/04/1926, p. 3). Assim foi descrito o perfil da professora Mercedes Dantas:

Essa nova escriptora é, sem dúvida, uma moça “educada”. Mas, nem por isso, deixa de ser um espirito “independente”. Ninguém lhe conhece os padrinhos, os “metteurs-em-scène”, os apresentantes. Apareceu por si mesma, sem recepção de annuncio, sem chá-dançante de apresentação. Ainda não fez a clássica “viagem á Europa”, nem o seu nome nos chega de torna-viagem, através de uma “consagração” (ui!) no estrangeiro. Ella é ella, e eis tudo. (FONTES, A Manhã (RJ), N.88, 10/04/1926, p. 3).

A própria Mercedes Dantas (JORNAL PEQUENO, PEQUENO JORNAL, (PE), N. 125, 3/06/1927, p. 1) exclamou:

Nús foi escripto em um mez, de uma assentada. Por certo vivia em mim, há muito, dentro de minhas horas de luz e surpresa, e continuando identico objectivo de, como diz um dos meus amados livros de cabeceira, “hablar por los que callan; gritar por los que enmudecen; obrar por los que tiemblan; herir por los que vacilan”; - darei o meu novo livro: Adão e Eva...

---

<sup>14</sup> Joaquim Osório Duque-Estrada (Vassouras, 1870 – Rio de Janeiro, 1927) foi um poeta, crítico literário, professor e ensaísta brasileiro. Seu primeiro livro, um livro de poemas, foi *Alvéolos* (1886). Conhecido pela autoria da letra do Hino Nacional Brasileiro e sua atividade de crítico literário na imprensa brasileira do início do século XX, foi membro da Academia Brasileira de Letras (DANTAS, 2018, p. 226).

O livro “Adão e Eva” é composto de oito contos, perfazendo um total de 199 páginas:

- 1) No céu mais uma estrela – a história de uma moça que, por meio da literatura e declamação de poemas, passou a ser conhecida na sociedade do Rio de Janeiro e chegou a casar-se com um ministro;
- 2) Elle – uma mulher casada, próspera financeiramente, mas infeliz, frustrada, em busca de um amor ideal, “Elle”;
- 3) O diplomata – um homem rico e de muitas posses, possuía um filho que, por amor resolvera morar de forma simples, negando as orientações paternas de se casar com uma moça com bons dotes. Infelizmente, adoeceu, veio a falecer e deixou um herdeiro. O avô, o Diplomata, retoma a consciência, procura conhecer o neto e acaba assumindo um relacionamento com a sua ex-nora;
- 4) Minha querida - D. Lazineira, casada e feliz. Acometida por uma doença, veio a falecer. Seu marido, fiel e digno durante os tempos matrimoniais, encontrara em uma mulher da qual desprezara, um novo amor;
- 5) O grande erro – discute a criação e educação na relação de gênero. Ao filho homem, todo o sacrifício para se formar doutor às custas do trabalho humilde da irmã. Ao concluir o curso, casou-se com uma moça de dotes, enriqueceu e continuou renegando a família e o antigo lar, justificando o erro materno;
- 6) A Caçula – uma história de três órfãs de pai e mãe. Mudaram-se para o Rio de Janeiro e montaram 1 negócio – callista e manicura. Um homem bem casado (Januário) se envolveu com uma das irmãs e seu genro, com outra. Houve uma noite em que o genro e a caçula (Rose) usaram morfina, discutiram, agrediram-se fisicamente e quase morreram. A culpada: a caçula;
- 7) Por um óculo – uma história de um casal que contava com a ajuda de uma amiga da família para encontros particulares, devido a desaprovação por parte da mãe da moça que, ao chegar ao extremo, transferiu a sua moradia para o exterior. Ao visar ganhos, inclusive relacionais, a “ajudante”, ao revelar suas intenções ao rapaz (triângulo amoroso), foi recusada. Assim, encerrou a trama ao escrever um carta à moça que, sem perda de tempo, encontrou outro casamento;
- 8) Tára. – o último episódio também refere-se aos compromissos de casamento, onde os dotes contavam mais do que os sentimentos. E por isso, dois irmãos, seguindo caminhos diferentes (um por amor, outro por ambição), tiveram fins inesperados. O primeiro esperava o reino da riqueza e foi enganado. O segundo casou-se pobre, mas encontrou a felicidade, ou a tára.

Mercedes Dantas utilizou-se da descrição e da história para compor suas obras, com tramas e entrelaçamentos da vida social com um ar irônico e, ao mesmo tempo, as ilustrava com seus personagens reais e “inventados”, como uma maneira de suavizar a crítica na qual

se empenhava em fazer com um tom discreto, mas poderoso, atingindo o grande público leitor.

Assim, Mercedes Dantas passou a ser conhecida e reconhecida em vários setores da sociedade carioca, com suas fotos divulgadas nos impressos, em especial no *Jornal do Brasil*, a editora que mais publicou sobre sua vida e obra nas décadas de 1920 e 1930,<sup>15</sup> período em que não havia muitas publicações, particularmente, de livros femininos.

Imagem n. 8: Mercedes Dantas (abril de 1927)



Fonte: *Jornal do Brasil* (RJ, N. 96, 22/04/1927, p. 7).

Em 1928, com o lançamento do livro “Adão e Eva”, Mercedes Dantas retornou às páginas dos mais relevantes meios de comunicação e, por recorrência, utilizou-se de seus traços irônicos e certeiros quanto ao cotidiano, como enfatizou o *Jornal do Brasil* (RJ, N. 198, 17/08/1928, p. 6 – Grifo meu):

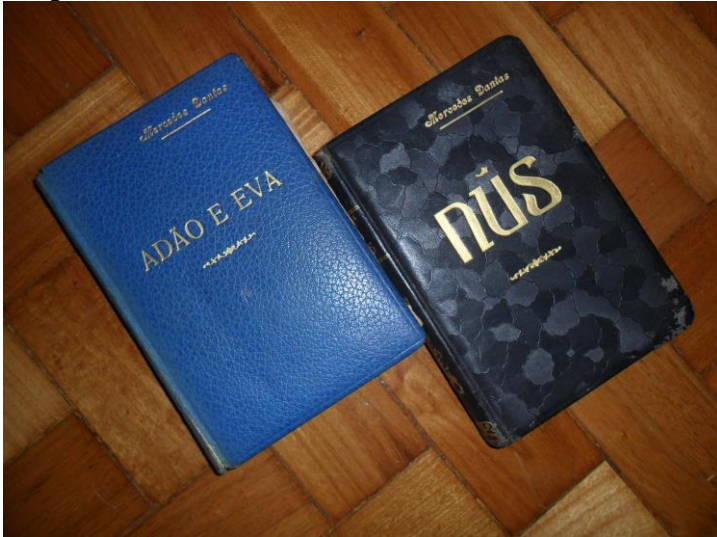
é um livro destinado ao maior sucesso literário. São paginas de aguda observação e rutilante ironia. São capítulos illuminados de beleza e graça que a penna da apreciada *consteusc* patrícia reúne num volume interessantilissimo. Por essa obra palpita a via actual vertiginosa, amável, falsa; vivem os **seus personagens creados pela sua privilegiada intelligencia. Vivem e gravitam em torno de nós, perfeitos, reaes, tão**

<sup>15</sup> De acordo Toledo (2015, p. 405), “a escrita de mulheres conquistou sua maioria, sobretudo, nos anos sessenta e setenta do século XX, na esteira do desenrolar dos movimentos femininos. Surgiu, nesta época, em várias partes do mundo um interesse em conhecer a história silenciada da mulher. Por isso, arquivos particulares, autobiografias, diários íntimos tornaram-se, então, objeto de atenção de pesquisadores voltados para desvendar, através de narrativas autobiográficas de mulheres comuns, a história que não estava escrita”.

**reaes, que parecem nossos velhos conhecidos. Soffrem, amam, mentem, agem com uma verdade por demais flagrante.**

Em abril de 1929, as notícias e os comentários sobre “Adão e Eva” continuavam a povoar o imaginário dos críticos literários nos jornais: “Dahi porque Adão e Eva se destaca da avalanche livresca, porque é a projecção de um temperamento emancipado e tem o dom de transmitir ao leitor a mesma corrente de emoções das scenas e figuras descriptas com agudeza de sinceridade” (LINHARES, *Jornal do Brasil* (RJ), N. 85, 9/04/1929, p. 17).

Imagem n. 9: Mercedes Dantas - *Nús* (1925) e *Adão e Eva* (1928)



Fonte: Acervo de Mercedes Dantas, registro fotográfico de Rosemeire Amaral (Rio de Janeiro, dez. 2017).

Linhares (*JORNAL DO BRASIL* (RJ), N. 85, 09/04/1929, p. 17), assim como Bezerra (2001), enfatizou o estilo de Mercedes Dantas sobre o que registravam seus olhos e pensamentos: “os seus tipos são communs, vivem em torno de nós, repetindo as mesmas scenas quotidianas que se dão comnosco, a cada passo, a cada momento”. Havia uma constância e repetição dos acontecimentos e situações, das pessoas comuns, com a identificação do imprevisível, do raro, do oculto, como pivô da observação e descrição.

Linhares (*JORNAL DO BRASIL* (RJ), N. 85, 09/04/1929, p. 17 – Grifos meus) retratou a personalidade de Mercedes Dantas, enaltecendo-a:

**Mercedes Dantas é um espirito moderno.** Tem a independência das suas ideas. Sabe dizer, com pulso firme, o que pensa e o que sente, com desembaraço e convicção, sem o servilismo de qualquer preconceito. O seu estylo é, talvez, a mais typica caracterisação do seu **talento moço e ágil**. Incisivo, cortante, sem boletto, sem surtos de imagens nem malabarismos rhetoricos, - tem, no emtanto, o condão do desenho fiel e

empolgante das cenas e da dramatização dos personagens que se agitam e vivem admiravelmente dentro do mundo das suas ficções como seres de existência real.

**A autora possui, em alto gráo, a rara virtude da sobriedade e do meio termo.** Foge discretamente dos derrames costumeiros daqueles que tem sobre si o domínio absoluto das palavras e das phrases feitas.

A sua produção literária ocasionou o convite para integrar as Academias de Letras do país, a exemplo da Associação Baiana de Letras (ABL) em 1930, fato evidenciado nesta publicação (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 60, 11/03/1930, p. 6): “A Academia Bahiana fazendo justiça aos altos merecimentos da ilustre conterrânea, elegeu-a hontem para a vaga de Oliveira Lima no quadro de sócios correspondentes. Heraldo Dias, secretário da Academia Bahiana”.

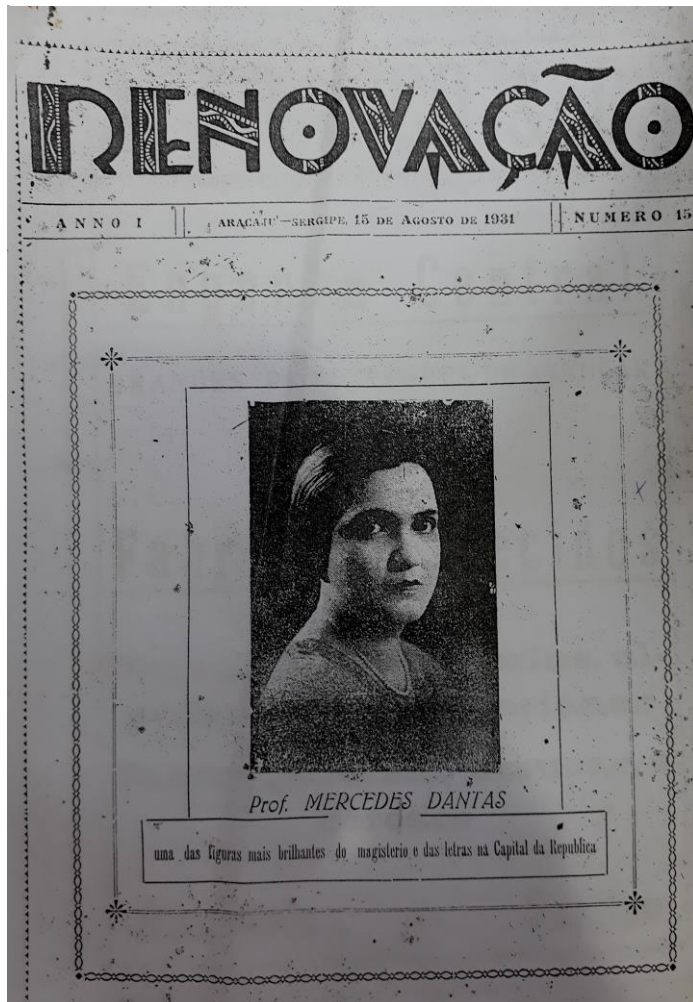
A inserção na Academia de Letras foi questionada. O jornal O Dia (PR, N. 2195, 22/03/1929, p. 1 – Grifo meu) fez essa relação:

São perguntas que a Academia ouve e não sabe orientar a quem as faz. Alguns acadêmicos, no recinto das reuniões ou terrasse do Petit Trianon, diante dos velhos pavilhões da Exposição e do mar, sussurram coisas. Uns acham que certas escriptoras brasileiras são por tudo dignas do Laurel acadêmico. A obra que realizam opulentam a cultura brasileira, concorre como a deles, dos acadêmicos, para a nossa grandeza espiritual. E lembram nomes como os de Julia Lopes, Gilka Machado, Albertina Bertha, Anna Amelia, Iracema Guimarães Villela, (Abel Juruá), Maria Eugenia Celso, Maria Junqueira Schmidt, **Mercedes Dantas**... Outros acham que seria um perigo a entrada das mulheres na Academia. Se hoje os julgamentos são acoimados de defeitos, o que não seria com candidatos femininos? E as intriguinhas, os ciúmes, as malediências... das que não entraram ainda para a Academia? Pois não se viu que houve tantos rumores que fizeram morrer no nascedouro uma Academia Feminina, á cuja frente se achava Mercedes Dantas? e ninguém quer tomar a iniciativa de abrir a porta da Academia ás mulheres, nem de falar abertamente sobre o caso. Mas não era caso de se tomar uma atitude a respeito, principalmente agora quando o direito do voto ás mulheres começa a ser concedido?

Mercedes Dantas passou a ser conclamada à redação e editoração de jornais, como o Jornal do Brasil e O Globo, e às várias contribuições em revistas, a exemplo da Revista Renovação, “publicada em Sergipe entre 1931 e 1934, dirigida e editada por Maria Rita Soares de Andrade, primeira advogada de Sergipe e primeira juíza federal do Brasil” (FREITAS, 2001, p. 3) e um personalidade defensora da “ampliação da participação das mulheres nos espaços públicos” (FREITAS, 2001, p. 3):

Maria Rita se destacou na luta em defesa dos direitos das mulheres ao lado de outras líderes do movimento feminista. Se uniu a Bertha Luz, fundadora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) e em 1931 participou do II Congresso Internacional Feminista. Criou a seção sergipana da União Universitária Feminina e foi uma das principais responsáveis pela fundação da Associação Brasileira de Mulheres Universitárias, entidade a qual presidiu. Nessa mesma época, funda e dirige, de 1931 a 1934, a revista *Renovação* (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 409).

Imagem n. 10: Capa da Revista *Renovação*, Aracajú - SE, Ano I, nº 15, 15 de agosto de 1931



Fonte: Acervo Prof.<sup>a</sup> Maria Neide Sobral

Mercedes Dantas foi homenageada com uma estampa na capa da edição de nº 15, em 15 de agosto de 1931, com o prelúdio “uma das figuras mais brilhantes do magistério e das letras na Capital da República”, uma mulher, jovem, artista plástica, escritora, literata, professora, intelectual, jornalista, viajante, feminista, política (Imagem n. 9):

Declarando-se uma feminista, Mercedes Dantas foi convidada a colaborar como redatora da Revista *Brasiléa*, fundada por Anita Ribeiro, inaugurada em dezembro de 1931.

Embora o slogan do periódico estampe “Da Mulher – Para a Mulher – Pela Mulher”, abordava assuntos não exclusivamente do campo feminino, como moda e beleza, contando com Henriqueta Lisboa (cronista literária), Mercedes Dantas (assuntos pedagógicos), Magdala Gama Oliveira (cronista musical), Georgina Albuquerque (crônica de arte plástica), Irene Drumond (página infantil), Jacyra Victoria (informações cinematográficas), Davina Fraga (atriz - chronica teatral), Odette Castello Branco (Ilustrações) (DIÁRIO DA MANHÃ (ES), N. 2783, 11/12/1931, p. 6).

Imagem n. 11: Professora Mercedes Dantas - 1927



Fonte: Revista da Semana (RJ), Ano 1927/ Edição 00001(1), 24/12/1927, p. 29.

Ainda nessa demanda, Mercedes Dantas trabalhou pela causa feminina, participando da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, “constituída por departamentos centraes na capital da Republica; filiaes nos Estados e departamentos estaduais; sociaes individuaes e representantes nos Estados, onde ainda não há departamentos e filiaes; e associações federadas” (CORREIO DA MANHÃ (RJ), N. 10845, 3/05/1930, p. 7). Destinou-se “a coordenar e orientar os esforços da mulher no sentido de evitar-lhe o nível da cultura e tornar-lhe mais efficiente a actividade social, quer na vida domestica, quer na vida publica, intellectual e politica (CORREIO DA MANHÃ (RJ), N. 10857, 17/05/1930, p. 8).

Em relação aos estados no Norte, uma de suas preocupações era a educação das mulheres. Mesmo admitindo que a nortista tinha passado a ocupar posições sociais que não a

domesticavam, ficou estarecida ao ser informada de que, no estado de Alagoas, o número de dirigentes escolares femininas estaria reduzido a uma:

Quis attribuir, á primeira vista, á educação da mulher nortista e no regimen domestico da família nortista por essas paragens – educação e regimen que annullam quasi sempre a iniciativa e a personalidade femininas, a responsabilidade da convicção dos dirigentes do ensino na capacidade da mulher para dirigir alguma coisa, mesmo escolas primarias... Mas, não. Lá encontrei professoras perfeitamente aptas e indicadas para o posto occupado, deveria dizer, usurpado pelos illustres bachareis. Em todo o Estado só há uma diretora de grupo, a professora Celina Batinga. O resto... é dos moços que sempre precisam daquelle degraózinho para subir mais além... (DANTAS, *Jornal do Brasil*, N. 177, 11/07/1930, p. 10).

Dantas (*JORNAL DO BRASIL*, N. 177, 11/07/1930, p. 10) ocupou-se de relativizar o cargo de professor primário ao escalar de subida, para o gênero masculino, cargos comissionados pelos que se fizeram “homens públicos”, privilegiando o status de que necessitavam, quase sempre, para embrenhar na carreira diplomática, angariando votos e almejando cargos provindos do apadrinhamento.

A Revista de Educação (*MANAUS*, 1930, N. 1, p. 1 – Grifo meu), após a passagem de Mercedes Dantas por Manaus, em sua edição inaugural, no texto de abertura, assim se manifestou:

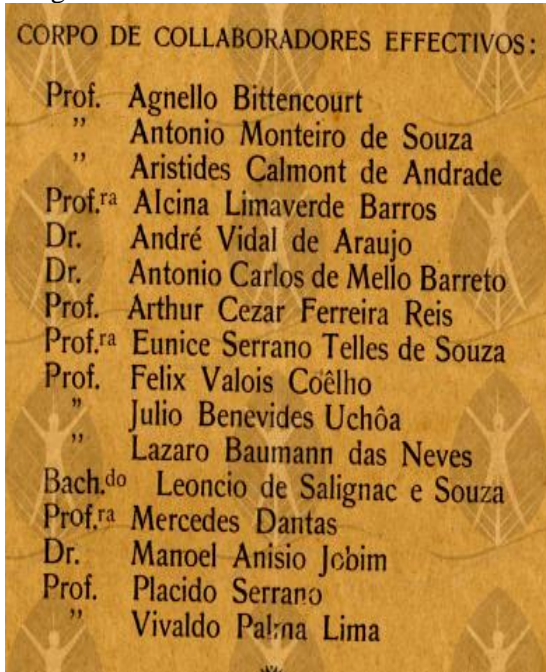
Um brilhante movimento no intuito de modernisar o ensino na Capital Federal e nos Estados occasionou a viagem de propaganda realizada pela **destemerosa e erudita preceptora** Mercedes Dantas. A **distincta escriptora trouxe** para a nossa terra **o excitamento da sua palavra optimista** e lançou as bases para a fundação da “Sociedade Amazonense de Professores”, que vem realizando sem alardes nem exhibições espéctaculosas, um magnífico programma.

A revista em questão (*MANAUS*, 1930, p. 1) pode ser considerada uma consequência da aplicação da “distincta escriptora”, “destemerosa e erudita preceptora”, visto o “excitamento da sua palavra optimista” que em Manaus “seria imperdoável não acompanhar o movimento que se opera em todo o Paiz”, tendo como objetivo:

a unificação do ensino, ... será o repositório de todas as publicações que digam respeito à Escola Activa, servindo ao nosso professorado afim de que saiba elevar bel alto o supremo ideal de amor à profissão; propugnará pelos seus justos direitos, procurando, com os meios ao seu alcance, aparelhal-o, esclarecel-o no exercício profícuo do magistério.

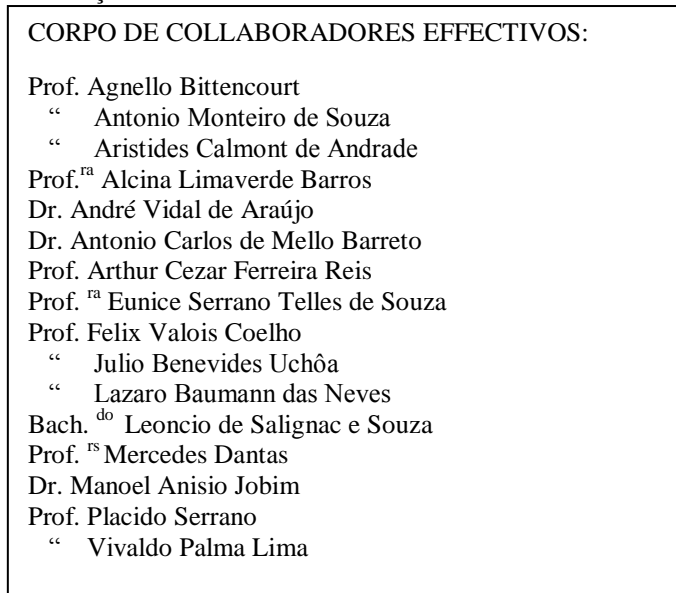
Em 1933, a professora Mercedes Dantas participou do corpo de colaboradores efetivos da Revista de Educação – Manaus, em ocasião do terceiro ano da revista:

Imagem n. 12: Colaboradores efetivos da Revista de Educação - Manaus (1933)



Fonte: Revista de Educação, Manaus, (Anno III, outubro-novembro/1933, N. 10, p. 2).

Transcrição do texto:



Ainda em 1933, por iniciativa da professora Mercedes Dantas, houve a criação de um grupo político feminista, o Directorio das Professoras Primarias (DPP) do Rio de Janeiro. O jornal A Noite (RJ, N. 7.904, 24/11/1933, p. 1) publicou: “Encontramol-a num trabalho exaustivo de organização, mas satisfeita com o interesse com que a classe acolheu a iniciativa”. Entre os debates, estava o questionamento do papel da mulher na sociedade

brasileira, a despeito do direito ao voto, sobre o qual Dantas (A NOITE (RJ), N. 7.904, 24/11/1933, p. 1 – Grifo meu) salientou:

As adesões se sucedem, diariamente, como uma demonstração de que **as professoras publicas não só compreendem o valor e a força que representam como colectividade, mas também que se acham á altura de exercer os seus direitos políticos.** A missão social de reconstrucção nacional vem da escola. E a alma da escola é a professora. A mão que guia o berço da família. E o centro moral da família é a mulher. Assim, pois, como mulher e educadora, participam as professoras da responsabilidade nesse trabalho. Somente lhes faltava o direito de escolher, pelo voto, aquelles de que o paiz precisa para bem servil-o, ahi estão ellas eleitoras. Nada mais lógico do que se congregarem, sem dispersões.

O voto feminino foi instituído no Brasil por Getúlio Vargas em 24 de fevereiro de 1932, em especial por força do movimento realizado em junho de 1931, quando “Vargas recebeu as delegadas do Segundo Congresso Internacional Feminista no Palácio do Catete e manifestou simpatia à causa” (MARQUES, 2019, p. 108).

Nas eleições de 3 de maio de 1933, realizou-se em todo o país a eleição para os representantes na Assembleia Constituinte. “Ao todo, sete mulheres candidataram-se à Constituinte, todas pelo Distrito Federal (que àquela época ficava no Rio de Janeiro): Leonilda Daltro, Natércia da Silveira, Bertha Lutz, Ilka Labarte, Georgina Azevedo Lima, Tereza Rabelo de Macedo e Julita Soares da Gama” (MARQUES, 2019, p. 110). Carlota Pereira Queiroz, outro nome feminino em destaque, porém, concorreu pela bancada paulista e

foi a primeira mulher a ser deputada. Nas eleições de 3 de maio de 1933, pela primeira vez em nossa história uma mulher foi eleita para uma cadeira na Câmara dos Deputados, como parlamentar elaborou o primeiro projeto sobre a criação de serviços sociais no país. Em 1934, elegeu-se novamente, mandato que exerceu até o Golpe de Getúlio Vargas que fechou o Congresso Nacional, em novembro de 1982. (FOGUEL, 2018, p. 124-125).

Se uma mulher ocupar o espaço de uma escritora na sociedade brasileira nos anos de 1930 e com direito a voto já era motivo de desconfianças, preconceito, ter abertura para inaugurar, presidir e compor uma Academia Feminina de Letras seria inadmissível. Esse era o sonho idealizado por Mercedes Dantas (JORNAL PEQUENO: PEQUENO JORNAL, (PE), N. 125, 3/06/1927, p. 1):

A idéa da Academia Feminina talvez vivesse no coração de muita literata. No meu, entrou pela porta larga do raciocínio, porque sempre a considerei uma nobre realização, oportuna, necessária, exaltadora, sem nada ter a ver com a separação da intelligencia masculina e feminina. Esses dois gêneros da intelligencia humana, por sua própria natureza e pontos de vista, evoluem

paralelamente, dentro de uma perfeita compreensão de valores e colaboração recíproca nos grandes objectivos da vida colectiva.

A proposta, mesmo interceptada, a fez estreitar a sua ligação com outras escritoras, como neste exemplo:

Si desse ideal me feriram espinhos, valham-me as flores que colhi! ... Conhece essa grande flôr do nosso pensamento, Albertina Bertha? ... Grande Albertina!... Tive o seu apoio progressivamente encantado. Outros espíritos interessantes enxamearam em volta da idéa luminosa: Bertha Lutz, Esther Ferreira Vianna, Aurea Pires da Gama, Iveta Ribeiro, Cecilia de Vasconcellos (Chrysantème), Henriqueta Lisboa, Leonor Posada, Laurita Lacerda Dias... Mas houve tanta cousa!... Indecisões... agressões... Nem vale nos determos no assumpto académico... (DANTAS, *Jornal Pequeno: Pequeno Jornal*, (PE), N. 125, 3/06/1927, p. 1).

Por ocasião da não aceitação de um projeto tão audacioso, como o da Academia Feminina de Letras, a reação de Mercedes Dantas não foi o desânimo. Ao que tudo indica, o reconhecimento de que a protelação de uma ação tão importante representaria um “erro funesto”, exclamou ao ser questionada se havia desistido da Academia:

**Nunca! ... Continuo a crêr que a *Academia Feminina* prestaria os mais extraordinários serviços á conquista dos direitos e aspirações da mulher**, temas que agitam o mundo lá fora e que aqui apenas chegam a medo. Sem ella, a trajectoria a percorrer para a consagração desses ideaes immensos será longa e árdua. Reputo erro funesto e falta de collaboração para a sua finalidade. **Fio que dentro de breves annos escriptoras e poetisas, todas as intellectuaes congregadas, acabarão por comprehender a necessidade de fundar-se a *Academia Feminina de Letras*.** A idea, lancei-a á História... (DANTAS, *Jornal Pequeno: Pequeno Jornal*, (PE), N. 125, 3/06/1927, p. 1 – Grifos meus).

Em 1941, ocorreu outro grande lançamento de Mercedes Dantas, o livro “O Nacionalismo de Castro Alves” (*A NOITE* (RJ), N. 10525, 01/06/1941, p. 7):

Mercedes Dantas é um nome consagrado. Estreiou como difficilmente se estreia, entre nós, vitoriosa, aplaudida sem restrições pelos maiores críticos do tempo, com um livro violento e audacioso – Nús. Depois, no jornalismo, vem assinando artigos brilhantes nos grandes jornais e revistas desta Capital; na educação publica, tornou-se uma de suas mais altas expressões culturais; líder do magistério primário, em varias oportunidades, foi ainda a primeira brasileira a organizar, dentro de um partido político, as professoras publicas. Com “O Nacionalismo de Castro Alves” inicia a autora uma nova serie interessantíssima de estudos sobre problemas históricos e político-sociais do Brasil.

Em “O Nacionalismo de Castro Alves”, registrou suas impressões sobre o poeta: “o maior de todos, senhor dos dons divinatórios, e nacionalista na mais pura e elevada expressão do termo, dentro do critério de ontem” (DANTAS, 1941, p. 13).

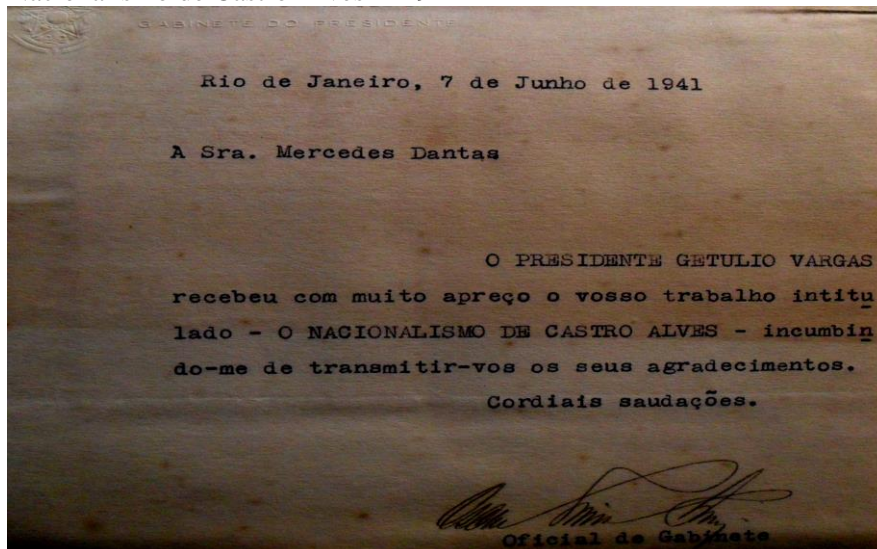
Imagem n. 13: Mercedes Dantas (1941)



Fonte: A Noite (RJ, N. 10525, 01/06/1941, p. 7).

Como de costume, Mercedes Dantas fazia questão de que suas obras fossem divulgadas, por isso enviava exemplares, do próprio punho, a pessoas influentes e amigas. “O Nacionalismo de Castro Alves”, por exemplo, chegou às mãos do então presidente Getúlio Vargas que, apreciando, lhe mandou agradecimentos:

Imagem n. 14: Correspondência do gabinete Getúlio Vargas - Agradecimento pelo envio do livro "O Nacionalismo de Castro Alves" - 1941



Fonte: Acervo Mercedes Dantas – CADERNO DE LEMBRANÇA III.

Transcrição do texto:

Rio de Janeiro, 7 de junho de 1941

À Sra. Mercedes Dantas

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS recebeu com muito apreço o vosso trabalho intitulado – O NACIONALISMO DE CASTRO ALVES - incumbindo-me de transmitir-vos os seus agradecimentos.

Cordiais saudações.

(Assinatura)  
Oficial de Gabinete

Mercedes Dantas (1941, p.16) declaradamente apoiou o governo getulista:

O Estado Novo é uma conquista da atual mentalidade brasileira. E no campo do pensamento, há uma esplêndida floração. Hoje, a coragem deve ser a característica da inteligência. Cada pensador tornar-se-á, assim, uma força viva agindo no meio, destemerosamente. As afirmações e as realizações do Brasil de agora asseguram e orientam a soberania total do Brasil de amanhã.

Os enunciados nos jornais evidenciaram situações em que Mercedes Dantas se destacava na educação, um setor em que os problemas eram visíveis, um dever para com a nacionalidade: “Chegamos, enfim, à verificação de que é impossível desconhecer a visão atual dos problemas de educação. Outro princípio fundamental é que a escola, por isso mesmo, deve ser a criadora da nacionalidade, identificando-se completa e sinceramente com a doutrina política do Estado” (DANTAS, 1942, p. 23).

À escola caberia não só a formação doutrinária política, mas a preparação de cidadãos para o trabalho, por isso Mercedes Dantas registrou como epígrafe do livro “O Nacionalismo de Castro Alves”, a frase de Getúlio Vargas: “Cumpre-nos, pois, dar sentido claro, diretrizes construtoras e regras uniformes à política educacional, o mais poderoso instrumento, de que dispomos, para fortalecer a nossa estrutura moral e econômica” (VARGAS, citado por DANTAS, 1942, Epígrafe).

Alguns cenários políticos revelam um alinhamento de Mercedes ao nacionalismo e a Getúlio Vargas, junto à União dos Educadores:

A União dos Educadores – órgão máximo do magistério primário carioca – verdadeiramente integrada, desde a sua formação, em 1937, nos postulados cívicos sociais, morais e políticos de V. Excia, vem, de publico, manifestar a V. Excia, que se acha pronta para cumprir com o seu dever, nesta hora histórica que vivemos todos. O Brasil pode contar conosco. V. excia, que

encarna a própria nacionalidade, e os nossos ideais, pode contar conosco, da União dos Educadores. (DANTAS, Caderno de Lembrança – III).

No ano seguinte, 1942, “A Força Nacionalizadora do Estado Novo”, uma monografia patrocinada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) viria, mais uma vez, cativar aplausos à escritora Mercedes Dantas (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 256, 30/10/1942, p. 9):

Com esse volume, Mercedes Dantas confirma brilhantemente as suas qualidades de observadora, de analista, sua agudeza em interpretar os fenômenos sociais, e demonstra uma invulgar cultura especializada nos domínios da história e da sociologia.

O presente trabalho abrange o decênio do governo do Presidente Vargas e são notáveis os capítulos que a autora escreveu sobre “Retrospecto histórico”, “A tendência histórica á unidade política” e o perfil moral e político do presidente Vargas.

Naquele contexto, a professora Mercedes Dantas se alinha também ao fascismo. D’araujo (2000, p. 14) definiu o fascismo como “uma expressão evidente de totalitarismo: a obediência política cega é traduzida como civismo – daí a importância das comemorações cívicas nesses regimes – e a discordância é interpretada como traição à pátria”.

O Correio Paulistano (SP, N. 26616, 13/12/1942, p. 8) divulgou a fácil identificação dos interesses de Mercedes Dantas, pois “vê-se pelo índice que a autora fez um relato das principais atividades da vida nacional no decorrer de 1930 a 1940. São estudos curiosos revestidos de um alto senso patriótico e reveladores de nosso progresso político, econômico e social, de 30 até nossos dias”.

Em “O Heroísmo inconfessado”, anunciado aqui como “Machado de Assis por Mercedes Dantas”, a professora descreveu que o homem em questão não tivera a mesma sorte que ela, pois “a vida de Machado de Assis, na história da literatura nacional, foi uma longa trajetória de sombras e de luz” (CADERNO DE LEMBRANÇA III). Enaltecendo o biografado, justificou:

Do morro do Livramento à Academia de Letras, das oficinas da Tipografia Nacional à hora culminante do carvalho de Tasso, polariza-se a ascensão lenta, ininterrupta, pertinaz. Foi uma tragédia íntima, secreta, essa, suportada com um estoicismo só equivalente ao desejo indómito de vencer suas próprias origens. E venceu-as, aos poucos, obstinado.

O que foi denominado de “heroísmo” em Machado de Assis foi o calar-se diante dos acontecimentos nacionais, um jeito especial de “confessar-se pela metade” ou até ser, “na opinião de Graça Aranha, um verdadeiro acidente literário”. Dantas afirmou que, diante das situações, ele “se ensimesmou e nada viu nem quis ouvir. Não participou de nenhum

movimento nacional, não os aplaudiu, não os criticou, ao menos” ... “em nenhuma página sua se sente a Pátria, o orgulho da terra, o sentimento intimo de brasileiro, nem ao menos, a paixão política” (DANTAS, Caderno de Lembrança III), possivelmente, negou-se ao nacionalismo de forma sutil.

Esse movimento político gerou alguns frutos, como a organização da “Ordem dos Professores” e a “União dos Educadores da Cidade do Rio de Janeiro” e talvez tenha sido uma motivação para a candidatura de Mercedes Dantas ao pleito de vereadora do Rio de Janeiro.

As imagens n. 14 e 31 são uma rara exposição da professora Mercedes Dantas, visto que, naquele período, as fotografias geralmente não registravam pessoas sorrindo. Seguindo esse padrão social, quase sempre, por seu perfil sério, Dantas em suas fotografias expressava uma fisionomia ausente de um sorriso. No entanto, essas são exceções.

Imagem n. 15: Professora Mercedes Dantas na inauguração do Diretório das Professoras Primárias (1933)

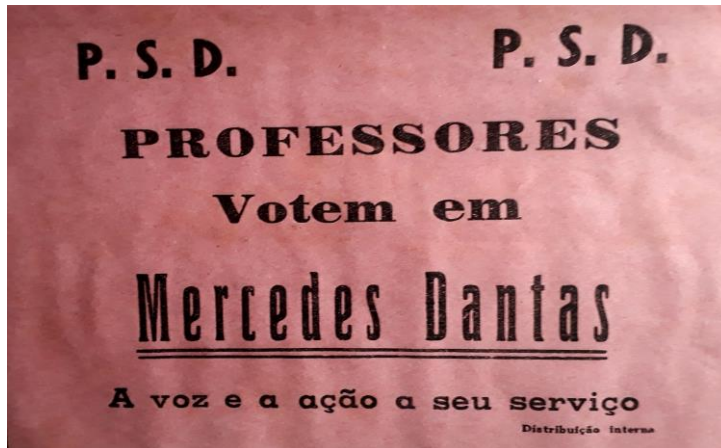


Fonte: A Noite (RJ, N. 7.904, 24/11/1933, p. 1).

O panfleto de candidatura da professora Mercedes Dantas pelo Partido Social Democrata (PSD) anunciou o slogan “A voz e a ação a seu serviço” (Imagem n. 15), se comprometendo com a classe professoral da qual fazia parte e era militante, na medida em

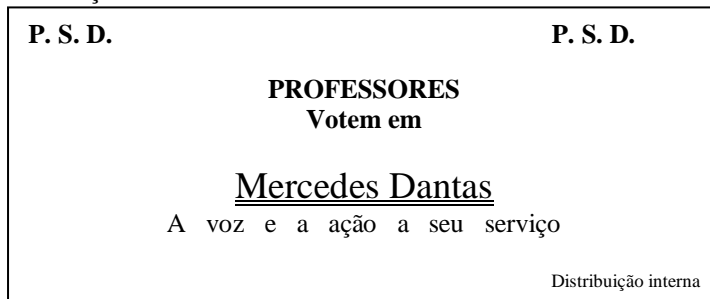
que o Diretório Político das Professoras Primárias também exercia um papel de “posto eleitoral”, como divulgado pelo cartão de apresentação do grupo partidário (Imagem n. 16):

Imagem n. 16: Panfleto - Propaganda da candidatura da Professora Mercedes Dantas ao cargo de vereadora do Rio de Janeiro



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA II).

Transcrição do texto:

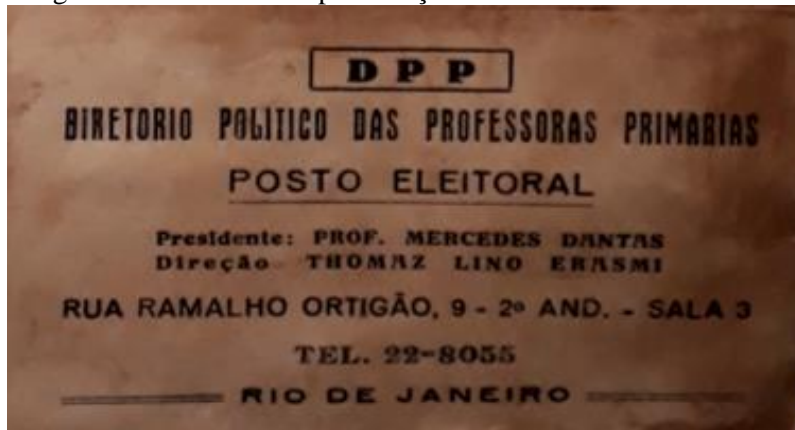


Com a “União dos Educadores da Cidade do Rio de Janeiro”, Mercedes Dantas investiu em favor de sua classe profissional, criando a “Colônia de Férias Mercedes Dantas”, que existiu até 2017:

A UNIÃO DOS EDUCADORES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO é considerada entidade máxima na defesa da classe de acordo com a Lei nº 1.134, de 14/06/1950 e instituição de Educação e Assistência Social pela Lei nº 372 de 03/11/1949 e de Utilidade Pública pela Lei nº 4144, de 22/07/2005. A UNIÃO DOS EDUCADORES DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO é resultante da fusão da LIGA DE PROFESSORES com a ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS e a ORDEM DOS PROFESSORES, tendo sido fundada em 28 de outubro de 1937. A COLÔNIA DE FÉRIAS DE CINCO LAGOS originou-se quando a professora Mercedes Dantas, que possuía uma casa em Cinco Lagos – Mendes – RJ e levava professores para passar fins de semana em sua casa, decidiu doar toda a área para a UECIRJ em 15 de outubro de 1951, nascendo

assim a COLÔNIA DE FÉRIAS MERCEDES DANTAS. (SITE OFICIAL DA UECIRJ).<sup>16</sup>

Imagem n. 17: Cartão de apresentação DPP



Fonte: Acervo Mercedes Dantas – CADERNO DE LEMBRANÇA II.

Transcrição do texto:



Deixando o PSD e filiando-se ao Partido Republicano (PR), foi eleita vereadora, exercendo o mandato entre 1947 e 1950, mas não se reelegeu na campanha eleitoral seguinte. No dia 1º. de abril de 1949 foi empossada vereadora do Distrito Federal, a 3ª mulher a assumir um cargo desta espécie na capital.

<sup>16</sup> Para saber mais, acesse: <http://www.uecirj.com.br>.

Imagem n. 18: Mercedes Dantas, Artur Bernardes e novos integrantes do Partido Republicano



Fonte: Diário da Noite, 29/11/1946 (CADERNO DE LEMBRANÇA III). Mercedes Dantas na fotografia está no canto esquerdo, única mulher da imagem.

O Nacionalismo, a brasilidade era a temática que percorria todos os setores do país, quer culturais, quer econômicos, políticos e sociais. Em 1937, houve a fundação da Associação de Defesa e Cultura Nacionalista, da qual Mercedes Dantas participou:

Acaba de ser fundada nesta capital a Associação de Defesa e Cultura Nacionalista cujos objetivos são criar a mystica da Terra e da Raça, tendo como lema – O Brasil acima de tudo.

A nova sociedade, que já conta com grande numero de associados, tendo á sua frente os srs. Dr. Pereira Lessa, general Lauro Sodré, capitão da corveta Waldemar de Araujo Motta, professora Mercedes Dantas, dr. C. Paula Barros, general Ximens Vileroy, capitão de mar e guerra Frederico Vilar, professora Maria Amelia Nunes de França, dr. Leão Caçador, dr. Paulo de Tarso Bezerra, professora Violeta Borba, desenvolvera um largo programma de brasilidade, sob todos os aspectos, aqui e nos Estados, onde já se estão organizando as directorias dos núcleos regionais. (CORREIO DA MANHÃ (RJ), N. 13.133, 2/09/1937, p. 6).

O 1º Congresso de Brasilidade aconteceu na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, entre 10 e 19 de novembro de 1941. Evento de caráter nacional envolveu um grande número de pessoas com vistas à estruturação do Estado Nacional, de base unificada e patriótica, contando com o apoio do presidente da República Getúlio Vargas e a participação:

[...] do capitão Manuel dos Anjos, representando o sr. Presidente da República, os interventores Landulfo Alves e Álvaro Maia, representantes de todos os ministros de Estado e interventores, delegados estaduais junto ao Congresso, delegações ministeriais e demais repartições públicas, general Candido Mariano Rondon, representações da maioria das instituições, sindicatos, Imprensa, pessoas gradas, além das representações de todos os estabelecimentos de ensino do Distrito Federal e de alguns Estados. (CADERNO DE LEMBRANÇA III).

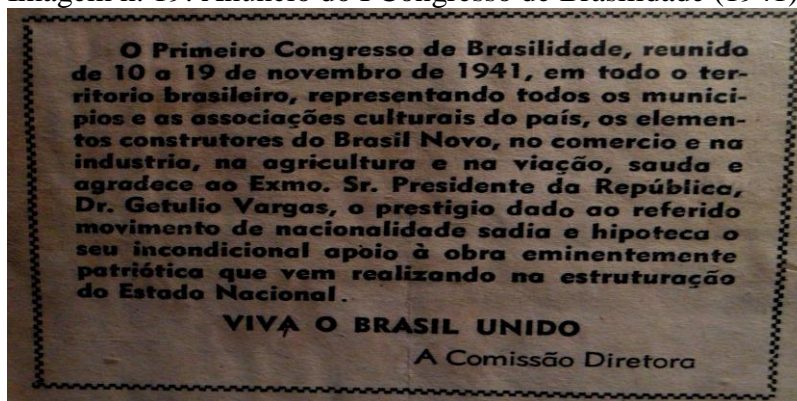
Os organizadores do Primeiro Congresso de Brasilidade perfilharam como slogan “Viva o Brasil unido”, estampado no anúncio de divulgação do evento (Imagem n. 18) e construíram um estatuto/regimento (CADERNO DE LEMBRANÇA III – Grifo meu):

Art. 3º - O primeiro Congresso de Brasilidade, idealizado pelo Centro Carioca, Liga de Defesa Nacional e Sindicato dos Educadores Brasileiros, foi organizado e será dirigido por um Comissão Diretora de quinze (15) membros, composta dos senhores:

General Meira de Vasconcellos, **Professora Mercedes Dantas**, General João Marcelino Ferreira e Silva, Professor Dr. Otton da Silva e Souza, Professor Dr. Deodato de Moraes, Professor Dr. Ernani de Figueiredo Cardoso, Professor Ariosto Berna, Jornalista Sr. Henrique Gigante, Professor Dr. Attilio Vivacqua, Professor Dr. João Baptista de Mello e Souza, Coronel Dr. Jesuino de Albuquerque, Dr. Pedro Vergara, Dr. Fernando de Mello Vianna, Brigadeiro do Ar Newton Braga.

O Congresso abarcou os trabalhos divididos por dez unidades: política, geográfica, histórica, moral, ética, social, cultural, econômica e financeira, jurídica e patriótica (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 227, 26/09/1941, p. 15).

Imagem n. 19: Anúncio do I Congresso de Brasilidade (1941)



Fonte: Acervo Mercedes Dantas – CADERNO DE LEMBRANÇA III.

Transcrição do texto:

O Primeiro Congresso de Brasilidade, reunido de 10 a 19 de novembro de 1941, em todo o território brasileiro, representando todos os municípios e as associações culturais do país, os elementos construtores do Brasil Novo, no comércio e na indústria, na agricultura e na viação, saúda e agradece ao Exmo. Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas, o prestígio dado ao referido movimento de nacionalidade sadia e hipoteca o seu incondicional apoio à obra eminentemente patriótica que vem realizando na estruturação do Estado Nacional.

VIVA O BRASIL UNIDO

A Comissão Diretora

A professora Mercedes Dantas participou da primeira edição do evento com a responsabilidade de dirigir, junto a Ernani Figueiredo Cardoso e João Baptista de Mello e Souza, a “Unidade Cultural”, que definiu como “a centralização do pensamento brasileiro, sistematicamente fortalecido por meio da língua que falamos, e depois a defesa diuturna do nosso patrimônio artístico e intelectual, dos valores morais – lastro precioso da nossa formação histórica” (DANTAS, 1941, Caderno de Lembrança III).

Imagem n. 20: I Congresso de Brasilidade - 1941



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA III).

A reunião de caráter nacional, que obteve grande sucesso, contou com o lançamento do Segundo Congresso de Brasilidade, sendo Fernando de Azevedo nomeado relator da “Unidade Cultural” (A NOITE (RJ), N. 10954, 9/08/1942, p. 4).

No contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945),<sup>17</sup> o Conselho Diretor do Segundo Congresso de Brasilidade, do qual fazia parte a professora Mercedes Dantas, em uma “Mensagem dirigida ao Excelentíssimo Senhor Presidente Getúlio Vargas” a 7 de setembro de 1942, declarou:

Brasilidade, nesta hora de insânia agressiva, é mais do que zelar pelo que nos legaram quatro séculos de vida autônoma, mas, e muito principalmente, conjugar os esforços de todas as idades e de todas as classes para montar

<sup>17</sup> Com a derrota das potências nacionalistas na segunda guerra mundial, o nacionalismo passou a ser visto como uma ideologia marginal, muitas vezes proibida e sem expressão no mundo ocidental (PERESTRELLO, 2018. p. 45).

guarda à nossa própria civilização e dar o brado de alerta contra aqueles que desdenharam da nossa maneira de pensar e de sentir.

Se o momento era propício para negar as políticas nacionalistas em razão dos resultados da Grande Guerra, no Brasil, o sentimento de nação, expresso por uma “brasilidade” estava em alta e dizia respeito a todas as pessoas, independente de classe social ou idade e, à escola, uma função especial: preparar os futuros cidadãos para o trabalho. Mercedes Dantas (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 0085, 10/04/1936, p. 7), em apoio ao fascismo característico do governo varguista, conclamou o professorado a assumir sua cátedra e participar das atividades em prol da brasilidade, destacando seus deveres:

O Brasil primacialmente, deve ser feito pelo professor. Tarefa, que ele deve reivindicar, pacificamente, agindo em defesa das instituições, do patrimônio moral, das tradições cristãs e sociais, históricas e políticas, porque ele é a alma da escola e obreiro da nacionalidade, o evangelho do civismo, o magico, enfim, que abre a inteligência da criança, o coração do adolescente á vida, aos deveres e ao labor.

Em uma publicação, “Chrysantème”, codinome utilizado por Cecília de Vasconcelos, em uma coluna jornalística voltada para a crítica literária, noticiou obras inéditas de Mercedes Dantas:

A Sra. Mercedes Dantas tem, para sair, “A Força Nacionalizadora do Estado Novo”, “O Bragantismo nos destinos do Brasil”, “Os Construtores da Pátria”, “O Homem que achou a Felicidade” e “Páginas de ontem e de hoje”. Em preparo: “Meus Heróis” e “Canto Nativo”, obras didáticas. (CADERNOS DE LEMBRANÇA I).

Mercedes Dantas proporcionou a si um espaço nos enunciados dos jornais para elaborar uma percepção de si, quando fora citada, na “fala” de Chrysantème:

Nesses contos, como bem focalizou a Sra. Crysantème, a análise dos sentimentos femininos, das aspirações do coração e da inteligência da mulher é feita com segurança e personalidade, com o conhecimento visível dos métodos da ficção moderna, por alguém que compreende a alma controvertida da mulher e sabe interpretá-la com equilíbrio e sinceridade. (DANTAS, Caderno de Lembrança I).

Mercedes Dantas publicou alguns escritos e deixou outros inéditos:

- As Grandes Diretrizes Nacionais da Escola Primária, 1942;
- Unidade Cultural, 1942 (Tese);
- Épocas do Brasil (estudos econômicos, políticos e sociais);
- O Bragantismo nos destinos do Brasil (estudos políticos);
- O Homem que achou a Felicidade (contos) – inédito;
- História de Vila Rica – inédito.

Imagem n. 21: Acervo Mercedes Dantas: livros



Fonte: Registro fotográfico por Rosemeire Amaral (Rio de Janeiro, dez. 2017).

Em contato com o acervo de Mercedes Dantas, pude ter acesso às obras inéditas, relacionadas acima, com a oportunidade de ler “História de Vila Rica”, quase por completo, pela escassez de tempo. Um documento manuscrito em caderno pautado, original em seu rascunho, que descreve muitos aspectos da vida familiar dos Itapicurú Coelho, ainda no interior da Bahia. Textos em papel ofício, datilografados e empacotados, enlaçados com um cordão de algodão cru, como “O homem que achou a felicidade”, “pontos” do concurso em que se candidatou, provavelmente, para o cargo de docente do Instituto de Educação, alguns contos, etc. Um caderno em espiral com escritos que registram contos, poesias, cartas e notas, alguns sem datação, outros, entre 1913 e 1918 (Imagem n. 21).

Além dos livros e manuscritos de Mercedes Dantas, no acervo há uma obra de seu irmão Olavo Dantas (1901-1997), "Folhas de Acanto". O escritor deixou mais de vinte obras poéticas, prosas e romances: "Lanternas do meu Caminho", "A Ilha não Achada", "A Alma das Horas", "Vida quase Saudade", "Jardim dos Mirtos", "Os Bandeirantes", "O Val das Esmeraldas", "Camões e a Armada Imortal" e "Mar das Caravelas - Epopeia do Mar"; "A Glória de Alberto de Oliveira", "Sob o Céu dos Trópicos", "Gaivota dos Sete Mares", "O Romanceiro do Mar", "Nas Voltas do Mar"; "Rosa do Mar Salgado" e "Damas do Naípe do Amor".

Imagem n. 22 : Títulos inéditos de Mercedes Dantas



Fonte: Registro fotográfico por Rosemeire Amaral (Rio de Janeiro, dez. 2017).

Mercedes Dantas também figurou ao lado de Olavo Dantas nas publicações dos jornais impressos do Rio de Janeiro, “ambos, filhos do distinto sr. Cel. José Dantas Coelho, residente na capital do país, honram o nome da Bahia, no Rio, e é por este motivo que o “Diario de Notícias”, hoje, os homenageia” (CADERNO DE LEMBRANÇA I), ilustrado na Imagem n. 22, com o enunciado era “Bahianos que honram a Bahia, na capital da Republica”.

O Diário de Notícias (RJ) enfatizou o motivo da homenagem, descrevendo as personalidades. No ensejo, destacou que foram contemplados com um prêmio:

Intellectual brilhante, cujos livros revelam cultura e talento, a escriptora Mercedes Dantas é uma rara organização de literata. A sua última obra “Nús” atesta bem um espirito habituado ao trato dos livros e ao aperfeiçoamento da ilustração que ella, dia a dia, alarga e solidifica. O irmão de d. Mercedes Dantas é o dr. Olavo Dantas, medico há pouco diplomado pela faculdade de Medicina do Rio cuja congregação acaba de obter o maior laurel conferido aos alumnos que terminam o curso: um premio de viagem á Europa (CADERNO DE LEMBRANÇA I).

Imagem n. 23: Os irmãos Mercedes Dantas e Olavo Dantas na Capital da República



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA I).

Para Silva e Júnior (2016, p. 208), “o enunciado, ao revelar a posição social do sujeito, o localiza no emaranhado de relações de poder”. Mercedes Dantas passou a ser reconhecida como uma dama na sociedade fluminense, ou seja, lugar social que, pelo seu refinamento, foi incumbida de organizar e, em alguns casos, patrocinar festas culturais ou cerimoniais nos clubes da cidade, como símbolo de suas relações de poder. O Atlântico Club (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 176, 26/07/1927, p. 11 – Grifo do original):

a aristocrática associação de Copacabana, deliberou, em momento de feliz inspiração, confiar á brilhante escriptora Srta. Mercedes Dantas, a delicada tarefa de organizar a parte artística das suas festas.

Acceitando a honrosa incumbência, a autora de *Nús* já iniciou o seu trabalho tendo quase totalmente prompto o programma da reunião de Agosto próximo.

Imagem n. 24: Evento de entrega de medalhas aos atletas no Atlântico Club - 1931



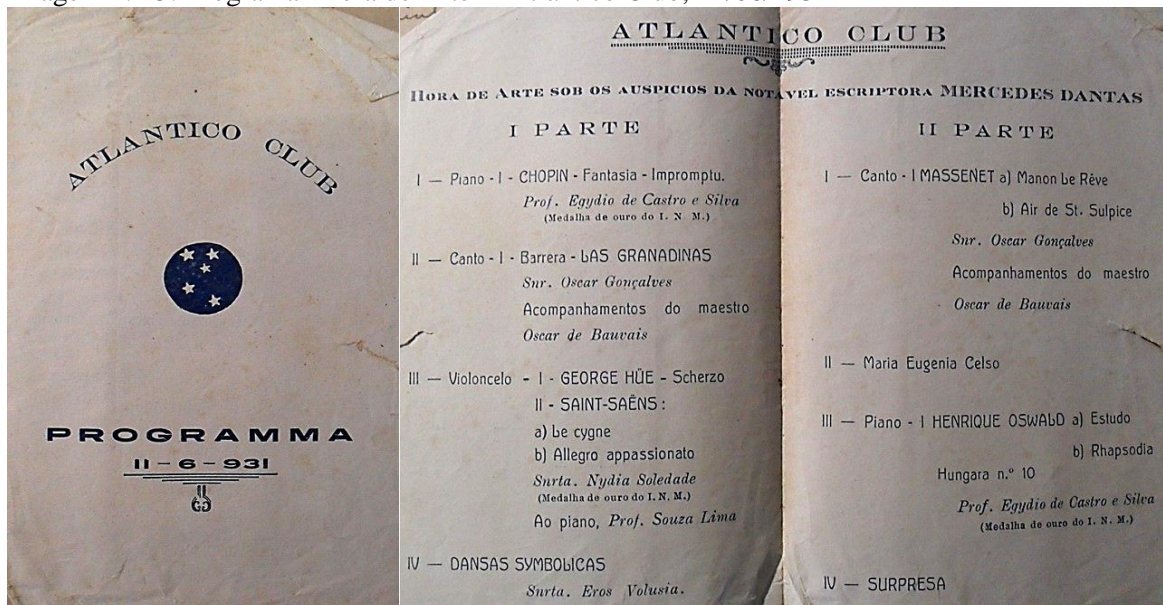
Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA III) (Mercedes Dantas está do lado direito da foto, a quarta, com um vestido estampado, luvas e bolsa na mão).

Um evento que perdurou um bom tempo sob sua administração foi “A Hora de Arte”, reuniões sociais onde aconteciam exposições de poesia, música, textos, acompanhados de um baile dançante, no qual se faziam presentes pessoas da mais ilustre sociedade.

O Jornal do Brasil (RJ, N. 233, 30/09/1927, p. 10) enalteceu o programa:

A julgar pelas primeiras Horas de Arte, que a scintillante escriptora patricia Srta Mercedes Dantas organizou o mez passado, no Atlantico Club, as que hoje serão realizadas, logo á noite, promettem excepcional brilho. Mercedes Dantas tem conseguido com as festas que patrocina noites excepcionaes para o Atlântico tal o prestígio social de seu nome illustre e a selecção inalterável que preside á organização dos programas. As derradeiras Horas de Arte foram, sem favor, as mais brilhantes da presente estação. As de hoje constituirão outro triumpho magnifico ao qual a assistirão o que o Rio tem de mais distincto e elegante.

Imagem n. 25: Programa "Hora de Arte" - Atlântico Club, 11/06/1931



Fonte: Acervo Mercedes Dantas – CADERNO DE LEMBRANÇA III.

Transcrição do texto:

<b>ATLANTICO CLUB</b>	
<b>HORA DE ARTE SOB OS AUSPICIOS DA NOTAVEL ESCRITORA MERCEDES DANTAS</b>	
<b>I PARTE</b>	<b>II PARTE</b>
<p>I — Piano — CHOPIN — Fantasia — Impromptu. <i>Prof. Egidio de Castro e Silva</i> (Medalha de ouro no I. N. M.)</p> <p>II — Canto — Barrera — LASGRANADINAS <i>Snr. Oscar Gonçalves</i> Acompanhamento do maestro <i>Oscar de Bauvais</i></p> <p>III — Violoncelo — I — GEORGE HÜE — Scherzo II — SAINT — SAENS: a) Le Cygne b) Allegro appassionato <i>Srta. Nydia Soledade</i> (Medalha de ouro no I. N. M.) Ao piano <i>Prof. Souza Lima</i></p> <p>IV — DANÇAS SYMBOlicas <i>Srta. Eros Volusia</i></p>	<p>I — Canto — I MASSANET a) Manon Le Réve b) Air de St. Sulpice <i>Snr. Oscar Gonçalves</i> Acompanhamento do maestro <i>Oscar de Bauvais</i></p> <p>II — Maria Eugenia Celso</p> <p>III — Piano — I HENRIQUE OSWALD a) Estudo b) Rhapsodia Hungara n.º 10 <i>Prof. Egidio de Castro e Silva</i> (Medalha de ouro no I. N. M.)</p> <p>IV - SURPRESA</p>

O Automóvel Club do Brasil, fundado em 1907, inicialmente funcionou em prédio emprestado pelo Club Regatas. Em sede própria, passou a reunir a elite carioca, em especial os proprietários de automóveis e promoveu festas esportivas, culturais e sociais.

Na Imagem n. 25, uma amostra de sua versatilidade: a recepção dos participantes do II Congresso Internacional Feminista.

Imagem n. 26: Delegadas do II Congresso Internacional Feminista - Automóvel Club do Brasil (RJ)



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA II). Mercedes está na primeira fila, lado esquerdo da foto, a quinta.

Mercedes Dantas, ocupando esse lugar social, assim como no Atlântico Club, no Automóvel Club foi responsável por organizar e selecionar artistas, intelectuais e pessoas influentes da sociedade carioca para frequentar as “Festas de Arte”, como vemos na Imagem n. 26:

Imagem n. 27: 1ª Festa de Arte organizada por Mercedes Dantas no Automóvel Club



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA II). Mercedes Dantas é a terceira da direita para a esquerda.

Para além dos espaços sociais, os institucionais foram primordialmente ocupados por Mercedes Dantas, entre eles, as instituições escolares. A Instrução Pública no “Caderno de Lembrança” alcançou o recorde em número de publicações.

Inicialmente, procurei destacar, nos recortes e memórias, os enunciados sobre a educação. Isso só foi possível acompanhando um pouco a trajetória de Mercedes Dantas nessa área. Ela ingressou no Instituto de Educação no ano de 1913 e se diplomou pela Escola Normal do Rio de Janeiro, no curso de Magistério, em 1916. Suas anotações primeiras dizem respeito aos anos entre 1911 e 1925.

Nesses registros, fez um panorama do que estava ocorrendo nesse âmbito no Brasil, particularmente no Distrito Federal (Rio de Janeiro), e no exterior. Há a constância de estatísticas comparativas quanto aos dados da escola primária, secundária e superior, as taxas de analfabetismo e os investimentos destinados pelos órgãos governamentais para a Instrução Pública.

De acordo com os dados registrados, foi possível verificar quais os estados que mantinham um quantitativo considerável de escolas primárias. Porém, suscitaram a discussão quanto às vicissitudes (desde o quantitativo investido por parte da administração pública ao descaso por parte do professorado do ensino primário), em razão da discrepância de políticas públicas educacionais entre os estados do Norte (subdesenvolvidos e pobres) e do Sul (desenvolvidos e ricos), sempre destacando a posição em que ocupou o Distrito Federal, seu percurso e ascensão no cenário nacional.

Analisando os Quadros n. 8 e 9, podemos fazer uma acareação entre o estado do Rio de Janeiro (Distrito Federal) e os estados do Norte, nos anos de 1911 e 1923, respectivamente:

Quadro n. 7: Escolas Primárias nos estados do Norte e no Rio de Janeiro (1911)

<b>ESTADO</b>	<b>ESCOLAS PRIMÁRIAS</b>
Bahia	1076
Pernambuco	963
D. Federal	555
Pará	433
Sergipe	327
Espírito Santo	320
Alagoas	297
Parahyba	290
Amazonas	263
Maranhão	259
Rio Grande do Norte	175

Fonte: Elaborado por Rosemeire Amaral, com base no acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA I).

Lambert (1959, p. 218), levando em conta as condições da Instrução Primária no Brasil, uma sociedade dualista (Norte – pobre e subdesenvolvido; Sul – rico e desenvolvido), compreendeu que:

[...] em um país desigualmente desenvolvido como é o Brasil, o problema do número torna-se complexo em vista da dualidade de estrutura econômica e social que separa os dois Brasís. É difícil, realmente, em um mesmo país, se pôr à disposição de todas as regiões um ensino de igual qualidade e duração; entretanto, a parte desenvolvida do país não se pode contentar com um ensino barato e deficiente e a parte subdesenvolvida não pode arcar com a sua parcela das despesas do ensino de longa duração e alta qualidade.

Em 1911, o Distrito Federal não suplantava os estados da Bahia e de Pernambuco (estados do Norte) em relação ao número de escolas; inversamente, os índices das escolas primárias não ultrapassavam em mais de 50% dos estados nortistas mais avantajados.

Após mais de uma década, a situação do Brasil como uma nação que investia na Educação Popular não expunha resultados esperados, como destacou Carvalho (2003, p. 11): “Nos anos 20, na avaliação da República instituída feita por intelectuais que se propõem a pensar o Brasil, a política republicana é acusada de ter relegado ao abandono “milhões de analfabetos de letras e de ofícios”, toda uma massa popular, núcleo da nacionalidade”.

Conforme o Quadro n.8, o Distrito Federal apresentava um alto índice de analfabetismo (acima de 60%) na estatística escolar feita pelo D. Carneiro Leão, apresentada ao Sr. Alaor Pinto e publicada em janeiro de 1923. O Distrito Federal comparava-se ao Rio Grande do Sul e São Paulo, os estados com menor taxa de analfabetismo (Quadro n. 8):

Quadro n. 8: Estatística escolar - analfabetismo - Brasil - 1923

<b>Estado</b>	<b>População escolar</b>	<b>Frequência/matricula</b>	<b>Analfabetismo</b>
Amazonas	100.000	-	66% - Capital
Pará	120.000	25.959	75%
Maranhão	80.000	15.000	85%
Piauí	80.000	12.000	85%
Ceará	431 escolas, 7 Grupos Escolares	22%	78%
R. G. Norte	-	-	82%
Parahyba	600 escolas	-	82%
Pernambuco	-	-	82%
Alagoas	-	-	82%
Sergipe	-	-	82%
Bahia	300.000	51.431	84%
Espírito Santo	80.000	14.000	82%
<b>Distrito Federal</b>	<b>200.000</b>	<b>76.000</b>	<b>63%</b>
São Paulo	480.160	232.621	50%
Minas	800.000	205.268	75%
Paraná	108.262	22.975	70%
Santa Catharina	100.000	31.000	70%

R. G. Sul	-	-	63%
Goyaz	60.000	7.000	90%
M. Grosso	-	-	85%

Fonte: Acervo Mercedes Dantas – Caderno de Lembrança I.

DANTAS (Caderno de Lembrança II) mostrou sua inconformidade diante da situação do Distrito Federal, capital do país, com uma receita maior do que de outros estados, e com um desempenho sofrível no campo da educação:

[...] Não é crível que a primeira cidade do paiz, séde do governo da Republica, dispondo de um orçamento de receita maior do que o do Estado de Minas e quasi igual ao de S. Paulo, e que de anno para anno avulta, não possa apresentar á Nação um ensino modelar, paradigma util á cultura do paiz.

Com foco na Instrução Pública Primária associada aos aspectos sociais e econômicos, tendo por base os índices de analfabetismo apresentados nos relatórios da Diretoria Geral de Instrução, Mercedes Dantas apontou diversos elementos responsáveis por essa situação:

\* Gerais: a política interferia e decidia a educação; a falta de uma legislação condizente; a falta de escolas profissionais; a morosidade nos despachos dos processos referentes aos funcionários/candidatos aprovados em concursos; os métodos e os programas de ensino inadequados; a rejeição/resistência em adotar ou adaptar as inovações pedagógicas; a evasão escolar; a falta de credibilidade das escolas públicas; o baixo rendimento escolar; a substituição da preferência da escola pública por instituições particulares por pais e responsáveis pelos alunos; o fechamento de escolas.

\* Específicas: os estados do Norte sempre estiveram em desvantagem; a inflação demográfica e a imigração como empecilhos de desenvolvimento; a escassez de recursos humanos e materiais; as escolas rurais foram mais sucateadas.

Mais tarde (1942) exerceu a função de professora na cadeira de Prática de Ensino e coordenadora de projetos pedagógicos (Imagem nº 27). Foi do lugar que ocupou nesta instituição que trouxe, no “Caderno de Lembrança”, registros de vários momentos do contexto educacional carioca.

Imagem n. 28: Cerimônia de Designação de Mercedes Dantas para o cargo de professora de Prática de Ensino da Escola de Educação do Instituto de Educação - Rio de Janeiro, 1942

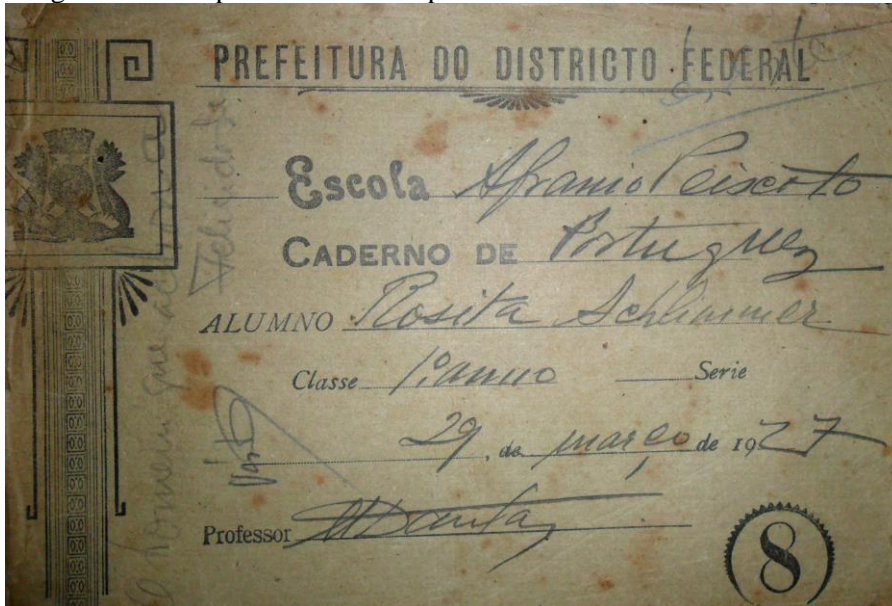


Fonte: Acervo Mercedes Dantas (Caderno de Lembrança III). A professora Mercedes Dantas é a segunda da esquerda para a direita.

São enunciados que revelam seu comprometimento com o entendimento da área e trazem elementos importantes para compor os cenários educacionais do itinerário da viagem. Em função dessa construção, Mercedes Dantas enfoca os lugares institucionais em que esteve como um agente ativo, como as escolas da rede particular ou ainda como assessora, cargo administrativo ou docente na rede pública de ensino do Rio de Janeiro, como a Escola Afrânio Peixoto, a Escola Alberto Barth, o Instituto Ferreira Vianna, o Instituto Mercedes Dantas. A professora preservou em sua memória, por intermédio do “Caderno de Lembrança”, os aspectos relativos às suas ações quanto aos princípios escolanovistas e à modernidade pedagógica, acompanhando as mudanças ocorridas, tanto no Brasil como no exterior, parcerias firmadas – inclusive com capital estrangeiro –, registradas nas publicações em jornais e revistas de experiências exitosas, em especial, na Instrução Pública.

Em 1927, ano da nomeação de Fernando de Azevedo a Secretário de Instrução Pública do Distrito Federal, Mercedes Dantas atuava em escolas da rede municipal do Rio de Janeiro, com a disciplina “Portuguez”. A Imagem de n. 28 nos apresentou algumas informações:

Imagem n. 29: Capa da caderneta – prof.<sup>a</sup>. Mercedes Dantas – 1º ano - Escola Afrânio Peixoto, 1927



Fonte: Acervo Mercedes Dantas – Caderno de Lembrança II.

Transcrição do texto:

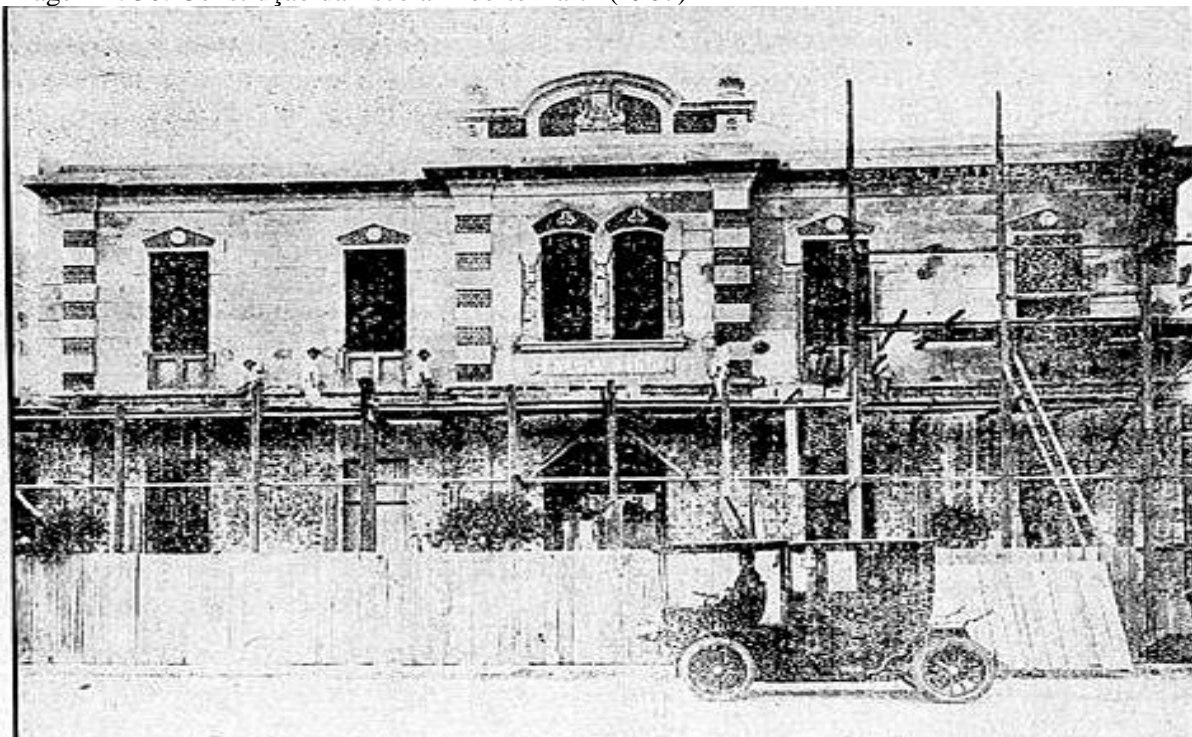
<p style="text-align: center;">PREFEITURA DO DISTRICTO FEDERAL</p> <p style="text-align: center;">Escola Afranio Peixoto.</p> <p style="text-align: center;">Caderno de <u>Portuguez</u>.</p> <p style="text-align: center;">ALUMNO Rosita Achlimmer.</p> <p style="text-align: center;">Classe 1º anno. _____ Série</p> <p style="text-align: center;">29 de março de 1927</p> <p style="text-align: center;">Professor <u>(Assinatura de Mercedes Dantas)</u></p>
---

A Escola Municipal Alberto Barth foi um exemplo de parceria e participação do capital estrangeiro na educação. Foi erguida com a doação do suíço Alberto Barth (1840-1907), um grande comerciante da indústria têxtil no Rio de Janeiro, que deixou em seu testamento o valor de 150 mil francos para a Prefeitura investir em Educação. Construída em 1907 e inaugurada em 1908, a escola, no governo Getúlio Vargas, sofreu uma interrupção em suas atividades entre 1939 e 1946 para a instalação do Tribunal de Execução,<sup>18</sup> onde, em 1936, “foram julgados os principais líderes do movimento comunista e, também, os integralistas que participaram do assalto ao Palácio Guanabara em 1938, então residência

<sup>18</sup> [http://www0.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas\\_1a\\_republica/1\\_dec/alberto\\_barth.htm](http://www0.rio.rj.gov.br/sme/crep/escolas/escolas_1a_republica/1_dec/alberto_barth.htm). Acesso em: 03 jan. 2018.

oficial do Presidente”.<sup>19</sup> Sua primeira diretora foi a professora Alzira Barbosa da Costa Rocha. A Imagem n. 29, embora tenha sido extraída do jornal O Paiz (1907) e não do “Caderno de Lembrança”, demonstra quão imponente se tornou a construção dessa escola:

Imagem n. 30: Construção da Escola Alberto Barth (1907)



Fonte: O PAIZ (RJ), Anno XXIII, N. 8347, 11/08/1907, p. 3.

Em alguns jornais, a exemplo de O PAIZ (RJ, N. 8295, 20/06/1907, p. 1), o valor não é exatamente esse citado, mas sempre há indicação de uma quantia vultosa, destinada à educação de forma geral e, em específico, para uma escola primária com capacidade para 200 alunos, que levou o nome do benfeitor:

O Dr. Moreira Guimarães, representando o Sr. Ministro do interior, fará entrega hoje, no Thesouro da Prefeitura, da quantia legada ao governo do Brazil pelo cidadão suíço, Sr. Barth, para auxiliar a instrução primaria. Como já antecipamos esse legado, que monta á quantia de 130:000\$, vai ser empregado na construção de uma escola modelo, na avenida Beria-Mar, denominada escola Barth.

A professora Mercedes Dantas registrou a sua passagem pela Escola Alberto Barth, naquela ocasião, presidente do “Círculo de Pais e Professores”, como, também, mentora do

<sup>19</sup>MENANDRO, Heloísa. Revolta Integralista. **Verbete**. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolta-integralista>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

programa “Hora de Alegria do Gremio Infantil”, quando mencionou a “escola como uma das que mais têm concretizado em obras beneméritas de educação e assistência as criações da ultima reforma de ensino” (DANTAS, Caderno de Lembrança II), fazendo referência à reforma educacional de Fernando de Azevedo.

O Instituto Ferreira Vianna foi regulamentado pela Lei n. 1739, de 5 de janeiro de 1916, para atender 230 crianças do sexo masculino e 70 do sexo feminino, com idade entre 5 e 10 anos:

Art. 1º A Casa de S. José, que de ora em diante passará a denominar-se “Instituto Ferreira Vianna” em homenagem ao seu fundador, Conselheiro Antonio Ferreira Vianna, tem por fim prestar assistência e educar crianças desvalidas, de ambos os sexos, que tenham pelo menos um anno de residência provada no Districto Federal, e cujos pais ou tenha residido neste Districto.

§ 1º Para esse fim, constituirá o Instituto Ferreira Vianna uma escola primária mixta, sob o regimen de internato, com classe infantil anexa.

§ 2º As crianças, recolhidas sob o seu tecto, fornecerá o instituto alimentação, vestuário, tratamento medico e ministrará educação physica intellectual, moral e cívica, de accôrdo com os programas do ensino primario. (JORNAL DO COMMERCIO (RJ), N. 74, 12/03/1916, p. 9).

Com a “Festa do Livro”, o Instituto Ferreira Vianna comemorou o 40º aniversário. O diretor Silveira Lobo e a professora Léa Muniz de Britto fizeram a abertura. Na ocasião,

foram distribuídos prêmios aos alumnos que mais se têm salientado naquella casa de caridade e executado pelos mesmos o Hymno Nacional. A escriptora D. Ivetta Ribeiro, em breves palavras, repassadas de carinho, dirigiu uma saudação as crianças.

[...] inauguraram-se o novo gabinete dentário “Mario Procopio”, a Bibliotheca Infantil e as novas dependências do Cinema Infantil. (CADERNO DE LEMBRANÇA I).

No “Caderno de Lembrança”, a professora Mercedes Dantas marcou a sua participação em atividades festivas, cívico-comemorativas do Instituto (Imagem n. 30):

Imagem n. 31: Comemoração do 40º aniversário do Instituto Ferreira Vianna



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (Caderno de Lembrança II). Publicação também localizada no Jornal do Brasil (RJ), N. 192, 10/08/1928, p. 6. Mercedes Dantas, a sexta à direita no palanque superior, possivelmente ao lado de Fernando de Azevedo.

Transcrição do texto:

UMA FESTA DE ENCANTADORA SIMPLICIDADE – COMMEMORAÇÃO DO 40º ANIVERSARIO DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO FERREIRA VIANNA

Dantas, na condição de subdiretora do Instituto Ferreira Vianna, preservou enunciados que são indicativos de seu acesso imediato à Diretoria de Instrução Pública e, de certa forma, uma aproximação com Fernando de Azevedo, quando as celebrações ocorridas no Instituto sempre contavam com a presença do Diretor da Instrução Pública o que, por sua vez, oportunizou ao nome de Mercedes Dantas um destaque entre os professores primários cariocas, provável motivação, entre outras, para a sua escolha à embaixadora educacional pelos estados do Norte:

Para maior realce e significação desse festival comemorativo, estiveram presentes o Dr. Fernando Azevedo, director da Instrucção Municipal; D. Mercedes Dantas, sub-directora do Instituto; dona Adelaide de Castro Alves, Guimarães, irmã do immortal poeta das “Espumas Fluctuantes”, senhoras e senhoritas, além de innumeradas outras pessoas de destaque social. (CADERNO DE LEMBRANÇA I).

A data celebrada foi anunciada pelo Jornal do Brasil (RJ, N. 192, 10/08/1928, p. 6):

Realizou-se uma sessão, na qual, tomaram parte os Srs. Dr. Silveira Lobo, director do Instituto; D. Mercedes Dantas, vice-diretora; Dr. Fernando Azevedo, director da Instrução; D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, irmã do immortal poeta das “Espumas Fluctuantes”, e outros. A escriptora D. Iveta Ribeiro dirigiu uma formosa saudação ás crianças.

Mercedes Dantas atuou na educação fluminense, tanto no âmbito público, quanto no particular. Uma de suas projeções foi o Instituto Mercedes Dantas, fundado junto a uma amiga como sócia, a professora Maria Amélia (Imagem n. 31).

Imagem n. 32: Mercedes Dantas e Maria Amélia Nunes da Fonseca - diretoras do Instituto Mercedes Dantas



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA II).

No aniversário de um ano da escola, houve uma cerimônia, conforme registrou o Jornal do Brasil (RJ, N. 121, 25/05/1940, p. 10 – Grifos meus) e observado no Caderno de Lembrança III:

iniciou-se com a palavra de uma das diretoras, D. Mercedes Dantas. Disse ela **o que tem sido para aquela casa de educação** o 1º ano de atividades orientadas sob a proteção de Deus, **a insígnia da Pátria** e corações de mulher. **Assinalou a tendência da educação nacional** e a contribuição que lhe trazia o Instituto Mercedes Dantas, **reafirmando por fim o**

**compromisso que tornara de prosseguir na tarefa nacionalizadora e patriótica** em que se empenha com sua colega diretora Maria Amélia Nunes da Fonseca.

O enunciado parafraseia Mercedes Dantas e suas convicções educacionais, sob os fundamentos de uma pedagogia moderna, com base nacionalista e patriótica, endossando seu interesse e vínculo para com a educação, não restrita ao Rio de Janeiro, mas em âmbito nacional.

Imagem n. 33: Fachada do Instituto Mercedes Dantas



Fonte: Folheto Institucional (CADERNO DE LEMBRANÇA III).

Transcrição do texto:

INSTITUTO MERCEDES DANTAS  
 EXTERNATO  
 RUA CONDE DE BONFIM, 683  
 (SITUADO NUM DOS PONTOS MAIS SALUBRES DA TIJUCA)  
 FONE: 38-6754

O Instituto Mercedes Dantas, localizado no Rio de Janeiro, foi inaugurado em 14 de maio de 1939, data também da inauguração do Centro de Brasilidade Duque de Caxias, sob o slogan: “A valorização humana se faz pela educação. É patrimônio inalienável, o melhor e mais precioso que se pode possuir, na terra” (CADERNO DE LEMBRANÇA III).

A solenidade foi divulgada pela Rádio Transmissora do Rio de Janeiro (P. R. E. 3),<sup>20</sup> com a presença do escritor Carlos Maul, o major Luiz Augusto da Silveira, o poeta Paulo Barros e Mercedes Dantas. Além dos citados, compareceram:

Mons. Mac Dowell, vigário da paróquia, o Dr. Alair Antunes, diretor do Instituto de Educação, respondendo pelo Departamento de Educação, representante do Dr. Rui Carneiro da Cunha, Secretário de Educação e Cultura, superintendentes DD. Felicidade de Moura Castro e Eulina Nazaré, e outras professoras do magistério público, além dos alunos e suas famílias. (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 121, 25/05/1940, p. 10).

Como parte da cerimônia, “a educadora e escriptora Mercedes Dantas, em belo discurso, definiu as diretrizes educacionais, estéticas e religiosas da casa que fundou para servir ao Brasil”. Ao final, “depois de uma visita á exposição de trabalhos escolares, foram oferecidos refrescos e doces” (CADERNO DE LEMBRANÇA III). Em seu emblema, o Instituto Mercedes Dantas divulgou: (Imagem n. 33):

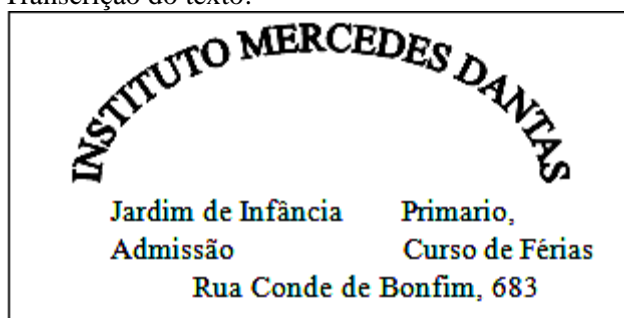
Imagem n. 34: Emblema e cursos oferecidos pelo Instituto Mercedes Dantas



Fonte: Acervo de Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA III).

<sup>20</sup> P.R.E. é uma sigla de frequência das transmissoras de rádio do período. Em 1940, o presidente da Rádio Transmissora PRE – 3, era o irmão da professora Mercedes Dantas, o sr. Nelson Dantas, que proclamou: “A PRE-3 instituiu-se como um órgão de grande opinião publica brasileira – no dia 1º de janeiro de 1936, e, nesse primeiro quadriennio de sua atividade, póde orgulhar-se de ter concorrido, com efficacia e sem desffalecimentos, para o progresso de nossa terra e de nossa gente” (DANTAS, O Radical (RJ), N° 2869, 03/01/1940, p. 6).

Transcrição do texto:



Uma demonstração de confiança e reconhecimento social do papel desempenhado como diretoras de escolas do Departamento de Educação do Rio de Janeiro estava explícita no cartão-convite do Instituto: “é a casa de educação que convem aos vossos filhos. Á sua frente dois nomes que são uma garantia autentica da idoneidade, de experiencia e cultura – Mercedes Dantas e Maria Amélia Nunes da Fonseca” (FOLHETO INSTITUCIONAL – Caderno de Lembrança III). Garantindo a instalação de técnica moderna, exortava: “Não hesiteis. O próximo ano de 1939, com as novas exigências para o Curso Secundário, reclama uma formação inicial sólida e criteriosamente feita” (FOLHETO INSTITUCIONAL – Caderno de Lembrança III). O Instituto oferecia os cursos:

- a) Jardim de Infância (de 4 a 6 anos de idade);
- b) Curso Primário (6 anos em diante), em quatro séries e com as disciplinas de Português, Francês, Inglês, Matemática, Geografia, História do Brasil, Ciências Físicas e Naturais, Instrução Moral e Cívica, Higiene, Educação Física, Trabalhos Manuais e Desenho.
- c) Curso de Admissão, com duração de um ano, objetivava preparar os alunos para “qualquer” escola secundária, de acordo com os programas oficialmente adotados.
- d) Curso de Férias, de janeiro a março. (FOLHETO INSTITUCIONAL – Caderno de Lembrança III).

O horário de funcionamento estava dividido em Jardim da Infância de 12:00 às 16h, e os demais de 11:30 às 16:30h. Com o tempo (não declarado nas fontes de pesquisa), o Instituto passou a ser um externato e ampliou suas atividades, no mesmo endereço. O Jardim de Infância conservou seus moldes. Para o Primário, em 4 séries, as matérias permaneceram, porém o Francês era gratuito, e o Inglês, facultativo. A Admissão manteve sua estrutura. Foram introduzidos os cursos:

- a) Pré-Musical – atendendo alunos e pessoas não matriculadas no Instituto, com Teoria, Solfejo e Piano.
- b) Noturno – funcionando das 19 às 21 horas e três vezes por semana;

c) Auxiliar de Comercio e de Escritório – com duração de dois anos, matriculavam-se rapazes e moças e cursavam: Língua Nacional, Matemática, Francês, Geografia, Dactilografia, Taquigrafia, correspondência e contabilidade. (FOLHETO INSTITUCIONAL – Caderno de Lembrança III).

Com a ampliação, o horário de funcionamento passou a ser: Curso de Admissão (das 8 às 12 h); Curso Primário (12 às 16:30h) e Jardim de Infância (12 às 16h), contando com:

Professores escolhidos e registrados no departamento de Educação e de acordo com as leis em vigor. Métodos educativos eficientes. Séde ampla e arejada, Instalações modernas. Material didático de 1ª ordem. Campo esportivo. Grande área para recreio. Biblioteca para Professores e alunos. Museu Escolar. Grêmio Literário Castro Alves. Centro de Brasilidade Duque de Caxias (FOLHETO INSTITUCIONAL – Caderno de Lembrança III).

Entre os diferenciais citados, o Instituto passou a se destacar por outros aspectos como “um Departamento de Educação Física sob a direção de um profissional diplomado pela E. de Cultura Física do Exército”. Para o Curso de Férias (20 de dezembro a 31 de janeiro) e de Admissão (6 de janeiro), tendo “férias regulamentares o período de 15 a 30 de junho, é obrigatório o uso de uniforme”. Havia ainda outros atrativos:

O Jardim de Infância funciona com aparelhamento moderno e atraente: mobiliário de cor esplendidamente construído, jogos encantadores e um piano para acompanhamento dos cânticos. É nele que se inicia grátis, o aprendizado de francês.

O Instituto possui automóvel próprio para condução dos alunos. Curso rápido de 4 a 6 meses para revisão de Língua Nacional, sob a direção de Mercedes Dantas. Francês, Hesperol, Inglês. Prática de Ensino. (FOLHETO INSTITUCIONAL – Caderno de Lembrança III).

Foram vários os cargos e posições atribuídas a Mercedes Dantas na sociedade fluminense. No Instituto de Educação, de aluna passou a ser professora concursada. Sua atuação naquela instituição rendeu-lhe algumas concessões, designações e premiações:

Quadro n. 9: Mercedes Dantas - Concessões, designações e premiações (1951-1964)

DATA	DOCUMENTO	TÍTULO
01/02/1951	Apresentação no ITE	Professora catedrática de Prática de Ensino
28/11/1950	Mudança de padrão	Elevação ao padrão Q, aumento de vencimentos
10/06/1953	Designação	Comissão de sindicância do ITE
24/04/1954	Designação	Membro do Conselho Técnico Administrativo do ITE
10/07/1954	Designação	Coordenadora Geral do Grêmio Cultural Rui Barbosa
21/08/1958	Condecoração	Medalha de Bons Serviços de 2º grau e o respectivo Diploma.
1959	Premiação	Medalha de ouro por bons serviços prestados como funcionaria pública - Medalha Padre Anchieta
24/04/1960	Designação	Ministrar o curso de aperfeiçoamento “Metodologia dos Trabalhos Manuais”
05/07/1961	Designação	Coordenadora de Prática de Ensino do Curso Normal

26/02/1962	Designação	Construir o Grupo de Trabalho para elaboração de Ficha do Professor
02/03/1962	Designação	Construir a Comissão de Elaboração de Programas Mínimos de Prática de Ensino
01/07/1962 a 30/09/1963	Licença especial	15 meses de licença especial a serem gozadas de um só período
1964	Aposentadoria	Publicado em 10/03/1965.

Fonte: Elaborado por Rosemeire Amaral, com base nos arquivos do acervo CMEB (1951-1964), Rio de Janeiro, dez 2017.

Este foi o cenário em que houve a produção dos discursos, com a interação de Mercedes Dantas com outros autores, personagens políticos e intelectuais educacionais com quem se relacionou, entre eles, Fernando de Azevedo.

Suas ações e produções foram amplamente divulgadas pelos jornais impressos na década de 1930. Encerrando o evento, a viagem, a professora Mercedes Dantas se manteve no cenário educacional durante algumas décadas, mas, paulatinamente, foi deixando de atuar tão fervorosamente, chegando ao ponto de se recolher. Menos ativa, ocupava, em 1966, a cátedra de número 58, com a matéria “Prática de ensino”, da Congregação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro – na época Distrito Federal do Brasil –, fundada a 10 de fevereiro de 1947.

Há muito a percorrer na investigação a respeito da vida e obra da professora Mercedes Dantas, mesmo após o fechamento desta Tese. Noticiado pelo jornal O Globo (RJ, 01/07/1982, sessão matutina, p. 12), a professora Mercedes Dantas faleceu de enfarte, aos 81 anos, “... solteira, deixa uma filha de criação, Maria Thereza, os irmãos Nelson, José Olavo e Milton, além de sobrinhos e sobrinhos-netos; morava na Rua Leopoldo Miguez, Copacabana”.

Embora falecida, o nome de Mercedes Dantas circulou por entre as páginas de jornais, com menor frequência nos anos seguintes. Em 1983, a Rua Mercedes Coelho no Rio de Janeiro foi assim intitulada em sua homenagem.

Imagem n. 35: Mercedes Dantas (Década de 1980)



Fonte: O Globo (N. 65, MATUTINA, GERAL, 01/10/1982, p. 2).

Após esse esboço biobibliográfico da professora Mercedes Dantas, retomo a afirmação de Foucault (2006, p. 294) de que “o autor deve se apagar ou ser apagado em proveito das formas próprias do discurso”. Os escritos de Mercedes Dantas, em via de regra, muitas vezes, deixaram de enfatizar o que ela, como produtora de discursos, quisera externar, ocasionando seu desaparecimento como autora, endossando o pensamento foucaultiano de “dispersão” na unidade discursiva, na qual “sua voz” passou a ser institucionalizada por lugares em que passou, seja na particularidade, seja na vida profissional.

A Escola Nova e a modernização dos métodos, técnicas e instrumentos educacionais à luz das experiências advindas de outros países ou mesmo do êxito de reformas brasileiras na Instrução Pública, constituíam ponto chave para a civilidade, o progresso e a nacionalização, em especial, por vias da democratização da educação popular e da produção dos discursos sobre a viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte.

Então, qual a relação entre o escolanovismo e a viagem pedagógica de Mercedes Dantas? O que a fez “Embaixadora da Escola Nova” pelos estados do Norte em 1930? É o enfoque do Capítulo 3.

### **3. MERCEDES DANTAS, “EMBAIXADORA DA ESCOLA NOVA”: VIAGEM AOS ESTADOS DO NORTE**

Neste capítulo trato da Escola Nova no Brasil e sua relação com a reforma de Instrução Pública do Rio de Janeiro, advogada por Fernando de Azevedo, e da viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas, como frutos e propulsores dos ideais escolanovistas. Descrevo a nomeação de Fernando de Azevedo para a Diretoria da Instrução Pública carioca em 1927 e alguns aspectos que demarcaram o seu projeto de reforma.

Reporto-me a Fischer (2001, p. 202) sobre a existência de “um sujeito” (FOUCAULT, 1996), “alguém que pode efetivamente afirmar aquilo”, para falar da professora Mercedes Dantas, uma personagem que, embora em situação de sujeição, foi autorizada, “autorizou-se” ou incutiu-se de poder para afirmar algo, em razão dos lugares institucionais e sociais que ocupou. Acato a fala de Foucault a respeito da “ordem do discurso”, considerando “os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos” (FOUCAULT, 1996, p. 39) que propagaram os ideais da Escola Nova. Delineio o papel de “embaixadora” que foi se estabelecendo em torno de seu nome, enquanto problematizo a ausência dela na produção histórico-literária e documental do próprio Fernando de Azevedo.

Em todo o Brasil, nos anos finais da década de 1920 e início da década de 1930, ouvia-se falar da Escola Nova e da Cruzada pela Educação, cuja finalidade era o combate ao analfabetismo e a elaboração de diretrizes para uma educação popular. Momento em que “a instrução pública figurava como condição de construção da nação que se fazia federada e descentralizada, delegando aos governos estaduais a responsabilidade pela edificação da escola” (CAVALCANTE, 2011, p. 31) e o empreendimento das reformas.

Intelectuais e profissionais do ensino, imbuídos de um novo olhar a respeito dos problemas da educação, especialmente em São Paulo, estado pioneiro em reformas na Instrução Pública (1920), seguido por Ceará (1922), Distrito Federal (1924-1927), Bahia (1925) e Minas Gerais (1927), deslocaram-se a convite dos dirigentes dos órgãos administrativos de outros estados com o propósito de auxiliar no processo de renovação escolar. Foi nesse contexto, que Fernando de Azevedo iniciou, no Rio de Janeiro, sua participação no movimento da Escola Nova.

Afirmou Barbosa (2015, p. 18) que, “para alguns historiadores da Educação, o criador da Escola Nova no Brasil foi Rui Barbosa, com seus Pareceres sobre a Educação Primária em

1882; para outros, ele e outros liberais foram precursores e a fase precursora se estende até 1920”. Nomes como Manuel Bergström Lourenço Filho (1897-1970), Anísio Spínola Teixeira (1900-1971) e Fernando de Azevedo (1894-1974) tornaram-se projetores do escolanovismo no Brasil e colaboradores na elaboração do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932.<sup>21</sup>

Lourenço Filho “se impoz aos meios pedagógicos do paiz como um dos mais competentes educadores, um corypheu das modernas ideas nos domínios da pedagogia theorica e applicada” (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 199, 20/08/1930, p. 12). Em 1929, ele lançou o livro “Introdução ao Estudo da Escola Nova”, que objetivou “expor e analisar novos sistemas didáticos, experimentados em nações da Europa, nos Estados Unidos e outros países” (LOURENÇO FILHO, Prefácio, 1978, p. 9). Nessa obra, Lourenço filho (1978, p. 17), sintetizou o que foi a “Escola Nova”, da utilização do termo à expansão do movimento:

Esse singelo nome foi por alguns adotado para caracterização do trabalho em estabelecimentos que dirigiam e, logo também, por agremiações criadas para permuta de informações e propagação dos ideais de reforma escolar. Mais tarde, passou a qualificar reuniões nacionais e internacionais, bem como a figurar o título de revistas e séries de publicações consagradas ao assunto. Dessa forma, a expressão escola nova adquiriu mais amplo sentido, ligado ao de um novo tratamento dos problemas da educação, em geral.

Um fato que chama a atenção é que, no Brasil, “o processo de incorporação ocorreu com uma característica peculiar: diferentemente do que havia acontecido na maioria dos países, aqui os princípios escolanovistas começaram a ser difundidos primeiramente em escolas públicas” (VASCONCELOS, 1996, p. 26), e não em escolas experimentais ou particulares.

Era quarta-feira, 2 de fevereiro de 1927, quando o jornalista Oswaldo Orico (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 28, 2/2/1927, p. 6), com o título “Dous Valores”, escreveu: “O deslocamento de um valor intellectual da periferia para o centro é, em geral, um acto de coragem. Quasi todos os nomes, que ahi estão vivendo brilhantemente na agitação literária do momento, aqui chegaram e venceram após uma penosa e obscura cruzada”.

---

<sup>21</sup> O Manifesto de 1932 foi publicado com o seguinte título: A Reconstrução Educacional no Brasil – ao povo e ao governo – Manifesto dos pioneiros da Educação Nova. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1932. Assinaram o documento Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Antonio de Sampaio Dória, Anísio Spínola Teixeira, Manuel B. Lourenço Filho, E. Roquete Pinto, José Getúlio Frota Pessoa, Júlio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, Antonio F. de Almeida Junior, J. P. Fontenelles, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Atílio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Alvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Leme, Raul Rodrigues Gomes (BITTENCOURT, 1990, p. 24).

Orico referia-se a duas personalidades que migraram para o estado do Rio de Janeiro a convite do então prefeito Antônio Prado Junior: Fernando de Azevedo, oriundo de São Paulo, para trabalhar com a Instrução Pública, e João Pinto da Silva, oriundo do Rio Grande do Sul, para servir na Secretaria da Fazenda. Era o indicativo de que havia projetos de renovação não exclusivos do sistema de educação escolar, mas, também, de outros setores, em prol de uma reforma administrativa global no Rio de Janeiro, sobretudo política, quando “mais que a ordem escolar, foi a ação política o alvo dessas reformas. Foi a política a área na qual se tornou evidente o caráter pluridimensional da instrução pública no início do século XX” (PAULILO, 2003, p. 94). Assim, a Instrução Pública associada à política ilustra o pensamento de Fischer (2001) de que o enunciado não existe isolado, mas sempre em associações e correlações com diferentes campos de saber, sob o mesmo discurso ou conjunto de discursos.

O anúncio da chegada de Azevedo era quase uma demonstração do que estaria por vir. Conforme análise de Orico (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 28, 2/2/1927, p. 6), constituiria um “acto de coragem” o enfrentamento dos problemas da Instrução Pública, com uma disputada agitação literária, e que exigiria esforços, posto que “penosa e obscura” seria a “cruzada” pedagógica. Uma grande perspectiva, pois “quem quisesse transportar-se de seu meio para o Rio, teria de experimentar as etapas, quase sempre difíceis, de uma nova carreira, lutando contra todos os obstáculos que caracterizam a ascensão” (ORICO, Jornal do Brasil (RJ), N. 28, 2/2/1927, p. 6).

Orico (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 28, 2/2/1927, p. 6) afirmou ser um acerto do prefeito carioca a escolha de Fernando de Azevedo para integrar a administração municipal, a qual considerou caótica, e “uma honra aos seus méritos de professor e às suas qualidades de organizador e um sacrifício imposto á sua harmoniosa personalidade literária”.

Para além da requisitada gestão na municipalidade, Azevedo apresentava um perfil que, por certo, influenciou nessa decisão do prefeito, quando parecia ser quase um desafio pessoal a reforma de Instrução Pública no Distrito Federal. Orico (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 28, 2/2/1927, p. 6) manifestou-se sobre essa transição:

Fernando de Azevedo não foi imposto nem veio para o cargo por solicitação. Elle fará, portanto, obra pessoal e segura, apoiado pela capacidade administrativa do Prefeito Prado Junior, que, desejará, naturalmente, orientar

o problema da educação pública no Distrito por um prisma diverso daquele pelo qual se deixou guiar o Sr. Alaor Prata.<sup>22</sup>

Em relação à gestão de Alaor Prata, Silva (2003, p. 58) afirmou que, “Aparentemente, a gestão de Alaor Prata não teve a mesma visibilidade social que a gestão anterior, pois seus primeiros atos foram anular, paralisar e desistir das obras encetadas pelo seu antecessor”, o que ocasionou impopularidade e caos administrativos.

Quanto à disposição de Fernando de Azevedo para resolver os problemas educacionais, Orico (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 28, 2/2/1927, p. 6) opina que não lhe faltava vontade, muito menos “energia para abordar com a independência de quem foi chamado, e não pleteou posições, os complexos problemas da administração escolar do Distrito”.

Nos anos de 1920 e 1930, uma das maiores preocupações, no âmbito da educação, em todo o cenário brasileiro, era o alto índice de analfabetismo, por isso a medida inicial de Azevedo (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 18, 21/01/1927, p. 7) foi realizar um levantamento dos dados no que se referia ao quadro de crianças em idade escolar no Distrito Federal –“Em 1927, o trabalho sobre os números da instrução pública concentrou o principal do seu esforço no recenseamento escolar e na apuração da população em idade escolar” (PAULILO, 2013, p. 573). Para Fernando de Azevedo,

O conhecimento da situação actual da instrução publicada entre vós, e de suas necessidades mais vivas, não me obrigará, pois, senão a um trabalho de “verificação pessoal” dos dados de problemas com que já me familiarisou a leitura de monographias e exposições exaustivas, entre as quaes as dos dous illustres mestres que me precederam.

Essa ação gerou muitas polêmicas. Primeiro, pelas difíceis condições econômicas do Distrito;<sup>23</sup> segundo pelo fato de ter sido realizado um recenseamento (1920) havia pouco tempo.<sup>24</sup> Estampavam-se nos jornais severas críticas ao plano de reforma azevediana, antes mesmo de se começar a discuti-lo.

---

<sup>22</sup> Natural de Uberaba (MG), nasceu em 1882 e faleceu no Rio de Janeiro em 1964. Alaor Prata Leme Soares tinha sido nomeado pelo presidente Artur Bernardes para prefeito do Distrito Federal em 16 de novembro de 1922, sucedendo a Carlos Sampaio (1861-1930) e permanecendo no cargo até 1926 (ABREU, 2015).

<sup>23</sup> ... No plano externo, por contrair os preços da maioria das commodities, elevados durante a Primeira Guerra; pela crise internacional (centrada nos EUA) de 1920-1922, que contraiu o comércio exterior; e pelo aumento da instabilidade financeira internacional. No plano interno, por políticas econômicas ortodoxas praticadas pelo governo federal e pelos reflexos internos das circunstâncias internacionais apontadas (CANO, 2012, p. 81).

<sup>24</sup> O recenseamento escolar, geralmente, era uma das primeiras medidas das Reformas de Instrução Pública no Brasil, como forma de tomar conhecimento do panorama, em especial do número de analfabetos, principal foco dos projetos. A reforma da Instrução Pública no Rio de Janeiro espelhou-se em Sampaio Dória, em São Paulo,

O professor e jornalista Júnior (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 38, 13/02/1927, p. 6), que debatia de maneira incisiva a questão do ensino, suas evidências e projetos para as reformas, posicionou-se em relação à atitude de Azevedo. Pare ele, era inadmissível uma atividade com grande ônus para o estado, um recenseamento escolar, já que o diretor da Instrução Pública da gestão anterior o houvera feito recentemente. Era preciso gerar recursos e realizar projetos para sanar o elevado número de analfabetos, porque “enquanto não tivermos recursos bastantes para atender ao numero de analphabetos que há no Districto Federal ‘pouco importa saber onde se encontram esses infelizes’” (JUNIOR, Jornal do Brasil (RJ), N. 38, 13/02/1927, p. 6).

A oposição ao recenseamento pleiteado por Fernando de Azevedo suscitou inquietações, conforme nova manifestação do professor Júnior (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 64, 16/03/1927, p. 6 – Grifo do autor) um mês depois:

Ou o Sr. Fernando Azevedo julga que os dados colhidos pela Directoria Geral de Estatistica são insufficientes para o serviço de localização de escolas e pretende fazer um serviço mais completo ou esse recenseamento escolar projectado é uma *reclame* onerosa, para dynamicamente focalizar o problema.

Na opinião do Jornal do Brasil (RJ, N. 71, 24/03/1927, p. 8), “O recenseamento geral levado a efeito em 1920 de modo algum podia offerecer elementos seguros, para quem com criterioso proposito de realizar obra de merecimento, pretendesse resolver o problema da assistencia escolar publica, no Districto Federal”. Para Azevedo, vários foram os motivos que o fizeram encarar aquele trabalho com desconfiança, o descrédito da análise elaborada em 1920 tinha raízes fundantes. Ao ser questionado, em um ambiente popular, uma barbearia, Azevedo (JORNAL DO BRASIL (RJ), N.101, 28/04/1927, p. 6) declarou:

Perdão, não podiamos nem deviamos, nós, da administração municipal, tomal-a como base do estudo que tínhamos em vista fazer, já porque sete annos tinham decorridos depois daquelle serviço censitário, já porque, segundo e autorizada opinião das autoridades na materia, os trabalhos da natureza de que empreendemos devem ser feitos trienalmente.

Assim, o recenseamento escolar foi o ponto de partida do projeto de reforma de Azevedo e, também, o responsável pela conquista de espaço e confiança junto à população fluminense, uma espécie de autorização da fala, que angariava adeptos em um tempo

---

onde “foi também instituída pela reforma o recenseamento escolar com a finalidade de proceder ao reconhecimento exato dos núcleos de analfabetos” (SOUZA, 2012, p. 33).

inesperado, comprovando a aplicabilidade de seus planos preliminares. O Jornal do Brasil (RJ, N. 71, 24/03/1927, p. 8) endossou a dinamicidade dos trabalhos, afirmando:

É possível que o prazo de 10 dias estimado como o necessário para levar a cabo o recenseamento da população infantil, não chegue a ser inteiramente utilizado, facto que por si só é suficiente para demonstrar a excellencia do processo posto em pratica pelo Sr. Fernando de Azevedo, director da Instrucção Publica Municipal, proveitosamente coadjuvado pelo Sr. Sud Mennuci.<sup>25</sup>

O professor Júnior (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 84, 8/04/1927, p. 7) se curvou ante os argumentos pró-recenseamento: “O Sr. Fernando de Azevedo quer, e querer é poder, S. S. é o bandeirante destacado para resolver o problema do ensino e nós que vamos ser os beneficiados com a acção civilizadora da bandeira, não podemos deixar de apoial-o”. Após a conclusão dos trabalhos, Júnior (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 89, 14/04/1927, p. 7) retomou a discussão e reconheceu o desafio da reforma: “É verdade que o recenseamento está concluído, mas, como bastas vezes temos frizado, é o recenseamento um elemento mínimo para o estudo do problema”.

Segundo Paulilo (2013, p. 102), os projetos reformadores não se limitavam a um levantamento simplório estatístico do ensino primário, porquanto eles

postulavam, em princípio, uma concepção da instrução como índice do progresso. Essa relação era polêmica, cheia de matizes, e tinha seus temas obrigatórios: punha em causa a organização do ensino elementar, profissional e secundário, a educação popular, o ensino religioso, as iniciativas de controle oficial da instrução pública, as práticas e os métodos de ensino, e também todo o alcance político dessas questões.

Azevedo (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 215, 09/09/1927, p. 8) assim se expressou sobre a situação em que encontrou as escolas do Distrito Federal:

Se o que me feriu o espirito, no primeiro relance das inspecções “de contacto”, foi o aspecto material, mas acessível á observação, não é, porém, o mais grave nem o mais desconcertante. Certo as escolas installadas, em sua maioria, em velhas edificações de aluguel, carcomidas, e ás vezes, mesmo em ruina ou em prédios mal adaptados aos fins escolares, constituem, com seu ar de abandono e com o seu character provisório, que se reflectem nos edificios e em todas as suas installações um atentado clamoroso aos nossos

---

<sup>25</sup> Menezes (2015, p. 18) afirmou que “Sud Mennucci (1892-1948), professor, jornalista e crítico literário, foi um intelectual de expressivo destaque na sociedade de educação paulista... Director Geral de Instrucção Pública do estado de São Paulo, por três vezes (1931-1932; 1933; 1943-1945)”, renomado, realizou recenseamento no sistema de escolar paulista em 1920 e, devido a isso, convocado por Azevedo para auxiliá-lo no Rio de Janeiro.

foros de cultura e a todos os principios rudimentares de hygiene, de conforto e educação.

Salientou a insuficiência do aspecto material, a situação dos prédios escolares alugados para funcionamento das atividades pedagógicas – o estado não possuía estabelecimentos próprios para instalar as instituições escolares –, que não eram considerados aptos aos fins escolares. Mesmo não sendo esse o fator de maior impacto, impulsionava a necessidade de uma reforma na Instrução Pública. Azevedo (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 215, 09/09/1927, p. 8 – Grifos meus), ciente de que estava sob observação e acompanhamento por parte de pessoas dos mais variados setores sociais, principalmente por meio das publicações nos jornais impressos, declarou:

Na benevolência com que me acompanhaes nos primeiros passos dados nesse sentido, já se vê que tomastes consciencia da situação e das dificuldades... A solução desse problema, de uma complexidade perturbadora, não se pode encontrar senão no **estabelecimento de um plano systematico de reforma e de acção**, que se executa na sua integridade, em desdobramentos lógicos por meio da mobilização permanente de todas as forças vivas do ensino atravez de administrações successivas. Não há quem não tenha sentido a necessidade premente de **um projecto de remodelação em que todas as questões sejam dominadas do alto**, com vigoroso espirito de synthese, **em que se accentuem as linhas directrizes, inspiradores e predominantes, bastante firmes para darem um caracter de harmonia e homogeneidade ao conjunto de todas as instituições escolares**, que hoje funcionam desagregadas umas das outras, como forças dispersas senão hostis, sem qualquer organização solida apropriada á sua finalidade.

Os primeiros indícios de que a reforma de Fernando de Azevedo era de carácter global se tornam mais evidentes quando impele ao “estabelecimento de um plano systematico de reforma e de acção”, “um projecto de remodelação em que todas as questões sejam dominadas do alto”, com “linhas directrizes, inspiradores e predominantes”, “firmes” para harmonizar e homogeneizar “todas as instituições escolares” em um único conjunto.

Sobral (2010, p. 33) afirmou que, com a instauração da República,

o Brasil foi invadido pelas ideias liberais e positivistas em defesa da construção do país, nos moldes da modernidade. As utopias iam afirmando crenças e estabelecendo parâmetros para as realizações do homem, desse homem brasileiro que importava ideias e lograva, em seu solo, os modelos europeus de modo de vida. Éramos um país essencialmente agrícola, rural, dominado pelo poder oligárquico.

A intenção de ser um exemplo e espalhar-se por todo o Brasil está veementemente presente na “fala” de Costallat (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 220, 15/09/1927, p. 5 – Grifos meus):

A reforma da Instrução Municipal que é um dos pontos mais importantes do programma administrativo do Sr. Prado Junior, e que o actual Prefeito promoverá, em breve, com a collaboração immediata do Sr. Fernando de Azevedo – virá dar, á capital do paiz, o prestigio que lhe cabe na nossa organização politica.

**É uma vergonha para esta cidade, estar, em materia de ensino publico, mais atrasada do que algumas outras cidades da provincia.**

**O Rio de Janeiro, não só tem responsabilidades locais, que lhe são proprias, como também tem responsabilidades nacionais, visto a sua função de centro de cultura e de governo no Brasil.**

Além do mais, **por um poder natural de repercussão, o que se passa aqui tem uma influencia logica nos outros Estados da Republica.** E é vantajoso que, do Rio, partam bons exemplos.

**Se se realizar a reforma da Instrução Publica, nos moldes modernos e com a eficiencia pratica em que ella é pedida pelo Dr. Fernando de Azevedo – nós teremos, para o Brasil, um padrão perfeito de que elle se poderá servir para base de seu ensino e de sua educação.**

**Não só a cidade, como todo o paiz ficarão devendo aos Srs. Prado Junior e Fernando de Azevedo, um serviço inestimável.**

Costallat fornece um panorama do ensino no Rio de Janeiro em 1927 e a transmutação de uma província “atrasada” para um “centro de cultura e de governo”, com responsabilidades locais e nacionais, segundo moldes modernos (a Escola Nova), servindo de base para outros estados, “um serviço inestimável”, com “um poder natural de repercussão... uma influencia logica nos outros Estados da Republica”. Estava anunciado “o porquê” e o “para quê” veio a reforma de Fernando de Azevedo. pois, conforme Paulilo (2003, p. 105), “Fernando de Azevedo rapidamente procurou inscrever o novo código de ensino, que conseguira aprovar no Conselho Municipal para regulamentar a reforma da instrução pública, dentro da corrente escolanovista”.

Pinto, Leal e Pimentel (2000, p. 20) salientaram as bases da reforma azevediana:

Em suas propostas, aparecia a defesa liberal da escola pública (estatal) como instrumento básico de formação do cidadão e de individualidades criadoras. Esta visão de educação se assentava numa convergência entre o pensamento de Durkheim (educação como transmissão da cultura e da tradição) e o de Dewey (educação como reconstrução da experiência social, enriquecida por outras fontes como Max Weber, Manheim, Marx).

A reforma em si foi um acontecimento que balizava, por um lado, a continuidade dos trabalhos iniciados no estado de São Paulo e aqueles elaborados por Carneiro Leão, embora haja estudo que a trate deste como um marco da Escola Nova no Rio de Janeiro, e, por outro lado, uma descontinuidade, uma busca por estratégias diferenciadas de administração da Instrução Pública. Na visão de Júnior (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 102, 29/04/1927, p. 8):

O seu antecessor, Carneiro Leão<sup>26</sup>, que S. S. reconhece ser um estudioso em assumptos pedagógicos e a quem faz os mais rasgados elogios, modificou os programmas de ensino, elevando de cinco para sete annos o curso das escolas primarias. Ao apagar das luzes, quando já bruxoleava a administração Alaor Prata, fez publicar novos programmas de ensino, que ninguém sabe se estão ou não em vigor.

Paulilo (2013, p. 101), ao analisar as reformas educacionais implementadas por Carneiro Leão e Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro, concluiu que ambas:

partilharam a tarefa de normalizar, codificar, profissionalizar e sistematizar a escolarização das camadas populares, e tudo isso foi usado para estabelecer o âmbito e os critérios da educação a elas dispensadas. Em consequência, fica delineado um sistema de ensino dirigido e controlado para dar conta do atraso intelectual identificado na população pobre e de sua resistência às inovações.

D'avila (2006) esclareceu o papel de Antônio Carneiro Leão (1887-1966) na direção da reforma da Instrução Pública em Pernambuco. Em 1920, Carneiro Leão (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 118, 28/04/1920, p. 4) defendeu a proposta de uma educação popular:

Medida alguma é de interesse mais geral do que a da criação da educação popular. Quando Municípios ou Estados não forneçam instrução ao povo, deixando-o na absoluta ignorancia e mais completa incapacidade, não é apenas a elles que a desídia interessa, mas ao paiz todo que vê tão grande numero de seus filhos inteiramente inutilizados pelo analphabetismo.

Mercedes Dantas (ESTADO DO AMAZONAS, 1 de julho de 1930 – Caderno de Lembrança II – Grifo), no tocante à educação popular no Rio de Janeiro, elaborou um histórico do ensino primário e destacou o papel assumido por Fernando de Azevedo no âmbito da reforma:

É materia para uma conferencia. Dificil focalizar, em poucas palavras, o que é a instrução popular, na Capital Federal, porque precisaria dizer o que ella foi...

O ensino primario no Rio, vinha, durante annos, reclamando uma reforma integral, que o fizesse modelo no assumpto, dando finalidade social á escola publica e tornando o professor, realmente, um educador.

Os directores se sucediam, estorvados, muitas vezes, pelos legisladores municipaes, que chegaram a forjar cerca de duzentas leis contraditorias - umas anulando outras.

---

<sup>26</sup> Carneiro Leão nasceu em Recife, assumiu a direção do sistema escolar do Rio entre 1922 e 1926. Em 1928, de volta a Pernambuco, reformou as escolas públicas do estado e “seu retorno e sua reforma ajudam a ilustrar o fluxo não apenas de pessoas, mas de ideias entre sistemas escolares de estados e municípios” (D’AVILA, 2006, p. 65).

**A escola primaria vivia mal installada, sem objetivo algum, mobiliando o cérebro infantil com todas as noções livrescas que a escola tradicional impunha.**

**Há muito, porém, um homem para quem os problemas de educação não tem segredos, o dr. Frota Pessoa, actual sub-diretor de Instrução e um luminoso artista, nas letras, clamava por uma reforma que instituísse a escola-padrão...**

**Fernando de Azevedo realizou a obra.** A instrução publica, no Rio, é uma conquista desses lideres, que contaram, preliminarmente, com os professores cariocas.

O que fez, afinal, da professora Mercedes Dantas uma “Embaixadora da Escola Nova”?

Em 1928, ela dirigia o Instituto Ferreira Vianna, quando, durante as excursões pedagógicas, as normalistas o visitaram. Guaraciaba Timotheo (O FLUMINENSE (RJ), N. 13.976, 20/10/1928, p. 1 – Grifos meus), lente substituto de Pedagogia, que conduzia as alunas naquela visitaçã, externou suas impressões:

**As idéas adiantadas da propecta educadora** que dirige aquella escola, assim como a proficiência das suas dignas auxiliares, certamente calaram no animo das Normalistas que puderam, assim, constatar como se cultua em toda a parte a nobre profissã que ellas escolheram. **Os modernos methods da Escola Activa**, o ensino pelos centros de interesse, as aulas de modelagem, trabalhos em madeira e outros typos de *slody*, a bibliotheca escolar, os gabinetes medico e dentário, o refeitório, o pateo de recreio... tudo, encantou ás nossas Normalistas, que, unanimemente, confiando-me as suas impressões, se manifestaram entusiasmadas pelo zelo e dedicaçã alli postos em pratica **em prol da educação physica, intellectual e moral de meninos, hontem, desvalidos, hoje, educandos alegres e esperançosos e, talvez, optimos operários da civilisaçã de amanhã.**

As impressões de Timotheo evidenciavam o exercício e os ideais do magistério desempenhado por Mercedes Dantas, as circunstâncias em que se encontrava a escola, que, estruturada pelas “idéas adiantadas da propecta educadora”, em cinco anos de efetivo trabalho, já legitimara, em 1928, a Reforma de Fernando de Azevedo no Rio de Janeiro (instaurada em 1927). Certamente, em sintonia com a elaboraçã e aprovaçã do projeto de reforma na Instruçã Pública, que visava à implantaçã e divulgaçã dos “modernos methods da Escola Activa”. A professora se tornava, assim, detentora de um vasta erudiçã, que a impulsionou, com maior convicçã, em direçã aos estados do Norte, cuja finalidade era “reformular todo o velho aparelhamento do ensino” (O PAIZ (RJ), N. 16.666, 8/06/1930, p. 7).

Um dos objetivos da Escola Nova era o preparo para o mundo do trabalho, por isso

a escola, pela reforma, deixou de ser a escola primária de letras, para se transformar na escola do trabalho, com uma função social, estreitamente articulada com o meio e organizada á maneira de uma comunidade, para melhor influir sobre elle como um factor poderoso de civilização. (O JORNAL (RJ), N. 3.588, 25/07/1930, p. 4).

Esse aspecto também foi observado por Thimotheo em 1928. Com foco na adaptação dos modelos educacionais europeus e norte-americanos à prática escolar local, caracteriza “o ensino pelos centros de interesse, as aulas de modelagem, trabalhos em madeira e outros typos de slody, a bibliotheca escolar, os gabinetes medico e dentário, o refeitório, o pateo de recreio” (O FLUMINENSE (RJ), N. 13976, 20/10/1928, p. 1), como instrumentos de uma pedagogia ativa já implantada no Instituto Ferreira Vianna, cuja administração estava sob os cuidados de Mercedes Dantas (REVISTA DE ENSINO (AL), 1930, p. 9). Dantas admitiu que o êxito de seu trabalho decorria de uma importação, ou melhor, uma adaptação do modelo pedagógico do escolanovismo desenvolvido por Ferrière.<sup>27</sup>

Ferrière, sociólogo e professor do celebre Instituto de J. J. Rousseau e Director do “Bureau Internacional des Écoles nouvelles”, apresenta uma indicação, quase diria um methodo, cujos resultados têm sido dos mais apreciaveis.

Não com o rigorismo de detalhe do eminente educador, mas em suas linhas geraes, pude applicá-la no Instituto Ferreira Vianna, em 1920. E o resultado foi quase uma transformação mental das crianças.

A apresentação de resultados era um motivador da necessidade da reforma educacional. Mercedes Dantas, que tinha boa comunicação, envolvimento com personalidades influentes da sociedade brasileira e conhecimento das produções de outros países, dos autores citados nas leituras, entendia que “várias obras modernas sobre a Escola Activa já tem espalhado, como exemplo, entre diferentes povos, povos civilizados” (DANTAS, Revista de Educação (BA), 1930, p. 14).

No Amazonas, Dantas foi ao encontro de seus objetivos no que diz respeito à Instrução Pública e à Escola Nova. Em razão do seu prestígio social, coadjuvou com os anseios daqueles nortistas:

Mercedes Dantas, que é muito apreciada nos círculos intellectuaes pela sua vasta cultura, e é uma das melhores propagandistas da Escola Nova, já pela

---

<sup>27</sup> Adolfo Ferrière (1879-1960), “fundador da “escola ativa”, recomenda que seja considerado o “élan vital espiritual” (reconhece-se a influência de Bergson), que caracteriza a vida biológica e se manifesta na criança por interesses sucessivos, segundo as fases do desenvolvimento, por conseguinte, a escola deve oferecer-lhe matéria para satisfazer a curiosidade e o interesse, de modo a provocar nela ocasiões de atividades formadoras; o mestre acompanhará o aluno ao longo de todo o percurso que vai da observação do mundo à organização das suas representações existentes nele” (BORDERIE, 2005, p. 81).

sua palavra convincente, já pela esclarecida orientação que tem dos novos methodos, promoveu a fundação da Sociedade Amazonense de Educação, idéa que desde muito alimentavam os nossos irmãos do extremo norte. (O PAIZ (RJ), N. 16718, 03/07/1930, p. 6).

Reafirmando seu papel no tempo e lugares sociais, “no Instituto Archeologico e Geographico Alagoano fez uma conferencia sobre “Escola Activa”, tendo recebido do Presidente Dr. Orlando Araujo a singular distincção de ter sido **a primeira mulher de letras a pisar na tribuna daquelle Instituto**” (JORNAL DO COMMERCIO (RJ), N. 120, 21/05/1930, p. 7 – Grifo meu).

Destacando a peculiaridade da reforma azevediana, Mercedes Dantas (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 89, 13/04/1930, p. 6 – Grifos meus) considerava que a Escola Ativa, nos moldes empregados no Rio de Janeiro, respeitando as particularidades regionais, levaria o país, em especial os estados do Norte, ao verdadeiro sentido de Pátria:

**Vou, pois, levar ao Norte o testemunho pessoal de que a reforma Fernando de Azevedo tem realizado** aqui, esclarecer, provar, semear idéas. Visita, antes de tudo, de cordealidade fraternal, **procurando** ao mesmo passo interessar **todos os de boa vontade na meditação do que seria a Pátria se, tornando-se por padrão a escola activa da reforma**, fosse ella applicada no paiz com as adaptações locais imprescindíveis.

Ao assumir ou instituir-se como embaixadora dos ideais da Reforma Educacional azevediana, Mercedes Dantas propiciou a si uma visibilidade extraordinária, adentrando espaços e territórios disputados pelos “homens das letras”, como eram chamados os escritores e eminentes políticos do período.

Note-se que, em regra, em muitas ocasiões, como na inauguração do busto de Francisco Alves, em homenagem ao 10º aniversário de seu falecimento, havia uma única imagem feminina, a ilustre Mercedes Dantas em meio aos doutos (Imagem n. 35).

Imagem n. 36: Academia Brasileira - Inauguração do busto de Francisco Alves – 10º aniversário de seu falecimento 9 de julho de 1927



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA I). Da esquerda para a direita: acadêmicos A. Austregésilo, Silva Ramos, Affonso Celso e Xavier Marques; se. Paschoal Carlos Magno, que obteve menção honrosa; acadêmico João Ribeiro; senhora Mercedes Dantas, a que foi conferida menção honrosa; acadêmicos Luís Carlos, Rodrigo Octavio, presidente da Academia, e, - segundo plano – Gustavo Barroso e Ademar Tavares; Sr. Guilherme de Almeida que obteve a láurea acadêmicos em poesia e acadêmicos Laudelino Freire, Aloysio de Castro e Olegário Mariano.

O Jornal do Brasil (RJ) (N. 89, 13/04/1930, p. 6) anunciou com elogios a viagem de Dantas: “A brilhante escriptora Mercedes Dantas diz ao “Jornal do Brasil” que vae ao Norte do paiz fazer o balanço do que existe nas differentes unidades da Federação brasileira, em matéria de instrucção”. Sobre esse balanço, Sobral (2016) afirmou que a professora Mercedes Dantas se inquietou ao identificar semelhanças e diferenças entre os estados visitados no que se refere à Instrução Pública, com foco no processo de (re)novação que apresentavam:

Na **Bahia**, o trabalho surprehendente de Anisio Teixeira, está, infelizmente, detido. Em **Alagoas**, no intervalo da minha primeira e segunda visita, pude a Directoria de Instrucção Publica, alliada ao professorado e aos homens de boa vontade e idealismo que trabalham na Sociedade Alagoana de Educação, orientar por outros rumos a instrucção popular...

**Pernambuco** é o maior centro de renovação de todo o Norte.

**Rio Grande do Norte** é um dos exemplos mais admiráveis da disseminação do ensino e do valor da iniciativa particular...

Em **Ceará**, inicia-se a Escola Activa e a obra de Circulos de Paes e Professores já fructifica em realizações de assistência dignas de registro.

Encontrei um grupo escolar, em **Belem**, praticando os modernos processos de ensino e segundo a palavra do dr. Oscar Barreto, secretario geral do

Estado, muito em breve, a instrução paraense soffrerá indispensável reforma de modo a ser enfileirada ao movimento que se observa, no paiz, nessa matéria.

Do **Amazonas** trouxe a mais profunda impressão e carinhosa lembrança. O seu professorado é dos mais distinctos e esforçados. Espero que o Amazonas, em pouco, realize os seus ideaes educativos pois que a sociedade amazonense de Professores é, de facto, a legitima representante desses ideaes, contando nesta data, realizações authenticas como a fundação de dois círculos de paes e professores, um curso de aperfeiçoamento e uma parte da Casa do Professor.

Estive ultimamente em **Sergipe**. Bons grupos escolares, optimos mestres. Escola tradicional... Sergipe, ou melhor, o professorado sergipano, nobre e trabalhador, possui também a sua Sociedade Sergipana de Professores por mim fundada e filiada.

Pelo que foi dado observar, encontra-se o **Espirito Santo** em matéria de educação popular, acima de todos os Estados Nortistas que acabo de visitar.

Se o confrontarmos com **Pernambuco**, ainda o considero em melhores condições sob certos aspectos que mais tarde demonstrarei. Dois, portanto, são os lideres dos Estados que percorri: Espirito Santo e Pernambuco. Exemplos nobilísimos que merecem divulgação do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

O **Districto Federal** com a Reforma Fernando de Azevedo está legitimamente integrado no lugar que lhe compete como centralizador e coordenador do movimento educacional, no Brasil, nada lhe falta. O aparelho de ensino publico do Rio de Janeiro, para me servir de uma imagem do próprio Reformador, “é uma peça completa, articulada de um lado á família e de outro á sociedade”, preparando, assim, no campo social e econômico, o produtor e o consumidor. O ensino primario, normal e technico profissional, transformados fundamentalmente, fazem da Capital o centro mais importante de educação publica. (DIARIO DA MANHÃ (ES), N. 2421, 3/08/1930, p. 1 e 8 – Grifos meus).

O que, porem, me foi dado verificar, é magnifico. **Os methodos activos de ensino em todos os dezoito grupos de Recife e nos dez de Olinda**. A Escola Activa tal como nos tem sido possível realizar, no Brasil. (DANTAS, Jornal do Brasil (RJ), N.177, 25/07/1930, p. 6 – Grifo meu).

No “Caderno de Lembrança”, há registros de que ela incutiu a ideia de estudo das estimativas da Instrução Pública desde o ano de 1911 e se estendeu até 1947, o que assegurou um exercício comparativo, fundamentado nos retrocessos, estacionamentos e avanços pedagógicos em cada estado, mesmo após a viagem. Dantas (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 226, 20/09/1930, p. 7), em seu retorno do Norte, concluiu:

em quasi todos os Estados que visitei há um enorme desejo de renovação educacional. Ora governos, ora professores, ora associações de classe orientam ou propagam ou reclamam reformas no aparelho do ensino publico dentro dos princípios modernos de pedagogia.

A visita de Mercedes Dantas, segundo os jornais da época, representou, por si só, um poderoso instrumento de informação, comunicação, conhecimento, reconhecimento e convencimento, com alto grau de capacidade de observação, coação e coerção dos

representantes legais da Instrução Pública dos estados por quais percorreu, na medida em que o exemplo, os dados apresentados, os relatos, os resultados impressionavam mesmo a quem já tivesse experienciado os princípios ativos da modernidade pedagógica, embasados no escolanovismo, principalmente após a fala entusiástica e imperativa da professora Mercedes Dantas.

Ante esse contexto, nos questionamos: Teria Mercedes Dantas sido indicada solenemente para tal missão ou a professora se autointitulou “embaixadora”, “braço direito” de Fernando de Azevedo? Numa de suas falas, ela declarou que “[...] é a Federação, prestigiada pelo esclarecido espírito do grande pedagogo Fernando de Azevedo, que me envia ao Norte” (DANTAS, *Jornal do Brasil* (RJ), N. 89, 13/04/1930, p. 6).

Ela foi oficialmente designada por Fernando de Azevedo ou utilizou-se desse artifício? Talvez tenha se vinculado a ele, e não o contrário. Ou, ainda, haveria de ter outro pano de fundo nessa trama, outras eventualidades não explicitadas ou não-ditas? Com qual objetivo ou por quem foi designada a viajar?

Mercedes Dantas, em suas primeiras declarações sobre a viagem pedagógica realizada em 1930 aos estados do Norte, declarou que se dirigia àquelas localidades por envio da Secretaria de Instrução Pública do Rio de Janeiro, sob a coordenação do então diretor Fernando de Azevedo – o qual nunca se pronunciou publicamente ou por meio de documento sobre essa ligação, ou não tive acesso a tais fontes, – e da Federação Nacional das Sociedades de Educação em prol de uma possível “Reunião Educacional” no mês de setembro de 1930. Não encontrei indícios para refutar ou, ao menos, endossar tal anúncio, induzindo-me à rarefação discursiva.

Dona Mercedes Dantas leva o encargo de propagar as idéas consubstanciadas nos estatutos da F.N.S.E., devendo visitar as sociedades federadas, promover a criação de novas associações, fazer conferências sobre a reforma do ensino no Distrito Federal, agitar, em summa, por toda a parte, o problema nacional de educação; e especialmente, o de convidar em nome da F.N.S.E. e da directoria de instrução os governos estaduais a enviarem seus representantes á referida reunião. (*O PAIZ* (RJ), N. 16684, 26/06/1930, p. 1).

Alguns enunciados dão indicações de que ela se autointitulou embaixadora da reforma, quando afirmam que foi uma “campanha patriótica de que se faz interprete” (*AMAZONAS-MANÁOS*, 6/06/1930 e 17/07/1930 – *Caderno de Lembrança II*) ou que “a educadora carioca Mercedes Dantas, que se fez arauto da escola nova” (*JORNAL DO COMMERCIO* (AM), N.

9060, 5/07/1930, p. 1), “excursionista da educação” (O PAIZ (RJ), N. 16684, 26/06/1930, p. 1).

Em outros, transparece o aval do próprio Fernando de Azevedo:

E a Directoria Geral de Instrução, na pessoa do eminente educador que a dirige, o Dr. Fernando de Azevedo, como já lhe disse, prestigia essa jornada, dando-lhe assim o que ella necessita para seu êxito fundamental. Vou, pois, levar ao Norte o testemunho pessoal de que a reforma Fernando de Azevedo tem realizado aqui, esclarecer, provar, semear idéas. (DANTAS, Jornal do Brasil (RJ), N. 89, 13/04/1930, p. 6).

Em muitos estados, com a criação das sociedades de educação ou associações de professores locais, Mercedes Dantas quase sempre era “indicada” para integrar o corpo dirigente, quando não para exercer o cargo de diretora, em sua instância máxima, representante legal ou presidente de honra. Não seria ao menos excêntrica esta eleição ou escolha tão repentina? Ou tal ação ou sugestão elencada pela “missionária” fazia parte de um projeto, um plano estratégico geral e condutor, mecanismo controlador da situação, do poder, ou, mais profundamente, de micropoderes?

**Manaus:** Por iniciativa da senhorinha Mercedes Dantas foi fundada a Sociedade Amazonense de Professores, ficando a sua primeira Directoria constituída pelo Professor Agnello Bittencourt, Director da Instrução Publica, na Presidencia de Honra e pela senhorinha Mercedes Dantas, na Vice-Presidencia. (JORNAL DO COMMERCIO (RJ), N. 161, 7-9/07/1930, p. 3).

**Bahia:** O Conselho Director da Associação Bahiana de Educação, em reunião hontem realizada, elegeu seus representantes no Rio de Janeiro, junto à Federação das Associações de Educação, a escriptora Mercedes Dantas e o Sr. Afrânio Peixoto. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS (RJ), N. 94, 13/09/1930. p. 4).

**Maceió:** O dr. Miguel Baptista, director da Instrução, deu poderes á intellectual professora Mercedes Dantas, presentemente no Rio, para representar a Directoria de Instrução Pública do Estado junto ao Congresso Educacional da Federação Nacional das Sociedades de Educação. (DIARIO DE NOTICIAS (RJ), N. 107, 26/09/1930, p. 4).

Em 1957, Oliveira (JORNAL DO COMMERCIO (AM), N. 14405, 14/07/1957, p. 2), em comemoração aos vinte e sete anos de fundação da Sociedade Amazonense de Professores, retomou parte da publicação e participação da professora Mercedes Dantas em 1930, ocasião de sua criação:

A professora e escriptora Mercedes Dantas foi a mulher idealista do magistério carioca que veio trazer este grande beneficio ao Amazonas,

fundando esta agremiação.... vindo até aqui trazer-nos o fulgor de sua palavra...

Aí está o testemunho eloquente dos próceres jornalísticos da época sobre o quanto devemos a Mercedes Dantas no erguer a obra gigantesca que temos após a longa e exaustiva caminhada de 27 anos de lutas.

O que me impeliu a pensar nessas suposições foi a suspeição de dissidência entre os órgãos ABE e FNSE. O segundo foi um desdobramento do primeiro, desprendido por interesses em abarcar maior número de estados brasileiros a fim de unificar, homogeneizar e vulgarizar os sistemas de ensino primário no país, a escola-padrão.

Notei, ao manusear as fontes, opiniões adversas e decisões contraditórias, o que pode ter ocorrido nessa viagem, quando Mercedes Dantas pode ter sido a criadora da dissidência entre a ABE e a FNSE. Ela tinha duas missões primordiais: difundir o modelo azevediano e convidar para a formação de um grupo dissidente da ABE. Ela faria a relação dos estados que aceitariam a proposta de adesão e, por conseguinte, confirmariam a presença na Reunião Educacional.

A ida de Fernando Azevedo de São Paulo para assumir a Instrução Pública no Rio de Janeiro, durante a gestão de Antônio Prado Junior (1926-1930), como assegurado por Sobral (2016), pode ter vindo a ser o estopim de um novo horizonte:

Nesse cenário, dá-se o encontro entre Mercedes Dantas e Fernando de Azevedo, e a indicação dela para assumir o compromisso de propagandear pelos Estados do Norte a reforma aclamada no Rio de Janeiro ainda está para ser claramente explicitada. Nos meados do ano de 1930, houve uma movimentação do professorado carioca, especialmente na Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE), constituída como foco dissidente da ABE, a qual ganhou força no cenário pré-revolução de 1930, com a viagem empreendida por Licínio Cardoso para os Estados do Sul e com a viagem de Mercedes Dantas aos Estados do Norte.

Mercedes Dantas correlacionou a renovação educacional, a reforma azevediana e os novos rumos da FNSE:

No momento, quando todos sentimos que é admirável realidade a renovação educacional consagrada, nesta Capital, pela Reforma da Instrução de Fernando de Azevedo, apresenta-se como uma das maiores afirmações da consciência do professorado, a Federação Nacional das Sociedades de Educação. (DANTAS, *Jornal do Brasil* (RJ), N. 89, 13/04/1930, p. 6).

Foi ainda mais enfática sobre o papel e as mudanças no âmbito da FNSE como dispositivo da reforma empreendida no Rio de Janeiro:

**A Federação** não é mais uma tentativa pela defesa dos princípios da Educação Nova, mas uma instituição victoriosa, verdadeiramente apostolar, inspirada no mais alto e fecundo idealismo constructor. Ella é **a maior, a**

**mais bella e a mais oportuna derivação da Reforma.** Por ella, por sua pacifica e progressiva penetração por todos os recantos da pátria, os princípios da Reforma se espalharão além e, serão, talvez, um postulado claríssimo para os professores do Brasil inteiro. (DANTAS, Jornal do Brasil (RJ), N. 89, 13/04/1930, p. 6 – Grifos meus).

Uma prova de que a finalidade da FNSE não se restringia à difusão dos ideais escolanovistas, mas ao recolhimento de informações, ou, talvez, de exemplo de como conduzir a educação, o ensino primário, e de que havia conhecimento ou resultados melhores do que o do Rio de Janeiro estão nesta fala: “A Federação, pois, obedece a um plano que não cabe totalmente nestas palavras. É ao mesmo tempo um *buscau* de informações e um centro vitalizador de energias que dessiminará pela Patria toda” (DANTAS, Jornal do Brasil (RJ), N. 89, 13/04/1930, p. 6 – Grifo original).

Outro estranhamento é a publicação do senhor Décio Lyra (DIARIO DA NOITE (RJ), N. A00187, 15/05/1930, p. 2),<sup>28</sup> logo após a declaração da viagem por Mercedes Dantas. Procurando o Jornal Diario da Noite (RJ), em “uma carta explicativa”, declarou:

Ao findar o anno de 1924 já existia desde outubro, aqui no Rio, o primeiro Departamento da Associação Brasileira de Educação que, confiante tão só na nobreza de seus objectivos, se propoz emprehender a redempção do Brasil pela cultura, mas sobretudo, pela educação de seus filhos. Organizada para ser uma federação, não obstante o que contra ella tem assacado a maledicencia tendenciosa, installava pouco depois em Pelotas uma secção até hoje florescente; mais tarde chegou a ter Departamento em vários Estados e se, ultimamente, alguns della se afastaram, isso não foi por culpa sua, mas por motivos que não cabe aqui recordar. O que importa é que se não desconheça quanto de util tem feito a A. B. E. que foi a que primeiro levantou a bandeira da nova cruzada.

Ao que tudo indica, um novo grupo de intelectuais da educação foi criado, rompendo ou transgredindo as iniciativas primeiras havidas em 1924. Uma nova postura de seus integrantes concerniu ao agrupamento das experiências exitosas de cada estado, concentradas na aceitação para a ocorrência da “Reunião Educacional”. Embora os organizadores da suposta reunião tivessem vastas habilidades com as conferências internacionais, optaram pelo incomum, um desvencilhar do arrolado nos agrupamentos e discussões sobre os sistemas educacionais, onde cada estado expunha o que havia de melhor em suas vivências, de preferência, com a apresentação de relatórios, exposições, documentos oficiais que comprovassem a veracidade.

---

<sup>28</sup> Decio Lyra da Silva, professor de Physica e Chimica da Escola Wenceslau Braz e da Escola Profissional Souza Aguiar, ensino de Physica e Chimica nas escolas elementares e profissionais (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 21, 24/01/1930, p. 10), foi um dos dez “professores brasileiros em excursão aos Estados Unidos” enviados pela Associação Brasileira de Educação para se especializarem em janeiro 1930.

Décio Lyra (DIARIO DA NOITE (RJ), N. A00187, 15/05/1930, p. 2 – Grifo meu), ao encerrar sua colaboração no jornal, confirmou a suspeita dissidência:

Não me estenderei mais. **Desejava simplesmente mostrar** – e o que ahi está parece-me bastante para isso – **que antes da nova ordem das coisas que, no terreno educativo, se atribuiu á Reforma (limitada ao Districto Federal) e a uma Federação (com a qual nada tem a A.B.E.)**, já o primeiro impulso fora dado entre nós pela Associação Brasileira de Educação, nascida de um vivo amor ao Brasil e destinada a lhe prestar, pela elevação moral e cultural de sua gente, o maior dos benefícios.

Com exceção dos recortes dos impressos jornalísticos, não foi possível localizar registro que manifestasse a participação da professora Mercedes Dantas nesse processo de reforma empreendida por Fernando de Azevedo. Obviamente, como membro da categoria junto ao professorado, em 1930, conclamou a favor da Escola Ativa e das realizações de Fernando de Azevedo:

Sejamos do nosso tempo! Abre o último capítulo da conferencia magnífica, numa brilhante sequencia de citações, mostra como a Escola Activa é a doutrina de muitos povos civilizados da América do Sul e do Norte, e da Europa. Detem-se na Escola Activa praticada no Rio de Janeiro – instituição de Reforma de Fernando de Azevedo, nos ensaios e realizações de vários outros centros brasileiros demora-se no movimento mundial a favor da Escola Activa, culminando pela criação da Liga Internacional para a Escola Nova, a 6 de agosto de 1921, em Caláís e faz um appello eloquente, cheio de idealismo e de fé para que todo o Brasil, em breve haja os princípios homogêneos de educação através da Escola activa (CORREIO DO PARÁ, 24-06-1930 – CADERNO DE LEMBRANÇA II).

Diante do farto reconhecimento histórico, político e social detido pela pessoa da professora, encarregada de uma viagem pedagógica de cunho relevante aos estados do Norte do Brasil em 1930, um aspecto intrigante é o fato de não haver, no acervo de Fernando de Azevedo, por ora manuseado, sequer uma menção a seu nome. Como Mercedes Dantas, uma mulher que viajou por cerca de cinco meses, representando os ideais da Escola Nova e, em especial, a reforma de Fernando de Azevedo, não fora citada ao menos na produção bibliográfica ou documental do próprio Azevedo e da própria ABE?

No tocante a ABE, criada no ano de 1924, Azevedo (1940) a destacou como sendo a primeira organização de nível nacional e oficial a se dedicar ao instrumental de ensino e aos modelos pedagógicos a serem importados do pensamento europeu e norte-americano para as realidades locais no Brasil. Com mudanças de rumo em relação aos interesses por parte dos organizadores da ABE em relação à Instrução Pública primária ou de seus dissidentes, que tiveram por representante a professora Mercedes Dantas, um silenciamento de sua personagem e relevância, consequentemente uma lacuna na História e Historiografia da

Educação. Uma das possibilidades desse posterior silenciamento talvez tenha sido seu alinhamento ao fascismo-nacionalismo de Getúlio Vargas, em particular, após a saída do poder.

Concernente à avaliação de Tostes (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 253, 23/10/1927, p. 8), o anteprojeto de Fernando de Azevedo tinha bases importadas, sobretudo dos preceitos suíços e franceses de educação, comprovando a “viagem” de modelos e de intelectuais da educação da Europa para o Brasil, adotados ou adaptados, experimentados e aplicados ao Rio de Janeiro e outros estados:

A reorganização do ensino na Capital da Republica de accordo com o ante-projecto formulado pelo Sr. Dr. Director da Instrucção, vem merecendo os applausos francos dos estudiosos do assumpto, dos especialistas, emfim. As bases em que se assentam as medidas propostas são aquellas que na Suissa e na França tornaram, com a segurança offerecida, modelar tal serviço.

De acordo com Boto (1996, p. 21), na França houve “a partir de meados do século XVIII, uma intensificação do pensamento pedagógico e da preocupação com a atitude educativa. Para alguns filósofos e pensadores do movimento francês, o homem seria integralmente tributário do processo educativo a que se submetera”. Esse processo de sujeição dissipou reformas sociais, com o homem “pedagogicamente reformado”, e induziu ao exemplo, seguido por muitos países.

A professora Mercedes Dantas empreendeu a viagem pedagógica aos estados do Norte do Brasil com o intuito de difundir o modelo pedagógico da reforma educacional de Fernando de Azevedo e em nome também da FNSE. Mas, em que consistiam “os estados do Norte”? Para responder a essa pergunta, urge a necessidade de entender parte da questão geográfica e histórica brasileira.

### **3.1 Deslocamento espaço-geográfico da Viagem de Mercedes Dantas**

Foi meu interesse, também, compreender a regionalização do território brasileiro, identificando o que era considerado, em 1930, como “estados do Norte” do Brasil. Destaquei, sobretudo, como se encontrava cada estado em relação às reformas naquele momento, tracei o itinerário realizado pela professora Mercedes Dantas pelos estados visitados e procurei me aproximar das apropriações ou resultados, embasada na viagem pedagógica de Mercedes Dantas.

O Brasil, desde o seu apossamento pelos portugueses no ano de 1500 e as primeiras tentativas de uma divisão, por sua extensão territorial e diversidade em vários aspectos, coexistiu com um empecilho para um cartograma consistente. Guimarães (1941, p. 318) dispôs que, “Ao estudioso do nosso país a situação apresenta-se, porém, de modo a causar grande perplexidade, tal a disparidade das divisões propostas pelos vários autores ou adotadas pelas instituições oficiais” como as excessivas quantidades de regiões sinalizadas.

Na opinião de Magnago (1995, p. 62), ainda na década de 1990, havia “carência de um mapeamento adequado em nível de maturidade alcançado pela sociedade nacional, o que se comprova na indisponibilidade de informação cartográfica suficiente para atender aos mais diversos segmentos de usuários”.

Entre as inúmeras simulações, apresento quatro que são antecessoras e prováveis diretrizes para o que se considerou como “estados do Norte” na década de 1930.

A primeira remete ao ano de 1889, quando André Rebouças (1838-1898) empenhou-se em compartimentar o território brasileiro e “fez uma divisão atendendo mais ao caráter agrícola e com o caráter prático a que êle chamou ‘zonas’” (MAGNAGO, 1995, p. 63), admitindo 10 unidades regionais:

- I) Zona Amazônia (Pará e Amazonas);
- II) Zona do Parnaíba (Maranhão e Piauí);
- III) Zona do Ceará (Ceará);
- IV) Zona da Paraíba do Norte (Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas);
- V) Zona do São Francisco (Sergipe e Bahia);
- VI) Zona do Paraíba do Sul (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo);
- VII) Zona do Paraná (Paraná e Santa Catarina);
- VIII) Zona do Uruguai (Rio Grande do Sul);
- IX) Zona Auro-Ferífera (Minas Gerais);
- X) Zona Central (Goiás e Mato Grosso).

A segunda, foi delineada em 1893 por Elisée Réclus (1830-1905), que pensou em uma perspectiva de divisão regional, que trabalha com a noção de região natural, e se tornou inspiração para outros cartogramas. A crítica que se faz a essa divisão é que o território foi dividido de uma maneira que não correspondia aos limites dos estados. Reduzindo o modelo de Rebouças a oito agrupamentos regionais, Réclus considerou:

- I) Amazônia (AM e PA);
- II) Vertente do Tocantins (GO);
- III) Costa Equatorial (Estados nordestinos do MA e AL);
- IV) Bacia do São Francisco e Vertente Oriental dos Planaltos (SE, BA, ES e MG);
- V) Bacia do Paraíba (RJ e DF);
- VI) Vertente do Paraná e Contravertente Oceânica (SP, PR e SC);
- VII) Vertente do Uruguai e Litoral Adjacente (RS);

## VIII) Mato Grosso. (GUIMARÃES, 1941, p. 345).

Said Ali (1861-1953) apresentou, em 1905, a terceira formulação com “um número menor de regiões e foi realizada para atender às finalidades econômicas dos estados entre si e conciliar, tanto quanto possível, as regiões geográficas. Foram cinco as regiões determinadas” por Ali (GUIMARÃES, 1941, p. 346):

- I) Brasil Setentrional ou Amazônico (AC, AM e PA);
- II) Brasil Norte-Oriental (Estados litorâneos desde o MA até AL);
- III) Brasil Oriental (SE, BA, ES, RJ, DF, MG e SP);
- IV) Brasil Meridional (PR, SC e RS);
- V) Brasil Central ou Ocidental (GO e MT).

Uma quarta iniciativa em regionalizar o território brasileiro partiu de Delgado Carvalho<sup>29</sup> que, assim como Réclus, em 1913, pensou em agrupar os estados federados pelo critério de “região natural”, e é essa a que mais nos interessou para a Tese. Para Magnago (1995, 66), “Esse autor apoiava-se na premissa de que uma divisão regional deveria ter caráter duradouro, o que não poderia ser obtido através da análise de “fatores humanos”, muito dinâmicos e mutáveis”. Essa divisão representa o resultado de uma evolução das regionalizações de André Rebouças, Elisée Réclus e, principalmente, Said Ali. Segundo Delgado, havia cinco grandes unidades naturais:

- I) Brasil Setentrional ou Amazônico (Acre, Amazonas e Pará);
- II) Brasil Norte-Oriental (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas);
- III) Brasil Oriental (Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Distrito Federal e Minas Gerais);
- IV) Brasil Meridional (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul);
- V) Brasil Central (Goiás e Mato Grosso). (GUIMARÃES, 1941, p. 346).

Outras maneiras de repartir o território foram pesquisadas. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) oficializou um mapa para o Brasil, apenas no ano de 1940, e levou em conta muitas das alternativas já estudadas por Delgado, como analisou Bouças (1942, p. 149):

Coube ao Engo. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, chefe da Secção de Estudos daquele Serviço, o encargo de realizar tão oportuna tarefa. Ésse técnico, depois de examinar as diversas divisões regionais que tem sido usadas no país, elaborou um fundamentado e longo parecer (publicado na REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, ano II, n.º 2) no

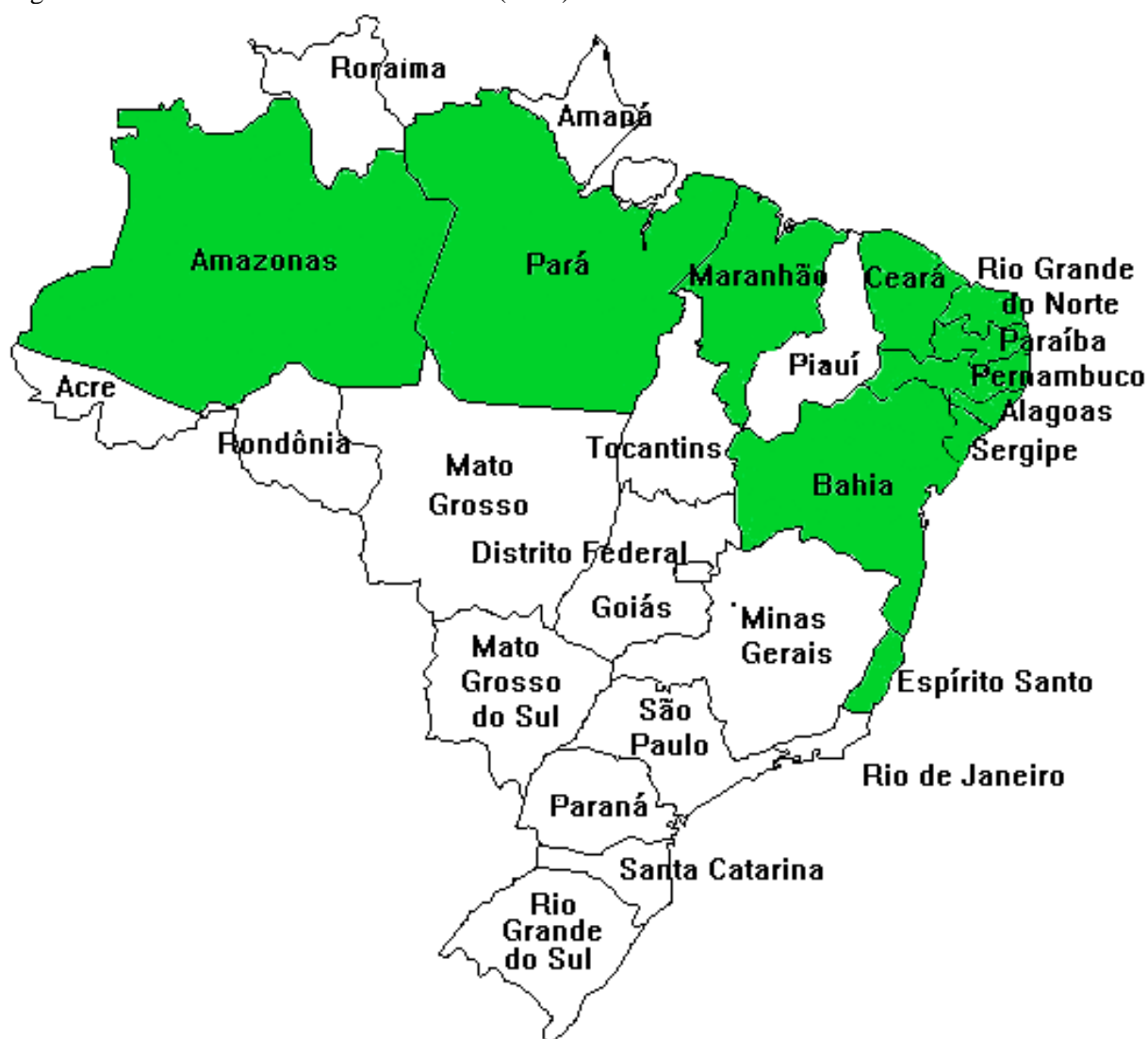
---

<sup>29</sup> Carlos Miguel Delgado de Carvalho nasceu na França, em 1884. Estudou na Suíça, na França e na Inglaterra. No Brasil foi professor e diretor do Colégio Pedro II. Pertenceu ao Conselho Nacional de Educação e fez parte do quadro de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. [...] Faleceu, quase centenário, na cidade do Rio de Janeiro, em 4 de outubro de 1980 (NISKIER, 2011, p. 491).

qual após fazer fartas e eruditas considerações sobre o assunto, concluiu por optar pela divisão estabelecida pelo Professor DELGADO DE CARVALHO e que é atualmente adotada no ensino secundário de geografia.

Quais estados brasileiros eram considerados estados do Norte até 1930, ao menos não oficialmente, já que os cartógrafos não haviam chegado a um consenso? Sobral (2017), seguindo as narrativas dos jornais impressos, considerou que esse conjunto era formado pelos estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Espírito Santo. A viagem alcançou os espaços correspondentes ao Brasil Setentrional, Norte-Oriental e Oriental da regionalização idealizada por Delgado, deixando de fora o Brasil Meridional (São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e o Brasil Central (Goiás e Mato Grosso).

Imagem n. 37: Os Estados do Norte do Brasil (1930)



Fonte:

<https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/originals/94/66/9f/94669f66e3b9b93b0d73878d6b52cc42.jpg> –

Adaptado por Rosemeire Amaral.

Em relação aos contrastes existentes no Brasil, a professora Mercedes Dantas (CORREIO ESCOLAR, julho de 1935, Caderno de Lembrança II – Grifos da autora) se expressou:

Temos assim **Brasis** e não **Brasil**. A mentalidade “microgeographica” a ameaçar de desagregação a Patria enorme, desamparada. O regionalismo estreito amalgamado em falsas concepções de patriotismo authenticico e em interesses subalternos, momentaneamente prevalecentes, distanciam cada vez mais o Norte do Sul.

Dantas (1935) referia-se ao consenso de que o Brasil estaria dividido em dois brasis: o Norte (atrasado e subdesenvolvido) e o Sul (industrializado e desenvolvido). O paradoxo norte-sul, subdesenvolvido-desenvolvido, pobre-rico povoou e ainda se mantém no imaginário sociocultural e na prática econômica e política do país, comprovado pela implantação de políticas públicas ou sua ausência, favoritismos, disparidades entre as regiões.

O Brasil, em pleno século XXI, coabita com indefinições referentes ao seu território. De acordo com o IBGE, as pesquisas estimaram três tipos de regionalização: regiões naturais, regiões geoeconômicas e regionalismo literário.

O professor Jacques Lambert,<sup>30</sup> com apoio do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, publicou, em 1959, o livro intitulado “Os dois Brasis”. Para Lambert (1959, p. 105),

os brasileiros estão divididos em dois sistemas de organização econômica e social, diferentes em níveis como nos métodos de vida. Essas duas sociedades não evoluíram no mesmo ritmo e não atingiram a mesma fase; não estando separadas por uma diferença de natureza, mas por diferenças de idade.

Esse direcionamento dualista resultou em concepções para se pensar a Instrução Pública, em consonância com o desenvolvimento dos estados, o que implica considerar a estrutura econômica e, conseqüentemente, a importância do contexto educacional.

Considerarei, ainda, relevante compreender como se apresentava cada estado em relação às reformas naquele momento – partindo do Rio de Janeiro, como exposto anteriormente – e

---

<sup>30</sup> Francês, nascido em Lyon, foi professor de Sociologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, de 1939 a 1945, como membro da Missão Professores Franceses que veio inaugurar a recém-fundada instituição. Recebeu o título de Professor Honoris causa da Universidade do Brasil, por ocasião da sua terceira viagem ao nosso país, tendo sido a primeira ao Rio Grande do Sul, onde deu aula de Direito Comparado, na Faculdade de Direito de Pôrto Alegre. (INEP, 1959, Prefácio).

as apropriações ou resultados que embasaram a viagem pedagógica de Mercedes Dantas e sua atuação.

Em 1923, a Gazeta de Notícias (RJ, N.115, 31/05/1923, p. 10) divulgou:

Ainda há poucos dias publicou esta folha uma entrevista com o professor Bergstrom Lourenço Filho, director da Instrucção Publica no Ceará, na qual ficou perfeitamente assignalado o grau de desmoralização por que vae, na grande maioria dos Estados do Norte, a magna questão do ensino primário e profissional. Não é que nesses Estados os respectivos governos distribuam para a instrucção do povo pequenas verbas. Não. Alguns delles mesmo abonam uma quinta parte de suas rendas ou mais ainda para esse mister.

Não obstante, o que foi divulgado pelos estados nos jornais impressos nos anos finais da década de 1920 não condiz exatamente com essas informações, posto que todo discurso é um emaranhado de um desejo de verdade. Para Foucault (1996, p. 18), “essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos, [...] uma espécie de pressão e como que um poder de coerção”, ou seja, os detentores do poder fazem com que sobressaia nos discursos os seus interesses, seja pessoais, seja institucionais.

Embora o intervalo de 1911 – levando em conta o levantamento apresentado por Mercedes Dantas – a 1920 ou 23 pudesse ser apreciado como um espaço de tempo pertinente para mudanças plausíveis, não haveria de ser extremista a ponto de uma superinflação dos números. Apesar de existir o reconhecimento da necessidade de reformas, as publicações nos jornais locais dão ênfase sempre ao lado positivo, como se cada estado apresentasse vantagem em relação a outros, no que diz respeito às reformas e aos princípios da Escola Nova.

Tomamos, como exemplo, primeiro, o ensino em Pernambuco, quando, em 1928, o estado recebeu autorização para reformar os ensinos normal e primário, pelo Decreto, publicado no jornal A Província (PE, N. 232, 6/10/1928, p. 3):

O sr. Governador do Estado sancionou hontem, o seguinte decreto legislativo:

“Art. 1º - É o Governador do Estado autorizado a reformar os ensinos normal e primário.

Art. 2º - Nos municípios do interior serão applicados até 20% de sua receita ordinária e no da capital até 10% na manutenção do ensino primário.

Carneiro Leão, ao deixar o Rio de Janeiro, foi solicitado “para orientar como especialista a reforma do ensino em Pernambuco, no sentido de uma organização mais pratica e mais ágil” (A PROVÍNCIA (PE), N. 257, 4/11/1928, p. 3). “Ao sr. Carneiro Leão não faltam estudos de especialização em assumptos de ensino, nem uma viva experiência de

administração escolar, tendo por quatro annos dirigido a instrução publica no Districto Federal”. O jornal A Província (PE, N. 257, 4/11/1928, p. 3) tece elogios ao sistema de ensino pernambucano e aos progressivos avanços:

Como progresso na technica de ensino Pernambuco já pode apresentar organizações como a Escola Normal, hoje conhecida como uma das mais adiantadas do paiz: de material didactico tem cuidado o governo com o maior dos empenhos, sendo larga a distribuição; o numero de escolas tem sido augmentado consideravelmente. A todo esse conjuncto de esforços procura-se agora dar um sentido mais pratico, uma harmonia mais intelligente.

Com prova de que os princípios escolanovistas estavam “indo de vento em popa” na sociedade pernambucana, Scaramelli (A PROVINCIA (PE), N. 48, 27/02/1929, p. 3) ponderou que Pernambuco era o estado que despontava como um dos mais à frente no processo de luta contra o analfabetismo no país:

Com destino ao Espirito Santo, segue o prof. Gomes Gardim, director aposentado da Escola Normal da Praça, afim de realizar uma serie de conferencias pedagógicas, a convite do governo daquelle Estado. E, em todos os outros Estados e no Districto Federal, nota-se o mesmo fervor pela alphabetização das massas populares. Entre estes, Pernambuco, sem dúvida, foi o que realizou reforma mais radical.

Todavia, não podemos negar que a reforma em Pernambuco tenha contado com a colaboração de educadores e intellectuais de outros estados, como afirma o jornal A Província (PE, N. 48, 27/02/1929, p. 3), numa replicagem do jornal Diário de São Paulo:

Nella colaboram vários educadores paulistas, uns que já se acham no Recife e outros que estão a caminho daquelle capital. Embarcou, hontem, em Santos, com esse destino, o professor Scaramelli, que vae reger a cadeira de didactica da Escola Normal de Recife. Antes de embarcar, porem, o prof. Scaramelli fallou ao “Diario de S. Paulo” sobre a sua missão.

Como parte do cumprimento do programa da Escola Nova, Cesar (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 308, 26/12/1931, p. 4) discorreu sobre a instalação de uma Biblioteca Pública e de um Seminário Pedagógico, responsáveis pelo melhor ordenamento do ensino e da formação do professorado:

Quero me referir á Bibliotheca Central dos Professores e ao Seminario Pedagogico, instituições de alta finalidade, fundadas no actual regimen e que vem preparando convenientemente o professorado para a pratica dos methodos modernos de ensino, nas escolas primarias do Estado. A Escola Nova em Pernambuco, não está mais em período de ensaio ou experimentação. É uma realidade, o que bem prova a exposição de trabalhos didacticos feita num dos salões da Escola de Bellas Artes.

Um dos aspectos mais incisivos da Escola Ativa é a aproximação da criança a problemas ligados à vida, às coisas do cotidiano. Para Cesar (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 308, 26/12/1931, p. 4),

o professorado pernambucano vae assim renovando a sua mentalidade, aperfeiçoando o aparelhamento escolar, implantando novas directrizes no ensino e creando enfim a verdadeira escola, onde a criança encontra situações adequadas á vida, encarando os homens e as cousas sob o seu verdadeiro aspecto, em meio dos quaes vae formando o seu espirito, a sua mentalidade.

Mercedes Dantas registrou suas impressões a respeito de Pernambuco: “Depois da Reforma Carneiro Leão, consagrada pelo professor José Escobar, com o aparelho de ensino que possui, na capital e em Olinda, incorpora-se, triunfante, ao movimento que se observa, no paiz, e prepara-se para generalizações indispensáveis” (ESTADO DO AMAZONAS, 1/07/1930 – Caderno de Lembrança II).

Quanto ao aumento do número de escolas como empenho nacional, o estado do Espírito Santo se destacou em 1927, com uma ferrenha campanha contra o analfabetismo, ampliando o quantitativo de instituições de ensino público. O Jornal do Brasil (RJ, N. 179, 29/07/1927, p. 5), entretanto, referiu-se à ineficiência dessa ação:

O Espírito Santo tem visto augmentar sensivelmente a sua população alphabetada, como se pode ver pela estatística referente á frequência escolar. De 1916 a 1926, as escolas incluindo os grupos de escolas, subiram de 240 a 470, enquanto a matricula passava de 8.375 a 22.744, quasi o triplo do numero encontrado há dez annos.

Não obstante, a população analfabeta é grande....

Isso num Estado em que se determinou constitucionalmente a obrigatoriedade do ensino. Vê-se que esse dispositivo, por si só, não basta para resolver o problema do alphabetismo.

O Diário da Manhã (ES, N. 2431, 14/09/1930, p. 1) informou que os espírito-santenses pretendiam estar em vantagem quanto aos aspectos reformistas, diante da situação de outros estados brasileiros, antecipando-se quanto à promulgação das leis e decretos:

Ao contrario do systema adoptado no Brasil, de dar-se o primeiro passo com a decretação da reforma, no Espírito Santo a adaptação se vem fazendo, antes das leis a determinarem, de modo que, quando estas forem promulgadas, já pode a parte inovada ser, de fato, executada, sem os perigos e difficuldades originadas pelo período de experimentação.

Nessa mesma perspectiva, Mercedes Dantas (ESTADO DO AMAZONAS – Caderno de Lembrança II) considerou que o “Rio Grande do Norte, cuja extensão no ensino, é uma esplendida realidade, apressa-se para adoptar a Escola Activa, no próximo anno, tendo á frente a vontade férrea de Amphiloquio Camara, presidente da Associação de Professores”.

Em relação ao Ceará, Mercedes Dantas encontrou a instrução “dirigida por um moço cheio de energia e competência, Moreira de Souza, que lá instituiu também a Escola do Trabalho” (DANTAS, Estado do Amazonas – Caderno de Lembrança II).

De passagem pelo Pará, constatou “com alegria, que um grupo escolar já ensaiava os methodos activos, com resultados promissores” (DANTAS, Estado do Amazonas – Caderno de Lembrança II).

Em Natal, Mercedes Dantas (ESTADO DO AMAZONAS – Caderno de Lembrança II) se disse surpresa com a inovação e iniciativa da Associação de Professores: “A Associação de Professores acaba de inaugurar o seu Jardim de Infancia, o primeiro e o único do Rio Grande do Norte. Mais uma vez a A. P.<sup>31</sup> se adianta, nobremente, á iniciativa official, como um exemplo vivo, digno de imitação”. De tão admirada, Mercedes Dantas (ESTADO DO AMAZONAS – Caderno de Lembrança II) declarou:

De regresso ao Rio de Janeiro, visitei novamente a Associação de Professores, de Natal, a mais poderosa, a mais completa e efficiente de quantas tenho conhecido, até agora, incluindo as da Capital Federal. Já percorri nove Estados, a partir da Bahia até Amazonas, e nada encontrei, no gênero, tão bem installado, servindo ás altas e nítidas finalidades educativas, como esse Jardim de Infancia. Nada lhe falta dentro das exigências da pedagogia moderna: a função integralizadora na educação da criança, a esthetica indispensável ás construcções escolares, o ambiente encantador do trabalho, de carinho, de alegria e, acima de tudo, a feição eminentemente educativa na formação da personalidade infantil.

Na avaliação de Boto (2003, p. 388), “a escola moderna cria, em alguma medida, seu ritual de organização; trabalhando simultaneamente saberes e valores, estabelecendo rotinas e disciplina, hábitos de civilidade e de racionalização”. Eram esses os princípios postos na prática e rotina escolares nos estados visitados em prol da “formação da personalidade infantil”, “do cidadão e da nação” (DANTAS, Caderno de Lembrança II, 1936). Porém, Mercedes Dantas observou (ESTADO DO AMAZONAS – Caderno de Lembrança II) que “apenas Alagoas e Parahyba, por motivos differentes, continuam alheios ás renovadas questões de ensino”, mas apresentou palavras de esperança: “Piauhy, Sergipe e Espirito Santo foram por mim reservados para a volta. Mas acredito que, dentro de muito pouco tempo, todo o norte da Patria – sua verdadeira reserva ethnica, estará, em bloco admirável, dando um grande exemplo ao sul, em matéria de educação popular”.

---

<sup>31</sup> Associação de Professores.

Quanto ao estado de Sergipe, Freitas e Dantas (2010, p. 240) encontraram aspectos renovadores nas escolas preparativas para o exercício da docência: “Com carteiras escolares importadas dos Estados Unidos e os laboratórios montados com instrumentos oriundos da Europa. As futuras professoras de Sergipe, contariam com dispositivos pedagógicos apropriados para o aprendizado necessário à atuação no magistério”.

Sobral (2010, p. 27), em pesquisa sobre o padre José Augusto da Rocha Lima (1897-1968), em sua biografia, afirmou que:

a rede de relações que José Augusto estabeleceu, ao longo de sua vida, nos espaços em que atuou. Nas decisões e escolhas que fez e, sobretudo, nas determinações do contexto cultural e social em que viveu, bem como nas circunstâncias inesperadas que o envolveram de forma incidental, sem maiores explicações.

Entre outros aspectos, Sobral (2010, p. 29) pretendeu “destacar a sua contribuição na difusão dos preceitos da Escola Nova em Sergipe, tomando como referência o itinerário de sua viagem a São Paulo e as implicações dessa viagem na Instrução Pública de Sergipe”, realizada quase no período similar à de Mercedes Dantas aos estados do Norte, com parada em Sergipe.

A viagem pedagógica realizada pela professora Mercedes Dantas combinou diversos fatores internos e externos, isto é, de sua pessoa e das instituições, órgãos e dirigentes político-sociais dos quais se tornou símbolo ou representante, podendo ser conceituada como “um evento” social, pois, junto a ela, viajaram tantos outros que, ansiosos, a ponto de “um grupo de pessoas amigas, parentes, colegas e admiradores da illustre literata estiveram no cões, onde lhe foram levar flores e votos de feliz viagem” (O JORNAL (RJ), N. 3502, 16/04/1930, p. 3). Sobral (2016) endossou essa afirmativa, comentando sobre a receptividade “dos que ficam”, os conterrâneos (parentes, amigos, políticos, simpatizantes do viajante), como “dos que recepcionam” o viajante (comitivas nomeadas e preparadas), elevando as viagens pedagógicas à qualidade de “raridade”.

Ao que tudo indica, Mercedes Dantas, a bordo do Bagé, iniciou a viagem em 15 de abril de 1930, tendo a Bahia como seu primeiro ponto de parada. No mês de maio, visitou Alagoas (Maceió), Pernambuco (Recife) e Rio Grande do Norte (Natal), passando, em junho, por Paraíba (João Pessoa), Pará (Belém), Ceará (Fortaleza). Em julho, esteve no Amazonas (Manaus). Por último, visitou Teresina, Sergipe (Aracaju) e Espírito Santo (Vitória). Declarou sobre a viagem: “minha excursão, - do Espírito Santo a Manáos – em nome dos ideais educativos que a *Federação Nacional das Sociedades de Educação* encarna, no momento. A

cada capital exceptuando a do Piauí, tenho levado, em conferencias e entrevistas, a expressão multiforme desses ideias” (CORREIO DE ARACAJU, Ano XXIII, 12/08/1930. p.1).

A professora Mercedes Dantas traçou um itinerário da viagem. Saindo do Rio de Janeiro, a bordo do *Bagé*,<sup>32</sup> destinava-se aos estados do Norte do Brasil. Era 15 de abril de 1930. Muitas eram as expectativas para com os lugares e as pessoas.

Mignot (2017, p. 267) avaliou que “os estudos lembram sempre que as viagens não começam no dia da partida e não se encerram na hora da chegada. Daí a importância de interpretar os viajantes, os contextos, as motivações, as finalidades e as repercussões de cada travessia”.

E a Reunião Educacional, um dos objetivos da viagem pedagógica de Mercedes Dantas? Os anúncios circulavam nos mais diversos veículos de comunicação no ano de 1930. Nos impressos:

A partir do dia 20 do corrente, terá lugar nesta capital a “Reunião Educacional”, certame destinado a um largo entendimento entre os principais responsáveis pelos assumptos do ensino primario no Brasil. Promovem essa reunião a Federação Nacional das Sociedades de Educação e a União dos Escoteiros do Brasil, que contam já, neste momento, com o apoio pratico de todos os governadores de Estado e dos governos federal e municipal. (A BATALHA (RJ), N. 232, 18/09/1930, p. 3).

A Reunião ocorreu, como previsto, em 30 de setembro de 1930. Os preparativos incluíam uma sessão para recepção dos participantes, incluindo:

- a) Apresentação de credenciaes dos representantes dos Estados;
- b) Entrega dos exemplares dactylographados ou mimio-graphados das exposições de cada um dos representantes dos Estados e respectiva documentação;
- c) Organização de uma relação das exposições e documentações apresentadas pela Secretaria Geral da F.N.S.E. e representante da Comissão Central Executiva da Reunião Educacional de 1930;
- d) Organização de uma lista, por ordem alfabética, dos Estados representados na Reunião. (A BATALHA (RJ), N. 223, 20/09/1930, p. 2).

A sessão inaugural estaria a cargo da União dos Escoteiros do Brasil:

---

<sup>32</sup> Navio Nº 90 da frota 1926-1943. Construído em 24.08.1912 por Stettiner Maschinenbau A.G. (Vulkan, Stettin) - Tab 8.235 to ex "Sierra Nevada" 1912-1917 Norddeutscher Lloyd, Bremen Amarra a 10.09.1914 devido ao 1º conflito mundial, em porto no Estado de Pernambuco. Capturado pelo Governo Brasileiro em 01.06.1917, é operado pelo estado até entrega ao Lloyd em 1926. Afundado em 01.08.1943 por acto de guerra, ao largo da costa Brasileira, na posição 11°29'S - 36°58'W pelo submarino Alemão U-185, resultando na perda total do navio. Conseguiram salvar-se após o torpedeamento 28 passageiros e 107 tripulantes. Disponível em: <http://naviosenavegadores.blogspot.com.br/2008/01/o-lloyd-brasileiro-1-parte-1886-1945.html>. Acesso em: 03 dez. 2017.

Às 13 ½ horas, haverá uma visita colectiva ao Museu Nacional. Depois, às 16 horas, dar-se-á a abertura official da Concentração Escoteira, na Quinta da Boa Vista, seguindo-se o desfile de tropas escoteiras, de discurso pelo presidente da União dos Escoteiros do Brasil, Ignacio M. Azevedo do Amaral, e do Fogo de Conselho de Concentração. (A BATALHA (RJ), N. 223, 20/09/1930, p. 2).

Do Programa e das bases da Reunião Educacional, por serem extensos, foram destacados três pontos:

4º - a reunião será realizada em **14 sessões**, em **sete dias**, isto é, em **duas sessões diárias**.

7º - Em cada sessão cada um dos comparecentes ministrará aos seus collegas informações e explicações que por qualquer delles sejam solicitadas, sem que, porem, taes informações e explicações tomem caracter de discursos.

8º - Os dirigentes da instrucção que tomarem parte na reunião serão **convidados a apresentar, por escripto, até o ultimo dia da reunião, uma exposição sobre as modificações e reformas que pretendem** introduzir nas organizações de educação e ensino de suas circunscripções.

9ª – **A F.N.S.E. fará imprimir** em volume todas **as exposições apresentadas** pelos dirigentes da instrucção nas differentes circumscripções da União Federal, tanto na abertura das reuniões como em seu encerramento, volume em que se **documentará o balanço do que existe nas differentes unidades da Federação Brasileira em matéria de educação e ensino e as sugestões de modificações e reformas**, pelos dirigentes de cada uma dellas julgadas convenientes, á vista das trocas de idéas realizadas na reunião promovida pela F.N.S.E. e pela U.E.B. (O PAIZ (RJ), N. 16.684, 26/06/1930, p. 1 – Grifos meus).

As exposições seriam atividades bastante concorridas e organizadas pela FNSE:

- a) Uma exposição de desenhos dos alumnos das escolas municipaes do Districto Federal, desenhos que, posteriormente, serão distribuídos pelos alumnos das escolas dos Estados, iniciando, assim, uma permuta regular e permanente;
- b) Uma exposição de trabalhos e de museus-typos escolares das escolas municipaes do Districto Federal, sob os moldes da escola nova;
- c) Uma exposição de livros didacticos e imprensa educativa – Boletins de Educação publica e revistas diversas;
- d) Uma demonstração de cinema educativo, consistindo numa exposição de aparelhos e films typos e na filmagem, commentada, em outras sessões realizadas durante a reunião;
- e) Uma demonstração de radio educativo;
- f) Uma demonstração de cultura musical pelos alumnos das escolas municipaes do Districto Federal;
- g) Demonstração de educação physica;
  - 1º - Pelos alumnos das escolas municipaes do Districto Federal;
  - 2º - Pelos escoteiros da U.E.B.;
  - 3º - Pela Liga de Sports da Marinha;
  - 4º - Pela organização da Escola de Educação Physica do Exercito;
- h) Uma demonstração do ensino experimental das sciencias physicas e naturaes;
- i) Uma demonstração de educação sanitária;
- j) Uma exposição de trabalhos profissionaes das escolas profissionaes masculinas e femininas com demonstrações praticas pelos alumnos. (O PAIZ, (RJ), N. 16. 684 N. 26/06/1930, p. 1).

Assim, a reunião, sendo no Brasil, um movimento interno, não deveria ter caráter de Congresso, pois seria uma simplificada declaração por parte dos estados nacionais dos trabalhos realizados nas escolas com a aplicação da pedagogia moderna e dos métodos ativos. Por isso, não haveria relatórios, ou discursos, palestras etc. Ao encerrar, todos os “comparecentes” deveriam entregar um documento por escrito com as relações solicitadas e impressões emitidas durante o evento, com sugestões para o estado de origem e para os demais, o que geraria uma organização em cadeia, uma repercussão e troca de saberes no que se refere à prática dos princípios da Escola Nova aplicados ao ensino primário.

A professora Mercedes Dantas, após uma avaliação a respeito de sua viagem pedagógica, concluiu:

Desde já, porem, desejo expressar o meu profundo reconhecimento ao nortista, aos governos, ao professorado, aos intellectuaes, a todos, emfim, que com entusiasmo, carinho e cordialidade, tudo fizeram para que eu, na Capital Federal, possa dizer á Directoria Geral de Instrucção Publica, á Federação Nacional das Sociedades de Educação: “Deveis estar satisfeita”.  
(O PAIZ (RJ), N. 16.726, 7/08/1930, p. 6).

A viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil, em 1930, não se encerrou no seu destino final, o Amazonas, mas na Reunião Educacional no Rio de Janeiro, na qual representou alguns estados e transmitiu, com palavras próprias, ações e discursos, uma sensação de dever cumprido e o atendimento à satisfação de seus encomendadores.

Os enunciados discursivos a respeito da viagem pedagógica demonstram que os discursos pedagógicos de Mercedes Dantas estavam articulados com o campo político, com os princípios do nacionalismo, a modernidade pedagógica, o escolanovismo, a FNSE, a Reforma Educacional de Fernando de Azevedo, na medida em que sinalizavam seu envolvimento e, ao mesmo tempo, os processos de sujeição expressos quando “a sua fala” era proferida de acordo com os mecanismos de controle de poder, em especial, no âmbito da Instrução Pública e dos estados do Norte.

A proposta última desta Tese é elencar os discursos produzidos na imprensa local e nacional sobre a viagem em cada estado e, por fim, problematizar os enunciados discursivos e as condições de emergência assinalados para a difusão da Reforma de Fernando de Azevedo e estruturação de uma nova associação docente nos estados visitados, como dispositivos para analisar os discursos sobre a viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil. Pauta para o Capítulo 4.

#### **4. OS DISCURSOS SOBRE A VIAGEM PEDAGÓGICA DE MERCEDES DANTAS AOS ESTADOS DO NORTE DO BRASIL: UMA ANÁLISE**

A viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil, sem dúvida, constitui um acontecimento de reconhecimento nacional e de suma importância para a renovação educacional do país, em especial do ensino primário, e para a criação das associações ou sociedades de professores dos respectivos locais, conforme registros no “Caderno de Lembrança”.

Neste capítulo, detenho-me nesse evento, analisando os enunciados relativos ao intervalo de abril a setembro de 1930, período da viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas pelos estados do Norte do Brasil, que deu visibilidade aos propósitos da Escola Nova e da Reforma Educacional de Fernando de Azevedo. Esse acontecimento propiciou também a criação de associações de professores ou filiação de profissionais da educação à FNSE, impulsionando novas diretrizes, expandindo e consolidando a manifesta dissidência da ABE e seus desdobramentos.

Sem embargo, muitas evidências da viagem e dos discursos produzidos foram antecipadas nos capítulos anteriores. Esse movimento de dispersão causa estranhamento, porém uma assertiva, predeterminou uma complexidade de idas e vindas no texto, inter-relacionando fatos, dados, acontecimentos, discursos.

A viagem pedagógica de Mercedes Dantas originou “uma série” de discursos (FOUCAULT, 1996) ante a urgência em divulgar a Reforma Educacional de Fernando de Azevedo como experiência exitosa, averiguar a instalação de modelos pedagógicos e métodos da Escola Ativa, padronizar os sistemas de ensino nos estados do Norte do Brasil e agremiar os professores em associações, como uma forma de oficializar a dissidência entre a FNSE e ABE.

A profusão de artigos jornalísticos sobre a viagem e os discursos a ela referentes compuseram uma série e quadros (série de séries) (FOUCAULT, 1996), dos quais os jornais nacionais (maiores) publicavam os noticiários, e os editoriais locais (menores) replicavam a notícia, repetidas vezes, dias sequenciados e alternados, enviando e recebendo informações atualizadas, ocasionando uma regularidade dos discursos, tanto concernente ao quantitativo, quanto ao conteúdo daquela viagem.

Com aporte em Fischer (2001), identifiquei os seguintes fatos: uma viagem pedagógica e os discursos publicados nos jornais impressos, um traçado da realidade

educacional do Brasil de 1930; uma associação ou correlação entre os enunciados; e uma “materialidade do enunciado” e suas irrupções no devido tempo e lugar (FISCHER, 2001, p. 202).

Imprescindível é a apreensão da ideia de discurso como “o que se diz” e sua análise segundo as teorizações foucaultianas, que consiste especificamente em descrever o que foi dito, não-dito, pronunciado ou escrito, em sua singularidade e nas condições de emergência – sua história. Uma ação que define “as condições nas quais se exerce a função que deu a uma série de signos (jogos de posição possíveis para um sujeito) uma existência e uma existência específica” (FOUCAULT, 2008, p. 123).

Fischer (2001, p. 204) considera que “o enunciado, diferentemente dos atos de fala e mesmo das palavras, frases ou proposições, não é imediatamente visível nem está inteiramente oculto”. Ao analisar os ditos a respeito da Instrução Pública nos estados do Norte registrados por Mercedes Dantas, é possível inferir que os enunciados conformam um sistema discursivo, regularidade de uma prática, pois “a lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa” (FOUCAULT, 1986, p. 135): as reformas educacionais, com vistas à renovação pedagógica e à implantação dos preceitos da Escola Nova.

No entanto, para a análise do discurso, a problematização do contexto, do cenário e dos elementos envolvidos (função, sujeito e signos) se tornou um exercício arqueológico para intentar respostas às indagações: Qual o enunciado? Quem o proferiu? De onde “falou”? Qual o status do enunciatador? Que competência possuía para tal pronunciamento? A qual campo de saber pertenceu? Como se relacionam os enunciados com outros campos e saberes? Para analisar esses discursos, “é preciso que aflorem as dissensões, oposições, multiplicidades, diferenças, semelhanças, enfim a história que conta e que é o próprio discurso” (SOBRAL, 2018, p. 221).

Atenta aos princípios foucaultianos e seguindo o curso da História, destaquei alguns pontos:

I - O enunciado basilar, “o acontecimento” (FOUCAULT, 1996): a viagem. Não se trata de uma locomoção qualquer, mas, em específico, de uma viagem pedagógica. Certamente, conformou-se como palco dos mais variados discursos pelos estados do Norte do Brasil em 1930, o que induziu a professora Mercedes Dantas a declarar: “Volto de minha longa excursão até Manáos, encantadíssima de tudo quanto vi e o quanto conheci” (DANTAS, Diário da Manhã (ES), N. 2421, 3/09/1930, p. 1).

A viagem, incumbindo-se de sua especificidade – um itinerário com propósitos pedagógicos –, empreendida pela professora Mercedes Dantas e destinada a um local singular – os estados do Norte –, recebeu os mais copiosos atributos que a descreviam como Missão; Campanha verdadeiramente patriótica (O DIA, 28/06/1930 – Caderno de Lembrança II); Missão patriótica; Victoriosa cruzada; Excursão; Campanha educacionista (ESTADO (AM), 4/07/1930 – Caderno de Lembrança II); Excursão (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 226, 20/09/1930, p. 7); Jornada pedagógica; Viagem de estudos; Cruzada em prol da educação; Missão messiânica (JORNAL DO BRASIL (RJ), 13/04/1930, p. 6 – Caderno de Lembrança II); Missão oficial educativa (DIARIO CARIOCA (RJ), N. 530, 15/04/1930, p. 7); Peregrinação (SOBRAL, 2016).

II - O sujeito. Porém, conforme sugere Brandão (2004, p. 35), se o sujeito do e no discurso é “uma função vazia, um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos que o ocuparão ao formularem o enunciado, deve-se rejeitar qualquer concepção unificante do sujeito”. Portanto, as condições que possibilitaram os pronunciamentos, os discursos e, automaticamente, o “lugar de fala” e suas variações, preliminarmente se deram quando uma pressuposta “autora”, a professora Mercedes Dantas, foi “apresentada” ao povo brasileiro e, em especial, aos nortistas, como:

- a) uma “illustre patrícia” (AMAZONAS-MANÁOS, 6/6/1930 e 17/7/1930 – Caderno de Lembrança II):

A Senhorita Mercedes Dantas é uma jovem, que eu conheci, há tempo, como distinctíssima alumna da Escola Normal, e cuja estirpe se entroca na arvore genealógica dos Itapicuru's Dantas Coelho, de ilustre progênie bahiana. Na sua linha de conducta nas scintillações do seu espirito na rara cultura de que é dotada, na sua decidida vocação para o magistério, deu sempre mostras de vontade firme, de intelligencia scintillante, de envergadura moral admirável e cada vez mais rara nas moças de sua geração. (ESTRADA, Jornal do Brasil (RJ) N. 294, 09/12/1925, p. 8).

- b) uma “distincta” (adjetivo de maior recorrência nos impressos a seu respeito) escritora literária, “festejada intellectual patrícia” (DIARIO DA MANHÃ (ES), N. 2418, 30/08/1930, p. 1), e não uma profissional de carreira no magistério, no cargo de professora primária, já que a reconhecimento de normalista em 1930 era ambígua: por um lado, sem muito crédito social, um mercado abarrotado por mulheres, notadamente menores de 60 anos, como afirmou Orico (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 264, 5/11/1927, p. 5 – Grifos meus) em artigo sobre as profissões femininas em 1927 com tendência a continuar nos anos vindouros:

em principio, toda a vocação da mulher, que era o lar, passou para a escola. Ser professora, mestra de crianças, pediatra de almas novas, docente de anjos! Estava nisso o breviário de uma existência em toda sua luminosa aspiração. As escolas normaes viviam cheias, numa frequência numerosa. Ainda quando o prefeito Frontin, porteiro da gripe, abria a matricula a quem quizesse ser professora, **quasi todas as moças do Rio, menores de sessenta anos, formando verdadeiro caudal**, desembocando no acanhado estuário do Largo do Estacio. Mas os ponteiros da atividade humana começavam a indicar novos rumos, outros horizontes á energia feminina. **Ser professora já parece um diploma de mediocridade, pouco vantajoso, mal remunerado**, sobretudo quando o numerário da Prefeitura se desviara para o morro do Castello.<sup>33</sup> E **houve um eclipse de vocações**. Breve, porém, ao influxo das virtudes econômicas, **elas se multiplicaram**.

Por outro, competia “à brasileira, no lar, principalmente no lar, na escola, no trabalho, onde quer que esteja... conquistar o brasileiro para o Brasil, o cidadão para o regime” (DANTAS, 1936, Caderno de Lembrança III), uma incumbência expressa pelo sentimento de nacionalismo em voga.

c) uma mulher solteira, porém “uma moça de respeito”, de berço familiar patricio que, por bom tom, costume, valores éticos e morais, não viajou sozinha, mas acompanhada de sua progenitora – “A bordo do “Bagé”, segue hoje, para o norte, em missão official educativa, a escriptora e professora srta. Mercedes Dantas. Vae em companhia de sua progenitora, embarcando ás 10 horas, no armazém 12, do Cães do Porto” (DIARIO CARIOCA (RJ), N. 444, 15/04/1930, p. 7).

d) uma personalidade que esteve sempre assistida por autoridades regionais e locais e se apresentava em nome de uma das maiores e mais renomadas associações fundadas no Rio de Janeiro, a Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE) – “a delegada da F.N.S.E.” (CORREIO DA MANHÃ (RJ), N. 10871, 1/06/1930, p. 2), fator ilustrado e declarado: “a Federação foi bem inspirada mandando “tão ardoroso apostolo” pregar seus ideaes renovadores pelo Norte do paiz” (A NOITE (RJ), N. 6670, 11/06/1930, p. 2) – e de uma reforma educacional formulada por um intelectual de destaque e diretor de Instrução Pública, Fernando de Azevedo, que, em contraponto, a inspirava: “Quisera ver todo o Brasil incorporado, entusiasticamente, sinceramente, a esse movimento para que a obra de Fernando de Azevedo não se restringisse apenas,

---

<sup>33</sup> O Morro do Castelo foi construído no Rio de Janeiro em 1565, quando Estácio e Mem de Sá venceram os franceses, com o apoio da Companhia de Jesus, na figura dos padres José de Anchieta e Manuel da Nóbrega que, ao se instalaram no Castelo, armazenaram grandes quantidades de ouro (KESSEL, 1959).

ao Rio de Janeiro, e fosse o sopro renovador que passasse triunfante pela Patria toda” (DANTAS, Revista de Ensino, Anno IV, n. 20, mar./abr., p. 12, AL, 1930).

e) alguém que contava com a assessoria da União dos Escoteiros do Brasil: “A Federação Nacional das Sociedades de Educação aliada á União Brasileira de Escoteiros e com o apoio e o prestígio oficial dos governos municipal e federal, promove para setembro uma Reunião Educacional em moldes práticos, a primeira talvez que se faz no Brasil” (CORREIO DE ARACAJU, Ano XXIII, 12/08/1930, p. 1).

Por que a professora Mercedes Dantas? Haveria inúmeras razões. Entre elas, o motivo maior da escolha da sua pessoa não estaria na destreza com que servia à nação e aos interesses da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal. Segundo o Jornal Amazonas (CADERNO DE LEMBRANÇA II, 6/6/1930 e 17-7-1930 – Grifos meus):

Será um desdobramento da tarefa altamente encomiável que vem empreendendo pelo litoral brasileiro, e a serviço da qual se põem os **entusiasmos** de sua **sensibilidade** e os recursos de sua **inteligência, especializada nos métodos, na disciplina e ao alcance da escola moderna.**

Em um período bem anterior ao “chamado” da viagem, o transitar de Mercedes Dantas por várias escolas e turmas a fizera bastante conhecida. Exercia o trabalho alicerçada pelo “entusiasmo, sensibilidade, inteligência, especialização nos métodos e disciplina da escola moderna” (O JORNAL AMAZONAS, Caderno de Lembrança II, 1930) em vários estabelecimentos de ensino, em cargos de regência ou administrativos, instituições governamentais e particulares, como o de sua propriedade, o Instituto Mercedes Dantas, tendo como sócia e amiga a professora Maria Amélia Nunes da Fonseca.

Fatores exteriores ao seu campo de ação (a regência da sala de aula no ensino primário) endossavam a ascendência social de Mercedes Dantas e refletiam diretamente na idealização, realização e resultados de seu empreendimento, a viagem:

- a) Em razão do sucesso como literata feminina, com os contos “Nús” e “Adão e Eva”: “festejada escriptora patricia” (ESTADO. AMAZONAS, 4/07/1930 – Caderno de Lembrança I); “novel escriptora laureada” (O PAIZ (RJ), N. 16718, 03/07/1930, p. 6), apreciada por renomados “Homens de Letras”: “Os méritos literários da Sra. Mercedes Dantas, louvados por escritores como Osório Duque Estrada, Carlos Chiacchio, Hermes Fontes, Thomaz Murat e Benjamin Lima, colocam essa

ficcionista brasileira na vanguarda de nossas letras femininas” (CADERNO DE LEMBRANÇA I).

- b) Por ser reconhecida com “Honra ao mérito” pela Academia de Letras da Bahia e em função da tendência política de seus livros, que focavam o momento histórico, indo ao encontro do nacionalismo e em apoio ao governo getulista, tido como autoritário, com traços fascistas, como “O Nacionalismo de Castro Alves” e “A força nacionalizadora do Estado Novo”, obra publicada com o apoio do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e que descreve em um capítulo o perfil moral e político do presidente Vargas.
- c) Pela participação e engajamento na categoria das professoras primárias, fundando a “Ordem dos Professores”, a “União dos Educadores da Cidade do Rio de Janeiro”, a “Colônia de Férias”, o “Diretório Político das Professoras Primárias”, dos quais se destinou à candidatura ao cargo de vereadora, a terceira mulher a assumir um pleito na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.
- d) Por aceitar o convite ou voluntariar-se a membro diretora ou representante das sociedades de educação dos estados visitados, criadas em função da dissidência ABE e FNSE;
- e) Por suas relevantes participações na rede de imprensa, em especial como radialista e jornalista (colunista, cronista e contista): “educadora de meritos proclamados, vem realizando, nas capitães que tem visitado, conferencias pedagogicas sob as melhores referendas da imprensa” (JORNAL DO COMMERCIO, 28-06-1930 – Caderno de Lembrança II).

O apoio da imprensa se transfigurou em um dos pontos que viabilizaram o apanágio de Mercedes Dantas para adentrar comunidades e associações: “A senhorita Mercedes Dantas, brilhante escriptora patricia, autora de “Nús”, recentemente eleita conselheira da Associação Brasileira de Imprensa, e **primeira figura feminina que ingressa no corpo de direcção do grande grêmio dos jornalistas**” (JORNAL DO COMMERCIO, 28-06-1930 – Grifo meu), “é um nome de efectiva projecção nos círculos intellectuaes do paiz” (DIÁRIO DA MANHÃ (ES), N. 2417, 29/08/1930, p. 1).

Em 19 de janeiro de 1930, recebeu a carteira de credenciamento profissional de jornalista (JORNAL DO COMMERCIO (RJ), N. 17, 19/01/1930, p. 8), oficializando sua função e autorizando-a a exercê-la, mais que isso, concernindo-a uma posição favorável para

a produção e divulgação de discursos, com ampliação de alcance dos ideais que defendia, entre eles, o nacionalismo, o escolanovismo, a modernidade pedagógica, a reforma de ensino.

Mercedes Dantas, em 1930, já não era uma viajante comum. Tornara-se:

uma das mais brilhantes figuras da mentalidade feminina do Brasil. Escriitora consagrada, auctora de livros que receberam da critica os mais justos louvores, Mercedes Dantas, é um nome conhecido e conceituado nos meios intelectuais do Rio, onde colabora em diversos jornaes e revistas de grande prestigio na opinião popular. (ESTADO (PA), 21/06/1930, Caderno de Lembrança II).

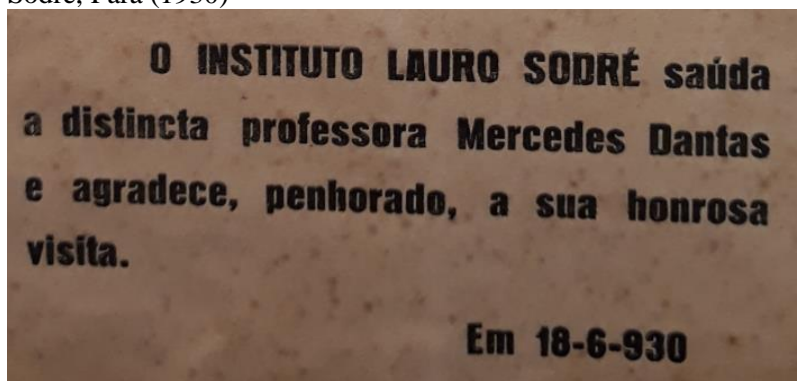
Então, “a senhorinha Mercedes Dantas logrou, como era de se esperar, a mais calorosa acolhida em todos os Estados do Norte” (CADERNO DE LEMBRANÇA II). Ou ainda:

Acha-se novamente entre nós, de regresso da sua victoriosa excursão aos Estados do Norte, onde foi sempre acolhida com as maiores e mais expressivas demonstrações de sympathia pela missão de que achava investida, **a escriptora Mercedes Dantas, figura das mais destacadas do magistério do Districto Federal e nossa brilhante collega de imprensa.** (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 221, 14/09/1930, p. 8 – Grifo meu).

Em 1930, por ocasião da viagem pedagógica, a professora Mercedes Dantas foi recepcionada nos estados do Norte com almoços e jantares, visitas às instituições escolares, sempre acompanhada de autoridades locais, representantes da Instrução Pública, professores, escritores e comunicadores (jornalistas, redatores) em motivo de palestras, conferência e outras formas de comunicação em sessões abertas ao público.

No dia 18 de junho, o Instituto Lauro Sodré a recebeu e, em forma de agradecimento, entregou-lhe um cartão (Imagem n. 37), simbolizando a importância da visita.

Imagem n. 38: Cartão de agradecimento à visita da professora Mercedes Dantas ao Instituto Lauro Sodré, Pará (1930)



Fonte: Acervo Mercedes Dantas (CADERNO DE LEMBRANÇA II).

Transcrição do texto:

O INSTITUTO LAURO SODRÉ saúda a distinta professora Mercedes Dantas e agradece, penhorado, a sua honrosa visita.

Em 18-6-930

No caso dos viajantes intelectuais, os jantares e os banquetes oferecidos pelos anfitriões, como analisa Silva (2008), eram cenários representativos da “necessidade de agradar e impressionar o homenageado” ou “demonstrar, publicamente, seu poder e potencial para os demais”. Mercedes Dantas, por onde passou, foi recebida com muito glamour.

No dia 6 de julho, as professoras de Manaus prestaram-lhe consagração com um “almoço íntimo”, com cardápio típico da região, no qual disponibilizaram o “Menu”. Do registro consta: “ALMOÇO INTIMO oferecido pelas professoras do Grupo Escolar BARÃO DO RIO BRANCO á distinta educadora patricia MERCEDES DANTAS. Manáos, 6 de julho de 1930” (Imagem 38):

Imagem n. 39: Convite dos professores do Grupo Escolar Barão do Rio Branco a Mercedes Dantas - Manaus, 6/07/1930



**Cardápio:**

**Pratos regionais**

Pudim de pirarucu, Sarapatel de tartaruga, Paxicá, Guizado de tartaruga e Peito de tartaruga.

**Sobremesa:** Frutas, Doces, Café, Licor.

**Participantes:**

Zulma Cavalcanti  
Eunice Serrano  
Francisca Carneiro  
Aurelia Barros Rego  
Iris Aranha  
Leonilha Marinho  
Antonina Borges de Sá  
Alcida Sá Barreto  
Alcida Sá Peixoto  
Ismenis Malaquias  
Leonor Matta

Fonte: Acervo Mercedes Dantas – (CADERNO DE LEMBRANÇA II).

Então, a função sujeito/autor foi assumida ou incorporada por uma gama variável de sujeitos sociais, entremeados pela “fala” da professora Mercedes Dantas, proporcionando-lhe ocupar diversos lugares de “fala”: nos espaços sociais (a tradicional família brasileira), com o respeito aos valores éticos e morais; na elite patricia; nos espaços culturais (escritores e intelectuais, comunicadores da imprensa – jornalista, radialista, figura homenageada e aclamada, representante institucionais – ABE, FNSE, UEB, educadores, legisladores e

administradores dos estados por onde transitou); na representação do gênero feminino, com a ascensão e participação social da mulher nos âmbitos, que, antes, priorizavam o sexo masculino para funções e cargos educacionais; nos espaços profissionais – como uma profissional de renome, uma professora que acompanhou, divulgou e realizou os princípios da Escola Nova nas instituições de curso primário onde lecionou ou que administrou.

Foucault proclamou a “morte do homem”. “Não é o homem o ‘sujeito conhecedor’, que deve ser o fundamento das Ciências Humanas. O que precisa ser estudado são as práticas discursivas das Ciências Humanas, que constituem e constroem o homem” (KUMAR, 2006, p. 167). Foucault não eliminou o sujeito das tramas históricas; ao contrário, colocou-o como veículo que, na prática discursiva, estabelece relações sociais, ligações de continuidades ou descontinuidades que produzem o discurso e, ao mesmo tempo, são produzidas por ele.

É esse o posicionamento que pretendi para a análise da viagem da professora Mercedes Dantas em relação aos aspectos que tramitaram sua experiência como intelectual e viajante e tudo o que constituiu elemento para a construção das práticas discursivas sobre a viagem: as reformas educacionais e a Instrução Pública nos estados do Norte do Brasil. Ela foi concebida como tema da pesquisa e, ao mesmo tempo, objeto-objetivo da prática educacional por intermédio dos jornais impressos.

A propósito ainda de o sujeito do discurso vir a designar “um espaço a ser preenchido por diferentes indivíduos”, a professora Mercedes Dantas, como embaixadora da Escola Nova, exerceu ou assumiu, tanto uma função política, quanto religiosa, ao anunciar a “Boa Nova”. Retomando Fischer (2012, p.202), “mesmo pessoas que não são professores, os voluntários da educação, também se reconhecem nesse discurso” e o multiplicam.

Outros indivíduos, portanto, reconhecem-se nesse discurso renovador dos princípios da Escola Nova, sob os auspícios de um conjunto de enunciados acerca da escola moderna, com a adoção ou adaptação de modelos educacionais à realidade de cada estado. Segundo Sobral (2018, p. 2019), “Nos discursos jornalísticos, os sujeitos – editores, intelectuais e jornalistas assumiam essa função de propagar um determinado ideário pedagógico que convergia para o entendimento da Educação como transformadora da sociedade, da cultura”, fato presentificado nos “Cadernos de Lembrança”, nos impressos e nas publicações dos jornais que acompanharam sua viagem.

Outro exemplo são os reformadores de cada estado visitado. Todos os estados aspiravam renovação pedagógica, reforma educacional, a “Escola Activa tal como nos tem sido possível realizar, no Brasil” (DANTAS, *Jornal do Brasil* (RJ), N.177, 25/07/1930, p. 6),

“com o apoio pratico de todos os governadores de Estado e dos governos federal e municipal” (A BATALHA (RJ), N. 232, 18/09/1930, p. 3).

III - O referencial (um princípio de diferenciação). Segundo Foucault (1971, p. 114), “o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou de objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado”. Descrever, portanto, um enunciado consiste em colocar em evidência a relação para com outros e apresentar uma diferenciação. Em relação aos discursos em educação, o destaque personificaria algo ou alguém passível de ser identificado, adjetivado, categorizado.

A viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas aos estados do Norte em 1930 pressupõe uma renovação da escola, em especial da escola primária, centrada no modelo instituído no Rio de Janeiro, um modelo de modernidade, pelo viés da escola Nova e conduzida por Fernando de Azevedo à sua particularidade:

Analysou a evolução da escola-activa, reveladora de personalidades, forjadora de caracteres, creadora de valores humanos uteis e bem formados, enérgicos e conscientes, em todos os paizes cultos, particularizando o que já se tem feito no Brasil, em São Paulo, em Pernambuco, na Bahia e noutros Estados, destacando a obra magnífica de renovação cultural emprehendida no Rio de Janeiro por Fernando de Azevedo. (DANTAS, Caderno de Lembrança II).

IV - O enunciado. Para Foucault (1971, p. 132), há possibilidades em que “o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é doce ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade” de acordo com a ordem dos discursos, autorizações ou negações, exclusões da “fala”.

Mercedes Dantas, em busca de um lugar de “fala”, de uma autorização, pois “só alguns têm o direito de falar com autoridade” (FISCHER, 2001, p. 209), observou cada estado em particular, como um destaque no processo de reforma da Instrução Pública, um exemplo, embora o modelo a ser seguido era sempre aquele empregado no Distrito Federal, tido como “coordenador do movimento educacional, no Brasil, nada lhe falta” (DIARIO DA MANHÃ (ES), N. 2421, 3/08/1930, p. 1 e 8).

Será que, “em todos os Estados do Norte”, os discursos proferidos pela professora Mercedes Dantas circulou de modo uniforme? No processo de aceitabilidade, não havia um único viés, uma mão de direção? Em todo o itinerário, Mercedes Dantas (ESTADO, PA, 21/06/1930, Caderno de Lembrança II), demonstrou contentamento para com os que a

receptionaram: “Estou magnificamente encantada com o acolhimento que tenho tido em todos os Estados do Norte. Da parte dos governadores e do professorado observei, com alegria, um grande desejo de auxílio á tarefa a que me propus”. Amaral e Sobral (2017, p. 291), não obstante, declararam que:

uma das primeiras ações que a professora se dedica é a de lisonjear-se ao ser acolhida por representantes do Estado e colocá-lo como um ambiente ideal para os propósitos e ideais da Escola Ativa, destacando o potencial e a esperança de renovação e conquistas na área educacional.

Toda a “fala” de Mercedes Dantas sobre a Instrução Pública, nos estados visitados, consistia da passagem de um “entusiasmo pedagógico” a um “otimismo pela educação”, tal como analisou Nagle (2001) e interpretou Paulilo (2013, p. 96):

Nagle acompanha a maturação de uma atitude de valorização do tema da instrução, dos processos de escolarização que procura e encontra suas formas de intervenção, ora como parte da solução dos grandes problemas nacionais (entusiasmo pela educação), ora se restringindo a formulações puramente educacionais ou pedagógicas (otimismo pedagógico).

Ao que parece, respeitando a ordem do discurso ou a sua institucionalização, essa era uma “fala” compacta, correspondente ao que deveria ser proliferado como “desejo de verdade”, um jogo entre saber e poder, uma cartada persuasiva, o que Foucault denominou de prática. Nas palavras de Fischer:

Na verdade, tudo é prática em Foucault. E tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam. (FISCHER, 2001, p. 200).

Em um raro momento, num descontínuo, numa quebra da ideologia no cenário dos anos 1930, auge da campanha pelo Norte, Dantas manifestou uma opinião adversa (JORNAL DO BRASIL (RJ), N. 177, 11/07/1930, p. 10 – Grifo meu):

A instrução publica, o problema da instrução publica, não é ainda a primeira preocupação dos governos. Tudo se faz, como por exemplo, estradas de rodagem (Alagoas possui as melhores), mas **o ensino popular continua a guiar-se pelos velhíssimos métodos e processos antiquados de memorização**. A escola publica vive insulada da vida social e da família, mobiliando os cerebros infantis de noções e idéas incompletas e inúteis as mais das vezes.

O estado de Alagoas em 1911, de acordo com os enunciados do “Caderno de Lembrança I”, apresentava um número reduzido de escolas primárias (297). Em 1923, havia um percentual de 83% da população em idade escolar analfabeta. (Vide Quadro n. 8 e n. 9) e,

em 1930, o cargo de dirigente escolar ainda era predominantemente masculino, uma forma de destaque social e de ascensão política.

Mesmo cientes das mudanças no cenário nacional quanto à implantação de uma escola-padrão, os estados insistiam no comodismo, mantinham “velhos métodos e processos antigos de memorização”. Privilegiavam o que mais se destacava em ações sociais, como a construção de estradas e rodagens, as necessidades urbanas, os negócios de repercussão prática e rápida, mais visíveis e valorizadas pelas sociedades de produção e consumo do século XX.

Ao anunciar algo novo, como a implantação de modelos pedagógicos, por adoção ou adaptação à realidade de cada estado, Mercedes Dantas afirmava, nas discussões locais, que a ideia de mudar a Instrução Pública era primordial, mas sabia que havia uma contradição na prática, já que, anteriormente, outros discursos propagavam essa mesma ideia de mudança. Os discursos políticos, artísticos, pedagógicos se enredavam em uma “batalha”, ora para institucionalizar ou manter as ações já experienciadas e que, de certa forma, haviam gerado algum resultado, ora para se abrirem às novas diretrizes, inserindo desafios, perspectivas e riscos, tomando como exemplo o projeto da Reforma Educacional de Fernando de Azevedo, no Rio de Janeiro.

Ainda que tenha afirmado que o professorado era dotado de um espírito voltado para o acolhimento e a implantação dos ideais escolanovistas, em muitos enunciados ela deixou transparecer que havia uma acomodação por parte da classe, como nesse exemplo:

O professor publico é um paria na vida collectiva do Estado. Vegeta á margem da organização social e administrativa, sem estímulo, sem assistência.

Felizmente, em muitos delles (eu deveria dizer dellas) bruxoleia a chamma viva do ideal, que não desapareceu ainda de todo, graças a Deus, apesar do descaso e desconsideração officiaes. Há de ser com ella que o governo contará quando resolver cuidar do ensino publico com áquelle zelo, carinho e constância com que cuida da politicagem. (DANTAS, *Jornal do Brasil* (RJ) N. 177, 11/07/1930, p. 10).

Uma opinião emitida quando a viagem assumia o deslocamento de um estado, o Rio de Janeiro, que, até aquele momento, não se destacava em relação aos outros estados brasileiros, ou, ao que parece, apresentava uma situação bem menos favorável em relação a muitos que se localizavam no Norte, apesar da condição de pobreza e subdesenvolvimento.

A condição de viabilidade e raridade discursivas foi dada pelo fato de Mercedes Dantas, em caminho inverso, não se deslocando do Brasil para formação pedagógica e literária no exterior, “nem o seu nome nos chega de torna-viagem, através de uma

“consagração” (ui!) no estrangeiro” (FONTES, A Manhã (RJ), N.88, 10/04/1926, p. 3), ter ido de encontro aos padrões da época. Padrões estes em que o homem (o sexo masculino) era o líder e imbuía-se de investidas de cunho político, com exigido poder de conversão e convencimento de autoridades, professores e demais envolvidos e dependentes dos setores de instrução pública nos estados visitados.

Não obstante, foi-me possível crer que alguns estados do Norte estavam indiscutivelmente à frente na implantação da pedagogia moderna e do método ativo, colhendo resultados frutíferos muito antes da passagem da professora Mercedes Dantas. Isso pode estar em contradição com as notícias divulgadas de que o Sul, em razão da sua situação econômica, estaria em vantagem em relação ao resto do país. Vejamos o depoimento da professora Mercedes Dantas sobre essa questão:

Cumpre ser verídica em afirmar que nem em todos eles a instrução pública é a primeira preocupação dos governos. Mas a propaganda vale muito. O exemplo do Sul, muito mais... Vim numa verdadeira peregrinação falando, semeando, divulgando o que em um Estado encontrava de útil, de sincero. E muita gente despertou, muito entusiasmo, frutificou, muita associação vingou e tomou a si o trabalho enorme de renovação educacional. (DANTAS, Correio de Aracaju, Ano XXIII, 12/08/1930. p.1).

No estado do Amazonas, Mercedes Dantas “analisou a evolução da escola-ativa, reveladora de personalidades, forjadora de caracteres, creadora de valores humanos uteis e bem formados, enérgicos e conscientes, em todos os países cultos, particularizando o que já se tem feito no Brasil” (ESTADO. AMAZONAS, 4/07/1930 – Caderno de Lembrança III) e considerou como “magnífica de renovação cultural empreendida no Rio de Janeiro por Fernando de Azevedo” (ESTADO. AMAZONAS, 4/07/1930 – Caderno de Lembrança III). A hipótese era de que, se havia dado certo no Rio de Janeiro, um estado do Sul, desenvolvido e rico, por que haveria de apresentar as mesmas perspectivas nos estados do Norte, pobres e subdesenvolvidos, onde a Instrução Pública chocava-se com a economia, em desarmonia especialmente pelo número populacional e particularmente em idade escolar e analfabeta?

V - A produção dos discursos. Foucault (1996, p. 8-9), a respeito da produção dos discursos, analisou que “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”. No caso dos discursos sobre a viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas, a propagação da Reforma de Fernando de Azevedo e os métodos da Escola Ativa,

possivelmente, podem ser atribuídos ao que Foucault denominou de panoptismo. Para Foucault (1997, p. 170), o esquema panóptico:

permite aperfeiçoar o exercício do poder. E isto de várias, maneiras: porque pode reduzir o número dos que o exercem, ao mesmo tempo que multiplica o número daqueles sobre os quais é exercido (...) Sua força é nunca intervir, é se exercer espontaneamente e sem ruído (...) Vigiar todas as dependências onde se quer manter o domínio e o controle. Mesmo quando não há realmente quem, assista do outro lado, o controle é exercido. O importante é (...) que as pessoas se encontrem presas numa situação e poder de que elas mesmas são as portadoras (...) o essencial é que elas se saibam vigiadas.

Foucault (1997, p. 169) concebeu o panoptismo como um “modelo generalizável de funcionamento; uma maneira de definir as relações de poder na vida quotidiana dos homens”, um sistema que, embora se dirigisse, naquele momento, à estrutura prisional e a seus aspectos disciplinares, possibilita ter os seus recursos utilizados para análise da viagem de Mercedes Dantas.

Como em uma visão panóptica, Mercedes Dantas conseguiu ter um panorama de tudo o que acontecera e estaria acontecendo com os sistemas de ensino primário nos estados da Federação, no que diz respeito aos princípios da Escola Nova. Vejamos este enunciado: “Esta notícia demonstra quanto interesse vem despertando os objetivos da F.N.S.E. de congregar senão todas, pelo menos grande parte das associações brasileiras de educação de modo a tornar-se eficientemente um elemento centralizador” (JORNAL DO COMMERCIO (RJ), N. 125, 27/05/1930, p. 8).

No Brasil, a FNSE, como um órgão afiliado ou dissidente a ABE, no desígnio de dar visibilidade ao projeto de nacionalização e padronização do sistema educacional do país, orientou e acompanhou a criação de sociedades de educadores, em cada estado, com o uso do poder. Por meio de exposições, como a “Reunião Educacional”, divulgada por Mercedes Dantas em sua viagem, construiu uma espécie de quadro panóptico (Foucault, 1987), que arregimentava, instruía e controlava todas as ocorrências no âmbito nacional e local, no que se referia ao andamento dos sistemas de ensino e à implantação, adaptação e resultados do emprego dos princípios escolanovistas nas escolas públicas. Segundo Foucault (1987, p. 176),

para se exercer esse poder deve adquirir o instrumento para uma vigilância permanente, exaustiva, onipresente, capaz de tornar tudo visível, mas com a condição de se tornar ela mesma invisível. Deve ser como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção.

Beneficiando-se de mecanismos, Dantas criou um arquétipo de vigilância circunstancial à medida que, por um lado, os representantes em cada estado visitado,

imbuídos da pretensão de “não ficarem para trás”, lançavam-se em uma concorrência para implantação de modelos de modernidade pedagógica, especialmente pautados na Escola Nova, e para divulgação de experiências exitosas; por outro lado, o Rio de Janeiro se manteve com um status de destaque no cenário nacional, com ampliação nas demandas e investimentos de políticas públicas em educação, constituindo-se um projeto a ser imitado.

O exercício de controle do poder central por parte do governo, pelo viés da supervisão do desempenho e êxito das reformas, logrou sucesso, porém em escala horizontal, mediado por uma disfarçada ou até mesmo inexistente autonomia das instâncias subalternas, ou seja, os estados, onde os diretores de Instrução Pública

ao observar as experiências exitosas de outros Estados, começaram a se lançarem no método da experimentação, da comparação, reflexão, e, por meio dos impressos, principalmente das revistas de ensino, se expressaram, sentiram a necessidade de exteriorizar os seus resultados, igualmente ou mais vultuosos, espontaneamente (AMARAL; SOBRAL, 2017, p. 305).

Aliada à União Brasileira de Escoteiros, a FNSE reuniu “aos poucos, todos os núcleos educacionais dos Estados brasileiros. E professores da capital e dos Estados. Uma frente única faz-se, serenamente, paulatinamente, para o triunfo magnífico da Educação Nova” (ESTADO DO AMAZONAS, 1 de julho de 1930 – Caderno de Lembrança II). Assim, o poder, camuflado, foi exercido violentamente sobre os sujeitos na trama histórica, por meio de uma ocultação, aperfeiçoamento ou sofisticação (FISCHER, 2012), atingindo os objetivos dos interessados, sem maiores conflitos sociais, somatizando força e confiança, intermediadas pela publicidade dada aos discursos nos jornais impressos.

A princípio, o que lemos nos enunciados dos jornais de 1930 é que a reforma de Fernando de Azevedo implementada no Rio de Janeiro protagonizou a modernidade educacional nos estados do Norte. Dantas (ESTADO, PA, 21/06/1930, Caderno de Lembrança II) declarou:

Vou empregar uma imagem que bem define esse movimento salutar: - é um mecanismo isocrono, que abrange a escola primária ligada à família e à sociedade, o ensino normal e profissional, de onde saem os mestres novos que hão de generalizar a escola moderna, a escola de assimilação, renúncia e trabalho. Fernando de Azevedo reviu todos os quadros do professorado, arregimentando, solidarizando todas as energias que até então viviam despercebidas e desaproveitadas.

Ao acompanhar os fatores externos a esses discursos, no conjunto de relações na trama histórica, percebemos que havia algo muito mais elaborado, considerando que o projeto de Azevedo foi, sem dúvida, um modelo a seguir, porém muito particular ao Rio de Janeiro.

Embora a viagem tivesse sido planejada, alicerçada e embasada nos preceitos da Escola Nova em período bem anterior a abril de 1930, em um ato de continuidade dos projetos das reformas educacionais no Brasil, Mercedes Dantas considerou imperativo afirmar que seus objetivos iriam muito além daqueles citados: “venho pelo norte estabelecendo esses Núcleos a que dei o melhor do meu esforço da minha tenacidade organizadora” (DANTAS, Caderno de Lembrança II, 1930).

A ideia de renovação ou adaptação dos modelos pedagógicos que circulavam dentro e fora do Brasil foi, sem dúvida, recorrente e bastante difundida pelos estados brasileiros, embora nem sempre bem-vinda em todos os lugares, como tornou público Mercedes Dantas.

O estado de Pernambuco, em 1928, quanto ao ensino, se posicionou: “Antes de qualquer ensaio de importação temos de encontrar uma formula nossa para nosso caso” (RABELLO, A Província (PE), N. 196, 24/08/1928, p. 3). Porém, como num ato de descontinuidade, e não uma transmutação de uma “fórmula pronta”, Mercedes Dantas (JORNAL DO BRASIL (RJ), N.177, 25/07/1930, p. 6) declarou: “E Pernambuco, se não interromper o trabalho regenerador da educação de seu povo, será, proximadamente, a Mecca incontestada de todos os que no Norte brasileiro falam primeiro em educação quando se trata de patriotismo”. Sabendo desse conflito, Dantas, antes mesmo de um encontro com os representantes oficiais da Instrução Pública de Belém, já alicerçava seu plano, divulgando-o nos jornais: “Aqui, mesmo em Belém, espero com a solicitude do governo estadual, do professorado e de todos os educadores e pessoas de bôa vontade, fundar um desses organismos” (DANTAS, Caderno de Lembrança II, 1930).

E por que não pensar na possibilidade de a Instrução Pública do Rio de Janeiro arregimentar conhecimentos, técnicas e práticas pedagógicas de estados do Norte e “divulgal-os, depois, levando para o Sul o trabalho formidável que se vem effectuando pelo norte do Brasil, trabalho que pelo menos os educadores sulinos conhecem mal quando não o ignoram” (DANTAS, Estado do Amazonas, 05/07/1930 – Caderno de Lembrança III).

Dantas (JORNAL DO BRASIL (RJ), n. 226, 20/09/1930, p. 7) enumerou os exemplos dos estados do Norte que poderiam ser seguidos ou imitados:

Disse-lhe o que mais agradavelmente me impressionou durante minha viagem. Mas por essas tentativas, esses ensaios, aspirações e ideaes, todos vemos, com boa vontade, que a instrucção publica pelo Norte é ou vae sendo, em geral, uma nobre preocupação. A obra, principalmente de Attilio Vivacqua, Deodato Moraes, em Espirito Santo; Carneiro Leão, José Escobar, em Pernambuco; Moreira de Souza, em Ceará, merece a homenagem da imitação.

Um destaque em relação à viagem foi um propósito que esteve nas entrelinhas: o contato com intelectuais dos estados percorridos. Segundo a professora, “Minhas conferencias foram sempre publicas. Fiz treze sobre assumptos do ensino e algumas em círculos de intellectuaes” (JORNAL DO BRASIL (RJ), n. 226, 20/09/1930, p. 7). Lamentando não ter podido conhecer todas as personalidades durante a viagem, citou alguns nomes com os quais tivera o prazer de contatar:

Não me foi possível conhecer todos os homens de letras e literatas. Contava com pouco tempo para tão longa viagem, tendo ainda de tratar de vários assumptos e visitar estabelecimentos de ensino, nas capitaes e no interior. Mas principiemos pelo Amazonas: Perlelos Moraes, José Chevalier, João Leda, Adriano Jorge, Leopoldo Peres, Alvaro Maia... No Pará, Eneida Moraes, Juanita Machado, Raymundo Moraes, Henrique Ladislaw. No Maranhão, Corrêa de Araujo, Rubem Almeida. No Ceará, Antonio Salles, o velho Rodolpho Theophilo, Aldo Prado, Mozart Firmeza. E três mulheres de espirito e intelligencia: Henriqueta Galeno, Stella Rubem e Raquel de Queiroz. No Rio Grande do Norte, Palmyra Wanderley, a poetisa da Roseira Brava. Mas ainda temos os de Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espirito Santo. (DANTAS, Jornal do Brasil (RJ), n. 226, 20/09/1930, p. 7).

A viagem pedagógica da professora Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil em 1930 e os aspectos de sua biobibliografia geraram visibilidade a alguns enunciados no bojo das matérias publicadas nos jornais, especialmente, aqueles incluídos no “Caderno de Lembrança”:

1. O modelo de reforma educacional instituído por Fernando de Azevedo, instaurado no Rio de Janeiro e que seria divulgado e propagado para outros estados, comportava o ideal de renovar a educação no Brasil.
2. Os princípios da Escola Ativa defendidos pelo grupo dissidente da ABE, um novo formato denominado FNSE, atendia a uma ordem do discurso que perdia um pouco o foco político, descaracterizava a política pública de educação popular e passava a contemplar e especializar o discurso pedagógico, particularmente o ensino primário e profissional.
3. Mercedes Dantas se tornou, tendo sido indicada ou autointitulada, uma intelectual mediadora da educação e, por si, imbuída do projeto de renovação da Instrução Pública, em especial nos estados do Norte.
4. O discurso “apropriado e difundido” por Mercedes Dantas, muitas vezes, expressou particularidades de outros saberes ou campos de saber, tomando formas:

- a) O discurso pedagógico passou a expressar, de acordo com a situação, o momento, a personagem, o lugar, o tempo, a sociedade, enfim, um jogo de saber e poder que se associou ao discurso atribuído à mulher, à educadora, à intelectual.
- b) Do ponto de vista político, a Instrução Pública familiarizou-se com o emergente, a tomada do poder por Getúlio Vargas e seu plano nacionalista, com vista a formar o cidadão para a Pátria.
- c) Em relação ao progresso, a Escola Ativa configurou-se como mecanismo de atualização no cenário nacional e até mundial quanto à adoção ou adaptação dos modelos pedagógicos e aos princípios renovadores da Instrução Pública e de suas funções e perspectivas sociais em cada estado.
- d) Quanto à República, demarcou a não viabilidade governamental para a condução da educação que, aos poucos, deixou de ser uma política pública voltada para a educação popular, mas uma escola do trabalho, com vistas à profissionalização técnica para atender ao mercado.
- e) A Ciência, no tocante à renovação de métodos e técnicas de ensino, despontou como ponto de partida para mudanças da e na escola, com projetos desvinculados da dimensão política transformadora, passando a trabalhar com os centros de interesses, o foco no aluno e o caráter científico dos saberes escolares.
- f) Sobre a relevância da imprensa, sobretudo nos discursos jornalísticos que defendem a educação, Fischer (2001, p. 202) afirma: “veja-se a mídia se apropria desse discurso e o multiplica em inúmeras reportagens sobre pessoas que voluntariamente passam a dedicar-se ao trabalho de educadores”.

VI - A materialidade. Por fim, aos discursos, em sua materialidade específica, é conferido um status de documento ou fonte histórica “por se tratar de coisas efetivamente ditas, escritas gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução, ativados através de técnicas, práticas e relações sociais” (FOUCAULT, 1986, p. 133). No entanto, nem todos os discursos proferidos foram resguardados em enunciados, seja em registros orais, seja em registros impressos. Muitos deles foram condenados ao desaparecimento. Sobral (2018, p. 221), em análise a respeito da “guarda” de um discurso e seus enunciados, declarou:

A persistência e sobrevivência de certos discursos e o apagamento de tantos outros explicitam como os primeiros assumem determinadas exigências e regras e são comentados e replicados, assumem poder e tornam-se em poder e ritualizam-se em formas de aplicação e práticas sociais e aqueles que são

enervados em uma penumbra obscura do esquecimento ou pior do apagamento, não sobrando nem sequer cinzas conservadas por seus comentadores.

Tomando por documentos ou monumentos (LE GOFF, 1989) histórico-arqueológicos, intermediados pelas publicações nos impressos jornalísticos ou nas revistas de ensino e educação, especialmente os alocados nos “Cadernos de Lembrança”, os discursos “persistentes” e ainda “sobreviventes”, os enunciados, “as falas e os sujeitos”:

- a) conformaram o cenário da trajetória de vida da professora Mercedes Dantas (perfil biobibliográfico) e sua passagem pela Instrução Pública e outros campos, seja em aspectos locais (Rio de Janeiro), seja externos (cada localidade visitada).
- b) permitiram uma análise, nos moldes foucaultianos, do processo de adoção, adaptação ou viagem dos modelos pedagógicos, dos princípios da Escola Nova, que atribuíam à Reforma de Fernando de Azevedo o status de exemplo a ser seguido, de modernidade educacional, de projeto de nacionalismo, de desafios e de padronização da Instrução Pública brasileira, enfim, da viagem pedagógica pelos estados do Norte do Brasil, realizada em 1930.

Enfim, retomando o pensamento de Mignot (2017, p. 267) de que as “viagens não se encerram na hora da chegada”, cremos que menos ainda os discursos, os enunciados, os comentários, as análises – embora considerando os “sobreviventes” –, estão a se proliferar, divulgar, propagar e se materializar em forma de impressos.

Visto isso, em relação à professora Mercedes Dantas e aos discursos sobre a viagem pedagógica aos estados do Norte do Brasil em 1930, resta-me fazer algumas aproximações finais.

## APROXIMAÇÕES FINAIS

Na escrita desta Tese, procurei fundamentá-la essencialmente nas ideias de base foucaultiana, em uma incessante busca por discursos, produção, autoria, seleção e manifesto, ora marcada por continuidade, ora por relações descontínuas. Na composição dos capítulos, embora tenha mantido conexões implícitas e explícitas, houve cortes necessários e não discrepantes do elemento central: a professora Mercedes Dantas, a viagem pedagógica aos estados do Norte do Brasil em 1930 e os discursos produzidos nos impressos, especialmente em jornais e revistas nacionais.

Para Veyne (1982), o exercício de construção histórica é por si uma atividade arqueológica, em que Foucault é um exímio historiador. Então, diligenciei uma historicidade dos elementos que compuseram a Tese, uma escavação arqueológica entrelaçada na genealogia e ética foucaultianas.

Para “encontrar-me” com o objeto e objetivo, a professora Mercedes Dantas, impulsionei-me a uma viagem pedagógica que, no intuito de angariar informações, particularmente nos enunciados, internalizava um discurso e trabalhava no limite das possibilidades.

Por onde passava, era preciso, antes mesmo de convencer a todos e quaisquer pessoas que, diante do seu status, condição social, atividade profissional ou intercâmbio institucional, era importante investigar e escrever sobre uma intelectual baiana do século XX, discutir a sua representação quanto à Reforma Educacional de Fernando de Azevedo e à Escola Nova no Brasil, apresentar a sua viagem pedagógica, quando, ao menos, sequer tinha conhecimento ou fontes seguras a seu respeito. Naquela circunstância, o meu objeto de pesquisa, a professora Mercedes Dantas e os discursos sobre a sua viagem pedagógica, se reinventavam a cada instante (PETERS; BESLEY, 2008), dissipando-se em confronto com as leituras em Michael Foucault.

Inicialmente, ao esboçar o objeto de pesquisa – a professora Mercedes Dantas e os discursos a respeito de sua viagem pedagógica em 1930, os caminhos e as estratégias que me levariam até ele –, compreendi estar desenvolvendo uma relevante e desafiadora investigação acadêmica.

Ao longo do processo de revisão da literatura, fui tomando consciência da escassez de produções e de discussões sobre uma intelectual do porte da professora Mercedes Dantas para o cenário educacional brasileiro dos anos 30 do século XX. Elaborei, então, em parceria com a orientadora Maria Neide Sobral, minhas próprias produções. Decidi-me optar por aporte teórico-metodológico foucaultiano e, com isso, delinee o objeto, a problemática, os objetivos e as perspectivas.

Em um movimento histórico, tracei o perfil biobibliográfico da professora Mercedes Dantas, embasada nos possíveis enunciados de jornais e revistas, impressos que abarcavam parte de sua vida, do período da infância (a partir dos 10 anos de idade) ao falecimento em 1982. Eram fontes documentais e históricas, em sua maioria, que compunham o “Caderno de Lembrança”.

Os registros evidenciam que, desde muito cedo, Mercedes Dantas apresentava uma personalidade distinta da de crianças e adolescentes de sua idade. Possuidora de altas habilidades, com grande sensibilidade artística e desenvoltura na pintura, escultura, escrita de contos, poesias e desenhos artísticos, envolvia-se com personagens e autores sobre os quais se debruçava – Tolstói, Vieira, Hugo, Herculano, Euclides da Cunha, Dostoiévsky, Bourget, Anatole, Vargas Vila, Ruy Barbosa, Eça de Queiroz, Monteiro Lobato, entre outros. Gostava de ler, de conhecer teorias e posicionamento de intelectuais e suas produções – comportamento impensado para jovens na sua faixa etária. Tinha um grau de maturidade bastante desenvolvido, com interesses voltados para questões políticas, sociais e econômicas.

Na construção de sua memória pessoal e coletiva, guardada no “Caderno de Lembrança”, preservou a materialidade dos discursos, que não se restringiam à viagem pedagógica aos estados do Norte; eles envolviam a situação do Rio de Janeiro, ampliava-se ao cenário nacional brasileiro, no intervalo de tempo entre os anos de 1911 e 1947, primordialmente voltados para a educação e o setor da Instrução Pública.

Retomando o questionamento central da pesquisa, volto-me à professora Mercedes, uma mulher, solteira, jovem, patricia, professora, escritora, jornalista, política e intelectual erudita, que, nos anos de 1930, conseguiu transgredir padrões sociais e culturais, adentrar espaços e setores, muitas vezes, exclusivos aos “homens de letras”, personagens ilustres e governantes. Fez-se viajante e, no papel de embaixadora, foi propagadora das aspirações da Escola Nova, participou do embate entre a Associação Brasileira de Educação e a Federação Nacional das Sociedades de Educação, uma importante dissidência, propagou pelos estados do Norte do Brasil os princípios da Reforma Educacional de Fernando de Azevedo, assegurou

o agrupamento das associações ou sociedades de educação dos estados, angariando participantes para o seu fim último, a Reunião Educacional. Esta mulher, sem dúvida, merece estar incluída na Historiografia Brasileira e na História Intelectual da Educação.

Foi essencial conhecer o que havia idealizado e concretizado, no que se refere aos princípios escolanovistas, em cada estado, e o inventário das publicações em jornais nacionais e locais, o que gerou um acontecimento, um ou mais discursos, uma série, regularidade, condição de possibilidade, inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade dos e nos discursos (FOUCAULT, 1996).

Mercedes Dantas ocupou diversos lugares sociais e institucionais, em órgãos, associações, empresas, quer beneficentes, quer organizações não governamentais de assistência social, quer estatais, quer da iniciativa privada.

No próprio lar, destacou-se, ainda na infância, pela versatilidade. Suas manifestações no âmbito familiar eram sempre de indefinição quanto a uma posição fixa, definida. Lia e conhecia uma literatura clássica que, dentro de sua vivência, a impulsionava na lida para com aspectos de ética, moral, civilidade, nacionalidade, educação.

Ao adentrar os espaços da Escola Normal, ampliou as expressões artístico-literárias, destacando-se em disciplinas que demandavam maior empenho e destreza, como as artes plásticas e a escrita.

Na imprensa, foi no jornal O Globo que se deu o primeiro emprego, nas “lidas jornalísticas” (DANTAS, O Globo, 01/08/1927, p. 2), ainda em 1925. Assim, em 1930, na definição da viagem pedagógica, já contava com cinco anos de efetiva participação e reconhecimento na sociedade carioca.

Os discursos produzidos pela imprensa local (de cada estado) e nacional sobre a viagem pedagógica de Mercedes Dantas davam ciência de que cada estado contava com uma comissão governamental com o objetivo maior de absorver a modernidade pedagógica e que havia iniciativas particulares, antecipadoras, desvinculadas do projeto nacional de homogeneização da Instrução Pública nos preceitos da Escola Nova.

Os relatos dos intelectuais da educação davam ciência do uso de metodologias ativas e de investidas na implantação dos princípios escolanovistas nos estados do Norte. Era uma demonstração de modernidade, de avanço no processo de implementação da educação popular e de formação do cidadão para cumprimento do dever pátrio, do nacionalismo e da não aceitação das distinções dos “Brasis” de Lambert (1959), do Instituto Nacional de Estudos

Pedagógicos (INEP) e do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, com o estereótipo de um Norte atrasado, pobre e subdesenvolvido.

As experiências exitosas na Instrução Pública nos estados do Norte, embora não divulgadas ou com resultados camuflados, por meio da inversão discursiva, poderiam ser exemplo a ser seguido pelo Sul, rico e desenvolvido, o que, muitas vezes, dando prosseguimento ao laço cultural e educacional brasileiro, era encoberto ou não evidenciado nas estampas dos jornais ou nas “falas” dos representantes do estado fulcral: o Distrito Federal.

É factível a verificação de que, em alguns estados do Norte, os dirigentes da Instrução Pública anteciparam-se aos discursos de Mercedes Dantas e que, naquele contexto político, à educadora não fora permitido divulgar as suas impressões mais realistas de que o Norte apresentava estatísticas educacionais e resultados mais significantes do que alguns estados do Sul, tidos como padrão de desenvolvimento e conquistas do país, em específico no que diz respeito à Instrução Pública, às adaptações e incorporações de modelos europeus e norte-americanos de educação, aos princípios escolanovistas.

No entanto, há registros de que esse empenho não ocorreu em esfera global, houve algumas contradições, tanto em âmbito governamental, quanto no que diz respeito a setores ou categorias envolvidos, a exemplo da prática de alguns professores ou prioridades administrativas estatais não vinculadas ao ensino público.

As condições de emergência desses discursos assinalam que, para a difusão da Reforma de Fernando de Azevedo e estruturação de uma nova associação de docentes nos estados visitados, Mercedes Dantas assumiu, muitas vezes, a “voz” institucional, que representava, naquele período, a Federação Nacional das Sociedades de Educação (FNSE), e seu maior intuito era a formação de um grupo dissidente dos princípios educacionais/políticos iniciais da Associação Brasileira de Educação (ABE).

Nos mais variados estados brasileiros, em especial do Norte, a professora Mercedes Dantas se autointitulou embaixadora da Escola Nova e dos ideais da Reforma Educacional, uma experiência marcante no estado do Rio de Janeiro, sob a insígnia de Fernando de Azevedo (Sobral, 2016), que, com essa viagem pedagógica, estaria sendo levada como modelo a ser incorporado por outros estados.

Não encontrei indícios, em toda a fonte consultada, de que Fernando de Azevedo tenha designado a professora Mercedes Dantas como representante oficial ou assessora direta

de seus planos e idealizações para o cenário educacional nos estados do Norte. Não encontrei, também, documentação que evidencie a aproximação entre essas duas personagens.

Mercedes Dantas traçou uma estratégia para tomar conhecimento do que estava transcorrendo na Instrução Pública pelo Brasil afora e também uma oportunidade de resolver seu próprio destino (refiro-me a FNSE, a ABE, o Rio de Janeiro – dos lugares institucionais e estaduais em que se fez representante e representada).

Apesar de todo o reconhecimento social à época, a Mercedes Dantas foi destinado um “apagamento” nos documentos catalogados até então, inclusive naqueles produzidos por Fernando de Azevedo. Depois de ter realizado um mapeamento das publicações, dos dados e das informações da pesquisa, foi possível inferir três explicações para esse “silenciamento” sobre a pessoa de Mercedes Dantas:

De acordo com a primeira explicação, não foi Fernando de Azevedo quem a tornou embaixadora dos seus ideais; Mercedes Dantas é que teria se apropriado de um momento histórico favorável e alocou-se nos projetos do governo, se impondo como associada e portavoza de Azevedo. Essa posição possibilitar-lhe-ia um trânsito mais fluido pelos estados do Norte, uma abertura política e discursiva no que se refere aos aspectos educacionais (fracassos e sucessos), uma ascensão aos espaços sociais mais seletos, além de ser portadora de confiabilidade por ser enviada oficial do Secretário de Instrução Pública do Distrito Federal.

A segunda explicação apoia-se no caráter sexista da sociedade da época e na personalidade de Fernando de Azevedo, como analisa Antônio Cândido de Mello Souza (1918 – 2017): “uma figura multifacetada e equilibrada... Quatro em um: crítico atuante na imprensa, professor com sólida formação universitária, historiador com nítidas marcas de originalidade, fervoroso político adepto do credo socialista” (PEDROSA, 1994, p. 19). Para Antônio Cândido (2008),<sup>34</sup> Fernando de Azevedo jamais admitiria que uma mulher fosse o pivô de seu sucesso e que se pronunciasse em seu nome. Ele não permitia a autoria do que era dito (Foucault); arcava com os próprios méritos.

A participação da mulher na sociedade brasileira estaria dando, naquele momento, embora lentamente, os primeiros passos em sua ascensão social. À mulher, eram atribuídos os papéis de esposa, dona de casa, organizadora do lar, mãe e, quando muito, professora primária. Não havia a permissão para manifestar-se em público, menos ainda participar de

---

<sup>34</sup> Entrevista gravada em 2008 com Antônio Cândido de Mello Souza, crítico literário, professor da faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Programa complementar ao curso de Pedagogia Univesp / Unesp. Para saber mais, acesse: <https://www.youtube.com/watch?v=wbFkMJM9sOs>

forma direta das decisões políticas e sociais, posto que nem sequer o direito ao voto – uma de suas bandeiras – havia sido regulamentado.

A terceira explicação diz respeito ao alinhamento de Mercedes Dantas ao fascismo, em apoio ao caráter nacionalista do governo de Getúlio Vargas (1930-1945), fato endossado por uma de suas publicações: “A força nacionalizadora do Estado Novo”. Após o período getulista no poder, Mercedes Dantas, ao que tudo indica, recuou-se, reduzindo gradativamente suas atividades e aparições na sociedade carioca.

Em 1933, o Departamento de Instrução Pública do Distrito Federal estava sob o encargo do então sucessor de Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira (1931-1935), com planos de renovação pedagógica. Mesmo com a troca de secretários, a personagem Mercedes Dantas manteve-se no cenário educacional, desempenhando o papel de embaixadora da Escola Nova, já que Anísio Teixeira a conservou no cargo e na incumbência de disseminar, divulgar e ampliar o alcance do grupo investidor na educação popular, a FNSE.

Foi por intermédio de Ivetta Ribeiro (REPUBLICA (SC), N. 691, 2/2/1933, p. 2), na Revista “Brasil Feminino”, que tomei ciência de que Mercedes Dantas realizara, em 1933, outra viagem aos estados do Norte, enquanto Maria Rosa Moreira Ribeiro percorreria o Sul. Ambas as viagens eram de caráter oficial em nome do Departamento de Instrução Pública.

Essa descoberta atesta a permanência da professora Mercedes Dantas à frente dos interesses da Instrução Pública, mesmo quando a direção havia sido deslocada da figura de Fernando de Azevedo, destituído do cargo ainda em 1930, para a do professor Anísio Teixeira, que permaneceu no cargo entre 1931 e 1935.

Arrolamos as seguintes questões, entre outras, que podem subsidiar novas pesquisas: A viagem pedagógica de 1933 foi efetivada? Qual o percurso empreendido por Mercedes Dantas nessa viagem? Novamente os estados do Norte? Quais os interesses ou motivações dessa viagem? Anísio Teixeira teria dado continuidade ao trabalho de Fernando de Azevedo ou teria estabelecido proposta diversa? Que discursos foram produzidos na imprensa a respeito desse investimento? Qual a repercussão ou resultados de uma possível viagem pedagógica em 1933? A viagem estaria ligada ao Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932? Quais os resultados ou repercussões dessa viagem pedagógica para a sociedade carioca e para a história e historiografia da educação brasileira?

São alguns caminhos para uma futura investigação, um desenrolar histórico e arqueológico, em que, mais uma vez, a professora Mercedes Dantas seria, talvez, autora, produtora, personagem envolta, criadora, propagadora de discursos relativos à Instrução

Pública, cenário educacional, movimento histórico e historiográfico em Educação do Brasil, no século XX.

A pesquisa que, por ora, encerra um ciclo, compõe a Tese de Doutorado em Educação junto ao Núcleo do Programa de Pós-Graduação em Educação (NPGED), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), intitulada “Mercedes Dantas e os discursos sobre a viagem pedagógica aos estados do Norte/Brasil (1930)”. A investigação a respeito da vida pessoal, produção intelectual e profissional da professora Mercedes Dantas – pela ausência de pesquisas sobre essa personagem ou por representar uma personalidade de destaque no campo educacional do Brasil, mas que se manteve “atrás das cortinas” ou ao menos “esquecida” pela historiografia brasileira, – é um contributo para a produção do conhecimento no campo de História da Educação e da formação ou atuação de professores e intelectuais nas décadas de 1920 e 1930.

A viagem pedagógica de Mercedes Dantas aos estados do Norte do Brasil, comprovada nos discursos extraídos dos impressos, constitui-se um acontecimento de reconhecimento nacional e de suma importância para a renovação educacional do país. Alicerçou-se na Reforma da Instrução Pública de Fernando de Azevedo, em especial do ensino primário, e na criação ou filiação das associações ou sociedades de professores dos respectivos locais, como posto no “Caderno de Lembrança”, onde foram encontradas as condições de produção e de emergência e o processo de internalização e aceitabilidade, assim como o momento de ruptura dos discursos ligados a práticas institucionais e relações de poder.

Assim como nossa pesquisa utilizou-se de outras produções para alicerçar as discussões, esperamos que este estudo possa embasar, auxiliar, instigar pesquisadores a realizar investigações em História da Educação, em especial as que se propuserem a uma análise dos discursos nos moldes foucaultianos.

## REFERÊNCIAS

- A BATALHA. **Reunião Educacional**. Rio de Janeiro. N. 232, 18/09/1930, p. 3.
- . **Reunião Educacional**. Rio de Janeiro. N. 233, 20/09/1930, p. 2.
- ABREU, Alzira Alves de (Coord.) **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República [Recurso eletrônico]: 1889-1930**. Fundação Getúlio Vargas, Editora CPDOC, 2015, s/p.
- A MANHÃ. **A Semanal da Sociedade de Assistencia aos Lazaros**. Rio de Janeiro. N. 1061, 21/05/1929, p. 11.
- AMARAL, Maria Virgínia Borges. **O avesso do discurso: análise de práticas discursivas no campo do trabalho**. Maceió: Edufal, 2007.
- AMARAL, Rosemeire dos Santos; SOBRAL, Maria Neide. Dos modelos pedagógicos europeus e norte-americanos na escola primária da primeira república no Brasil: práticas escolares de leitura e escrita. VI Encontro Norte e Nordeste de História da Educação – VI ENNHE. Natal/RN – 12 a 15 de outubro de 2016 **Anais**. Disponível em: [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/vi-ennhe/anais/trabalhos/eixo3/submissao\\_14708738352571472992490681.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/vi-ennhe/anais/trabalhos/eixo3/submissao_14708738352571472992490681.pdf). Acesso em: 03 jan. 2018.
- . Mercedes Dantas e a Escola Ativa: Discursos pedagógicos e Revista de Ensino, Alagoas, 1930. In: SILVA, João Paulo de Souza (Org.). **Intelectuais, instituições e reformas na educação brasileira (séc. XX)**. Rio de Janeiro: Dictio Brasil, 2017. p. 277-309. E-Book. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B4uYprBdP-V8REIJR3JUcS1YOWM/view>. Acesso em: 10 abr. 2017.
- AMORIM, Sara Raphaela Machado de Amorim. Entre observações e representações: escrita de si nas narrativas de um educador viajante (1923). In: MIGNOT, Ana Chrystina. Viagens e Narrativas (Auto) Biográficas (Org.). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 05, p. 378-394, maio/ago. 2017.
- A NOITE. **Pregando a instrução**. Rio de Janeiro. N. 6670, 11/06/1930, p. 2.
- . Funda-se mais uma organização política feminista. A escriptora Mercedes Dantas, presidente do Directorio das Professoras Primarias, fala á NOITE, sobre as directrizes do novo partido. Rio de Janeiro, N. 7.904, 24/11/1933, p. 1.
- . Livros. “**O Nacionalismo de Castro Alves**”, de Mercedes Dantas. Rio de Janeiro. N. 10525, 01/06/1941, p. 7.
- . **Segundo Congresso de Brasilidade**. Rio de Janeiro. N. 10954, 9/08/1942, p. 4.
- A PROVÍNCIA. **O ensino em Pernambuco**. Pernambuco. N. 232, 6/10/1928, p. 3.
- . **O que é a Escola Activa**. Pernambuco. N. 257, 4/11/1928, p. 3.
- . **A Reforma da Educação em Pernambuco**. Pernambuco. N. 48, 27/02/1929, p. 3.
- ARAÚJO, Maria Celina Soares D<sup>a</sup>. **O Estado Novo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

- ARRUDA, Silvio Ferraz de. (1947). **Frases Célebres notáveis**. 2 ed. Nobel: São Paulo, 1998.
- AZEVEDO, Fernando de. A posse do novo director de Instrucção Municipal. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 18, 21/01/1927, p. 7.
- . Uma palestra com o director da Instrucção Municipal. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, N.101, 28/04/1927, p. 6.
- . Homenagem ao Dr. Fernando de Azevedo. O notável programma pedagogico do Director da Instrucção. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 215, 09/09/1927, p. 8.
- . Topicos da cidade. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N.101, 28/04/1927, p. 6.
- . **A Reforma do ensino no Districto Federal** – Discursos e entrevistas. Companhia Melhoramento de São Paulo. São Paulo, Cayeiras, Rio. 1929.
- . A formação do professorado e a Reforma. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 145, 18/06/1930.
- . **A cultura brasileira**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1940.
- BARATA, Carlos Eduardo de Almeida; BUENO, Antonio Henrique da Cunha. **Dicionário das famílias brasileiras**. 2 vol. São Paulo: Ibero-América Comunicação e Cultura SC LTDA. P. 841.1999.
- BARBOSA, Ana Mae. **Redesenhando o desenho** [livro eletrônico]: educadores, política e história. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARBOSA, Marialva Carlos. Fatos e reflexões sobre dois séculos de comunicação no Brasil. **Seminário de Comunicação do Banco do Brasil** – Edição de palestras do XIII Seminário de Comunicação do Banco do Brasil. Brasília: Banco do Brasil, 2009, p. 17- 32.
- BARLTLETT, ROSAMUND. **Tolstói**. A biografia. Tradução: Renato Marques. 1 ed. São Paulo: O Globo. Coleção Biblioteca Azul, 2013.
- BEZERRA, Kátia da Costa. Mercedes Dantas: a busca por uma nova forma de ser. In: SCARPELLI, Marli Fantini; OLIVEIRA, Paulo Malla (Orgs.). **Os centenários: Eça, Freyre e Nobre**. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2001, p. 167-176.
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Pátria, Civilização e trabalho**. O ensino de História nas escolas paulistas (1917-1939). Edições Loyola, São Paulo, 1990.
- BORDERIE, René La. **Grandes nomes da educação**. Tradução: Nadyr de Salles Penteadó. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- BOTO, Carlota. A civilização escolar como projeto político e pedagógico da modernidade: cultura em classes, por escrito. **Cad. Cedes**. Campinas, v. 23, n. 61, p. 378-397, dezembro 2003. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 fev. 2017.
- . **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. – (Encyclopaidéia).
- BOUÇAS. Valentin F. Divisão Regional do Brasil. **Revista Brasileira de Geografia**, 1942, v. 4, n. 1, janeiro-março, p. 149 - 156. Disponível em:

[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1942\\_v4\\_n1.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1942_v4_n1.pdf). Acesso em: 20 fev. 2017.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

BUENO, Silveira. **Dicionário Global de Língua Portuguesa**. Editora Global. 1 ed. 1957.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. Tradução: Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CANO, Wilson. Da década de 1920 à de 1930: transição rumo à crise e à industrialização no Brasil. **Revista Políticas Públicas**, São Luís, v. 16, n. 1, p. 79-90, jan./jun. 2012.

CARDOSO, Silmara Fátima. Experiências de formação e narrativas educacionais de professores brasileiros em viagens aos Estados Unidos (1929-1935). In: MIGNOT, Ana Chrystina (Org.). Viagens e Narrativas (Auto)Biográficas. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 05, p. 359-377, maio/ago. 2017.

CARNEIRO LEÃO, Antonio. Respondendo ao Ministro Alfredo Pinto. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 118, 28/04/1920, p. 4.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Aguiar de Oliveira. A língua sob o olhar da análise do discurso. In: MOURA, Denilda (Org.). **Os múltiplos usos da língua**. Edufal: Maceió, 1999, p. 179-182.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. A Reforma da Instrução Pública de 1922 no Ceará: impacto sobre Lourenço Filho, a Escola Normal e a elite ilustrada. In: MIGUEL, Maria Elizabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves; ARAUJO, José Carlos Souza. (Orgs.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 e 1946)**. Campinas, São Paulo: Autores Associados; Uberlândia, Minas Gerais: EDUFUM 2011, p. 31-61.

CESAR, Deoclecio. O ensino em Pernambuco. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 308, 26/12/1931, p. 4.

COELHO, José Dantas Itapicuru. Aspectos da Vida Literária do Rio: Poetas e Escriitores – Mercedes Dantas. Entrevista. Jornalista Ademar Tavares. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**. Pernambuco. N. 125, 3/06/1927, p. 1.

CORREIO DA MANHÃ. **O Diplomata** – Por Mercedes Dantas. Rio de Janeiro. N. 9.874, 27/03/1927, p. 13.

———. **Na Instrução Publica**. Rio de Janeiro. N. 10.845, 3/05/1930, p. 7.

———. **A Quinzena Feminista**. Rio de Janeiro. N. 10.857, 17/05/1930, p. 8

———. **Federação Nacional das Sociedades de Educação**. Como foi recebida em Recife a delegada da F.N.S.E. Rio de Janeiro. N. 10.871, 1/06/1930, p. 2.

———. **Associação de Defesa e Cultura Nacionalista**. Rio de Janeiro. N. 13.133, 2/09/1937, p. 6.

CORREIO DE ARACAJU. **A escritora Mercêdes Dantas fala ao “Correio de Aracaju”**. Os objetivos de sua excursão ao Norte do Brasil – O problema da educação popular – a Instrução Publica no Rio de Janeiro. Ano XXIII, 12/08/1930, p. 1.

CORREIO PAULISTANO. **Livros Novos**. São Paulo. N. 26616, 13/12/1942, p. 8.

COSTALLAT, Benjamim. A Nota. A Reforma da Instrução. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 220, 15/09/1927, p. 5.

CUNHA, Marcus Vinicius da; SILVA, Tatiane da. Concepções políticas e educacionais de Renato Jardim na década de 1930. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 53, p. 78-91, out. 2013. Disponível em: <  
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640194/7753>>. Acesso em: 3 fev. 2019.

D’AVILA, Jerry, 1970. **Diploma de brancura**: política, social e racial no Brasil – 1917-1945. Tradução: Cláudia Sant’Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DANTAS, Edmundo Brandão. **Termos, expressões, personagens e curiosidades da Terra das Águas**. Joinville:Clube de Autores, 1 ed., 2018.

DANTAS, Mercedes. O Diplomata – Por Mercedes Dantas. **Correio da manhã**. Rio de Janeiro. N. 9874, 27/03/1927, p. 13.

———. Aspectos da Vida Literária do Rio: Poetas e Escriitores – Mercedes Dantas. **Pequeno Jornal: Jornal Pequeno**, N. 125, 3/06/1927, p. 1.

———. A nossa collaboradora Mercedes Dantas mandou-nos uma amável carta. **O Globo**. 01/08/1927, p. 2.

———. A Escola Activa. **Revista de Ensino**, N. 20, Ano IV, edição: março-abril, Alagoas, 1930, p. 3-12.

———. Os problemas brasileiros. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 89, 13/04/1930, p. 6.

———. Uma interessante palestra com Mercedes Dantas. Jornal Estado. **Caderno de Lembrança II**. Pará, 21/06/1930.

———. Os objetivos da Escola Nova no Brasil. Estado do Amazonas. **Caderno de Lembrança II**. 1/07/ 1930.

———. Cartas do Norte. Impressões de Alagoas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 177, 11/07/1930, p. 10.

———. Cartas do Norte. Especial para o “Jornal do Brasil”. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N.177, 25/07/1930, p. 6.

———. A Escola Nova no Brasil – Fala-nos a esse respeito a brilhante educadora Mercedes Dantas que vem de visitar vários Estados do Norte. **Diário da Manhã**. Espírito Santo. N. 2421, 3/08/1930, p. 1.

———. A escritora Mercêdes Dantas fala ao “Correio de Aracaju”. Os objetivos de sua excursão ao Norte do Brasil – o Problema da Educação Popular – A Instrução Pública no Rio de Janeiro, etc. **Correio de Aracaju**. Sergipe. ANO XXIII, 12/08/1930, p. 1.

\_\_\_\_\_. O ensino público nos Estados brasileiros: o que observou em sua viagem de estudo a escritora Mercedes Dantas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 226, 20/09/1930, p. 7.

\_\_\_\_\_. A “Escola Nova” no Rio de Janeiro. **Revista de Educação**, N. 3, Ano III, Livraria e Typographia do Commercio, Bahia, nov., 1930, p. 3- 22.

\_\_\_\_\_. Funda-se mais uma organização politica feminista. **A Noite**. Rio de Janeiro. N.7.904, 24/11/1933, p. 1.

\_\_\_\_\_. A realidade brasileira. Correio Escolar, **Caderno de Lembrança II**, 07/1935.

\_\_\_\_\_. **Ordem dos Professores**. Rio de Janeiro. N. 0085, 10/04/1936, p. 7.

\_\_\_\_\_. Theatro para menores. **Caderno de Lembrança II**, 25/03/1937.

\_\_\_\_\_. **O Nacionalismo de Castro Alves**. Rio de Janeiro. Editora: Noite, 1941.

\_\_\_\_\_. Livros Novos. A Força Nacionalizadora do Estado Novo. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 256, 30/10/1942, p. 9.

\_\_\_\_\_. **As grandes diretrizes nacionais da escola primária**. Academia de Letras da Baía; Instituto Historico e Geografico de Alagoas; P.E.N. Clube do Brasil; Associação Brasileira de Imprensa. Rio de Janeiro, 1942.

DANTAS, Nelson. A data da fundação da Radio Transmissora. **O Radical**. Rio de Janeiro, N. 2869, 03/01/1940, p. 6.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução: Cláudia Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2006.

DIÁRIO CARIOCA. **Viajantes**. Rio de Janeiro. N. 444, 15/04/1930, p. 7.

DIÁRIO DA MANHÃ: Orgão do Partido Constructor (ES). **A Escola Nova no Brasil** – Falamos a esse respeito a brilhante educadora Mercedes Dantas que vem de visitar vários Estados do Norte. Espirito Santo. N. 2421, 3/08/1930, p. 1.

\_\_\_\_\_. **Mercedes Dantas**. A cidade hospeda essa illustre escriptora bahiana. Espirito Santo. N. 2417, 29/08/1930, p. 1.

\_\_\_\_\_. **Mercedes Dantas**. Espirito Santo. N. 2418, 30/08/1930, p. 1.

\_\_\_\_\_. **Ensino Publico**. Aula de oportunidade: Educadora Mercedes Dantas. Espirito Santo. N. 2418, 30/08/1930, p. 3.

\_\_\_\_\_. **Os Novos Methodos de Ensino no Espirito Santo**. Espirito Santo. N. 2431, 14/09/1930, p. 1.

\_\_\_\_\_. **Brasiléa**. Espirito Santo. N. 2783, 11/12/1931, p. 6.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. **F.N.S.E**. Os delegados da Bahia. Rio de Janeiro. N. 94, 13/09/1930, p. 4.

\_\_\_\_\_. **Notícias de Alagôas**. Rio de Janeiro. N. 107, 26/09/1930, p. 4.

ESTRADA, Osório Duque. Registro Literário. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 294, 09/12/1925, p. 8.

FILHO, Manuel Bergström Lourenço. **A introdução ao estudo da Escola Nova**. Bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia contemporânea. 13 ed. Edições Melhoramentos, 1978.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/ 2001, p. 197-223. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf> . Acesso em: 04 fev. 2018.

———. **Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOGUEL, Israel, 1954. **1932 – A Epopeia Paulista**. São Paulo, Clube de Autores, 2018.

FONTES, Hermes. As mulheres têm alma. **A Manhã**, N. 88, 10/04/1926, p. 3.

FOUCAULT, Michel. An Interview with Michel Foucault. **History of the Present**, n.1, 1985.

———. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1987.

———. **A Ordem do Discurso (1971)**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

———. O que é um autor. In: FOUCAULT, Michel. (1969). **Ditos e Escritos – Estética: literatura e pintura; música e cinema**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 264-298.

———. **A arqueologia do saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves, 7 ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FREITAS, Anamaria Bueno de. Propostas de educação feminina veiculadas pela revista renovação, em Sergipe, no início da década de 30. In: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas - História, Sociedade e Educação No Brasil. 15 Anos - Transformação do Capitalismo, do Mundo do Trabalho e da Educação, 5, 2001, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: UNICAMP, 2001. Disponível em: <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario5/c\\_propostas\\_anamaria%20gon%27alves.doc](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario5/c_propostas_anamaria%20gon%27alves.doc)>. Acesso em: 22 maio. 2018.

———. A produção dos estudos biográficos em Sergipe e as principais contribuições para a história da educação. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006, p. 145-160.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de; DANTAS, Maria José. Objetos e projetos pedagógicos na formação docente em Sergipe nas primeiras décadas do século XX. **Educação & Linguagem**, v. 13, n. 22, 238-258, jul.- dez. 2010.

GALLO, Silvio; VEIGA-NETO, Alfredo. Foucault: filosofia e educação ou Ensaio para uma Filosofia da Educação. GALLO, Silvio D.; VEIGA-NETO, Alfredo. **Ensaio para uma Filosofia da Educação. Educação**. São Paulo: Segmento. N.3 (Especial Foucault Pensa a Educação), mar., 2007, p.16-25. Disponível em:

<http://www.michelfoucault.com.br/files/Foucault%20%20Silvio%20&%20Alfredo%20-%20Editorado%20Final%20-%20dez%2006.pdf> Acesso em: 21 fev. 2017.

GAZETA DE NOTÍCIAS. **A instrução pública nos Estados**. Rio de Janeiro. N. 115, 31/05/1923, p. 10.

GUIMARÃES, F. de M. S. **Divisão regional do Brasil**. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, Vol. 3, Número 2, p. 318-371, abril-junho, 1941. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1941\\_v3\\_n2.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1941_v3_n2.pdf) . Acesso em: 20 fev. 2017.

INEP. Os Dois Brasís. **Prefácio**. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Série Sociedade e Educação. Vol. 1. Brasíliana, Rio de Janeiro, 1959.

JORNAL DO BRASIL. **Directoria Geral de Instrução**. Rio de Janeiro. N. 74, 26/03/1924, p. 13.

———. **Registro Literário**. Rio de Janeiro. N. 294, 09/12/1925, p. 8.

———. **Directoria Geral de Instrução**. Rio de Janeiro. N. 59, 10/03/1926, p. 14.

———. **Directoria Geral de Instrução Pública**. Rio de Janeiro. N. 98, 24/04/1926, p. 13.

———. **Associação Protectora dos Pequenos Jornalheiros**. Rio de Janeiro. N. 179, 29/06/1926, p. 6.

———. **Associação Protectora dos Menores Jornalheiros**. A posse hontem da directoria effectiva. Rio de Janeiro. 30 /07/1926, p. 6.

———. **Directoria Geral de Instrução Pública**. Rio de Janeiro. N. 7, 8/01/1927, p. 18.

———. **O recenseamento escolar**. O êxito do primeiro dia excedeu todas as expectativas. Pode considerar-se quasi concluído o recenseamento da zona urbana. Rio de Janeiro. N. 71, 24/03/1927, p. 8

———. **Nús e a Academia de Letras**. Uma justa homenagem á talentosa escriptora srta. Mercedes Dantas. Rio de Janeiro. N. 96, 22/04/1927, p. 7.

———. **Festas**. Rio de Janeiro. N. 176, 26/07/1927, p. 1.

———. **O ensino no Espirito Santo**. Rio de Janeiro. N. 179, 29/07/1927, p. 5.

———. **Hora de Arte**. Rio de Janeiro. N. 233, 30/09/1927, p. 10.

———. **Associação Brasileira de Imprensa**. A posse da nova directoria. Rio de Janeiro. N. 116, 13/05/1928, p. 29.

———. **O 40º aniversario do Instituto Ferreira Vianna**. Como transcorreu a linda “Festa do Livro” nesse estabelecimento de ensino. Rio de Janeiro. N. 192, 10/08/1928, p. 6.

———. **“Adão e Eva”**. O ultimo livro de Mercedes Dantas. Rio de Janeiro. N. 198, 17/08/1928, p. 6.

- . **Conselho Municipal**. Rio de Janeiro. N. 209, 30/08/1928, p. 8.
- . **Radiotelephonia**. Sociedade Radio Educadora do Brasil. Rio de Janeiro. N. 278, 30/11/1928, p. 12.
- . **Adão e Eva**. Rio de Janeiro. N. 85, 9/04/1929, p. 17.
- . **Federação Nacional das Sociedades de Educação**. A nova instituição que acaba de ser fundada. Rio de Janeiro. N. 182, 31/07/1929, p. 14.
- . **A Semana da Sociedade de Assistencia aos Lazaros**. Rio de Janeiro. N. 207, 29/08/1929, p. 8.
- . **Associação Brasileira de Educação**. Professores brasileiros em excursão aos Estados Unidos. Rio de Janeiro. N. 21, 24/01/1930, p. 10.
- . **Mercedes Dantas**. A sua eleição para a Academia de Letras da Bahia. Rio de Janeiro. N. 60, 11/03/1930, p. 6.
- . **A brilhante escriptora Mercedes Dantas diz ao “Jornal do Brasil” que vae ao Norte do paiz fazer o balanço do que existe nas diferentes unidades da Federação brasileira, em matéria de instrucção**. Rio de Janeiro. N. 89, 13/04/1930, p. 6.
- . **Cartas do Norte**. O ensino Popular na Bahia. Rio de Janeiro. N. 163, 9/07/1930, p. 5.
- . **Federação Nacional das Sociedades de Educação**. A renovação da escola brasileira. Rio de Janeiro. N. 199, 20/08/1930, p. 12.
- . **Mercedes Dantas**. Rio de Janeiro, N. 221, 14/09/1930, p. 8.
- . **O Ensino Publico nos Estados Brasileiros**. O que observou em sua viagem de estudo a escriptora Mercedes Dantas. Rio de Janeiro. N. 226, 20/09/1930, p. 7.
- . **Educação e ensino**. Rio de Janeiro. N. 121, 25/05/1940, p. 10.
- . **Primeiro Congresso de Brasilidade**. Rio de Janeiro. N. 227, 26/09/1941, p. 15.
- . **A Força Nacionalizadora do Estado Novo**. Rio de Janeiro. N. 256, 30/10/1942, p. 9.
- JORNAL DO COMMERCIO. **Esparsas**. Amazonas. N. 9060, 5/07/1930, p. 1.
- JORNAL DO COMMERCIO. **Actos do Poder Executivo**. Decreto n. 1.061, de 14 de Março de 1916. Dá regulamento ao Instituto Ferreira Vianna (Ex-casa de S. José). Rio de Janeiro. N. 74, 12/03/1916, p. 9.
- . **Associação Brasileira de Imprensa**. Rio de Janeiro. N. 17, 19/01/1930, p. 8.
- . **Federação Nacional das Sociedades de Educação**. Rio de Janeiro. N. 120, 21/05/1930, p. 7.
- . **Federação Nacional das Sociedades de Educação**. Rio de Janeiro. N. 125, 26 e 27/05/1930, p. 8.

———. **Amazonas**. A Fundação da Sociedade dos Professores. Rio de Janeiro. N. 161, 7-9/07/1930, p. 3.

JUNIOR, José. Recenseamento escolar. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 38, 13/02/1927, p. 6.

———. Chronica do Ensino. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 64, 16/03/1927, p. 6.

———. Chronica do Ensino. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 84, 08/04/1927, p. 7.

———. Chronica do Ensino. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 89, 14/04/1927, p. 7.

———. Chronica do Ensino. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 102, 29/04/1927, p. 8.

KESSEL, Carlos, 1959. **Tesouros do Morro do Castelo: mistério e história nos subterrâneos do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

KUMAR, Krishan **Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo**. Tradução: Ruy Jungmann. Tradução do capítulo I, Carlos Alberto Medeiros. 2 ed. ampl. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.

LAMBERT, Jacques. **Os Dois Brasís**. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. Série Sociedade e Educação. Vol. 1. Brasileira, Rio de Janeiro, 1959.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LINHARES, MARIO. Adão e Eva. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N.85, 9/04/1929, p. 17.

LINS, Daniel. Memória, Esquecimento e Perdão (Per-dom). In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes; MORAES, Nilson Alves de (Orgs.). **Memoria, Identidade e Representação**. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2000.

LYRA, Décio. A Associação Brasileira de Educação e a viagem ao Norte da escriptora Mercedes Dantas. Uma carta explicativa. **Diário da Noite**. Rio de Janeiro, N. A00187, 15/05/1930, p. 2.

MAGNAGO, Angélica Alves. A divisão regional brasileira – uma revisão bibliográfica. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v 57, n. 4, p. 65-92, out/dez, 1995.

Disponível em:

[http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1995\\_v57\\_n4.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1995_v57_n4.pdf) Acesso em: 19 fev. 2017.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **O voto feminino no Brasil**. 2 ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2019.

MENANDRO, Heloísa. Revolta Integralista. **Verbete**. Disponível em:

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/revolta-integralista>>. Acesso em: 15 jun. 2018.

MENDONÇA, Aguinaldo. Os pequenos jornaleiros. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N.127, 29/05/1926, p. 10.

MENEZES, Lis Angelis Padilha de. Sud Mennucci –educador paulista: arcaico ou profeta? **Tese** (doutorado). Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo, 2015. Disponível em:

<https://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/1018/2/Lis%20Angelis%20Padilha%20de%20Menezes.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2018.

MENEZES, Raimundo de. **Dicionário Literário Brasileiro Ilustrado**. Vol. II. Edição Saraiva. São Paulo, 1969.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MIGNOT, Ana Chrystina. Viagens e Narrativas (Auto)Biográficas. Apresentação. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 05, p. 263-267, maio/ago. 2017.

———. Eternizando travessia: memória de formação em álbum de viagem. In: MIGNOT, Ana Chrystina. Viagens e Narrativas (Auto)Biográficas (Org.). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 05, p. 330-342, maio/ago. 2017a.

MIGNOT, Ana Chrystina e GONDRA, José G. (Orgs.). **Viagens Pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

MONTEIRO, Charles. Imagens da cidade de Porto Alegre nos anos de 1950: a elaboração de um novo padrão de visualidade urbana nas fotorreportagens da Revista do Globo. In: MONTEIRO, Charles (Org.). **Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes [recurso eletrônico] – Dados eletrônicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 09 - 49.

MOREY, Miguel. **Lectura de Foucault / Escritos sobre Foucault**. México/Madrid, Sexto Piso, 2014.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil: passado, presente, futuro – 2ªed.** São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NAGLE, Jorge. **Sociedade e Educação na Primeira República**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2001.

NISKIER, Arnaldo. **História da educação brasileira: de José de Anchieta aos dias de hoje, 1500-2010**. 3 ed. São Paulo: Editora Europa, 2011.

NUNES, C. Anísio Teixeira entre nós: A defesa da educação como direito de todos. **Educação & Sociedade**, ano XXI, n. 73, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4203.pdf> . Acesso em: 06 fev. 2018.

O DIA. **As mulheres na Academia**. O que os acadêmicos pensam mas não dizem. Os grupos e as correntes. Paraná. N. 2195, 22/03/1929, p. 1.

O FLUMINENSE. **A minha Coluna**. Excursões Pedagógicas. Nictheroy. N. 13976, 20/10/1928, p. 1.

O GLOBO. **As colaboradoras de “O Globo”**. Mercedes Dantas e Miss Caprice. Rio de Janeiro, N. 65, Matutina, Geral, 01/10/1925, p. 2.

———. **O GLOBO e as manifestações de regozijo pela passagem do seu segundo aniversário**. 01/08/1927, vespertina, Geral, p. 2.

———. **Falecimentos**. Rio de Janeiro, N. 17.775, 01/07/1982, sessão matutina, p. 12.

O IMPARCIAL. **Theatro para Menores**. Rio de Janeiro. N.1316, 5/9/1939, p. 14.

O JORNAL. **Reunião Educacional**. Convite aos Governos Estaduaes. Rio de Janeiro. N. 3502, 16/04/1930, p. 3.

———. **A obra**. Rio de Janeiro. N. 3.588, 25/07/1930, p. 4.

OLIVEIRA, João Chrysostomo de. Vinte e sete anos de batalha. **Jornal do Commercio**. Amazonas. N. 14405, 14/07/1957, p. 2.

O PAIZ. **Echos & Factos**. Rio de Janeiro. N. 8295, 20/06/1907, p. 1.

———. **Escola Barth**. Rio de Janeiro. N. 8347, 11/08/1907, p. 3.

———. **Aniversários**. Rio de Janeiro. N. 10.886, 28/07/1914, p. 5.

———. Telegrammas, cartas e informações dos Estados. **Carta de Alagoas**. Rio de Janeiro. N. 16.666, 8/06/1930, p. 7.

———. **Reunião Educacional**. Os diretores de instrução e os delegados de hygiene de todos os Estados do Brasil encontrar-se-hão em julho nesta cidade. Balanço sobre o que há de instrução primaria no Brasil. Rio de Janeiro. N. 16684, 26/06/1930, p. 1.

———. **Federação Nacional das Sociedades de Educação**. A emissária da F.N.S.E. no Extremo Norte. Fundação da Sociedade Amazonense de Educação. Rio de Janeiro. N. 16718, 3/07/1930, p. 6.

———. Telegrammas, cartas e informações dos Estados. **Pará**. Rio de Janeiro, N. 16.726, 7/08/1930, p. 6.

ORICO, Oswaldo. Os dous valores. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 28, 2/02/1927.

———. Profissões femininas. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 264, 5/11/1927, p. 5.

PAULILO, André Luiz. Aspectos políticos das reformas da instrução pública na cidade do Rio de Janeiro durante os anos 1920. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, nº 46, p. 93-122, 2003.

———. O rendimento da Escola no Distrito Federal entre 1922 e 1935. **Cadernos de Pesquisa**. V. 43, n. 149, p. 570-595, maio/ago, 2013.

PEDROSA, Célia. **Antônio Candido**: a palavra empenhada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Niterói, RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1994.

PEQUENO JORNAL: JORNAL PEQUENO. **Aspectos da vida literária do Rio** – Poetas e escriptores – Mercedes Dantas. Pernambuco. N. 125, 3/06/1927, p. 1.

PERESTRELLO, Pedro. **Nacionalismo**: o futuro de Portugal e da Europa. 1ª ed. Lisboa: Vieira da Silva, 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Editora Autêntica, 2013.

PETERS, Michael A; BESLEY, Tina. **Por que Foucault?** Novas diretrizes para a pesquisa educacional. Tradução: Vinicius Figueira Duarte. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PIMENTA, Jussara Santos. As narrativas de viagem de uma educadora publicadas no jornal A Nação (1934). **Rev. EDUCA**, Porto Velho (RO), v.2, n.4, pp. 56-70, 2015.

———. Vestígios autobiográficos na escrita de viagem: o “diário de bordo” (1934). **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 02, n. 05, p. 343-358, maio/ago. 2017.

PINAZZA, Mônica Appezzato. John Dewey: inspirações para uma pedagogia da infância. In: FORMOSINHO, Júlia Oliveira; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Pedagogia(s) da Infância** – Dialogando com o Passado: Construindo o Futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 64-94.

PINTO, Diana Couto; LEAL, Maria Cristina; PIMENTEL, Marília Araújo Lima (Coordenadoras). **Trajetórias de liberais e radicais pela educação pública**: Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro, Fernando de Azevedo, Florestan Fernandes. Edições Loyola, São Paulo, 2000.

PIZZI, Laura Cristina Vieira. Pesquisando as diferenças no currículo: contribuições da análise do discurso. In: CAVALCANTE, Maria Auxiliadora Silva; FUMES, Neiza de Lourdes Frederico (Orgs.). **Educação e Linguagem**: saberes, discursos e práticas. Edufal: Maceió, Al, 2006, p. 11 – 30.

RABELLO, Sylvio. Aspectos do Problema de Ensino em Pernambuco. **A Província**. Pernambuco. N. 196, 24/08/1928, p. 3.

**Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro. Vol. 3, Número 2, p. 318-371, abril-junho, 1941. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1941\\_v3\\_n2.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1941_v3_n2.pdf) . Acesso em: 20 fev. 2017.

———. Rio de Janeiro. Vol. 57, Número 4, p. 65-92, out/dez, 1995. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg\\_1995\\_v57\\_n4.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/115/rbg_1995_v57_n4.pdf) Acesso em: 19 fev. 2017.

**Revista da Semana**. Rio de Janeiro. Ano 1927/ Edição 1, 24/12/1927, p. 29.

**Revista de Educação**. Manaus. Anno III, n. 10, outubro-novembro, 1933. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134119>. Acesso em: 04 jan. 2018.

**Revista de Ensino**. Alagoas. Anno IV, n. 20, mar./abr, 1930. Disponível: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/135366> Acesso em: 10 fev. 2017.

**Revista Renovação**. Aracajú, Ano I, nº 15, 15/08/1931.

RIBEIRO, Iveta. Brasil feminino. **Republica**. Santa Catarina, N. 691, 2/2/1933, p. 2.

SANTOS, Daniela Gardênia Vieira. Os Discursos Pedagógicos em Impressos Sergipanos: a Viagem de Mercedes Dantas a Sergipe (1930). **Monografia** apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe, 2011. Disponível em: <https://www.sigaa.ufs.br/sigaa/verProducao?idProducao=811335&key=e03d38fb0bbeb1db430512e3dd7ea6d4>. Acesso em: 13 out. 2016.

SCARAMELLI, José. A reforma da educação em Pernambuco. **A Província** (PE). N. 48, 27/02/1929, p. 3.

SCHUELER, Alessandra Frota M. de; PINTO, Rebeca Natacha de Oliveira. Pensamento e projetos educacionais do professor André Pinto Rebouças (1838-1898): progresso, civilização e reforma social. In: CARULA, Karoline; ENGEL, Magali Gouveia; CORRÊA, Maria Letícia

(Orgs.). **Os intelectuais e a nação: educação, saúde e construção de um Brasil moderno**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2013, p. 21 – 48.

SCHUMAHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital (Orgs.). **Dicionário mulheres do Brasil: se 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

SILVA, Alexandra Lima de. **Escritas de viagem, escritas de história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual**. E-book. 1 ed., Curitiba: Appris, 2018.

SILVA, Angelina Raquel Pina. O Jornal A Manhã, Oliveira Vianna e a Alemanha Nacional Socialista. **Dissertação**. Mestrado em História Social. Orientadora: Prof. Dra. Denise Rollemberg Cruz. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2016. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1990.pdf> . Acesso em: 23 nov. 2016.

SILVA, Giuslane Francisca da; JÚNIOR, Sérgio da Silva Machado. A construção do sujeito em Michel Foucault. **Entreletras**, Araguaína/TO, v. 7, n. 1, jan/jun. *On line*, p. 200-210, 2016.

SILVA, Lucia Helena Pereira da. **História do Urbanismo no Rio de Janeiro – Administração municipal, Engenharia e Arquitetura nos anos de 1920 à Ditadura Vargas**. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

SILVEIRA, Porto da. Caridade, sim – Esmola, não. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro. N. 218, 12/09/1926, p. 6.

SOBRAL, Maria Neide. **José Augusto da Rocha Lima: uma biografia (1897-1969)**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010.

———. **Vitrine das Letras: o discurso jornalístico e a modernidade pedagógica em Sergipe/Brasil e Portugal (1910-1920)**, São Cristóvão: Editora UFS, 2012.

———. Mercedes Dantas e sua viagem aos Estados do Norte: difusão do ideário escolanovista (1930). In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos; SOUZA, Josefa Eliana (Orgs.). **História, Sociedade, Pensamento Educacional: experiências e perspectivas**. Editora Autografia. Rio de Janeiro, 2016. E-Book. Não paginado.

———. Um discurso sobre Foucault na pesquisa em Educação. **Tempos e espaços em Educação**. Vol. 11, n. 01, Edição especial, p. 207-224, dezembro, 2018.

SODRÉ, Nelson Werneck, 1911-1999. **História da Imprensa no Brasil**. 4 ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Manuad, 1996.

SOUZA, Maria Rosa de Fátima. As escolas públicas paulistas na Primeira República: subsídios para a história comparada da escola primária no Brasil. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; SOUZA, Rosa Fátima de; PINTO, Rubia-Mar Nunes. **Escola Primária na primeira república (1889-1930): subsídios para uma história comparada**. Araraquara, SP: Junqueira & Marin, 2012.

TAVARES, Adelmar. Aspectos da Vida Literária do Rio: Poetas e Escriitores – Mercedes Dantas. **Entrevista**. Pequeno Jornal: Jornal Pequeno. Pernambuco. N. 125, 3/06/1927, p. 1.

TIMOTHEO, Guaraciaba. Excursões pedagógicas. A minha columna. **O Fluminense**. Rio de Janeiro. N. 13976, 20/10/1928, p. 1.

TOLEDO, Rilza Rodrigues. A voz silenciada no quarto de despejo: a memória e a escritura feminina negra de Carolina Maria de Jesus. In: CHIAPPARA, Juan Pablo *et al.* **Escrever, editar, publicar e ler: Coloquio Internacional de Literatura Ibero-americana = Escribir, editar, publicar y leer.** Viçosa, MG: CILIBAM, 2015.

TOSTES, Pedro. Nos moldes definitivos. **Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro. N. 253, 23/10/1927, p. 8.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **A Difusão das ideias de Piaget no Brasil.** São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação.** 3ed. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História.** “Foucault revoluciona a História”. Cadernos da UnB. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1982.